

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

HUGO AVELAR CARDOSO PIRES

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA TRAJETÓRIA DA PESSOA  
BIBLIOTECÁRIA**

Belo Horizonte

2022

HUGO AVELAR CARDOSO PIRES

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA TRAJETÓRIA DA PESSOA BIBLIOTECÁRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais

Orientador: Claudio Paixão Anastácio de Paula

BELO HORIZONTE

2022

P667r

Pires, Hugo Avelar Cardoso.

As relações de gênero na trajetória da pessoa bibliotecária [recurso eletrônico] / Hugo Avelar Cardoso Pires. - 2022.

1 recurso online (291 f. : il., color.) : pdf.

Orientador: Claudio Paixão Anastácio de Paula.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 253-269.

Apêndice: f. 270-281.

Anexo: f. 282-291.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação - Teses. 2. Bibliotecários - Formação profissional - Teses. 3. Divisão do trabalho por sexo - Teses. 4. Relações de gênero - Teses. I. Paula, Claudio Paixão Anastácio de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 023:347.156

Ficha catalográfica. Vanessa Marta de Jesus - CRB/6-2419

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE TESE

Às 14:00 horas do dia 20 de julho de 2022, por videoconferência na plataforma Webconf-RNP, realizou-se a sessão pública para a defesa da Tese de HUGO AVELAR CARDOSO PIRES. A presidência da sessão coube ao Prof. Claudio Paixão Anastácio de Paula - Orientador. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Prof. Alberth Sant'Ana Costa da Silva (IFB), Prof. André Márcio Picanço Favacho (FAE/UFMG), Profa. Gilda Olinto de Oliveira (IBICT/RJ), Profa. Lígia Maria Moreira Dumont (ECI/UFMG), Profa. Ana Paula Meneses Alves (ECI/UFMG) e Prof. João Arlindo dos Santos Neto (UFPA) e Prof. Claudio Paixão Anastácio de Paula - orientador (ECI/UFMG). Em seguida, o candidato fez a apresentação do trabalho que constitui sua Tese de Doutorado, intitulada: "*As relações de gênero na trajetória da pessoa bibliotecária*". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença do candidato e do público e decidiu considerar aprovada a Tese de Doutorado; tendo a banca destacado a relevância do tema da pesquisa para a área e a qualidade do texto, sendo recomendada a publicação e ampla divulgação dos resultados. O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, depois de lida, se aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

**Belo Horizonte, 20 de julho de 2022.**

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Paixão Anastacio de Paula, Professor do Magistério Superior**, em 20/07/2022, às 19:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Meneses Alves, Professora do Magistério Superior**, em 25/07/2022, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andre Marcio Picanco Favacho, Professor do Magistério Superior**, em 25/07/2022, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alberth Sant'Ana Costa da Silva, Usuário Externo**, em 25/07/2022, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Ligia Maria Moreira Dumont, Professora do Magistério**



**Superior**, em 25/07/2022, às 12:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **João Arlindo dos Santos Neto, Usuário Externo**, em 25/07/2022, às 13:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Gilda Olinto de Oliveira, Usuária Externa**, em 25/07/2022, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1607975** e o código CRC **4088A6D4**.

---

## AGRADECIMENTOS

Esta etapa da minha trajetória, que é o fim do doutorado e a confecção desta tese não seria possível sem o apoio e a ajuda de muitas pessoas que estiveram juntas comigo nesta caminhada e que tornaram mais leve este período e gostaria aqui de agradecer-las.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família pelo apoio dado e pelo entendimento dos momentos em que não pude estar presente por algum motivo. Em especial, a Margareth, minha mãe, pelo amor dado, pelas palavras de incentivo, por acreditar sempre em mim e por ter incentivado desde cedo o apreço pela educação como forma de crescimento pessoal e profissional.

Ao Instituto Federal do Paraná (IFPR) por permitir, via afastamento integral para pós-graduação, que eu pudesse realizar o doutorado em tempo integral. Um agradecimento às pessoas do *campus* Foz do Iguaçu do IFPR, minha casa por mais de 5 anos e onde fui tão bem acolhido. Reitero estes agradecimentos nos nomes de Glaucia Lorenzi, José Victor Medeiros e Telma Viola, companheiras/o queridas/o de biblioteca, que fizeram os dias mais difíceis no trabalho serem mais leves – e até mesmo longe dele.

Ao meu orientador Claudio Paixão Anastácio de Paula, por acreditar no projeto desta tese desde o princípio, por compreender os momentos de dúvidas, de incertezas e por ter sempre uma palavra acolhedora e sábia de conforto e direcionamento.

Às professoras Shirlei Rezende Sales e Tatiana Pereira Queiroz pelos olhares atentos e pela grande colaboração na banca de qualificação desta tese.

À professora Ana Paula Meneses Alves e ao professor André Marcio Picanço Favacho, por terem participado dos processos de qualificação e defesa da tese e colaborado enormemente com suas sabedorias para esta versão final.

À professora Ligia Maria Moreira Dumont, por ter acreditado em mim ainda no mestrado, ter me orientado de forma tão companheira e amiga àquela época e, agora, ter lido e avaliado esta tese com tanta atenção e carinho.

À professora Gilda Olinto de Oliveira e aos professores Alberth Sant'Ana Costa da Silva e João Arlindo dos Santos Neto, pela leitura preciosa e pelos apontamentos dados na defesa da tese.

Às/aos queridas/os amigas/os de todas as horas, que entenderam o afastamento e que tiveram sempre uma palavra de consolo e encorajamento. Agradeço em especial a (em ordem alfabética, que é pra ninguém ficar com ciúmes): Andreia Farah, Daniele Moura, Fernanda Morle, Giovanni Pozzo, Gisele Furlan, Jorge Régis, Julia Danon, Mariana Gamaliel, Marcos Garcias, Marília Neves, Maura Correa, Mayra Aidar, Nicole Garay, Renato Morle, Tatiana Yurie e Thiago Dantas.

Às/aos companheiras/os de doutorado no PPGCI, pelos desabafos coletivos, pelo respeito e amizade dispensada durante a jornada, em especial às/aos queridas/os (também em ordem alfabética): Andreza Gonçalves, Eduardo Valadares, Fabiana Pereira, Felipe Hoffman, Kelly Azevedo, Leila Lage, Mardochee Ogécime, Marta Maputere e Matheus Aguiar.

Às pessoas bibliotecárias que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa, retirando um tempo das suas rotinas para uma conversa franca e sincera sobre suas trajetórias. Sem vocês esta pesquisa não seria possível!

Por último, mas não menos importante (muito pelo contrário), a Caio Benevides Pedra, por ser meu companheiro querido, por me incentivar a correr atrás das coisas que sonho e, por estar junto comigo nesta trajetória e ficar feliz com minhas conquistas como se dele fossem. E por ter revisado tão atentamente e com tanto carinho o texto desta tese.

*“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.”*

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, p. 24



## RESUMO

Ancorada nos aportes teóricos do gênero, da sua ligação com as relações desiguais de poder e como ele atua na constituição das identidades, a presente pesquisa se caracteriza como exploratória, de caráter histórico e qualitativa, que teve como objetivo geral investigar como bibliotecárias/os formadas/os na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) percebem as relações de gênero em suas trajetórias e formações profissionais e nos locais que ocupam na sociedade. Assim, foram realizadas treze entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado com pessoas formadas em Biblioteconomia na UFMG em diferentes épocas e constatou-se que, apesar das relações de gênero se mostrarem presentes nas trajetórias de escolha de curso, não se verificou ação direta delas no momento da escolha profissional e nem nas áreas de interesse durante a graduação. Entretanto, pode-se observar elementos generificados nas imagens evocadas pelas pessoas entrevistadas sobre a/o profissional bibliotecária/o, além de uma maior percepção acerca das relações de gênero na profissão, como no reconhecimento de que os homens possuem vantagens em uma profissão feminilizada, na diferença de tratamento dado pelo público a mulheres e homens que exercem a profissão. Ademais, a interseção entre os marcadores de gênero, raça e classe apresentou-se na trajetória das pessoas, abrindo espaço para pesquisas futuras que se debrucem sobre como a articulação gênero-raça-classe atua na constituição da profissão e no lugar que ela ocupa na sociedade. Também são necessárias pesquisas que aprofundem as diferenças de rendimentos entre homens e mulheres bibliotecárias e como as relações de gênero também atuam na trajetória das pessoas bibliotecárias LGBTQIAP+.

Palavras-chave: gênero; relações de gênero; divisão sexual do trabalho; interseccionalidade; profissão bibliotecária.

## ABSTRACT

Anchored in the theoretical contributions of gender, its connection with unequal power relations and how it acts in the constitution of identities, this thesis has a historical and exploratory character, it is defined as qualitative and had as its general objective to investigate how Librarianship alumni from Federal University of Minas Gerais (UFMG) perceive gender relations in their professional training and trajectories and in the places they occupy in society. Thus, in-thirteen depth interviews were conducted with a semi-structured questionnaire with people with a degree in Librarianship at UFMG at different times and it was found that despite gender relations being present in the course choice trajectories, gender relations did not play a role at the time of professional choice nor in the areas of interest during college. However, gendered elements can be observed in the images evoked by the people interviewed about the professional librarian, in addition to a greater perception of gender relations in the profession, such as the recognition that men have advantages in a feminized profession, in the difference in treatment given by the public to women and men who exercise the profession. Furthermore, the intersection between the markers of gender, race and class appeared in the trajectory of people, opening space for future research that focuses on how the gender-race-class articulation acts in the constitution of the profession and in the place it occupies in society. Further research that deep the income differences between male and female librarians and how gender relations also play a role in the trajectory of LGBTQIAP+ librarians are also needed.

Palavras-chave: gender; gender relationships; sexual division of labor; intersectionality; librarian profession.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Missa de Formatura da Primeira Turma de Biblioteconomia da ECI/UFMG (1950).....	130
Figura 2 – Linha do tempo com os anos de formação das pessoas entrevistadas	138
Figura 3 – Anúncio de vaga de emprego para bibliotecária realizado em maio de 2022 .....	179
Gráfico 1 - Artigos sobre gênero indexados na LISA .....	111
Gráfico 2 - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso diurno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) .....	132
Gráfico 3 - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso noturno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) .....	134
Quadro 1 – Ensino superior no Brasil (1929) .....	83
Quadro 2 – Caracterização das pessoas que participaram da pesquisa .....	136
Quadro 3 - Disciplinas/áreas que as pessoas respondentes apreciavam .....	159
Quadro 4 - Disciplinas/áreas que as pessoas respondentes avaliavam negativamente .....	160

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de vínculos de acordo com a CBO Bibliotecário (2010-2020), por sexo.....	106
Tabela 2 – Número de pessoas graduadas, por sexo, em Biblioteconomia na UFMG (curso diurno).....	131
Tabela 3 – Número de pessoas graduadas, por sexo, em Biblioteconomia na UFMG (curso noturno).....	133
Tabela 4 – Número de bibliotecárias/os na Universidade Federal e Minas Gerais que ocupam cargos de chefia, por sexo.....	217
Tabela 5 – Número de bibliotecárias/os na Universidade Federal e Minas Gerais que ocupam cargos coordenação, por sexo. ....	218
Tabela 6 – Média salarial, em salários-mínimos, de acordo com a CBO Bibliotecário (2010-2020), por sexo. ....	232

## LISTA DE SIGLAS ABREVIATURAS

ABEBD	Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ACD	Análise Crítica do Discurso
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
APBESP	Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado de São Paulo
BN	Biblioteca Nacional
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CENSUP	Censo da Educação Superior
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CI	Ciência da Informação
CPGCI	Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
ECI	Escola de Ciência da Informação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FUMP	Fundação Mendes Pimentel
LISA	<i>Library and Information Science Abstracts</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
RAIS	Relação Anual De Informações Sociais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

UFPE

Universidade Federal de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO DA PESQUISA</b> .....	26
2.1 As entrevistas .....	32
2.2 As pessoas entrevistadas .....	35
<b>3 GÊNERO: UM CONCEITO ANALÍTICO</b> .....	39
3.1 Uma reflexão acerca da(s) identidade(s) .....	45
3.2 O gênero na constituição das identidades: as masculinidades e feminilidades .	55
3.3 Interseccionalidade: a articulação das opressões de gênero, classe e raça na vida das pessoas .....	71
3.4 Gênero e divisão sexual do trabalho: onde homens e mulheres estão no mercado? .....	77
<b>4 GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA</b> .....	92
4.1 Mulheres e homens na história da Biblioteconomia brasileira .....	92
4.2 A produção sobre gênero em Biblioteconomia e Ciência da Informação .....	107
4.3 A identidade profissional bibliotecária e seus aspectos generificados .....	118
<b>5 A BIBLIOTECONOMIA DA UFMG E SUA GENERIFICAÇÃO</b> .....	126
<b>6 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA TRAJETÓRIA DA PESSOA BIBLIOTECÁRIA: UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA</b> .....	136
6.1 Perfil das pessoas entrevistadas .....	136
6.2 Trajetória para escolha do curso .....	139

6.2.1 O primeiro contato com os livros, com a/ bibliotecária/o e o espaço da biblioteca.....	139
6.2.2 A escolha do curso de Biblioteconomia.....	148
6.3 A trajetória durante a formação universitária.....	158
6.3.1 As áreas de interesse (ou não) durante a graduação.....	158
6.3.2 As relações de gênero durante a graduação.....	169
6.4 Percepção sobre o que é ser bibliotecária/o.....	180
6.4.1 As imagens evocadas.....	180
6.4.2 O conhecimento das pessoas em relação à profissão bibliotecária.....	185
6.4.3 O autorreconhecimento enquanto bibliotecárias/os.....	192
6.5 Percepções acerca da identidade da profissão bibliotecária.....	202
6.6 Percepções de gênero na sociedade.....	214
6.7 Percepções sobre as relações de gênero na profissão bibliotecária.....	220
6.7.1 A proporção de homens e mulheres na profissão.....	220
6.7.2 O porquê da feminização da profissão bibliotecária.....	224
6.7.3 A divisão sexual do trabalho bibliotecário.....	229
6.7.4. Percepções sobre as vantagens em ser homem em uma profissão feminilizada.....	237
6.8 Um pouco do olhar para o futuro.....	243
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>247</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>253</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>270</b>
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>277</b>



<b>APÊNDICE C – LISTA DE DIRETORAS/ES E VICE-DIRETORAS/ES DA ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UFMG (ECI/UFMG).....</b>	<b>280</b>
<b>ANEXO A – NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>282</b>
<b>ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA .....</b>	<b>284</b>
<b>ANEXO C – DIRETORAS DA BIBLIOTECA NACIONAL .....</b>	<b>290</b>
<b>ANEXO D - NÚMERO DE INSCRITOS NAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA (1966).....</b>	<b>291</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As relações de poder<sup>1</sup> presentes na sociedade se apoiam na difusão de determinados discursos para (con)formar as identidades dentro de determinadas expectativas e padrões que interferem na vida das pessoas e atuam nas suas construções pessoais, nas suas escolhas profissionais e nas relações que estabelecem com outras pessoas. O gênero e as relações de gênero se inserem neste contexto e podem ser vistos como relações de poder que atuam na docilização dos corpos e na definição dos espaços que podem ser ocupados ou não pelas pessoas.

As relações de gênero se referem aos papéis atribuídos social e culturalmente ao masculino e ao feminino na sociedade, onde há uma sobrevalorização da diferenciação biológica – macho e fêmea – e uma atribuição de funções diferentes a mulheres e homens no corpo social (MATHIEU, 2009; FREITAS; DANTAS, 2012). Tais funções, segundo Nicole-Claude Mathieu (2009)<sup>2</sup> são divididas, separadas, hierarquizadas e impostas culturalmente à fêmea para que ela se torne uma mulher social e ao macho para que ele se torne um homem social<sup>3</sup>. O gênero, desta forma, em linhas gerais:

[...] se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociosexual do trabalho e dos meios de produção, 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais frequentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais (MATHIEU, 2009, p. 223).

A construção do entendimento da separação entre sexo e gênero realizada pelo movimento feminista permitiu, segundo Joan Scott (1995) a recusa às ideias de que

---

<sup>1</sup> Considera-se o poder, neste trabalho, não como algo que alguém detenha e que segue a leis ou regras de manifestação universais. O poder é algo que se entrelaça e se manifesta sob as mais diferentes formas dentro da sociedade, nos corpos dos indivíduos, nas relações sociais estabelecidas, no poder do Estado sobre as pessoas, nas classes sociais, nos dispositivos educacionais, dentre outras instituições e manifestações.

<sup>2</sup> Optou-se, neste trabalho, por apresentar sempre o primeiro nome de uma/um autora/autor quando ela/e for citada/o de forma indireta, destacando e dando visibilidade para autoras e autores que serviram de embasamento bibliográfico para a construção deste trabalho.

<sup>3</sup> Com a emergência dos estudos feministas e *queer*, sobretudo após a década de 1980, a noção binária de gênero foi enfraquecida dentro da academia e, sobretudo nos movimentos sociais, admite-se uma multiplicidade de gêneros e a não-identificação dos sujeitos a nenhum dos gêneros pré-estabelecidos (homem ou mulher). Neste trabalho, será adotada a noção binária de homem e mulher dentro das relações sociais, por compreender que grande parte da história e das representações associadas às profissões e aos sujeitos se estabeleceram (e ainda se estabelecem) dentro da estrutura binária entre os gêneros masculino e feminino.

anatomia e destino estavam ligados, rejeitando o determinismo biológico e conferindo um caráter social às distinções baseadas na biologia. Evelyn Keller (2006) destaca a importância do feminismo para a ciência, ressaltando que o movimento feminista permitiu que as mulheres passassem a ser enxergadas como pessoas e atraiu todo um maquinário cultural para seu centro, permitindo mudanças na sociedade, nos comportamentos de homens e mulheres e a abertura de espaços como a ciência, a engenharia e a medicina para as mulheres. No mesmo sentido, Cecília Sardenberg (2002) argumenta que o conceito de gênero é um instrumento de impacto das ideologias na construção não apenas do mundo social, mas também do intelectual, “na medida em que gênero é também um elemento central na constituição do ‘self’, bem como um princípio classificatório de organização do universo” (p. 94), sendo uma categoria de pensamento e de construção do conhecimento (SARDENBERG, 2002).

Nesta construção do *self*<sup>4</sup>, das identidades pessoais, as relações desiguais de gênero atuam na definição de feminilidades e masculinidades, no processo das pessoas se reconhecerem enquanto homens, mulheres e/ou não se identificarem com nenhum gênero imposto, construção esta que passa pela difusão de discursos e pelas relações de poder difundidas e presentes em instituições – como as escolas, por exemplo – , relações familiares e pessoais e que atuam na produção de gestos, atitudes e percepções das pessoas ao longo da vida, nas práticas sociais e nos espaços que ocupam.

As identidades generificadas<sup>5</sup>, neste sentido, serão construídas pelos indivíduos desde a infância e incorporadas pelas pessoas para que exerçam os papéis a que elas são destinadas. Das mulheres são esperadas atitudes que coincidam com as noções de feminilidade, naturalizadas e construídas no imaginário da sociedade e que se ligam à idealização de uma “mulher perfeita”, em que a masculinidade é a referência e o critério para a construção da feminilidade e a mulher é vista em relação ao homem, este considerado como sujeito absoluto (BEAUVOIR, 2009; BERALDO, 2014).

Das mulheres, cria-se a expectativa de que devem ser dóceis, bem-comportadas, obedientes à autoridade do marido ou do pai, comportamentos estes

---

<sup>4</sup> O *self* se refere a construção das individualidades das pessoas, das identidades pessoais.

<sup>5</sup> O termo “generificação” vem sendo utilizado dentro dos Estudos de Gênero para explicitar os processos pelos quais as relações sociais, de trabalho e as práticas cotidianas são marcadas pelo gênero. Neste trabalho, ao se utilizar o termo, busca-se explicitar como os processos foram marcados pelas relações de gênero.

ligados ao ambiente privado, a noção do que deve ser desenvolvido dentro de casa. Dos homens, também são criadas expectativas em torno da construção de uma masculinidade que os faça dotados de virilidade, força física e que não demonstrem sentimentos e sejam protetores e guardiões da família e da sociedade. Segundo Silvia Yannoulas (2011) a construção da identidade feminina se deu levando em consideração suas funções reprodutivas e criando a ideia de uma essência natural das mulheres, enquanto a dos homens é construída em torno da ideia de incentivo à função produtiva e pública e de uma essência masculina ligada a força física, racionalidade e agressividade.

No mundo do trabalho, as relações de gênero e as construções destas identidades pela sociedade levam a definição de que certos papéis e certas profissões são mais destinados às mulheres e outros destinados ao homem. A divisão sexual do trabalho, desta forma, funda-se a partir da diferenciação criada entre o masculino e o feminino e da valorização do primeiro em relação ao segundo, onde o trabalho masculino “vale” mais que o trabalho feminino e onde há a imputação do trabalho produtivo aos homens e a atribuição do trabalho doméstico às mulheres (HIRATA; KERGOAT, 2007). Para Maria Mies (1988), o enfoque biológico dado à designação de trabalhos masculinos e femininos traz a noção de que as tarefas são simplesmente divididas entre homens e mulheres, o que mascara que as tarefas masculinas sejam sempre consideradas mais importantes (racionais, planejadas, produtivas) do que as femininas, sempre designadas pela natureza da mulher (ligadas à manutenção da vida e aos aspectos reprodutivos) (MIES, 1988).

No século XX, há uma intensa entrada de mulheres no mundo do trabalho, sobretudo as de classe média e alta. Uma série de mudanças sociais e culturais permitiram que as mulheres pudessem ser vistas com maior normalidade no mercado de trabalho brasileiro desde os anos 1970. Cláudia Alvarenga e Cláudia Vianna (2012) destacam que dentre os fatores que possibilitaram o aumento do contingente feminino no mercado de trabalho, destacam-se as transformações demográficas, culturais, sociais e políticas, como a queda de fecundidade, a redução do número de filhos, os casamentos mais tardios, a alteração na composição das famílias, modificações culturais quanto ao papel das mulheres, a atuação maior delas na política, a expansão da escolaridade, dentre outros, que provocaram “mudanças significativas na vida das mulheres nas últimas décadas, com destaque para a ampla inserção no trabalho formal e informal”. (p.7)

A inserção das mulheres brancas no mercado de trabalho se deu também pela via dos trabalhos “femininos”, por profissões mais feminilizadas<sup>6</sup> e que são associadas às noções de zelo, e cuidado (BEZERRA; FERREIRA, 2017). Mariana Marcondes (2013) destaca que o cuidado é feminizado e a atividade de cuidar é regida pelo gênero, seja no âmbito familiar, seja no mercado de trabalho, onde as atividades e ocupações das mulheres são aquelas que envolvem o cuidado.

Cabe destacar que tal inserção já havia se dado para as mulheres pobres e em sua maioria negras, que já trabalhavam nas lavouras, como vendedoras, quituteiras, prostitutas e demais atividades laborais e que por conta disso, não foram alcançadas e incluídas quando o movimento feminista, predominantemente branco, dizia que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar, uma vez que já faziam isso (CARNEIRO, 2003). A constituição da sociedade brasileira fez com que as opressões de classe e raça se dessem também articuladas com as de gênero, fazendo com que ao longo do tempo, as pessoas negras – sobretudo mulheres – estivessem em desvantagem de oportunidades e sofressem com as marcas que o racismo e a desigualdade social impõem às pessoas.

A profissão bibliotecária, ao longo do tempo, foi inserida no rol de profissões notadamente marcadas pela divisão sexual do trabalho e associadas às noções de cuidado e zelo. Durante muito tempo ocupada por homens eruditos e de vasta cultura, a profissão bibliotecária passa a atrair, sobretudo a partir dos anos 1930, um maior contingente de moças de famílias abastadas que buscavam a opção de profissionalizar-se, para preservarem a arte e o conhecimento dentro da sua classe social (BOTASSI, 1984). Edilmar dos Santos Junior (2021) destaca que o discurso associado à profissão como um trabalho leve e que possuía como características as noções de cuidado, zelo e afabilidade levaram as mulheres das classes privilegiadas a se interessarem pela Biblioteconomia.

Os anos 1930 também são marcados, na história da Biblioteconomia brasileira, por uma reorientação dos currículos formadores em torno da busca por uma formação mais técnica (de inspiração estadunidense) da/o profissional bibliotecária/o, em

---

<sup>6</sup> Neste trabalho, serão adotados os conceitos de feminilização e feminização apresentados por Silvia Yannoulas (2011, p. 283) para análise do processo de entrada das mulheres na profissão bibliotecária. O primeiro conceito possui caráter quantitativo e “refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição da mão de obra em um determinado tipo de ocupação”. Já o conceito de feminização, de caráter qualitativo, “refere-se às transformações em um determinado tipo de ocupação, vinculadas à imagem simbólica do feminino predominante na época ou na cultura especificamente analisadas. Essa imagem pode implicar uma mudança no significado da profissão.”

detrimento de uma formação mais erudita – adotada até então e de influência francesa. Tal orientação por uma formação mais técnica vai influenciar diretamente a constituição e o valor dado para a profissão e os cursos criados a partir da década de 1930 vão adotar cada vez mais a tecnicidade dentro de seus currículos. Em decorrência disto, a profissão bibliotecária passa a ser entendida como uma profissão que possui prolongamento das funções maternas da mulher, desenvolvidas no âmbito privado.

Elisabeth Martucci (1996) destaca que a aproximação da área com a Educação pode ser apontada também como um dos motivos para a feminilização da profissão bibliotecária, uma vez que o magistério já era uma profissão majoritariamente ocupada por mulheres e a biblioteca passou a ser vista como uma extensão da sala de aula e, por conta disso, também deveria ser ocupada por elas. A expansão educacional observada durante a Primeira República e a partir da década de 1940 levou a um aumento da criação de bibliotecas e muitas dessas bibliotecas foram criadas associadas a instituições de ensino. Ao longo dos anos 1960 e 1970, são criados cursos de Biblioteconomia pelo país – em sua maioria seguindo os moldes dos primeiros cursos mais técnicos da década de 1930 – e que passam a atrair um contingente maior de mulheres para seus bancos e a profissão bibliotecária se torna uma profissão feminilizada.

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também foi um curso que foi marcado pela feminilização. Fundado em 1950, quase 300 mulheres já haviam se formado em Biblioteconomia na Universidade nas duas primeiras décadas de curso, ante somente 4 homens. Nas décadas seguintes, há um aumento gradual da procura de homens pelo curso e na década de 2010, eles chegaram a representar quase 25% do número de pessoas graduadas em Biblioteconomia no curso diurno da UFMG.

Cabe destacar que este processo de feminização da profissão bibliotecária teve ação na construção da identidade profissional bibliotecária e na criação de estereótipos difundidos no senso comum a respeito da profissão. Para Silvia Yannoulas (2011), o processo de feminilização de uma profissão leva a uma transformação qualitativa da mesma, levando a diminuição das remunerações e a perda de prestígio social (YANNOULAS, 2011). A associação da profissão bibliotecária ao feminino gerou a agregação de estereótipos à profissão, associada a questões generificadas, como a baixa competitividade, a baixa remuneração e a

expectativa em torno de um comportamento dócil e que demonstrasse pouca agressividade (WALTER, 2008).

A preocupação de se estudar as relações de gênero na profissão bibliotecária vem ganhando maior espaço nos últimos tempos e a produção bibliográfica em torno do tema vem aumentando. Mell Siciliano, Cleiton Souza e Clara Meth (2017) mostram, em pesquisa realizada na base de periódicos LISA, que, em 1980, eram somente 4 artigos publicados a respeito da temática de gênero da Biblioteconomia, número que subiu para quase 300 na década de 2010 (SICILIANO; SOUZA; METH; 2017). Apesar de demonstrar crescimento das discussões da temática de gênero na área, muitas vezes este crescimento não se apresenta na percepção que as/os bibliotecárias/os possuem das relações de gênero dentro da profissão e da sociedade, conforme pesquisas como a de Beatriz Sousa (2014) demonstrou.

O crescimento das discussões em torno da temática de gênero permite uma maior criticidade da área em torno de temas sensíveis e que por muitas vezes foram relegados a um segundo plano e/ou não foram trabalhados e discutidos ao longo do tempo. Dentro do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da ECI/UFMG – sobretudo na linha de pesquisa denominada “Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais” – estes temas vêm sendo discutidos com mais afinco dentro de uma nova perspectiva mais crítica da Ciência da Informação e que possibilita a compreensão dos sujeitos como ativos em seus processos de formação e da compreensão de como a informação – e os discursos – possuem interferências nas trajetórias das pessoas, seja do ponto de vista afetivo, seja do ponto de vista cognitivo, perceptivo ou simbólico. Além disso, vem sendo aberto um leque de discussões acerca de como a informação pode ser utilizada para justiça de gênero, justiça social e justiça informacional e compreender como as relações de gênero atuaram na trajetória das pessoas bibliotecárias, torna-se um dos instrumentos para a compreensão de como informação e discurso se articulam

Ao longo de seu desenvolvimento, a profissão bibliotecária foi “alvo” de inúmeros discursos, que se moldaram ao longo do tempo e que modificaram – e definiram – o espaço que ela ocupa na sociedade. Tais discursos, em grande parte ligados às relações de gênero na sociedade, incluíram a profissão no rol de profissões notadamente marcadas pela divisão sexual do trabalho e colaboraram na construção das percepções que as/os profissionais possuem de si e da profissão que exercem,

uma vez que as identidades profissionais são criadas de forma relacional e no contato das/os profissionais com as outras pessoas (DUBAR, 2006).

As inquietações para realização desta pesquisa emergiram há muito tempo, ainda na graduação, quando, em contato com trabalhos que colocavam em questão as relações de gênero, foi possível perceber a iminência da inserção do autor desta tese em uma profissão atravessada por aquelas questões que, ao longo de em sua constituição e história, a tornaram e que se tornou ao longo do tempo altamente feminilizada. Estas marcas, em uma sociedade marcada e permeada por estas relações étnicas, sociais, econômicas, de poder e de gênero, refletiram no prestígio da profissão na sociedade, nos estereótipos ligados a ela e na percepção que as/os colegas demonstravam nas conversas e interações que ocorriam durante a graduação.

Destas inquietações, nasceu a dissertação de mestrado, defendida em 2016<sup>7</sup> que visou pesquisar, quais as motivações que fizeram com que outros homens tivessem também optado pela carreira. A pesquisa desenvolvida deixou sementes para futuras pesquisas, no sentido de captar a trajetória de bibliotecários para verificação de como eles percebiam as relações de gênero na profissão e na sociedade e a compreensão de como os currículos de Biblioteconomia atuaram para a feminização da profissão.

Ambas as ideias confluíram na proposta desenvolvida para pleitear a vaga no curso de doutoramento do programa de pós-graduação da ECI/UFMG, com um projeto inicial que visava verificar como os currículos de Biblioteconomia atuaram no processo de feminização desses cursos e quais as percepções dos profissionais da área a respeito da relação entre as relações de gênero na sociedade, seu processo formativo e a sua profissão. A pandemia de COVID-19, que assola o mundo desde 2020, impediu que se tivesse acesso às matrizes curriculares dos cursos de Biblioteconomia do Brasil anteriores às que eles praticam hoje, uma vez que muitas destas matrizes estavam localizadas em arquivos físicos e com o fechamento dos *campi* universitários, não era possível acessá-los. Tal fato inviabilizou a realização da primeira parte da pesquisa e, após o exame de qualificação, optou-se por verificar

---

<sup>7</sup> PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino.** 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.



como as relações de gênero eram percebidas pelas/os profissionais bibliotecárias/os formadas/os pela UFMG em suas trajetórias pessoais e profissionais, em suas formações profissionais e nos locais que ocupam na sociedade.

Neste sentido, este trabalho busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: **Tomando como base a história de vida das/os profissionais bibliotecárias/os formadas/os na UFMG, quais as percepções que elas/eles têm da atuação das relações de gênero em suas formações e como elas/eles as analisam em suas trajetórias e na sua atuação profissional?** Apesar do crescimento da produção em torno da temática de gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação, poucos são os trabalhos que efetivamente discutem como as relações de gênero atuaram na vida de bibliotecárias/os desde a sua escolha profissional, durante suas formações e nas suas atuações profissionais, além das percepções que possuem da profissão e das relações de gênero na sociedade. Recuperar a trajetória profissional das pessoas bibliotecárias pode colaborar para a percepção de como o gênero atua nas definições das carreiras e na identificação que as pessoas fazem acerca do que é ser bibliotecária/o e dos estereótipos que relacionam à profissão. Como objetivo geral da pesquisa, buscou-se investigar como bibliotecárias/os formadas/os na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) percebem as relações de gênero em suas trajetórias profissionais, em suas formações profissionais e nos locais que ocupam na sociedade.

- Identificar a visão das pessoas bibliotecárias quanto ao que é ser bibliotecária/o e quanto a percepção destas/es quanto a existência ou não de uma identidade bibliotecária;
- Recuperar a trajetória pessoal das/os graduados quanto aos motivos que as/os levaram a escolher o curso de Biblioteconomia e se relações de gênero tiveram papel na escolha;
- Identificar como se deu o contato das/os entrevistados com as disciplinas do curso e se houve um direcionamento da trajetória dos homens a disciplinas tradicionalmente ligadas ao masculino como as áreas de gestão, tecnologia, administração e de mulheres às disciplinas técnicas ou ligadas à área educacional, por exemplo;
- Verificar como bibliotecárias/os veem as questões de gênero na sociedade e se há diferenças de percepções entre as/os que se formaram há mais tempo e as/os que se formaram mais recentemente;

- Identificar as visões de bibliotecárias/os acerca dos estereótipos associados à profissão e se estes já interferiram de alguma forma em suas trajetórias.

A pesquisa se divide em cinco seções, além da Introdução, Considerações Finais, Apêndices e Anexos. A construção de uma pesquisa de doutoramento se dá pela definição de uma problemática de pesquisa, pelo levantamento de uma hipótese e pela verificação, através de procedimentos metodológicos, da validação ou não da hipótese. A hipótese desta pesquisa é de que há uma baixa percepção de bibliotecárias/os a respeito da atuação das relações de gênero em suas trajetórias pessoais e profissionais e para verificação desta, foram realizadas entrevistas em profundidade com 13 bibliotecárias/os formadas/os pela Universidade Federal de Minas Gerais ao longo dos anos, posteriormente analisadas por meio da utilização da Análise Crítica do Discurso (ACD). Os detalhes do caminho realizado para a confecção deste trabalho são apresentados na seção 2.

A seção 3 apresenta discussão acerca de como as relações de gênero se inserem na lógica das relações de poder, onde são desiguais as oportunidades, os comportamentos aceitos e esperados da sociedade para determinado sexo e onde há uma biologização do comportamento de mulheres e homens. Tal argumentação é utilizada muitas vezes como ponto central de compreensão e justificação da desigualdade social e os estudos feministas buscaram romper com este determinismo biológico, passando a utilizar o gênero como categoria de análise para demonstrar como as relações entre os sexos são social, histórico e culturalmente construídas. A seção se divide em 4 subseções, onde se busca refletir acerca do conceito de identidade e compreender como as relações de gênero atuam na construção das identidades das pessoas, através da difusão de discursos que introjetam nas pessoas expectativas em torno do que é ser mulher e do que é ser homem. No campo do trabalho, estas expectativas vão determinar os espaços e as profissões que mulheres e homens irão ocupar na sociedade e, em articulação com outros marcadores como raça e classe, criam um sistema de opressão e exclusão das pessoas a oportunidades.

A profissão bibliotecária foi marcada pelas relações de gênero, que inicialmente ocupada por homens, passa a atrair um contingente feminino maior no decorrer do século XX, o que marcou a constituição da profissão, o seu *status* profissional, a identidade profissional bibliotecária e sua associação com determinados estereótipos

notadamente generificados. Discutir como o gênero atuou e atua na construção da profissão, demonstrar o crescimento da produção a respeito da temática e refletir sobre os aspectos generificados da identidade bibliotecária são os objetivos da seção 4 e das suas 3 subseções.

Na seção de número 5, é apresentado um breve relato acerca da história do curso de Biblioteconomia da UFMG e como ele foi também marcado pelas relações de gênero ao longo de sua história, o que dá subsídios para compreensão também da ação do curso na trajetória das pessoas entrevistadas neste trabalho.

A análise das entrevistas realizadas está registrada na seção 6, que se subdivide em 8 subseções, que buscam apresentar além dos dados gerais e da caracterização das/os entrevistadas/os, a trajetória delas/es no primeiro contato com os livros e a biblioteca; na escolha do curso de Biblioteconomia; na formação e no contato com as disciplinas; na percepção acerca do que é ser bibliotecário e sobre a identidade da profissão; das relações de gênero na sociedade e também na profissão bibliotecária; além de apresentar as expectativas das pessoas acerca do futuro da profissão.

Por fim, são apresentadas as considerações finais da tese, que visam uma sistematização acerca dos dados apresentados durante todo o trabalho e uma discussão final sobre as questões debatidas ao longo das seções precedentes.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO DA PESQUISA

Ancorada nos aportes teóricos do gênero, da sua ligação com as relações desiguais de poder e como ele atua na constituição das identidades, a presente pesquisa se caracteriza como exploratória, de caráter histórico e qualitativa. A coleta de dados se deu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas em profundidade com bibliotecárias e bibliotecários formadas/os pela UFMG e que estejam atuando ou que já tenham atuado na área. A opção pela pesquisa qualitativa se caracteriza pela adequação dessa modalidade de pesquisa à necessidade de se buscar responder a questões particulares que não podem ser quantificadas e que operam com uma grande variedade de significados, crenças, valores e atitudes do que é pesquisado (MINAYO, 2015). Luísa Aires (2011) destaca que as mudanças culturais e sociais do século XX levaram ao desenvolvimento, nas Ciências Humanas, de diferentes perspectivas de investigação que buscavam aprofundar as questões de pesquisa e aplicá-las a contextos mais amplos. Neste sentido, a investigação qualitativa

[...] insere-se hoje em perspectivas teóricas, por um lado, diferenciadas e, por outro lado, coexistentes e recorre ao uso de uma grande variedade de técnicas de recolha de informação como materiais empíricos, estudo de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, observação, textos históricos, interactivos e visuais que descrevem rotinas, crises e significados na vida das pessoas (AIRES, 2011, p. 13).

Ademais, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica a respeito de temáticas como as de gênero, interseccionalidade, relações de poder e discurso, além de um resgate da história da Biblioteconomia brasileira e do curso da UFMG, estas últimas vistas sob a ótica das relações de gênero. Neste percurso, lançou-se mão de artigos em periódicos e revistas científicas, buscas em bases de dados e em acervos fotográficos, para que embasassem as discussões empreendidas a respeito das relações de gênero na trajetória das pessoas entrevistadas.

Para análise das entrevistas, optou-se pela utilização da Análise Crítica do Discurso (ACD), metodologia que ganhou notoriedade no fim do século XX, sobretudo a partir dos trabalhos do linguista inglês Norman Fairclough. Para o autor, a ACD busca incorporar a língua como um elemento do processo social material.

José Batista Junior, Denise Sato e Iran de Melo (2018) ressaltam que a ACD trabalha com a linguagem em uso, com “as ações que produzimos com os textos no interior das atividades sociais” (p. 8), textos estes que são produtos escritos e orais que participam das ações de intermediação e organização das práticas humanas. A ACD busca ter um olhar sobre o texto dentro da realidade social em que ele é produzido/difundido/absorvido, “de forma que a investigação da ação por meio de textos orais e escritos em contextos específicos construa a coerência do significado” (p. 9).

Iran Melo (2009) destaca que a língua, para a ACD, é dialética e o objeto da análise do discurso não é somente a língua, mas o que há por meio dela: as relações de poder, a institucionalização das identidades, a inconsciência ideológica, etc. (MELO, 2009). As mudanças no uso linguístico estão ligadas a processos sociais e culturais mais amplos e a linguística/análise linguística é um método para estudar a mudança social (FAIRCLOUGH, 2016).

Além disso, Norman Fairclough (2012) resalta que a linguagem participa ativamente das práticas sociais, estas sendo “por um lado, uma maneira relativamente permanente de agir na sociedade, determinada por sua posição dentro da rede de práticas estruturadas; e, por outro, um domínio de ação social e interação que reproduz estruturas, podendo transformá-las” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 308). Segundo José Batista Junior, Denise Sato e Iran Melo (2018), as práticas sociais são “modos mais ou menos estabilizados de produção da atividade humana que se comunicam entre si, formando uma rede, na qual o discurso tece a regularidade dos sentidos/sentimentos” (p. 9), sendo o discurso também visto como uma prática social.

Toda prática social inclui, para Norman Fairclough (2012), alguns elementos relacionados, como os meios de produção, as relações sociais, as identidades sociais, os valores culturais. Paulo Gonçalves-Segundo (2018) destaca que a vantagem de se trabalhar com práticas decorre do fato que elas constituem uma ligação, de um lado, entre estruturas sociais e seus mecanismos de reprodução e, de outro lado, os eventos sociais concretos e sua irreprodutibilidade.

Neste sentido, as relações de gênero podem ser tomadas também como uma prática social que se insere e atua na rede das relações de poder, reproduzindo estruturas desiguais, se inserindo nos corpos e nas identidades das pessoas, colaborando para a determinação de modos de ser, de falar, de sentir e agindo nas escolhas profissionais, nos locais em que as pessoas irão atuar e em suas trajetórias

personais e profissionais. As práticas sociais não só são moldadas, mas também moldam os discursos (BATISTA JUNIOR, SATO, MELO, 2018) e, através da linguagem e das falas das pessoas, pode-se captar tais mudanças e marcas destas relações desiguais de poder. É também por meio destes mecanismos – a linguagem e os discursos – que as pessoas deixam transparecer como as relações de gênero atuaram em suas trajetórias.

Na ACD, o discurso pode ser entendido como uma prática política e ideológica. Em sua dimensão como prática política, ele estabelece e transforma as relações de poder e as entidades coletivas onde estas relações existem. Dentro da visão de uma prática ideológica, ele naturaliza, mantém e transforma o mundo nas mais diversas formas das relações de poder. Por conta disso, há uma preocupação com o controle dos discursos, uma vez que eles podem ser instrumentos não só de manutenção das relações e poder, mas também de mudança social (PEDROSA, 2005; FAIRCLOUGH, 2016).

Tais visões acerca do discurso advêm também das colaborações do filósofo Michel Foucault em suas análises sobre a sua relação com o poder. Norman Fairclough (2016) considera que, ao preocupar-se com as práticas discursivas como constitutivas do conhecimento, o trabalho do teórico francês trouxe importante contribuição para uma teoria social do discurso, como na construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e funcionamento do discurso na mudança social. A análise de poder de Foucault contribuiu para que a atenção se volte não só ao discurso na análise social, mas também ao poder na análise do discurso.

A produção e difusão de discursos se ligam às relações de poder para que se controle, selecione e organize os sujeitos em torno de ações, condutas, gestos e comportamentos (FOUCAULT, 2003). É através desses agentes que o poder consegue chegar às condutas individuais, penetrando e controlando o prazer cotidiano e sendo constitutivos das práticas sociais, constituindo e construindo ativamente a sociedade, seus objetos, os sujeitos e as relações sociais e estruturas conceituais. Os discursos, neste sentido, muito mais do que elementos que definem ou designam coisas, são práticas que formam sistematicamente os objetos que falam (FOUCAULT, 2019).

As relações de poder e suas ligações com o discurso são importantes elementos que a ACD leva em consideração para suas análises, uma vez que deve se considerar o contexto em que as práticas sociais se dão, além das relações que

existem entre a linguagem e o poder. Assim, a ACD “se ocupa, fundamentalmente, de análises que dão conta das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem” (PEDROSA, 2005, p. 1). A ACD considera que o poder não nasce na linguagem, mas a linguagem pode se valer das relações com ele para desafiá-lo ou para subvertê-lo.

Josenia Vieira e Denise Macedo (2018) ressaltam que, na ACD, o poder é instável, uma vez que as relações desiguais de poder “podem ser mudadas, invertidas, superadas, por conta da concepção dialética da relação linguagem e sociedade” (p. 58). Na ACD, há uma preocupação com os efeitos ideológicos que os discursos possam ter sobre as relações sociais em favor de determinados projetos de dominação, uma vez que a ideologia estabelece e sustenta as relações de dominação na sociedade.

Os estudos que utilizam a ACD como metodologia de análise de dados, buscam não só desvelar as relações intrínsecas entre as relações de poder, os discursos e as práticas dos sujeitos na sociedade, mas ser um instrumento de mudança social. Conforme explicitado, o discurso é entendido como um elemento que serve ao controle social e na manutenção de relações desiguais de poder, podendo ser também subvertido, readaptado e mudado para que tais relações também se modifiquem e as desigualdades sejam diminuídas.

Neyla Pardo Abril (2012) destaca que grande parte das construções que fazemos na vida social é de natureza discursiva e os estudos que buscam realizar uma análise crítica do discurso, buscam refletir sobre um problema social, cultural ou político relevante para a comunidade onde se produz, distribui e compreende o discurso. Para a autora, o pesquisador que se utiliza da ACD tem o compromisso ético de conhecer a multiplicidade de formas de dominação que se expressam nos discursos, percebendo em suas reflexões a diversidade de práticas sociais que sustentam a diversidade e as múltiplas expressões que se impõem às formas de interação humana.

Isso porque o discurso serve à formulação, permanência e reprodução das formas de ser dos atores sociais, mas também à transformação do *status quo*. Os discursos materializam as ideologias<sup>8</sup> ou sistemas de ideias vigentes na cultura, que

---

<sup>8</sup> Luciane Lira e Regysane Alves (2018, p. 109) destacam que, na ACD, as ideologias são “representações de elementos da realidade, concebidas em diversas dimensões e formas nas práticas

são expressas discursivamente e que implicam nas formas de produção e reprodução das relações de poder, afetando diretamente setores populacionais que, por razões históricas, políticas e econômicas, são excluídos do acesso aos recursos simbólicos e materiais da sociedade que estão inseridos (PARDO ABRIL, 2012).

Para Norman Fairclough (2010, p. 226), o discurso é concebido de três modos nas práticas sociais:

1) como parte da atividade social dentro de uma prática, onde os diferentes atores sociais utilizam diferentes linguagens de acordo com as funções que desempenham;

2) figura nas representações de grupos sociais, onde os atores produzem representações acerca das demais, assim como da sua própria. Além disso, eles “recontextualizam” outras práticas, incorporando-as a suas próprias práticas;

3) e integra os modos de ser, a constituição das identidades.

Neste sentido, os estudos que se utilizam da ACD como método podem colaborar por possuírem, em seu cerne, um ímpeto crítico, uma vez que “ao dar visibilidade ao que antes pode ter sido invisível e aparentemente natural, os(as) analistas críticos(as) do discurso desvelam o modo como as práticas linguístico-discursivas se imbricam nas estruturas sociopolíticas do poder e da dominação” (MELO, 2018, p. 31), permitindo uma atividade crítica diante da realidade que está sendo analisada. Paulo Gonçalves-Segundo (2018) ressalta que uma abordagem crítica do discurso deve levar em consideração as coerções estruturais das mais diferentes práticas sociais em que as pessoas estão envolvidas e valorizar a capacidade de ação, reflexão e resistência destas “a fim de que possamos vislumbrar o objetivo fundamental: a denúncia das relações de poder e de dominação que oprimem e excluem para, assim, tentar viabilizar uma sociedade mais igualitária, justa e democrática” (p. 79).

Ademais, a ACD permite um posicionamento crítico em relação ao papel da ciência na sociedade. Iran Melo (2018) destaca que, em vez de enclausurar a ciência como se ela fosse uma prática que se bastasse por si mesma, a ACD busca perceber a ciência como um conjunto de práticas que se ligam a aspectos extra científicos, tais como a posição ideológica dos pesquisadores ou os efeitos sociais da sua

---

discursivas e que podem contribuir para instaurar, sustentar ou transformar relações sociais de poder, dominação e exploração”.



investigação. As/os pesquisadoras/es que se utilizam da ACD partem do princípio de que suas pesquisas possuem uma posição política, não permitindo que elas/es adotem uma suposta neutralidade diante dos objetos estudados. Nas palavras do autor,

Assumem os(as) analistas críticos(as) do discurso, portanto, que a neutralidade diante das estruturas sociais, numa pesquisa, torna o(a) pesquisador(a) cúmplice de tais estruturas. Por isso, em todas as suas versões, a ADC<sup>9</sup> recusa o mito da isenção científica [...].” (MELO, 2018, p. 32)

Além disso, a

[...] análise é construída sobre um juízo de valor acerca do certo e do errado, do justo e do injusto, que difere de algumas estratégias em pesquisa que buscam a neutralidade nos experimentos. A ADC não é neutra. Ela sempre se posiciona criticamente (BATISTA JUNIOR; SATO; MELO, 2018, p. 13)

É por serem tomadas e atingidas desde cedo pelos discursos em torno das relações desiguais entre os gêneros e da divisão sexual do trabalho (dentre outros discursos), que pessoas são educadas a terem determinados comportamentos, a realizarem certos tipos de tarefas, a se comportarem de determinadas maneiras. Meninas e meninos são ensinadas/os através da incorporação de certos discursos que se manifestam em brincadeiras, em falas dos pais e responsáveis, nos currículos escolares etc. como devem se vestir, portar, falar e agir, tendo seus corpos (con)formados ao que a sociedade quer/espera de cada gênero

Cabe destacar que, ao longo da apresentação dos conceitos teóricos que embasaram a construção desta tese, alguns excertos e falas das pessoas entrevistadas irão aparecer relacionadas ao que se está discutindo. Tal movimento se

---

<sup>9</sup> Segundo Iran Melo (2018), não há uma homogeneidade, dentro do Brasil, em relação a melhor tradução para *Critical Discourse Analysis*, sendo tratada como *Análise Crítica do Discurso* por determinadas/os pesquisadoras/es ou *Análise de Discurso Crítica* por outros. O termo “Análise de Discurso Crítica” é adotado principalmente por membras/os dos grupos de pesquisa da Universidade de Brasília, que acreditam que a tradição no Brasil do campo da análise do discurso é forte, o que levaria à manutenção do termo “crítica” logo depois da denominação do campo de estudos mais forte e tradicionalmente utilizado. Já o termo “Análise Crítica do Discurso” é utilizado por pesquisadoras/as de várias instituições brasileiras e se baseia, segundo o autor, sobretudo no título do livro *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*, que foi a primeira coletânea de artigos e ensaios em português da temática. “Tais linguistas utilizam essa forma por entenderem que ela traduz a ideia central da abordagem em questão, qual seja, um enfoque crítico e social às análises de discursos variados e também por afirmarem que se trata da real tradução do nome em inglês” (MELO, 2018, p. 26). Neste trabalho, adotaremos o termo “Análise Crítica do Discurso” para nos referirmos à abordagem utilizada, ainda que em algumas citações o termo “Análise de Discurso Crítica” possa aparecer.

justifica pela crença de que as falas vêm ao encontro de muitas das ideias apresentadas e, uma vez que será utilizada a ACD como método para análise destas entrevistas, acredita-se que a apresentação destes trechos ao longo do trabalho não prejudica a compreensão da temática e vem enriquecer a discussão acerca da percepção das relações de gênero nas trajetórias das pessoas entrevistadas.

## 2.1 As entrevistas

Para alcançar tais objetivos, foram realizadas treze entrevistas em profundidade, individualmente, a partir de roteiro semiestruturado (Apêndice A), número que foi considerado satisfatório para alcance dos objetivos da pesquisa. O único critério para seleção de quem seria entrevistada/o era de que as pessoas deveriam ter se formado em Biblioteconomia na UFMG. Para alcançá-las, foi utilizado a amostragem por “bola de neve”, que, segundo Juliana Vinuto (2014), se caracteriza como uma seleção de participantes não probabilística, onde uma pessoa – denominada de semente e que responde aos critérios iniciais definidos para a realização da pesquisa – é contactada pelo pesquisador e, após a realização da entrevista, indica outras pessoas para que a pessoa que realiza a pesquisa possa entrar em contato para o agendamento de novas entrevistas. Estes contatos são realizados até que a pessoa que realiza a pesquisa, identifique que há uma saturação na coleta de dados e/ou que as respostas já se repetem. A autora destaca que

A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes. (VINUTO, 2014, p. 205)

Neste sentido, compreendeu-se que a amostragem em bola de neve se adequou aos objetivos e se mostrou como técnica útil para a realização das entrevistas, uma vez que através dela pode-se contactar um número satisfatório de pessoas a serem entrevistadas para melhor compreensão do tema e resgate das trajetórias das/os bibliotecárias/os que participaram desta pesquisa.

Optou-se por encerrar a coleta de dados após a décima terceira entrevista, pela percepção de que ao se realizá-la, as informações necessárias para a análise de dados já haviam sido encontradas e que os objetivos com as entrevistas até ali já

havia sido alcançados e as respostas às perguntas já vinham se repetindo. Bruno Fontanella, Janete Ricas e Egberto Turato (2008) destacam que, em algumas pesquisas, quando o acréscimo de novos participantes à amostra não representa também um acréscimo de informações e reflexões teóricas para os objetivos da pesquisa, causando uma redundância ou repetição das informações coletadas, pode-se considerar que não é relevante persistir na coleta de dados (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008). A técnica da “bola de neve” admite também este corte, segundo Juliana Vinuto (2014, p. 203), uma vez que “eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise”.

A entrevista foi submetida a um pré-teste com três bibliotecárias/os, onde se pode avaliar possíveis melhorias e se as perguntas feitas permitiam que se alcançasse os objetivos propostos. Em razão da pandemia de COVID-19 decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 e que perdura até os dias de hoje, as entrevistas tiveram que ser realizadas de forma virtual, pela plataforma Zoom, com duração aproximada de 1 (uma) hora. Elas foram gravadas e transcritas posteriormente seguindo as normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo - Projeto NURC/SP da Universidade de São Paulo (Anexo A). Tal norma, ao nosso ver, permitiu que se mantivesse na transcrição das falas das pessoas entrevistadas, marcas da oralidade, como a repetição de termos, as interrupções ou correções porventura feitas, as mudanças de temáticas e/ou de pensamentos ou certas interrupções.

Em relação aos aspectos éticos, o instrumento de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – COEP/UFMG/Plataforma Brasil, tendo iniciado a realização das entrevistas somente após a aprovação pelo respectivo Comitê, em dezembro de 2021 (Anexo B). Antes da realização das entrevistas, as pessoas que foram entrevistadas receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) que apresentava detalhes da pesquisa, como os objetivos, procedimentos, benefícios e possíveis riscos da pesquisa, além de deixar claro que, caso assim desejassem, poderiam retirar a sua participação a qualquer momento.

Além disso, solicitou-se os contatos de pessoas formadas pela escola ao colegiado de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG), para que, após uma triagem, se pudesse enviar um e-mail convidando-as para participarem da pesquisa. Entretanto, não houve retorno dos contatos feitos. Cabe ressaltar que

ficou evidenciada a falta de dados, por parte do colegiado, dos contatos de egressas/os formadas/os antes de 2010. Para contornar tal limitação e como um dos objetivos da pesquisa era verificar a percepção das relações de gênero de bibliotecárias/os formadas/os em diferentes épocas, foi solicitado que as indicações das pessoas buscassem ser de outras formadas anteriormente ou no mesmo período delas.

As entrevistas foram analisadas sob a perspectiva da identificação das relações de gênero na trajetória das/os entrevistadas/os, passando por questões que abordam desde a constituição delas em uma sociedade generificada durante a infância e adolescência, na sua escolha pelo curso, no seu trajeto dentro da formação em Biblioteconomia e nas suas vidas profissionais. Longe de se pretender realizar uma análise linguística, a ACD é utilizada aqui como suporte para desvelar, na fala das pessoas entrevistadas, aspectos discursivos e que remetem a estruturas maiores, a práticas sociais generificadas presentes na sociedade e que atravessaram a trajetória pessoal e profissional delas.

Cabe destacar que tal estudo se insere dentro do contexto de uma visão mais crítica dos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, onde há a preocupação de se ver a história das áreas não só como um dado, mas se utilizar de um pensamento crítico para analisar estas histórias como elementos constituintes dos espaços ocupados pelas áreas e pelas/os profissionais que atuam nelas. Neste sentido, Daniel Martínez-Avila e Mariana de Mello (2021) destacam que a Ciência da Informação é uma ciência eminentemente política, uma vez que lida com ativos de grande relevância para indivíduos e para a sociedade. Tal criticidade se observa nas posições metodológicas e epistemológicas adotadas por pesquisadoras/es e seus referenciais teóricos. Carlos Alberto Araújo (2013) destaca que os estudos críticos da Ciência da Informação permitem que se desvelem, mesmo dentro de instrumentos de organização da informação, traços das desigualdades e das relações de poder assimétricas existentes, tanto entre os países produtores de conhecimento do norte global e da América Latina e de países periféricos, por exemplo, como na representação do conhecimento em relação a determinadas temáticas.

A análise empreendida neste trabalho não tenta em nenhum momento se manter neutra, assumindo claramente determinadas posições a respeito de como as relações desiguais entre os gêneros colaboraram para a criação das imagens da profissão bibliotecária, da localização da profissão dentro da sociedade e das imagens

que esta criou da/o profissional, e da ação direta e indireta das práticas sociais generificadas na trajetória das pessoas bibliotecárias.

Buscou-se identificar e compreender, desta forma, os motivos que levam à profissão bibliotecária por muitas vezes a ser desvalorizada socialmente, apenas por ser destacada pela feminilização profissional. Em uma sociedade notadamente marcada pelas relações desiguais de poder que determinam e induzem as pessoas a determinadas atitudes e espaços, o diagnóstico e análise aqui empreendidos buscaram identificar nas falas de quem foi entrevistado, elementos que demonstram como o gênero – mas não só ele, uma vez que ele trabalha articulado com várias outras instâncias como raça e classe, por exemplo – marcou a trajetória pessoal e profissional dessas pessoas. Importante destacar, antes da apresentação das pessoas entrevistadas, que todos os elementos que pudessem identificar as pessoas que participaram da pesquisa foram alterados neste trabalho, como seus nomes, nomes de familiares eventualmente citados, locais de trabalho, etc. Desta forma, os nomes utilizados aqui são todos fictícios.

## 2.2 As pessoas entrevistadas

A primeira pessoa entrevistada foi uma colega de doutorado do pesquisador, o que facilitou o convite para a participação na pesquisa. A partir dela, outras pessoas foram sendo indicadas pelas próprias pessoas que iam sendo entrevistadas e buscou-se criar uma amostra diversificada<sup>10</sup> com uma variedade de bibliotecárias/os formadas/os em diferentes épocas, que atuassem em diferentes locais, ainda que grande parte fosse servidora pública. O perfil das/os entrevistadas/os é apresentado a seguir, sem que obedeça necessariamente à ordem em que foram realizadas as entrevistas:

- **Laura** tem 37 anos, se autodeclara parda, é heterossexual, casada e mãe de um filho. Formou-se em Biblioteconomia em 2006 e atualmente é servidora pública, atuando em uma biblioteca universitária, sendo este

---

<sup>10</sup> Buscou-se, na amostra, entrevistar pessoas diferentes em termos de gênero, raça, etnia e orientação sexual, mas, em razão das indicações realizadas pelas pessoas entrevistada, não foi possível equalizar em termos numéricos pessoas com todas estas características. Entretanto, ressalta-se que isto não foi prejudicial à realização da pesquisa e ao cumprimento dos objetivos propostos.

tipo de biblioteca o único em que atuou após formada. Além da graduação, possui mestrado e atualmente está cursando doutorado em Ciência da Informação.

- **Paola** tem 56 anos, se autodeclara parda, é heterossexual, casada e mãe de um filho de 32 anos. Graduiu-se em 1998, é servidora pública em uma biblioteca universitária, tendo atuado sempre neste tipo de biblioteca. Além da graduação, possui especialização em Gestão da Informação e Mestrado em Gestão Social Para O Desenvolvimento Local.
- **Branca** tem 37 anos, se autodeclara branca, é heterossexual, casada e sem filhos. Formou-se em Biblioteconomia em 2009, é servidora pública e atua em uma biblioteca universitária, já tendo atuado como bibliotecária escolar em uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte. Além da graduação, possui mestrado em Ciência da Informação.
- **Olavo** tem 41 anos, se autodeclara como pardo, é heterossexual, casado e possui um filho. Formou-se no ano de 2010 e atua em uma biblioteca aberta ao público de forma geral, mas que pertence a uma empresa privada. Além da graduação, concluiu mestrado em Ciência da Informação.
- **Marco Aurélio** tem 30 anos, se autodeclara como preto, é heterossexual, casado, e não possui filhos. Formou-se em Biblioteconomia no ano de 2012 e atualmente é servidor público em uma biblioteca universitária especializada na área de saúde. Possui especialização e está cursando doutorado em Ciência da Informação.
- **Ellen** tem 35 anos, se autodeclara como preta, é heterossexual, casada, e não possui filhos. Graduiu-se em 2010 e atuava até um mês antes da realização da entrevista como bibliotecária especializada em saúde, na sede de um plano de saúde, tendo deixado este emprego para ocupar uma vaga nas Forças Armadas. Possui especialização em Gestão Estratégica da Informação, mestrado em Ciência da Informação, e atualmente cursa doutorado em Gestão e Organização do Conhecimento.

- **Carmen** é heterossexual, casada e possui um filho pequeno. Se autodeclara como parda, tem 42 anos e atualmente é servidora pública, atuando em uma biblioteca universitária na área da saúde. Possui graduação em Biblioteconomia e Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação. Já atuou em bibliotecas escolares e públicas antes da aprovação no concurso público para a vaga que ocupa agora.
- **Raquel** é heterossexual, solteira, tem 41 anos, não possui filhos e se autodeclara como preta. Se formou em Biblioteconomia em 2005 e possui Mestrado em Ciência da Informação e doutorado em Gestão e Organização do Conhecimento. No momento da realização da entrevista, estava mudando de emprego e iria assumir uma vaga de docente em programa de pós-graduação de uma faculdade particular de Belo Horizonte, mas atuou durante grande parte da sua vida profissional como bibliotecária da área da saúde.
- **Felipe** tem 44 anos, preferiu não declarar sua cor/etnia, é heterossexual e solteiro, mas mora com sua companheira e não possui filhos. Graduou-se em 2014 e atua como coordenador do núcleo de catalogação em uma biblioteca pública. Possui Mestrado em Gestão e Organização do Conhecimento e atualmente cursa doutorado no mesmo programa.
- **Beatriz** tem 66 anos, se autodeclara branca, é heterossexual, viúva e possui três enteados. Formou-se em Biblioteconomia em 1977 e atualmente está aposentada, mas atuou durante a maior parte da sua vida profissional como bibliotecária na área de saúde, em hospitais e clínicas médicas da cidade de Belo Horizonte. Após formada, chegou a cursar as disciplinas de mestrado, mas não chegou a concluí-lo.
- **Dóris** tem 37 anos, se autodeclara branca, é heterossexual, solteira e não possui filhos. Graduou-se em 2008, e trabalha há três anos como bibliotecária em um hospital na cidade de Belo Horizonte, já tendo atuado em uma biblioteca universitária. Possui mestrado em Ciência da Informação.
- **Tereza** tem 73 anos, se autodeclara parda, é heterossexual, casada e possui duas filhas. Graduou-se em 1977 e antes de se aposentar, atuou em uma biblioteca universitária durante toda a sua vida profissional. Não possui pós-graduação

- **Renato** tem 36 anos, se autodeclara preto, é homossexual, solteiro e não possui filhos. Graduou-se em 2008 e atualmente trabalha em uma biblioteca escolar comunitária, já tendo atuado em bibliotecas de centro cultural, universitárias e especializadas. Possui mestrado em Ciência da Informação e doutorado em Educação.

De modo geral, das treze pessoas entrevistadas, nove se autodeclararam pessoas negras (pretas e pardas), três se autodeclararam brancas e um participante preferiu não declarar sua cor/raça. Apesar da variação nos anos de formação, a grande maioria delas (dez pessoas) se graduou após os anos 2000 e doze delas buscaram cursos de pós-graduação, na grande maioria em nível de mestrado e doutorado. Em relação aos locais de atuação, as pessoas se caracterizam da seguinte forma: cinco delas são servidoras públicas, atuando em bibliotecas universitárias; duas delas são aposentadas; duas atuam em hospitais; uma atuava em uma biblioteca de um plano de saúde e havia acabado de mudar de emprego; dois atuavam em bibliotecas públicas e um atuava em uma biblioteca comunitária.

Quanto ao estado civil, seis pessoas são casadas, duas são viúvas e cinco solteiras e no que se refere à identidade de gênero e orientação sexual, todas as pessoas se declararam como cisgênero e somente uma se declarou homossexual – Renato. Dada a caracterização geral das pessoas, parte-se agora para a conceituação teórica e a compreensão do gênero como um conceito analítico dentro da ciência.



### 3 GÊNERO: UM CONCEITO ANALÍTICO

Os estudos que possuem o gênero como objeto de análise vêm ganhando grande espaço nos últimos anos, tanto no campo científico de um modo geral, como na mídia e nas discussões hodiernas. Seja no espectro da sexualidade ou no das diferenças entre os gêneros existentes na sociedade – de tratamento, de oportunidades, de formações pessoais etc. –, as pautas levantadas inicialmente pelos movimentos feministas ganharam adeptas/os no campo científico, podendo-se observar o aumento gradativo das produções que possuem o gênero como temática e/ou como categoria de análise.

Joan Scott (1995), em um importante artigo sobre a temática, argumenta sobre como o gênero pode ser utilizado como categoria de análise e traça um importante histórico acerca da utilização do termo nas ciências sociais. Segundo a autora, o termo gênero começou a ser utilizado pelas feministas no início do século XX como uma referência à organização social da relação entre os sexos, destacando não só o caráter social das distinções estabelecidas entre os sexos, mas também o caráter relacional das definições de feminilidade. As feministas que o utilizavam, buscavam reivindicar um “certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (p. 85).

As relações desiguais entre o feminino e masculino na sociedade advém de uma noção calcada na diferenciação biológica existente entre os sexos. É a extensão da noção biológica para a quase totalidade da experiência humana que leva às noções de que há uma divisão quase irreduzível entre os sexos, onde sexo e gênero coincidem e onde um deles é exclusivo em relação ao outro, onde o gênero “traduz” o sexo, e onde “deve haver uma adequação entre gênero e sexo, com uma ênfase neste último” (MATHIEU, 2009, p. 224). Cabe destacar que o termo sexo se refere à determinação biológica homem e mulher, enquanto gênero se refere às relações sociais e culturais de papéis atribuídos ao masculino e ao feminino (FREITAS, DANTAS, 2012). Jaqueline de Jesus (2012, p. 8) ressalta que

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o

que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos.

A distinção entre sexo e gênero permitiu ao movimento feminista a recusa à ideia de que anatomia e destino estão ligados, além de permitir a produção de conhecimentos históricos e antropológicos sobre as capacidades e papéis que as mulheres tiveram ao longo do tempo. A adoção do conceito de gênero por parte dos estudos feministas visou rejeitar este determinismo biológico dos termos ligados ao sexo e a conferir um caráter social às relações e distinções baseadas nos aspectos biológicos (SCOTT, 1995; 2012), permitindo uma análise aprofundada dos locais ocupados e destinados a homens e mulheres, que impactam na construção de suas identidades e personalidades.

Assim, as desigualdades existentes entre os gêneros são produtos históricos, advindas de construções arbitrárias e idealistas a respeito do que é ser homem e do que é ser mulher e que criam expectativas a respeito de como as pessoas devem se comportar na sociedade. Para Guacira Louro (2014), o conceito de gênero serve como uma ferramenta analítica que também é política e que na adoção do termo “não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (p. 22). Ao propor que se coloque o gênero como categoria de análise histórica, Joan Scott (1995, p. 84) argumenta que

Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual [...] essa crítica significa analisar, levando em conta o contexto, a forma pela qual opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando sua construção hierárquica, em vez de aceitá-la como real ou autoevidente ou como fazendo parte da natureza das coisas.

Para a autora, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo uma forma primária de dar significado às relações de poder. Para a autora, é preciso desnaturalizar as relações de gênero e de dominação dos homens sobre as mulheres, sendo necessário “lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança” (SCOTT, 1995, p. 86).

No âmbito dos estudos que utilizaram o gênero como categoria de análise, muitas foram as críticas à associação entre as diferenças baseadas no biológico e sua

associação com o gênero, argumentando que havia na proposta de Joan Scott, quase um caráter essencialista<sup>11</sup>. Camilla de Gomes (2018) destaca que em textos posteriores – escritos mais de 20 anos depois do primeiro – em que a autora revisita seu primeiro texto e o analisa à luz do tempo, Joan Scott argumenta que suas ideias foram muitas vezes utilizadas de forma incorreta, com essencialismo ou “com inclinações que não se adequam ao que pretendeu dizer” (p. 68) e que o gênero é um conceito, assim como mulher é um conceito e homem também o é. Para a autora brasileira:

Usar o gênero como categoria de análise é compreender que este funciona como um desestabilizador de conceitos como **mulher**, **homem**, **sexo** e mesmo **corpo**. Adotar uma posição essencialista ou firmada no sexo como categoria fixa não se alinharia com o que se propõe quando se diz **gênero como categoria de análise**. Sua crítica é a de que com o gênero sendo utilizado como um conceito ou um instrumento para explicar as relações entre homens e mulheres – gênero como relação socialmente construída e sexo como atributo natural – ocorreu o contrário do que se pretendia: homem e mulher continuaram a ser identificados como realidades dadas e fixas e apenas as “relações” estabelecidas entre estes seriam mutáveis ou capazes de serem transformadas. Gênero seria um conceito, uma categoria de análise, submetido, portanto, à reconstrução, discussão, problematização. Analisado diante do contexto histórico, social, cultural, **homem** e **mulher** seriam realidade, estariam fora da história, fora de qualquer contexto. Seriam natureza. Pois não. O uso dessa categoria implica que **homem** e **mulher** são conceitos social, corporal e historicamente inscritos tal qual “gênero”. (GOMES, 2018, p. 68-69, grifos da autora)

Desta forma, as relações de gênero podem ser compreendidas como relações históricas, que se modificam ao longo do tempo e se inserem dentro da lógica das relações de poder. Ao se aceitar que as construções de gênero se fazem incessantemente, se compreende que as relações entre homens e mulheres, os discursos e representações dessas relações também estão em constante mudança. É no interior das redes e das relações de poder que são instituídas e nomeadas as diferenças entre homens e mulheres, que não são criadas somente através dos

---

<sup>11</sup> Segundo definição de Claude Dubar (2006), o caráter essencialista diz respeito à crença nas “essências”, a características essenciais, substâncias ao mesmo tempo imutáveis e originais. De acordo com o autor, “Para qualificar estas essências, para definir estas permanências, é necessário ligá-las a ‘categorias’, a gêneros que reagrupem todos os seres empíricos que tenham a mesma essência (eidos). Cada categoria define o ponto comum ‘essencial’ de todos aqueles que agrupa. [...] O essencialismo postula que estas categorias têm uma existência real: são estas categorias que garantem a permanência dos seres, da sua mesmidade que se torna assim definida de maneira definitiva. A identidade dos seres existentes é o que faz com que permaneçam idênticos, no tempo, à sua essência” (DUBAR, 2006, p. 8)

mecanismos de censura e repressão, mas através de relações e práticas sociais que “**instituem** gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e agir, condutas e posturas **apropriadas** (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (LOURO, 2014, p. 45; grifo da autora).

É através do exercício de um poder que a sociedade confere ao homem sobre a mulher ou da afirmação da supremacia de um sexo sobre o outro, que muitas das desigualdades são criadas. As relações de gênero e de poder contidas nelas se espalham pelos mais diferentes campos da vida social, criando corpos dóceis, induzindo comportamentos e moldando as ações e percepções dos indivíduos. Raewyn Connell (2016, p. 33) afirma que o gênero não está preso, separado ou guardado em um armário próprio, mas está

[...] embrenhado nas mutantes estruturas de poder e reviravoltas econômicas, no movimento das populações e na criação das cidades na luta contra o apartheid e nos lapsos do neoliberalismo, nos efeitos institucionais das minas, prisões, exércitos e sistemas educacionais.

O movimento feminista teve grande importância nas discussões das relações de gênero e para a democratização de vários aspectos da sociedade, uma vez sempre esteve preocupado centralmente com as relações de poder. Ao reivindicar para as mulheres direitos políticos e civis que lhes eram negados, além de dar visibilidade a questões políticas reprimidas por uma sociedade estruturada num modelo patriarcal e que foram introduzidas ao debate público, como aborto, sexualidade, reprodução, invisibilidade do trabalho doméstico, dentre outros, as feministas desvelaram as desigualdades existentes e estruturais entre os gêneros na sociedade (LOURO, 2014; MAGDA, 2020).

No início do seu desenvolvimento, os estudos de gênero tiveram grande foco na situação e na posição feminina na sociedade, enfocando a participação delas em eventos históricos, na história do trabalho feminino, em dar destaque às relações existentes entre o biológico e o cultural no desvelamento da cultura androcêntrica. Nas palavras de Joan Scott (2012, p. 333), a utilização do gênero neste primeiro momento se dava

[...] sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social, econômico e desigualdades políticas, como eles condensavam variedades da feminilidade e masculinidade em um sistema binário, hierarquicamente arranjado.

Com o passar do tempo, o conceito de gênero buscou problematizar não só a questão das mulheres, mas passou a ser conceito relacional, abarcando as relações entre homens e mulheres, entre homens e homens, mulheres e mulheres, com inclusão da crítica à normalidade (ALVARENGA; VIANNA, 2012). Mary Castro (1992) destaca que o conceito de gênero é aberto, que possui e permite múltiplas interpretações e abordagens. Segundo a autora, o termo é “para alguns, uma decolagem de relações sociais ancoradas em perfis naturais, ser homem/ser mulher; para outros, decolagens de relações naturais, realizando-se por culturas e poderes mais além do sexo de referência” (p. 81) e por possuir caráter interdisciplinar, os estudos de gênero instauram diálogos entre um movimento social — o feminismo — e a academia (CASTRO, 1992).

Neste sentido, a adoção do conceito de gênero como ferramenta teórica e metodológica privilegia todas as formas de construção social, cultural e linguística que diferenciam homens e mulheres, além de permitir evidenciar “a pluralidade e a conflitualidade presentes na cultura e nos processos que nos constituem como sujeitos” e dizer que “as masculinidades e as feminilidades não correspondem necessariamente a corpos designados por sua anatomia” (DAL’IGNA; KLEIN; MEYER, 2016, p. 480).

Na academia, segundo Cecília Sardenberg (2002), o gênero possibilitou não só a abertura de novas fronteiras para reflexões e análises, mas também a solidificação das bases para a construção de uma epistemologia feminista, uma vez que a crítica feminista historiciza a ciência, pois se volta para a análise das formas como as categorias de gênero influenciam os conceitos de conhecimento, sujeito cognoscente e das práticas de investigações científicas. Neste sentido,

[...] tem-se no conceito de gênero um instrumento de análise do impacto das ideologias na estruturação não apenas do mundo social, mas também do intelectual, na medida em que gênero é também um elemento central na constituição do “self”, bem como um princípio classificatório de organização do universo (SARDENBERG, 2002, p. 94).

As epistemologias feministas possuem como base os diversos feminismos existentes<sup>12</sup> e, de modo geral, discutem como a ciência reproduz desigualdades que

---

<sup>12</sup> Carlos de Almeida (2021) destaca que existem diversas manifestações do feminismo e cada perspectiva está ligada a um ponto de vista ou a uma pauta de luta específica, sendo esta multiplicidade

podem ser observadas em outras esferas da vida. A perspectiva feminista do conhecimento considera que a teoria tradicional não permite conhecer a totalidade da realidade humana, pois oculta o ponto de vista e os fazeres de metade da população, uma vez que seus conceitos e suas perspectivas tornam invisíveis expressiva parte das pessoas, além do modelo de ser humano é centrado nos homens, brancos e heterossexuais (ALMEIDA, 2021).

Muitas vezes, no entanto, as análises tanto do movimento feminista quanto da academia se davam a partir também de determinados grupos dominantes, que muitas vezes utilizavam-se de discursos universalistas para tratar a questão das desigualdades entre homens e mulheres e outros marcadores de desigualdade, como classe, raça, etnia, sexualidade, aparência física, dentre outros, não entravam nas discussões. Tais marcadores trabalham em conjunto às relações desiguais de gênero, criando abismos e desigualdades não só entre homens e mulheres designados de um modo geral, mas entre homens e mulheres pretas, entre mulheres brancas e mulheres pretas, entre homens pretos e mulheres pretas, por exemplo. Carla Akotirene (2020) critica a ciência moderna, que tomada de androcentrismo “imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como macho castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos caracterizados de não humanos, macacos engaiolados pelo racismo epistêmico” (p. 36-37) e ressalta que a interseccionalidade permite às críticas feministas compreender “a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (p. 37-38).

Djamila Ribeiro (2019) destaca que, durante muito tempo, no fazer científico e nas análises feministas, as mulheres pretas foram esquecidas ou relegadas a espaços menores, onde muitas das reivindicações do movimento feminista não as contemplavam, e somente eram levadas em conta as urgências e preocupações das mulheres brancas de classe média. Utilizando-se dos argumentos da pensadora Grada Kilomba (2012)<sup>13</sup>, a autora destaca que as mulheres negras não são enxergadas enquanto categoria de análise, uma vez que

---

também encontrada na crítica à ciência. Como exemplos, pode-se citar o feminismo sufragista, o feminismo negro, o ecofeminismo, o feminismo socialista, o ciberfeminismo, o feminismo homossexual, feminismo decolonial, dentre outros.

<sup>13</sup> KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Munster: Unrast Verlag, 2012.

[...] mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supracitada branca, uma espécie de carência dupla, a antítese de branquitude e masculinidade. Por esse ponto de vista, percebe o *status* das mulheres brancas como oscilantes, pois são mulheres, mas são brancas; do mesmo modo, faz a mesma análise em relação aos homens negros, pois esses são negros, mas homens. Mulheres negras, nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens, e exerceriam a função de **Outro do Outro** (RIBEIRO, 2019, p. 38, grifo da autora).

É da reivindicação e das críticas de movimentos como o movimento negro e o movimento *queer* que os estudos de gênero passaram com o tempo, a incorporar novas visões acerca de como as relações de gênero atuam na formação das pessoas, aumentando seus objetos de estudos e passando a compreender a multiplicidade de situações em que as pessoas se encontram, saindo de um discurso universalizante sobre o que é ser mulher e/ou ser homem e focalizando mais nos sujeitos, em suas múltiplas expressões. Além disso, os estudos também voltaram seus olhares para a diversidade de orientações sexuais; para a construção das identidades de gênero; na busca pela compreensão acerca de como as relações desiguais de gênero, o machismo e o patriarcado atuam na construção das identidades, na vida de gays, lésbicas, travestis, transexuais, etc.; para as evoluções e mudanças em torno das masculinidades e feminilidades, nas redefinições do que é ser homem e ser mulher, dentre outros diversos assuntos.

Ora, se o gênero se insere nas relações de poder e se corporifica em homens e mulheres, apoiando-se em discursos para agir, ele também irá moldar estes corpos e se constituir como elemento do modo de ser dos sujeitos. Ao influenciar em gestos, condutas, comportamentos e posturas, as relações de gênero instituem dentro das relações sociais, modos de ser homem e ser mulher, que muitas vezes encobrem as diversas formas dos sujeitos expressarem suas identidades e seus modos de ser na sociedade. Desta forma, certos comportamentos são por muitas vezes esperados de homens e mulheres e acabam por acentuar certas desigualdades e a definir as identidades pessoais e coletivas das pessoas.

### **3.1 Uma reflexão acerca da(s) identidade(s)**

A identidade pode ser entendida, de forma geral, como elemento constitutivo do ser e que dá sentido e confere sentimento de identificação do homem com seus

pares. Nos últimos tempos, segundo Stuart Hall (2011), alguns teóricos vêm defendendo que há um colapso das identidades modernas, onde ocorre uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, abalando a noção de sujeitos integrados e modificando a visão que os sujeitos têm de si e do mundo social. Para Hall, há três concepções de identidade identificáveis ao longo da história: o sujeito do iluminismo, que concebe o indivíduo como totalmente centrado, unificado, dotado de uma razão, de consciência de ação; o sujeito sociológico, onde se concebia que o núcleo interior do sujeito era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para ele os valores, sentidos, símbolos do mundo que ele/ela habitava e a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós moderno, que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Refletindo acerca do acesso à informação e a construção da identidade cultural, Isa Freire (2006) destaca que, sob um olhar sociológico, as identidades dos indivíduos se formam a partir da relação destes com outros indivíduos, na troca de valores, sentidos e cultura dos mundos que estes indivíduos habitam, preenchendo o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público, diferenciando-se da visão iluminista, onde “o indivíduo era dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, sendo o centro essencial do ‘eu’, a identidade de uma pessoa” (p. 58).

O sujeito pós-moderno tem a identidade como algo que é formado e transformado continuamente em relação “às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13). A identidade para Stuart Hall (2011, p. 13):

[...] é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Manuel Castells (2007, p. 3) entende a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Um indivíduo, para o autor, pode ter identidades múltiplas, mas esta pluralidade torna-se fonte de tensões tanto na representação social, quanto na



autorrepresentação, uma vez que é necessário distinguir entre identidades e papéis sociais, estes

[...] definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações. (CASTELLS, 2007, p. 3).

As identidades, para o autor, são fontes mais importantes de significados que os papéis, por conta dos processos de autoconstrução e individualização e são construídas no processo individual e em interação entre os sujeitos. Neste sentido, as identidades são construídas com contato do indivíduo com o mundo e no interior de práticas de discurso, em contextos de relações de poder, sendo influenciadas por estas e pelas mudanças que ocorrem nelas (CASTELLS, 2007).

Nesta pesquisa, Renato trouxe esta ideia, da multiplicidade de papéis que exerce e que o faz se reconhecer como pessoa. Ao ser perguntado o que entendia por identidade, ele respondeu que

*RENATO (36 anos): (...) eu acho que são os papéis que eu exerço no mundo... eu acho que são os papéis que eu exerço no mundo... se eu pensasse identidade assim... então eu sou um adulto negro... então a identidade negra... eu sou gay então eu tenho a identidade gay... eu sou latino-americano então tenho a identidade latino-americana... eu sou brasileiro então eu tenho identidade brasileira... então são os papéis que eu exerço no mundo né? e como esses papéis são atrelados a certas disposições tanto no campo social e tanto no campo psicológico sabe? que eu vou transitando a partir desses exposições... então eu acho que identidade pra mim é isso...*

Claude Dubar (2005) articula a ideia de identificação com a relação com outrem e considera que o sujeito só pode se conhecer através da visão do outro, uma vez que não há como ter certeza de que a visão que o indivíduo possui de si coincide com a identidade dele assimilada por outra pessoa. Para ele, a identidade é marcada pela dualidade entre dois processos: um relacional, onde a identidade é vista pelo outro, caracterizada como uma identidade social “virtual”; e a outra fruto do processo biográfico, que é como os sujeitos vão se identificar para si próprios, caracterizada como uma identidade social “real”. Na constituição das identidades, “o que está em jogo é exatamente a articulação desses dois processos complexos, mas autônomos: a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto não podemos prescindir dos outros para forjar nossa própria identidade” (DUBAR, 2005, p. 143).

Além disso, a identidade é um processo de identificação contingente, resultado de uma dupla operação linguística: de diferenciação e de generalização. A primeira implica na definição da diferença, no que faz a singularidade de alguém em relação a uma outra coisa ou a outro alguém, “identidade é diferença” (DUBAR, 2006, p. 8). A segunda diz respeito aos pontos em comum existentes a vários elementos diferentes um dos outros, onde “identidade é a pertença comum” (p. 9). Assim, para o autor, não há perspectiva de identidade sem que haja identificação de e pelo outro e as identidades variam historicamente e de acordo com seus contextos.

Para Maria Regina de Oliveira (2013), a identidade é um elemento-chave para que o indivíduo possa se compreender e compreender a sua realidade subjetiva, porque é formada por processos sociais, além de ajudar o indivíduo a se definir e a definir as suas relações tanto na vida pessoal quanto nas organizações. Segundo a autora, “como processo de socialização, a identidade pode ser reconstruída, por iniciativa do próprio indivíduo, ou mobilizada por fatores do grupo social, inclusive pelos grupos de trabalho” (p. 93).

As identidades, para Luis Fernandes (2007), são atravessadas pelas mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas. Por conta disso, podem ser consideradas fragmentadas e as múltiplas formas de ser homem e ser mulher, por exemplo, levam também a múltiplas identidades (FERNANDES, 2007). Neste sentido, as relações de gênero – aliadas a outros marcadores como os de raça e classe, por exemplo – irão atuar nas construções pessoais e coletivas de homens e mulheres, bem como nas concepções sociais acerca dos valores e atributos indicados sobre o que é ser homem e ser mulher, valores estes que podem mudar de acordo com o tempo, o espaço e a cultura, uma vez que

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam o seu significado em função de tendências sociais e projectos culturais enraizados na sua estrutura social, bem como na sua visão de tempo/espaço (CASTELLS, 2007, p. 4)

As identidades, assim, não são unificadas, mas fragmentadas e multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições e produzidas em locais históricos e institucionais específicos, “no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2012, p. 109), dentro do

jogo de poder, sendo produto da marcação das diferenças e das exclusões e não signo de uma identidade idêntica, naturalmente construída, onde tudo é incluído sem costuras, sem diferenciação interna (HALL, 2012).

Claude Dubar (2005) ressalta a importância da socialização na formação do indivíduo desde a infância, na construção do seu eu pessoal. A socialização, segundo o autor, pode ser entendida não somente como uma transmissão de valores, normas e regras, mas como o desenvolvimento de determinada representação do mundo. Ela não é imposta ou já vem pronta, mas é construída pelos indivíduos, emprestando das diversas representações existentes as imagens que ele interpreta e toma para si. Ela é

[...] um processo de identificação, de construção de **identidade**, ou seja, de pertencimento e de relação. Socializar-se é assumir seu pertencimento a grupos (de pertencimento ou de referência), ou seja, assumir pessoalmente suas atitudes, a ponto de elas guiarem amplamente sua conduta sem que a pessoa se dê conta disso (DUBAR, 2005, p. 24, grifo do autor).

Neste sentido, se socializar é assumir seu pertencimento a um grupo, “isto é, assumir suas atitudes, a ponto de elas guiarem sua conduta pessoal e profissional” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 57). A identidade é formada através das relações entre as pessoas que desempenham papéis importantes na vida do indivíduo, como seus pais, professores, amigos etc. (DUBAR, 2005; SPUDEIT; CUNHA, 2016). Carmen, uma das bibliotecárias entrevistadas nesta tese, vê o conceito neste mesmo direcionamento, como um elemento que é formado através de como você é socializado, nos valores que adquire desde a infância e que vão sendo construídos ao longo do tempo

*CARMEN (42 anos): Identidade? essa sim eu acho que é muito formada sabe assim?... de como você se enxerga baseado em como você é criado... nas coisas que você escolhe né?... nos seus valores que vêm desde a infância... eu acho que é uma... diferente do temperamento que eu acho que meio você vem com ele mesmo ... você nasce com ele desse jeitinho...*

Antônio Ciampa (1989) afirma que não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade, uma vez que “as possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social” (p. 72), onde o indivíduo é uma metamorfose, e a “identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto” (p. 74), é instrumento político (CIAMPA,

1989). É neste sentido que, ao ser perguntado sobre como se identificava, Olavo ressalta que os discursos recebidos durante sua formação enquanto pessoa, ligados a questões machistas e misóginas, por exemplo, fizeram com que hoje ele tivesse que se “desconstruir”,

*OLAVO (41 anos): Como eu me identifico?... um cara cheio de dúvidas para começo de conversa... eu me identifico com uma pessoa que tenta melhorar... eu me identifico como... às vezes como... inclusive eu me identifico muito com a sociedade... a gente falou sobre a sociedade... eu me identifico muito com a sociedade então eu tento melhorar do ponto de vista para tirar a identidade que tá arraigada em mim... que a sociedade deixou em mim... muito machista... muito misógina às vezes também... preconceituosa em várias instâncias... então me identificaria como um cara... como uma pessoa que tenta melhorar...*

A identidade é o instrumento que pode ser usado para a criação de uma nova filosofia da libertação, em um projeto de decolonização do conhecimento, segundo Linda Alcoff (2016), conhecimento este que é criado através do silenciamento e desautorização de certas identidades, enquanto fortalece outras – notadamente brancas, heterossexuais e eurocêntricas. O colonialismo possui forte atuação em criar e recriar identidades como meio de administrar e de estabelecer hierarquias entre as pessoas. Para a autora, a identidade pode ser entendida como:

[...] experiências localizadas e posicionadas por meio dos quais tanto indivíduos como coletivos trabalham para construir um sentido em relação às suas experiências e às narrativas históricas [...]. Identidades não são vividas como um conjunto discreto e estável de interesses com determinadas implicações políticas, mas como uma localização na qual a pessoa possui vínculos com eventos e comunidades históricas e a partir das quais se engaja em um processo de construção de sentidos e, portanto, de onde obtém uma janela para o mundo. (ALCOFF, 2016, p. 140).

Assim, as desigualdades criadas nos mais diferentes âmbitos da sociedade e a hierarquização das identidades faz com que não se possa determinar as pessoas como um todo homogêneo, sem diferenças ou nas palavras de Paula Chiés (2010, p. 518), não se possa conceber a análise do contexto das mulheres negras com a das mulheres brancas no Brasil “ou mesmo devemos ponderar as comparações entre a condição discriminatória de um homem negro e de uma mulher negra em nossa sociedade”.

A ideia da criação de uma identidade coletiva única, que identifica e homogeneiza determinadas comunidades, escondendo as diferenças existentes, é

um problema para Stuart Hall (2006, p. 13), uma vez que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Partindo deste entendimento, de que as identidades são múltiplas e não devem ser unificadas, Maria Regina de Oliveira (2013) levanta quatro tipos de identidades em sua tese de doutoramento:

- Identidade pessoal: produto de uma construção psicológica, se refere “à tentativa de explicação da construção do conceito de si, que orienta a ação individual” OLIVEIRA, 2003, p. 96). As identidades pessoais dizem respeito aos aspectos e critérios individuais de cada pessoa e de suas peculiaridades.
- Identidade social: é “a maneira de o indivíduo construir o conceito de si, por estar vinculado a grupos sociais, por meio de interação com diversos grupos sociais. No plano social, as identidades das pessoas configuram-se como a percepção de si mesmas dentro de um ou vários grupos. Nesse sentido, direcionam os movimentos refletindo a ação grupal. Identidades sociais indicam as características da cultura e da sociedade em que o indivíduo se desenvolveu” (OLIVEIRA, 2003, p. 100).
- Identidade organizacional: é a construção do conceito de si atrelado à organização na qual o indivíduo trabalha. “Envolve as diversas formas de relação do indivíduo com o trabalho. São as identidades sociais que se relacionam às noções de identidade e de significado do trabalho” (OLIVEIRA, 2003, p. 104).
- Identidade do trabalho ou identidade profissional: é a identidade que se refere à construção da pessoa pela experiência do mundo do trabalho e pela articulação dos papéis que desenvolvem nas organizações. “Envolve a experiência da estratificação social, das discriminações étnicas e sexuais e as desigualdades de acesso às diferentes carreiras profissionais” (p. 109).

A criação de identidades e os processos de identificação permeiam as diversas relações do sujeito, tanto individualmente, como coletivamente. Neste trabalho, há um foco maior em torno das identidades pessoais e profissionais em interação, na apreensão e na análise de como as relações de gênero atuaram na trajetória da pessoa bibliotecária. Assim, no mundo do trabalho, a identidade constrói nos sujeitos o sentimento de pertencimento a determinada profissão e a partir da identidade

profissional, o sujeito define-se e se reconhece no desenvolvimento das suas atividades laborais. Wedna Galindo (2004), ao refletir sobre a identidade profissional docente, afirma que a identidade profissional se liga ao aspecto do social, onde os sujeitos se identificam uns com os outros através de características comuns, independente de conviverem juntas.

Paula Chiés (2010) parte das definições do sociólogo francês Claude Dubar (2005) e ressalta que a identidade profissional (assim como a pessoal) é construída na relação e na percepção que o sujeito tem de si e na relação com o outro. O sujeito, ao construir sua identidade, recorre muitas vezes às percepções dos outros acerca de si e constrói também seus aspectos identitários através destas percepções. Para a autora, “a identidade profissional aparece sob predicativos associados ao que se espera de determinados profissionais de acordo com a própria identidade de sua área de atuação” (CHIÉS, 2010, p. 522). Esta identidade, no entanto, não deve ser confundida com o papel social de determinada profissão: ela vai muito além e sua construção e manutenção devem ser compreendidas em sentido amplo, considerando os aspectos históricos de desenvolvimento da profissão em questão, “o que em alguns casos como uma profissão inserida em um meio acadêmico e científico gera relações com a história da área, suas transformações perante a ciência e a sociedade” (CHIÉS, 2010, p. 522).

A construção da identidade profissional está relacionada à socialização, constituída quando os saberes, valores, práticas e discursos profissionais modelam a identidade profissional dos indivíduos, onde “a socialização é concebida como uma iniciação na cultura profissional e uma conversão do indivíduo a uma nova concepção de si e do mundo, ou seja, o surgimento de uma nova identidade” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 60). Assim, a identidade profissional dos sujeitos é construída não só na formação profissional, mas também no seu processo de trabalho, no desenvolvimento de suas atividades laborais. O trabalho ocupa local importante na vida das pessoas e “a identidade dos indivíduos carrega as marcas da sua atividade e é caracterizada pela sua atuação profissional” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 60), uma vez que “a dimensão profissional tem uma importância particular porque a profissão condiciona a construção da identidade social” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 63).

A identidade profissional é uma forma de autoidentificação necessária, por mais que seja insuficiente para representar as diferenças de interesses e expectativas individuais. Ela não só define e agrupa os sujeitos, mas também é elemento

importante para identificação das necessidades deste grupo, na reivindicação de direitos e/ou de melhorias profissionais, por exemplo. A “identidade coletiva deve ser concebida como algo inevitável, pois a organização social engloba o indivíduo, e torna-se um meio de protesto contra a discriminação e, ao mesmo tempo, um meio através do qual as identidades individuais são articuladas” (CHIÉS, 2010, p. 524).

Nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, Laura, por exemplo, deixou clara a noção da coletividade, que gira em torno da construção da identidade profissional e do que aglutina as pessoas com a mesma formação, ainda que ela passe por um processo também de criação individual:

*LAURA (37 anos): Ah sim... eh:... aí eu entendo como pertencimento, sabe?... pertencimento eh:: de você de... se sentir dentro de algo... igual enquanto outros sabe?... talvez essa questão da identidade eu ligo a área sim... e não a questão da identidade de você chegar com esse perfil... com esse não... mas de construção... acho que quando você está em uma determinada área... você cria a identidade... a identidade é uma construção coletiva... apesar de ela ser muito individual ela é uma construção coletiva... é de você se perceber enquanto bibliotecário... se perceber enquanto profissional... eu entendo assim... aí eu ligo a área vocação não...*

Em profissões feminizadas, as identidades profissionais identificadas pela sociedade são, na maioria das vezes, marcadas pelo baixo *status*, pela desvalorização profissional frente às profissões “de homens” e, mesmo nestas profissões, há diferenciações de “atividades masculinas e femininas”. Paula Chiés (2010) destaca, por exemplo, o caso da profissão médica, onde, mesmo com a entrada cada vez maior de mulheres nos cursos e na profissão, foram criados guetos profissionais. Assim, os homens atuam nas áreas da Medicina de maior prestígio, enquanto as mulheres vão ser direcionadas para as áreas que possuem ligação com as ideias atribuídas a elas, como a pediatria. Nas palavras da autora

*As profissões tradicionais e que possuem prestígio na sociedade são profissões de origem masculina. Portanto, se pudermos utilizar o termo ‘identidade da profissão ou área’, chegaremos à conclusão que a ‘identidade da Medicina’, a ‘identidade da Engenharia’ etc. são identidades de gênero masculino. Nessas profissões, o gradativo acesso das mulheres ocorreu com a ocupação de especialidades específicas. O que demonstra que a própria conotação presente na palavra ‘especialização’ evidencia que foram necessárias transformações dessas áreas para que houvesse a entrada de mulheres (CHIÉS, 2010, p. 509).*

Cabe destacar a força dos estereótipos na formação das identidades profissionais e na produção de discursos em torno de uma profissão, que irão atuar

sobretudo na forma como esta atividade laboral é enxergada e entendida pela sociedade. Para Maria Tereza Walter (2008), os estereótipos compõem as visões que um determinado grupo tem da sua realidade, da mesma forma que influenciarão comportamentos e atitudes, que podem interferir positiva ou negativamente na visão interna e externa das pessoas que não integram aquela comunidade.

Os preconceitos associados a determinadas profissões são carregados de estereótipos que são, na maioria das vezes, negativos e recaem sob maior efeito nas profissões feminilizadas. As imagens ligadas e associadas a essas profissões advêm das expectativas acerca do que se espera de uma mulher na sociedade, a como ela deve se comportar e quais escolhas deve fazer, além da noção de força de trabalho secundária, onde a inserção da mulher no mundo do trabalho é um aspecto secundário de seu projeto de vida, da formação de sua identidade (ABRAMO, 2007; CHIÉS, 2010).

Daniela Spudeit e Miriam Cunha (2016) destacam a importância de se estudar e compreender a identidade profissional e ressaltam que, para tal, é necessário refletir sobre o surgimento de um grupo profissional, sobre “as relações entre seus membros, com o meio em que vivem, sua prática e seu modo de pensar e trabalhar”, uma vez que “construir a própria identidade é um desafio constante de busca por um equilíbrio entre aquilo que o indivíduo é e o que os outros esperam dele.” (SPUDEIT; CUNHA, 2016, p. 63).

Neste sentido, o gênero e os aspectos generificados que atuarão na construção das identidades individuais terão impactos também no mundo do trabalho, nas escolhas profissionais das pessoas, nas expectativas criadas em torno do comportamento que elas devem ter e no imaginário social de determinada profissão, tanto no momento atual quanto na constituição histórica da profissão. Não há como se furtar de analisar a trajetória das pessoas formadas em Biblioteconomia sem identificar aspectos generificados em suas vidas. Assim, é necessário debruçar-se sobre como o gênero e as relações de gênero atuam na constituição das identidades e do mundo do trabalho.



### 3.2 O gênero na constituição das identidades: as masculinidades e feminilidades

Quanto ao aspecto do gênero, a construção das identidades das pessoas e o processo de se reconhecerem enquanto homens, mulheres e/ou não se identificarem com nenhum gênero imposto, passa pela difusão de discursos e pelas relações de poder difundidas e presentes em instituições, relações familiares e pessoais e que atuam na produção de gestos, atitudes e percepções das pessoas ao longo da vida, nas construções das masculinidades e feminilidades, nas práticas sociais e nos espaços que ocupam.

Torna-se importante, aqui, fazer algumas definições e uma distinção entre identidade de gênero e orientação sexual. A primeira se caracteriza por ser como as pessoas se identificam, independente do gênero ao qual lhes foi atribuído no nascimento, recusando qualquer tipo de associação de conformidade entre o sexo biológico e o gênero, construído social e culturalmente, conforme explicitado anteriormente. Jaqueline de Jesus (2012, p. 8) reafirma que o gênero vai além do sexo e que “O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”. Em termos de identidades de gênero, as pessoas podem ser consideradas, de um modo geral em:

- Cisgêneros: quando há identificação das pessoas com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento;
- transgêneros<sup>14</sup>: quando o gênero com o qual a pessoa se identifica é diferente do que foi atribuído a ela no nascimento;
- não-binária<sup>15</sup>: que se trata de alguém que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento e nem com o outro gênero, não se vendo e não se identificando com nenhuma das características comumente associadas a homens e mulheres.

---

<sup>14</sup> Dentre as pessoas transgênero, se incluem as travestis e transexuais. Cabe destacar que este grupo é um dos que, devido ao machismo e sexismo presentes na sociedade, mais sofrem violências, discriminações e exclusões, tendo que lutar muito para terem seus direitos garantidos, inclusive o direito à vida. (JESUS, 2012; PEDRA, 2020).

<sup>15</sup> Utilizou-se aqui a terminação “e” para se referir às pessoas não-binárias, comumente utilizada para demarcar neutralidade na língua e não às associar ao gênero feminino e/ou masculino.

Tais considerações acerca da identidade de gênero e dos termos ligadas a ela muitas vezes não são conhecidas ou assimiladas pelas pessoas, sobretudo quanto ao termo cisgeneridade. Muitas vezes, por não precisarem se assumir enquanto cisgêneros – uma vez que a expressão de gênero<sup>16</sup> que elas possuem já as fazem ser lidas como homens ou mulheres – as pessoas não sabem da existência dos termos ou não possuem clareza quanto às suas definições. Ellen, ao ser questionada como se identificava, solicitou explicações:

*ELLEN (35 anos): É... o cis eu não sei o que que é de não consegui entender o que...*

O mesmo aconteceu com Raquel:

*RAQUEL (41 anos): O que que é a mulher cis?*

Após uma breve explicação dos conceitos para as entrevistadas, elas compreenderam e se identificaram dentre as opções listadas

*ELLEN (35 anos): Ah tá não... então era o único que eu tinha dúvida mesmo... se é isso mesmo que eu estou entendendo... então é isso mesmo... mulher cis...*

A identidade de gênero é, muitas vezes, confundida com a orientação sexual, mas ambas são dimensões diferentes e não devem ser confundidas. A orientação sexual é resultado de uma classificação societária e diz respeito ao interesse sexual, romântico e afetivo que uma pessoa direciona a um ou mais gêneros (PEDRA; JORGE, 2022), podendo as pessoas se identificarem, de um modo geral, como:

- heterossexuais: quando há atração pelo gênero oposto ao da pessoa;
- homossexuais: quando a atração afetiva e sexual se dá por pessoas de mesmo gênero;
- bissexuais: se sentem atraídos por pessoas de ambos os gêneros (masculino e feminino, dentro de um contexto binário de gênero);

---

<sup>16</sup> Caio Pedra e Enrico Jorge (2022) partem das definições dadas por Jaqueline de Jesus (2012) e conceituam a expressão de gênero como a forma como cada pessoa se apresenta para o mundo, “uma construção resultante da combinação de vários aspectos, passando pela aparência – roupas, corte de cabelo e porte físico – pelo comportamento – as formas como usa a voz e a linguagem não-verbal – e por outros fatores que passam pela construção do sujeito em sociedade, como seu próprio nome por exemplo” (PEDRA; JORGE, p. 441) e que situa a pessoa dentro dos espectros que a sociedade associa ao gênero feminino e masculino.

- pansexuais: se atraem por pessoas de qualquer gênero (considerando a existência de múltiplos gêneros);
- assexuais: pessoas que não possuem necessariamente atração sexual por outras pessoas, não querendo dizer que não pratiquem sexo e/ou que não tenham relações românticas com outras pessoas, mas que seu interesse não está ligado necessariamente ao sexo.

Neste sentido, Jaqueline de Jesus (2012, p. 13) reforça que

Gênero é diferente de Orientação Sexual, podem se comunicar, mas um aspecto não necessariamente depende ou decorre do outro. Pessoas transgênero são como as cisgênero, podem ter qualquer orientação sexual: nem todo homem e mulher é “naturalmente” cisgênero e/ou heterossexual.

A falta de clareza desta distinção provocou em Dóris uma confusão entre identidade de gênero e orientação sexual, o que demonstra também baixo conhecimento dos termos e das definições relacionadas ao tema. Quando perguntada qual era a sua identidade de gênero, ela respondeu que:

*DÓRIS (37 anos): Eu sempre olho o conceito... mas eu sempre esqueço... mas eu acho que eu sou cisgênero né? é o correspondente ao heterossexual não é isso?*

Cabe destacar que a maior discussão desses termos na sociedade levou Branca, por exemplo, a dar uma resposta relacionada a identidade de gênero, mesmo quando perguntada somente o que compreendia sobre o termo “identidade”.

*BRANCA (37 anos): Identidade... ah... eu vejo hoje assim muito essa questão do gênero né?... que pode ser uma identidade sexual dos indivíduos né?... que você a partir dali você vai definir a sexualidade do indivíduo... então vejo muito nessa questão... você... a identidade que você se define que você cria.... que você... que você se define... porque na biblioteca nós temos questão de gênero de usuários né? que teve que mudar... que mudou toda a questão social... o nome social... então a gente trabalha muito essa questão de você atender bem essa... esse usuário... a usuária ou o usuário que vai a biblioteca... então essa identidade sexual que mesmo assim eu vejo que você se define... a pessoa é hoje aí ela define que amanhã ela já é de um gênero masculino é do gênero feminino... se ela vai ser homem... homem ou se ela vai ser mulher... e também eu vejo também a identidade como aquilo que a sociedade te impõe... quer que você seja e não aquilo que você como pessoa se coloca você se define na sua identidade... Então eu vejo muito nessa questão assim de você definir mesmo que se fosse sexualmente mas é aquele que você define... ahn... É porque assim... como na biblioteca nós temos essa*

*questão do gênero e nós temos usuários que mudaram de nome... que mudou de nome que hoje era do sexo masculino e hoje é do sexo feminino e nós tivemos trabalhar muito essa questão dentro da biblioteca para você chegar e conversar porque é difícil né?... A questão de você olhar... nossa usar o "o" e aí você passar a usar sempre o sexo feminino e aquilo a pessoa que está ali na frente te abre seu coração... e vê se você tratar diferente vai doer lá dentro... e aí então assim... aí eu fico olhando assim o que que a sociedade define das pessoas porque a sociedade coloca que ela tem que ser aquilo... porque muito... muito... muito do que eu vi... a sociedade colocando... te impondo e não que a pessoa quer se ela é feminina ou masculina... como que ela vai se identificar...*

É relevante a preocupação da entrevistada em relacionar as questões relativas à identidade de gênero na biblioteca e no atendimento ao público por ela e por suas/seus colegas de trabalho, uma vez que o tratamento dado a pessoas trans com o nome social é uma das questões mais relevantes na vivência destas pessoas e tratá-las via nome de registro é uma das violências a que as pessoas trans são submetidas em nossa sociedade (PEDRA, 2020).

Todas as pessoas que foram entrevistadas nesta pesquisa se identificam como cisgênero. Quanto à orientação sexual, somente Renato se declarou como homossexual, tendo as demais pessoas entrevistadas se autodeclarado como heterossexuais. Importante ressaltar que a emergência dos estudos feministas e *queer*, sobretudo após a década de 1980, fez com que a noção binária de gênero fosse enfraquecida e, dentro da academia e nos movimentos sociais, admite-se uma multiplicidade de gêneros e a não-identificação dos sujeitos a nenhum dos gêneros pré-estabelecidos (homem ou mulher). Neste trabalho, será adotada a noção binária de homem e mulher dentro das relações sociais, por compreender que grande parte da história, das relações sociais construídas e das representações associadas às profissões e aos sujeitos se estabeleceram (e ainda se estabelecem) dentro da estrutura binária entre os gêneros masculino e feminino.

Stuart Hall (2011) destaca a importância do feminismo tanto como crítica teórica quanto como movimento social dentro das Ciências Humanas no questionamento das identidades e no descentramento do sujeito. Segundo o autor, ao questionar a distinção entre o privado e o público e aos papéis destinados a mulheres e homens, o feminismo abriu espaço para a contestação política de arenas novas da vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças. O movimento também compreendeu o gênero como uma questão política e social, politizando as subjetividades, as identidades e os processos de identificação das pessoas como

homens e mulheres, mães e pais, filhos e filhas. O feminismo, para o autor, se iniciou como algo que buscava contestar a posição das mulheres na sociedade, mas se expandiu e passou a incluir e questionar a formação das identidades sexuais e de gênero, colocando em xeque a noção de que mulheres e homens “eram parte da mesma identidade, a ‘humanidade’, substituindo-a pela **questão da diferença sexual**” (HALL, 2011, p. 46, grifo do autor).

Desta forma, a evolução do pensamento feminista fez com que se pudesse compreender que a construção das identidades de gênero passa por diversos fatores e é construída por inúmeros mecanismos cognoscitivos e por processos de contextos sociais, “refletindo as crenças existentes numa determinada sociedade, relacionando tanto as características e papéis manifestados por homens e mulheres quanto uma autoimagem que direciona os comportamentos, atitudes e as características esperadas pela sociedade” (FORMIGA; CARMINO, 2001. p. 42). Ainda que haja múltiplas formas de ser mulher e homem, os indivíduos ainda estão inseridos em uma sociedade onde a lógica de poder prevalece, onde o discurso produzido por esse poder invade seus corpos e os induz, produz coisas e forma saberes (FERNANDES, 2007). A sociedade cria, assim, algumas expectativas sobre o que é ser mulher e o que é ser homem, ditando comportamentos e atitudes de ambos os gêneros e criando expectativas para estes comportamentos. Guacira Louro (2014) destaca que o gênero faz parte do sujeito, o constituindo, e as identidades sexuais e de gênero são objetos construídos, não sendo dadas ou acabadas em determinado momento, sendo instáveis e passíveis de transformações.

Os conceitos de masculinidade e feminilidade vêm ao encontro dessas expectativas sociais criadas em torno de homens e mulheres. Ser mulher e ser homem incluem não só atributos físicos, mas também modos de atuar e se apresentar diante da sociedade ou, segundo Mónica Bermúdez (2013), implicam também aspectos de interação social e construções ideológicas socialmente legitimadas.

Apesar de ser controverso nos estudos feministas, o conceito de feminilidade é bastante naturalizado e é construído no imaginário cultural e midiático (BERALDO, 2014). As expectativas acerca do comportamento feminino são criadas em torno de uma idealização da “mulher perfeita” e são criadas por uma sociedade cisheteropatriarcal em que a masculinidade é a referência e o critério para a criação da feminilidade. Simone de Beauvoir (2009) já evidenciava tal noção, ao afirmar que a mulher é vista como o Outro, sempre em relação ao homem, este considerado o

Sujeito, o Absoluto. Para a autora, “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” (BEAUVOIR, 2009, p. 16).

É na construção e na ação de uns sobre os outros que as relações de poder são exercidas, não por meio necessariamente da violência (embora esta possa ser uma das manifestações do exercício do poder), mas através das ações sobre outras ações, da condução de condutas que se espraiam pela rede social (FOUCAULT, 1995). Assim, podemos considerar que a construção da feminilidade é uma das formas das relações de poder e da ação de indivíduos sobre outros, onde se é gerada nas mulheres uma expectativa advinda dos homens, uma vez que o poder “incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, toma mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir.” (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Ser dócil, bem-educada, obediente ao seu marido ou pai, boa mãe, são alguns dos atributos que se esperam do comportamento feminino na sociedade, comportamento este ligado sempre ao âmbito privado, às noções que devem ser desenvolvidas dentro de casa (de boa esposa e mãe). Tais expectativas são alimentadas e reproduzidas desde a tenra infância, onde certos comportamentos colaboram para definir os papéis diferenciados entre os sexos, permitindo ou proibindo determinadas condutas. Assim, ao serem ensinadas a se sentar de pernas juntas, a brincarem de bonecas em vez de carrinhos, ao terem suas orelhas furadas desde bebês, as meninas são ensinadas, já dentro de suas próprias casas, a se comportarem como as mulheres que a sociedade espera que elas sejam.

Beatriz Beraldo (2014) destaca que a questão da feminilidade vai aparecer após a modernidade, sobretudo com a ligação entre o ser mulher e a construção da imagem da mulher ideal, feita pela sociedade. Para Silvia Nunes (2003), a preocupação com o corpo feminino foi uma estratégia fundamental para a constituição de um modelo familiar burguês, onde a mulher – alçada ao posto de mãe e responsável pela boa criação da descendência – se tornou peça-chave na estratégia de produção e reprodução da família.

As brincadeiras são importantes modos de socialização e difusão das expectativas acerca do que se espera de comportamentos na sociedade. Desde a infância, meninas e meninos são divididas/os, algumas brincadeiras são “permitidas”

a um gênero e não a outro e certos discursos em torno das feminilidades e masculinidades já são transmitidos. O ambiente familiar, neste sentido, atua como um dos primeiros locais transmissores das relações de poder e de acomodação do corpo a certos padrões. Para Angélica Müller (2013), a família tem ocupado posição maior no que diz respeito à aprendizagem de valores e papéis que cada sexo deve desempenhar. Para a autora

Desde o berço, os pais esperam uma coisa das meninas e outra dos meninos, o que é traduzido em condutas diferenciadas. A criança, quando aprende as primeiras lições, passa a incorporar definições pré-estabelecidas tradicionalmente: homem não chora, menina não diz palavrão, menino não brinca com boneca e sim de carrinho, menina não trepa em árvore como os meninos, mulheres são frágeis e doces, homens são fortes e duros. (MÜLLER, 2013, p. 302).

Na vida de quem foi entrevistada/o nesta pesquisa, não foi diferente. Felipe deixa claro que, quando era criança, havia a divisão entre as brincadeiras de “menino” e de “menina”:

*FELIPE (44 anos): Ah tinha... menino brincava de carrinho de rolimã né?... de esconde-esconde na rua... futebol né... e as meninas tinham as brincadeiras delas assim... era bem apartado mesmo... assim....*

Em estudo em uma comunidade no interior da Bahia, Jucélia Ribeiro (2006) constatou que a preocupação dos adultos com a sexualidade das crianças se inicia por volta dos sete anos de idade. Assim, após esta idade passa a haver uma separação das crianças por sexo, sendo as meninas alertadas sobre o perigo de manterem relação com os meninos e incentivadas a copiarem o comportamento das mães, onde “as meninas aprendem e reproduzem entre si que menina não anda, nem brinca com menino, pois são dois modos de ser incompatíveis na convivência cotidiana, ainda que muitas não concretizem essa idealização dos adultos” (p. 154).

Esta separação foi percebida por Marco Aurélio, quando ele afirma que a integração entre meninos e meninas nas brincadeiras não era muito bem-vista pelos adultos:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] tinha uma divisão social bem demarcada é dessas brincadeiras de... de meninos e meninas... e eu e até lembro né? que quando havia uma integração entre meninos e meninas não era uma coisa muito... muito bem-vista não... é por outras questões né?... mas era... era bem demarcado sim essas brincadeiras de ambos os grupos...*

As outras questões citadas por Marco Aurélio, mas não explicitadas, podem se referir ao receio de pais e mães de que, ao brincarem com meninas, os garotos se “desvirtuassem” ou que fossem confundidos com homossexuais, como se a orientação sexual das pessoas fosse construída por conta destas questões. Quando tal situação acontece com as meninas – brincarem de “brincadeiras de meninos” – há o medo de que elas fiquem mal faladas, como constatado também por Jucélia Ribeiro (2006) na pesquisa com as crianças da Bahia, onde a sexualidade das meninas era mais controlada que a dos meninos:

[...] para as meninas que entram ou aceitam as brincadeiras dos meninos, a desqualificação de sua conduta recai no campo estrito da sexualidade, ou seja, o espaço dos jogos dos garotos não seria legítimo para a sua inserção, muito menos para a disputa pelas garotas. As crianças sempre insinua que a sexualidade é um elemento que pode emergir nos jogos de meninos e aceitar esses tipos de brincadeiras seria indicativo do comportamento da menina: seja “direita” ou “assanhada”. Então, o designativo de “menina osada” estaria associado ao de mulher com a sexualidade não controlada. De outro modo, a construção da feminilidade, nas concepções das meninas, vincula-se diretamente à negação do corpo, de sua sexualidade, ainda que esta dimensão esteja o tempo todo presente nas relações infantis (RIBEIRO, 2006, p. 166).

O medo e a repressão presentes na construção das identidades femininas apareceram na relação de Raquel com seu pai. A entrevistada deixa claro que, por mais que houvesse brincadeiras em que meninos e meninas brincavam juntos, o pai sentia ciúmes/medo quando ela e suas irmãs brincavam junto com os meninos:

*RAQUEL (41 anos): A gente sempre brincou muito na rua né?... então assim... tinha as brincadeiras de grupo que era queimada... rouba-bandeira... meu pai era um pouco bravo, né? ciumento... mas a gente sempre teve as brincadeiras de rua que era tudo misturado todo mundo junto... então a gente tinha essas brincadeiras de grupo... e só quando era as brincadeiras de menina é casinha... boneca... que separava... mas tinha os dois só de meninas e tinha as em grupo né...*

A construção da feminilidade passa também pela observação e imitação de como se dava a vida dentro do lar, de tarefas realizadas pelos/as familiares e na casa de Carmen, as brincadeiras muitas vezes refletiam estas atividades de cuidado da casa:

*CARMEN (42 anos): [...] bom a minha casa é uma casa muito de mulheres assim... então assim acaba que as brincadeiras eram mais de menina... eu não tinha brincadeira de menino muito porque a gente não tinha contato muito com meninos... eu tenho poucos primos*



*também assim homens... então a gente sempre foi essa coisa de brincar de boneca... de pentear cabelo... a gente adorava pentear cabelo e cortar os cabelos das bonecas... de fazer... e minha avó e minha mãe são costureiras também... então esse negócio da roupa... de fazer roupa para boneca sempre foi muito forte lá em casa assim...*

Eram nas brincadeiras coletivas que havia a união entre meninos e meninas durante a infância dela:

*CARMEN (42 anos): [...] e com os meninos da rua a gente não tinha muito isso... a gente brincava tipo assim “ah vamo brincar todo mundo junto” era de esconder... de pique-esconde... sei lá de... daquele negócio... de queimada né? tudo isso... então aí brincava todo mundo junto nos finais de semanas da rua né?... naquela época a gente brincava na rua né? então era fácil assim... então eu não lembro exatamente assim “Ah isso não pode, Carmen porque não é brincadeira de menina” não lembro nenhum episódio assim... pode ser que tenha tido mas eu não lembro...*

A conformação dos corpos exercido pela relação desigual entre os gêneros vai gerar também “padrões” de beleza e comportamento nas mulheres. Através da utilização do discurso da moda, por exemplo, será imposto um tipo de cabelo ideal, de unha ideal, de corpo ideal que deve ser seguido (e perseguido), sendo este um padrão branco e eurocêntrico. Beatriz Beraldo (2014) identifica a roupa como um dos primeiros produtos a denunciar a acomodação do corpo feminino em padrões definidos por uma estética de feminilidade

*[...] que Bourdieu (2003)<sup>17</sup> classifica como a arte “se fazer pequena”, pois desde a moda de classe até a atual moda de consumo, as roupas faziam com que as mulheres fossem forçadas a fazerem gestos curtos e delicados, devido ao desconforto que as vestimentas femininas costumavam (e ainda costumam) causar. (BERALDO, 2014, p. 2).*

Esta cobrança em torno da moda e do cabelo para a manutenção de um padrão feminino deixa profundas marcas na identidade das pessoas e se reconhecer longe de determinadas expectativas pode ser muito doloroso. Quando se trata do corpo das mulheres e dos homens negros/os, estas marcas são ainda mais profundas, uma vez que corpos não foram durante muito tempo considerados símbolos de beleza e não apareciam em mídias, propagandas ou na televisão. Raquel sofreu por isso ao se assumir enquanto mulher negra:

*RAQUEL (41 anos): [...] a minha identidade é diferente das minhas irmãs... então elas queriam me moldar na delas né? a sociedade quer*

<sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 158 p.

*te moldar ali naquele que você quer ser branca magra... aí quando eu tive esse conflito assim né? de entender mesmo e reconhecer que o meu estilo de roupa... de comportar... de falar... de buscar e eu precisava mostrar até mais serviço do que os outros por causa disso... que eu fui entendendo isso e eu falei assim... e eu espero chegar nesse dia da transição capilar que eu falei que esse é o último ponto... a barreira a ser vencida... porque eu acho que a cobrança de eu ter o cabelo liso... de eu fazer uma escova é muito grande... no serviço... das irmãs... mas eu falei... eu quero chegar a esse ponto e falar assim "eu não quero mais fazer escova, eu quero chegar lá pra dar aula, pra trabalhar com o cabelo ouriçado"...*

Cabe destacar que o discurso propagado pela mídia e pelos meios de comunicação contribuem para a desvalorização das identidades negras, favorecendo a criação de uma imagem branca e eurocêntrica como a imagem ideal de pessoa. Franciéle da Silva, Daniele Pizarro e Gustavo Saldanha (2017, p. 11), baseadas nas ideias de Liv Sovik (2004)<sup>18</sup>, ressaltam que:

Em novelas ou filmes, por exemplo, os sujeitos brancos possuem papéis de destaque enquanto personagens centrais da trama, dotados de beleza e inteligência e com cargos de alto poder aquisitivo. No entanto, os personagens não brancos como os negros, são representados em papéis de subalternidade, estereotipados e como seres inferiores ou objetificados.

Assim como a sociedade busca criar um tipo de mulher ideal, ela também o faz com os homens<sup>19</sup>. A forja de uma masculinidade ideal cria nos meninos certas expectativas do que é ser homem e de quais atitudes eles devem ter cotidianamente. Luis Bonino (2003) define a masculinidade como "uma categoria social, uma organização mais ou menos coerente de significados e normas que sintetiza uma série de discursos sociais que pretendem definir o termo masculino do gênero" (p. 9; tradução nossa) e que designa o que é e o que não é ser homem.

Dotado de virilidade, de força física, sem poder demonstrar seus sentimentos ou suas fraquezas, os homens são cobrados socialmente para que sejam os protetores e guardiões da mulher, da família, da sociedade. Jucélia Ribeiro (2006, p. 154) mostra que, na infância, os meninos são estimulados a terem comportamentos que se afastem dos considerados femininos, para que não sejam considerados

<sup>18</sup> SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca no Brasil. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade:** identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

<sup>19</sup> Cabe destacar que não se está, aqui, afirmando que o peso das relações de gênero e das expectativas geradas em torno de homens e mulheres seja o mesmo, uma vez que, historicamente, as mulheres sofrem mais com a desigualdade entre os sexos. Afirma-se, tão somente, que ambos são afetados pelos discursos generificados.

“viados”, sendo a masculinidade “relacionada ao controle das emoções como não chorar, não receber afetos, não se deixar dominar pelas meninas”. Na vida cotidiana, segundo a autora, o espaço da rua era dos meninos e o de casa, das meninas. Assim, eles eram incentivados, naquela pequena comunidade, a saírem de casa, levar recados, fazer pequenas compras no mercado, por exemplo, enquanto as meninas ficavam mais tempo no lar, auxiliando no trabalho doméstico.

O futebol, as brincadeiras com os pés ou que movimentem o corpo para além das brincadeiras realizadas de forma sentada e que saem do espaço doméstico são comumente associados aos meninos e os incentivam a serem dotados de vigor físico e a competirem entre si, por exemplo. Desde cedo, a masculinidade se insere também nos corpos masculinos, fazendo com o que os homens as vivenciem nas tensões musculares, nas posturas, nas habilidades físicas, nas formas de se movimentarem etc (CONNELL, 1995).

Na infância de Olavo, ainda que as meninas pudessem interagir em determinadas brincadeiras coletivas, a proibição da participação feminina ainda se mantinha no futebol, este um espaço apenas deles:

*OLAVO (41 anos): [...] mas ainda se tinha certa divisão entre meninos e meninas as brincadeiras que a gente fazia... por exemplo no futebol a gente jogava só com meninos... as meninas mesmo querendo só jogávamos nós...*

Raquel conta que, em determinado momento da sua infância, as meninas da sua rua começaram a andar de patins e os meninos logo quiseram também brincar. Elas permitiram que houvesse uma integração na brincadeira, mas os garotos – já tomados por discursos que determinam e separam o que é “de homem” e o que é “de mulher” – fizeram questão de demonstrar que os patins deles não seriam iguais aos delas:

*RAQUEL (41 anos): [...] quando eles viram que assim começou com as meninas né?... todas com patins e eles ficaram assim “por que que a gente não pode também?”... naquela época a gente não tinha esses conceitos ainda mas a gente sabia que tinha uma diferença.... sim mas eles conseguiram também os patins, né?... adaptados pra eles né? não era só rosa... não era laranja neon que nem eram os nossos... e entraram na turma também...*

Na fala de Raquel, pode-se perceber alguns demarcadores de gênero como as cores associadas a homens e mulheres, também transmitidas desde crianças às

peças. A aversão dos garotos aos patins rosa demonstra que eles não queriam, ao utilizar uma cor “de menina”, serem associados a nenhum aspecto de feminilidade. A construção das imagens em torno das identidades de gênero e das orientações sexuais também são construídas discursivamente e atravessadas por relações de poder. A valorização da heterossexualidade em detrimento da homossexualidade, por exemplo, e todos os preconceitos e discriminações que advém desta relação desigual, colocam desde cedo meninas e meninos dentro de padrões comportamentais que possuem a heterossexualidade como norma e uma série de discursos são criados em torno disso. Ao se buscar associar cores a meninos e a meninas, busca-se frear a espontaneidade das crianças e colocar sobre elas expectativas e imputar discursos sobre seus corpos que claramente se ligam a noções da heteronormatividade.

A espontaneidade das crianças, que veem muitas vezes as coisas somente como brincadeiras, pode ser exemplificada nas falas de Laura e Beatriz, que afirmavam que, apesar da divisão, se sentiam mais atraídas pelas “brincadeiras dos meninos”:

*LAURA (37 anos): Eu sempre fui a que gostava de jogar futebol... a que gostava de jogar rouba-bandeira... a que gostava de jogar queimada... então eu tava lá no meio dos meninos...*

*BEATRIZ (66 anos): Olha... pra mim... quer dizer... não tinha muito porque eu fui durante praticamente três anos... filha única... prima mais velha... neta mais velha... então por exemplo eu brincava muito com o menino... vizinho... com amiguinho... mas é lógico menino quer dizer... jogava mais futebol né? eu era ótima... eu brincava com eles todos... subia nas árvores mas eu empacava lá em cima e não descia... ((riu))*

Ou na fala de Renato, que realizava muito mais brincadeiras com suas primas e consideradas “de meninas” do que se era esperado. Segundo ele, não havia uma cobrança explícita da sua família a respeito do papel e gênero que ele deveria desempenhar, mas de forma velada, sobretudo nas questões relacionadas ao brincar, já que, segundo ele, brincou até os dezoito anos:

*RENATO (36 anos): [...] eu sempre fui um homem de brincadeira de meninas né? eu sempre gostei de brincar de elástico... de boneca... de professora... eu sempre tive esse contato mais com brincadeiras de mulheres né? de meninas né? então eram as brincadeiras que eu mais tinha contato... mas eu não sei se na minha época tinha essa separação... tinha... tinha sim... mas eu sempre fui um homem de brincadeira de meninas assim... porque eu dava mais certo com as minhas primas...*

*PESQUISADOR: E havia algum tipo de cobrança sobre isso de você brincar mais com as meninas?*

*RENATO: Não... a cobrança aqui em casa sempre foi uma cobrança velada... mas nunca foi direta... sempre foi velada eh:: minha família é uma família de situações veladas...*

*PESQUISADOR: Então não tinha uma fala explícita mas tinha nas entrelinhas aquela coisa de que você só brincava com menina.*

*RENATO: É... isso... e brincar né? porque eu fui... eu fui um adolescente brincante assim... eu brinquei até os dezoito....*

Outro exemplo claro das expectativas comportamentais criadas em torno das crianças vem de certos discursos difundidos por grupos religiosos conservadores e de extrema-direita – o “meninos vestem azul e meninas vestem rosa” da ministra Damares Alves é um exemplo claro<sup>20</sup> – que vêm buscando associar cada vez mais meninas e meninos a certos comportamentos considerados como tradicionais. Ancorados na falácia da ideologia de gênero<sup>21</sup>, os grupos conservadores e de extrema-direita têm tentado associar a diversidade de brincadeiras – onde as crianças podem brincar do que quiserem – à quebra de padrões de gênero e a degeneração da família ou da sociedade, lançando a “culpa” notadamente para grupos LGBTQIAP+. Ora, se as relações de gênero são mutáveis e fruto de relações históricas e culturais, os discursos associados a elas também mudam e a quebra de padrões de brincadeiras associadas a um gênero ou a outro, a liberdade para que as crianças sejam a cada dia mais livres para serem o que quiserem, também são fruto da compreensão da diversidade e da não naturalização de certos comportamentos.

Tais padrões heteronormativos de comportamento são direcionados ostensivamente aos meninos, e variam conforme as culturas e gerações. Os conflitos na comunidade estudada por Jucélia Ribeiro (2006) giravam muitas vezes em torno das novas configurações de gênero e de comportamentos dos meninos. Segundo a

<sup>20</sup> A ministra do governo de Jair Messias Bolsonaro, tão logo assumiu a pasta do Ministério da Família e Direitos Humanos, afirmou em vídeo que uma nova era se iniciava, onde meninos vestiam azul e meninas vestiriam rosa. Fonte: PAINS, Clarissa. 'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo. **O Globo**, 03 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 02 set. 2022.

<sup>21</sup> O termo “ideologia de gênero” foi criado por neofundamentalistas católicos em reação às lutas feministas. Foi absorvido e passou a ser utilizado pelos grupos conservadores no país - ligados sobretudo às igrejas evangélicas e católicas – e que se opõem a toda e qualquer discussão acerca das diferenciações entre sexo e gênero. Fonte: MATARAZO, Renata; GONÇALVES, Gabriela. Saiba como o termo 'ideologia de gênero' surgiu e é debatido. **Portal G1**, 03 set. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/03/saiba-como-o-termo-ideologia-de-genero-surgiu-e-e-debatido.ghtml>. Acesso em: 02 set. 2022.

autora, a nova configuração do comportamento masculino nas gerações mais novas – de mudança na forma de se apresentarem, com novos padrões estéticos, como cortes de cabelo, sobrancelhas depiladas e olhos delineados – são alvos de críticas dos mais velhos, por representarem uma quebra do que é “ser homem” naquela comunidade.

Cabe destacar que os padrões de comportamento esperados por homens variam conforme as culturas. A socióloga Raewyn Connell<sup>22</sup> (1995, p. 188) define a masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” e cunhou o termo Masculinidade Hegemônica nos anos 1980, para se referir ao mais alto grau de masculinidade possível, um modelo de masculinidade ideal e que não necessariamente corresponde ou é alcançado por todos os homens (BONINO, 2002; BERMÚDEZ, 2013).

Para Sergio Silva (2006, p. 121),

[...] o conceito de masculinidade hegemônica está calcado nos modelos tradicionais e dos predicativos da personalidade do homem, qual seja, “machista, viril e heterossexual”, do mesmo modo em que este deve apresentar distanciamento emocional, agressividade e comportamento de risco no seu dia a dia, ou seja, um homem bem mais próximo dos modelos do cavaleiro medieval, do guerreiro oitocentista e dos grandes soldados.

Luis Bonino (2003) afirma que a masculinidade hegemônica é um grande poder estruturador das identidades individuais e sociais masculinas, que agrega um conjunto de valores hierarquizados socialmente, destinado para os homens e veiculado através de uma normativa de gênero. Esses elementos se autoperpetuam e se atualizam ao longo do tempo. Segundo o autor,

[...] seu poder organizador inclui a instituição, manutenção e reprodução da psique e do corpo, trabalhando para que as identidades masculinas resultantes sejam dominantes e “independentes” e as femininas frágeis e dependentes e sem diversidade possível, sendo o fator básico da reprodução/perpetuação da injustiça distributiva contra as mulheres nos tempos, espaços e funções sociais. (BONINO, 2003, p. 11; tradução nossa).

A masculinidade se alicerça sobre valores de dominância, poder visível, racionalidade, individualidade, eficácia, vontade de poder e certeza a respeito da

---

<sup>22</sup> A socióloga Raewyn Connell adotou este nome após a transição de gênero realizada pela autora. Optou-se aqui pela adoção do nome pós-transição ao se referir a ela e adoção do gênero feminino, ainda que os trabalhos citados tenham sido assinados com o seu nome anterior.

heterossexualidade e, segundo Luis Bonino (2003), sobre quatro ideologias, que sustentam o sujeito valorizado culturalmente:

- ideologia patriarcal: promove o sujeito homem-pai com poder sobre os filhos/as e mulheres e afirma o domínio masculino do mundo;
- ideologia do individualismo na modernidade: o sujeito ideal é aquele centrado em si, autossuficiente, capaz, racional e cultivador do conhecimento e que pode fazer o que quer e usar seu poder para conservar seus direitos;
- ideologia da exclusão e subordinação da alteridade: supõe a satanização/eliminação do distinto (no caso, as mulheres), sendo um sujeito valoroso e superior;
- ideologia da heterossexualidade homofóbica: propõe que o sujeito ideal é o que realiza práticas heterossexuais e rechaça os homossexuais, sobretudo aos que estão em posição passiva.

O termo Masculinidade Hegemônica foi bastante controverso e criticado ao longo do tempo, sobretudo por não deixar claro se ele se referia a tipos ideais de masculinidade ou a um tipo de masculinidade de determinado tempo (BERMÚDEZ, 2013). Em artigo de revisão ao termo e resposta às críticas, Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) afirmam que, apesar de contestado, o conceito possibilita a ligação entre os estudos sobre homens, ansiedades e visões populares sobre o sexo masculino e posições feministas sobre gênero e patriarcado, não podendo ser dito que existe somente um tipo de masculinidade.

Desta forma, o termo Masculinidade Hegemônica seria um dos aspectos das relações de gênero e da sociedade patriarcal e que abarcaria os outros tipos de masculinidade, referindo-se a um ideal que se impõe a ser alcançado pelos homens. A masculinidade hegemônica possui outras masculinidades gravitando ao seu redor. Para as Raewyn e James (2013, p. 265), “o gênero é sempre relacional e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade”. Ela é, desta forma, uma narrativa convencional adotada pela sociedade para a masculinidade, mas é construída em conjunto com as outras masculinidades (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

As masculinidades e feminilidades vão se referir, nesse sentido, às expectativas comportamentais que a sociedade cria em torno de homens e mulheres e “em relação à adequação da melhor regra a cada sexo em seu contexto sócio-

cultural específico” (FORMIGA, CAMINO, p. 43). Tais expectativas vão levar as pessoas a adotarem determinados comportamentos e geram estereótipos, valores e atitudes que são utilizados por estes, visando a aprovação social. Ambas se inserem no imaginário social, definem o comportamento e a identidade das mulheres e homens e se apoiam em discursos – como o discurso médico, publicitário, educacional, dentre outros – para se difundirem.

Cabe ressaltar que as ideias de masculinidades e feminilidades variam de acordo com as culturas e os contextos sociais em que se encontram. O que é ser masculino e o que é ser feminino muda de sociedade para sociedade, podendo haver mais de uma configuração de gênero. Cláudia Eccel e Rafael Alcadipani (2012, p. 54) destacam que

Cada cultura produz expectativas de condutas para homens e mulheres, que são estimuladas e ensinadas pelas diversas instituições sociais, como a família, a escola, a mídia e o ambiente de trabalho. Ou seja, alguns comportamentos são valorizados ou extintos de acordo com as significações recebidas.

Ademais, a não conformação de indivíduos a esse padrão de comportamento esperado pela sociedade faz com que mulheres e homens que se afastam dos modelos de feminilidade e masculinidade sejam considerados diferentes, sejam representados como o outro e que experimentem práticas de discriminação ou subordinação (LOURO, 2014). A ideia da superioridade masculina e das desigualdades entre os gêneros está implícita nessa noção de outro, uma vez que, se a mulher é vista como o outro, como afirmou Simone de Beauvoir (2009), ela representa o elo mais fraco, e se afastar do que parece ou lembra o gênero feminino demonstra sinal de força ou de “macheza”.

Masculinidades e feminilidades podem ser consideradas, assim, como constituidoras da identidade dos sujeitos, mas também como instrumentos de controle dos corpos. Apoiada em discursos que confirmam e moldam os comportamentos, a sociedade determinou locais que poderiam ser ocupados por homens e mulheres, sobretudo no mundo do trabalho, onde determinadas profissões como a bibliotecária, por exemplo, são ocupadas por mulheres e as noções de feminilidade são associadas a elas, contribuindo para a construção do local que elas ocupam no tecido social e na formação de suas identidades profissionais. Tais locais que cada gênero deve ocupar também são internalizados desde a infância ou já no mundo privado de casa. As



relações de gênero operam em conjunto com outros marcadores, como os de classe e raça na vida das pessoas e nas formações das suas identidades e refletir sobre a intersecção existente entre estes marcadores é importante para compreender como estas questões atuaram na trajetória das pessoas bibliotecárias e onde elas atuam dentro da profissão.

### **3.3 Interseccionalidade: a articulação das opressões de gênero, classe e raça na vida das pessoas**

O sistema de opressão da sociedade capitalista não está restrito a somente um marcador na vida das pessoas. Gênero, classe e raça operam em conjunto nas relações de poder e na (con)formação das identidades, hierarquizando as pessoas por suas características, valorizando algumas – notadamente masculinas, brancas e heterossexuais – e subalternizando outras. Neste sentido, o conceito de interseccionalidade vem demonstrar como as opressões na sociedade são construídas através de mais marcadores que somente o de gênero e como eles operam em conjunto. Nas palavras de Carla Akotirene (2020, p. 19), a interseccionalidade:

[...] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Assim, o sistema de opressão de gênero, que cria diferenças entre homens e mulheres, opera em conjunto com o racismo e as opressões de classe, por exemplo, criando assimetrias de oportunidades, de tratamento, de acesso a determinados espaços e locais entre mulheres e homens, entre homens brancos e negros, entre mulheres brancas e negras, entre mulheres e homens brancas/os e mulheres e homens negras/os das classes dominantes ou das classes trabalhadoras. Kimberlé Crenshaw (2002, p. 173) ressalta que, assim como todas as mulheres estão submetidas ao peso da discriminação de gênero,

[...] também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem

diferença na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. Tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres.

Márcia Valentin (2022) destaca que o sistema colonial sob o qual a sociedade brasileira foi fundada constituiu uma particularidade corpórea silenciada, estigmatizada e racializada, chamando-a de “negra”. Segundo a autora, as articulações de gênero, raça e de localização global fizeram com que as mulheres negras fossem assujeitadas e inferiorizadas no mercado de trabalho em razão de sua raça, fetichizadas e sexualizadas com relação a seus corpos e enfrentassem a solidão com relação ao afeto.

Para Carla Akotirene (2020), a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, ainda que nem todas estejam em contexto ou mesmo explicitadas. Assim, a interseccionalidade proporciona a criação de novos pensamentos sem a produção de novos essencialismos, além de levar as pessoas a reconhecerem a possibilidade de serem oprimidas e de corroborarem com a violência. Ademais, a interseccionalidade também revela a partir das estruturas racistas, capitalistas e cisheteropatriarcais<sup>23</sup>, quais são as pessoas atingidas pelas matrizes de opressões, uma vez que

Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto as geografias do colonialismo limitarem as capacidades humanas. (AKOTIRENE, 2020, p. 45).

Assim, muitas questões postuladas pelo feminismo branco não dão conta de abarcar todas as questões das mulheres e não é possível criar um sujeito universal que represente todas as opressões de todas as mulheres. Djamila Ribeiro (2018) discute, a partir do pensamento de Grada Kilomba (2012)<sup>24</sup>, que não há como se fazer uma universalização das categorias, pois os sistemas de opressão operam de formas diferentes sobre os corpos e que a realidade dos homens negros, por exemplo, não é a mesma dos homens brancos e que eles são vítimas do racismo, estando abaixo das mulheres brancas na pirâmide social.

---

<sup>23</sup> A autora utiliza o termo “cisheteropatriarcais” para demonstrar como o patriarcado modela a cultura em torno de uma dominação masculina, que ancorada no binarismo de gênero e no determinismo biológico, cria um sistema em que pessoas não cisgêneros e não heterossexuais são inferiorizados.

<sup>24</sup> KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Munster: Unrast Verlag, 2012.

Segundo Edilmar dos Santos Junior (2021), o movimento feminista no Brasil não pode ignorar as questões raciais em suas discussões, como se, ao não se falar sobre as questões raciais, elas deixassem de existir. Para o autor, é necessário fazer uma apanhado histórico-sociológico sobre a sociedade brasileira para a compreensão das diferentes posições dos agentes sociais, uma vez que

Não se entende o Brasil e nem a sua gente, ignorando as questões raciais que são determinantes na estrutura social brasileira, estrutura essa que foi idealizada por brancos e para brancos, em que negros e “mestiços” não têm espaço, senão aqueles que se acostumou a vê-los. (SANTOS JUNIOR, 2021, p. 134).

Assim, o racismo, entendido como um mecanismo de poder e sujeição e “que articula hierarquia e opressão de forma violenta e excludente contra determinado grupo em razão da raça” é também um elemento fundante das dinâmicas de poder e se construiu de forma relacional que “faz com que as desigualdades sejam naturalizadas, segregações sejam legitimadas e a morte seja lugar comum para indivíduos considerados inferiores, como é o caso de pessoas negras” (VALENTIN, 2022, p. 176).

Tais argumentos podem ser confirmados quando se observa os dados relativos à população negra empregada no país, por exemplo. Segundo dados do DIEESE (2021), no segundo trimestre de 2021, somente 2,2% dos homens negros empregados no período ocupavam cargos de direção, enquanto o número de homens não-negros era de 6,4%. Entre as mulheres, estes números eram de 1,9% para as negras e 5,0% para as não-negras. Ainda segundo a mesma pesquisa, o rendimento médio de uma mulher não-negra no Brasil no período era de R\$ 2.674, enquanto uma mulher negra recebia em média R\$ 1.617, ou 60,47% do salário de uma mulher não-negra. Em relação aos homens, os negros recebem em média R\$ 1.968 ou 52,6% do rendimento médio de um homem não-negro, que é em média de R\$ 3.471. Assim, as relações de poder de gênero no mundo do trabalho operam em conjunto com as relações desiguais de raça, uma vez que mulheres e homens não-negras/os possuem rendimento médio superior às pessoas negras.

Quando operam em conjunto com o demarcador classe, as exclusões de raça e gênero criam, no imaginário das pessoas e no senso comum, a ideia de que as pessoas negras não ocupam ou não podem ocupar cargos de chefia ou posições de alto *status* nas empresas. Ellen, uma das nossas entrevistadas negras, narra outra

situação em que uma colega a apresentou para uma visitante de outro estado como secretária, partindo do pressuposto de que ela não poderia ter um cargo superior àquele:

*ELLEN (35 anos): [...] teve uma situação muito... muito eh:: muito chata... aonde uma colega de trabalho que não conhecia o setor trouxe uma... uma profissional pra poder... de outro estado pra conhecer a empresa... aí quando chegou no meu setor ela apresentou todos os colegas com especialidades e quando chegou na minha ela não sabia... ao invés dela perguntar ela já falou que eu era secretária... [...] É... Aí ela não... não falou assim “ah e você? Você faz o quê?”... ela estava apresentando a própria empresa pra uma pessoa que era de outro estado... então ela chegou “olha Fulano de tal é pediatra... Fulano de tal é cirurgião e essa aqui é a secretária” ... mas em vez de ela perguntar assim “aí você faz o quê né?”... pra eu poder apresentar não... aí a minha... minha liderança na época... minha chefe ficou muito estarecida na hora e falou “não ela é nossa bibliotecária e tudo”... aí ela ficou super sem graça... ela “ah eu não sabia”... mas por que que ela não perguntou? ela já pré-julgou que eu era secretária... e aí foi uma situação assim que na hora foi nítido né o preconceito... assim já pré-julgar que eu era a secretária do setor.... e inclusive a secretária... pra piorar a situação... a secretária estava no setor e ela era loira do olho claro e aí na hora... que como ela estava mais afastada então ela me apresentou primeiro e depois ia chegar na secretária... então ela já tinha eh :: comunicado que eu era secretária do setor... isso foi uma situação bem pontual assim....*

A diferença entre escolaridade e acesso ao Ensino Superior no Brasil também se mostra desigual quando se coloca luz sobre o demarcador raça, uma vez que, apesar do aumento observado nos últimos anos, pretas/os e pardas/os ainda entram em menor número nos estabelecimentos de ensino superior, sejam eles públicos ou privados. Edilza Sotero (2013) destaca que, a despeito da maior entrada de homens e mulheres negras no Ensino Superior e do aumento da escolaridade de ambos nos últimos anos, estes ainda estão em número consideravelmente menor se comparados com pessoas brancas.

Para Márcia Lima, Flávia Rios e Danilo França (2013), o degrau racial é o mais expressivo nos níveis superiores de ensino, onde as mulheres brancas possuem maior taxa de escolarização, sobretudo após a década de 1990, ao passo que os homens negros adentram menos nos cursos superiores. Para as autoras, os avanços educacionais dos últimos anos trouxeram melhorias na escolarização e na ocupação de postos de trabalho para a população negra, mas não levaram a uma equalização nos estabelecimentos de ensino superior e no mercado de trabalho, onde estas desigualdades raciais se apresentam seja na busca pelo emprego, seja na ocupação

de espaços e posições de liderança e prestígio dentro das empresas ou como proprietários/as dos próprios negócios. Ellen conta que foi questionada no ambiente de trabalho sobre como ela pagava o estacionamento e de como possuía um carro

*ELLEN (35 anos): [...] já fui questionada como que eu tinha condições de pagar o estacionamento... eu fui questionada como eu tive... como eu consegui comprar um carro [...].*

Marco Aurélio, também negro, enfrentou o racismo dentro do ambiente de trabalho quando foi questionado, ao dar uma aula no curso de Medicina, se ele possuía conhecimento suficiente para estar ali na frente daquelas pessoas:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Outro dia eu fui dar uma aula na medicina... chegou um sujeito loiro do olho verde e me perguntou assim: “você está acostumado a dar aula pra alunos de medicina?” e a professora do lado... e mais duas colegas bibliotecárias também... eu falei “uai. por que?” e ele “não, porque nós somos um público diferente, a gente tem demandas específicas, às vezes você pode não estar apto pra isso”... eu estava em pé... ele estava sentado.. eu falei “se você quiser trocar comigo, não tem problema, mas você sabe que... você sabe porque quem dá aula, o professor dá aula em pé e o aluno fica sentado? Porque quem está em pé sabe mais de quem está sentado. Mas não preocupa não que quem é do mar não enjoa”... [...]*

Edilmar dos Santos Junior (2021) destaca que mesmo já havendo outras mulheres bibliotecárias no país, somente mais de 60 anos depois da instalação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, é que uma mulher negra conseguiu se formar no curso: Regina Santos Silva Tonini graduou-se em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal da Bahia em 1966. Segundo o autor, a mulher preta possui inúmeras barreiras para seguir qualquer ocupação, efeito este de uma sociedade que se pautou pela cor da pele para hierarquizar pessoas e de um Estado que “optou em dividir seus agentes pela cor de sua pele, racializando as relações hierarquizadas por quem detém os meios de produção e a chancela social da superioridade” (SANTOS JUNIOR, 2021, p. 141). Tereza, outra bibliotecária negra entrevistada nesta pesquisa, foi questionada por um colega de trabalho que, em uma fala racista e preconceituosa, se revoltou por ela ocupar o cargo de bibliotecária em que ela atuou por toda sua vida profissional:

*TEREZA (73 anos): [...] é assim... “poxa eu eh :: eu poderia tá eh :: com muito mais eh :: brilho de estar ocupando esse cargo da minha”... “como é que pode uma pessoa de origem pobre, negra, tá ocupando”... isso eu já ouvi...*

Dentro da estrutura racista pela qual a sociedade foi alicerçada, é esperado que mulheres e homens negros/os ocupem determinados locais e determinados ambientes, notadamente subalternizados e, ao romperem com esta lógica, muitas vezes as pessoas têm que lidar com falas e comentários preconceituosos. Assim como a colega de trabalho julgou que, por ser negra e pobre, Tereza não deveria ocupar o cargo que ocupava, Marco Aurélio narrou outra situação em que sofreu racismo no seu cotidiano de trabalho:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] nós temos dois pontos lá na... lá na faculdade [nome da universidade – Suprimido]... um pros servidores e outros pros técnicos... uma vez eu fui passar o ponto e a pessoa estava escorada no ponto e fez um toque assim pra mim ((acena para o lado))... tipo passa o ponto no outro... mas por quê? eu não posso ser servidor? eu posso ser contratado mas eu não posso ser um servidor público federal.... mas por que que você pode ou não posso?...então eu percebo questões assim é principalmente por essa questão eh:: racial e social eh:: mais até do que por ser bibliotecário... como eu disse eu acho que os bibliotecários em saúde terminam gozando de um prestígio eh:: que às vezes as outras pessoas nem sabem assim dos próprios colegas que atuam em outros contextos...*

As desigualdades no mercado podem também ser percebidas em momentos de crise e elas atingem com maior gravidade mulheres negras. A deterioração do mercado de trabalho provocada pela pandemia de COVID-19 fez com que uma expressiva massa de mulheres perdesse seus empregos. Segundo os dados do DIEESE (2021), entre os 3º trimestres de 2019 e de 2020, o contingente de mulheres fora da força de trabalho aumentou 8,6 milhões e a ocupação feminina diminuiu 5,7 milhões. Além disso, mais 504 mil mulheres passaram a ser desempregadas e tal desemprego atingiu em maior número as mulheres negras, tendo a taxa de desemprego delas representado 19,8% dentre as mulheres desempregadas.

Desta forma, a trajetória das pessoas é marcada pelas relações sociais com outras pessoas e pelas posições que ocupam de acordo com o valor que é dado pela sociedade de acordo com suas características, que irão atuar na constituição das suas identidades, dos seus postos de trabalho e demais aspectos das suas vidas. Apesar desta tese ter sua concentração nas relações de gênero na trajetória da pessoa bibliotecária, ela não se furta de demonstrar como os demais marcadores de raça e classe também marcaram a constituição da profissão, a construção e formação da sua identidade profissional e a vida das pessoas entrevistadas. Assim, a apresentação e análise das temáticas aqui trabalhadas serão, sempre que possível, analisadas sob a

ótica do sistema de opressão gênero-raça-classe e demais marcadores que se apresentarem nas relações de poder, demonstrando como esta tríade atua na trajetória de vida e de trabalho das pessoas. No mundo do trabalho, a divisão sexual do trabalho atua definindo espaços e profissões que mulheres e homens ocupam no mercado de trabalho e para compreensão da posição que a profissão bibliotecária ocupa na sociedade, torna-se necessário refletir acerca do conceito da Divisão Sexual do Trabalho e sobre as ocupações “masculinas” e “femininas” na sociedade.

### **3.4 Gênero e divisão sexual do trabalho: onde homens e mulheres estão no mercado?**

A divisão sexual do trabalho é um dos aspectos das relações desiguais de gênero bastante atuante na sociedade. Surgido na esteira do desenvolvimento dos estudos de gênero, o conceito advém da noção de que a divisão do trabalho em razão do sexo é uma das primeiras divisões do trabalho ocorrida na sociedade, e o conceito permitiu uma ampliação do escopo da compreensão do que é o trabalho, que passou a ser entendido não somente pelo que é realizado fora de casa, mas também no ambiente doméstico. Além disso, ampliou também as noções de trabalho formal e informal, remunerado e não-remunerado (SANTOS, 2017; HIRATA, 2017).

Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p. 599) definem a divisão sexual do trabalho como “a forma do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos” sendo “um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos” e que é “modulada histórica e socialmente”. Para as autoras, a divisão sexual do trabalho “tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)”.

Beatriz Bezerra e Gleyson Ferreira (2017) destacam que a divisão sexual do trabalho na sociedade se manifesta através de relações hierárquicas e de poder, em que homens são vistos como seres superiores, colocando as mulheres em uma posição de subalternidade e onde o trabalho feminino é subvalorizado ou não é considerado como trabalho, uma vez que não cria um produto/mercadoria.

Ao reconhecerem as atividades domésticas também como trabalho, os estudos que versavam sobre a divisão sexual do trabalho buscaram inicialmente dar visibilidade ao trabalho realizado dentro de casa, executado por mulheres e fundamental para a manutenção da vida. Mariana Marcondes (2013, p. 254) destaca que, ao afirmarem que o trabalho doméstico também era trabalho, a teorização feminista “pautou um intenso debate e provocou um maior adensamento das análises sobre o trabalho e as mulheres.”. A autora destaca que a divisão sexual do trabalho é uma relação de poder, que ganhou contornos específicos com o capitalismo, que o moldou para a acumulação de riquezas. Ademais, é uma relação regida pelos princípios de separação e hierarquia, uma vez que separa as funções entre trabalho masculino e feminino e determina que este vale menos que aquele. Segundo a autora:

As esferas pública e doméstica foram construídas não apenas com conteúdos e lógicas simbólicas opostas, mas também com éticas diferenciadas (GÓMEZ, 2010), ou seja, com códigos de conduta (e critérios de valoração de condutas) distintos. O padrão ético público corresponde à denominada ética da justiça, que se associa à série “esfera pública – universalidade – impessoalidade – racionalidade – masculinidade”. O padrão que remete ao doméstico consiste na ética do cuidado, correlato à série “esfera doméstica – pessoalidade – necessidades concretas – feminilidade”. (MARCONDES, 2013, p. 260).

As identidades masculinas e femininas, desta forma, são pautadas e construídas também dentro desta lógica e a divisão sexual do trabalho é um dos *locus* das relações de gênero. Para Silvia Yannoulas (2011), a identidade feminina foi construída discursivamente em torno de dois tipos de argumentos: um ecológico, que leva em consideração a função reprodutiva da mulher, e outro essencialista, em que as características ditas femininas fazem parte da essência natural das mulheres. Em contraponto, a identidade masculina foi construída em torno de outros dois argumentos: um político, em que é incentivada a função produtiva e pública aos homens e outro que destaca as características de uma “essência masculina” como força física, agressividade e racionalidade.

Assim, as atividades desenvolvidas/ligadas ao campo doméstico são imputadas às mulheres e colocadas sob sua responsabilidade. O espaço da casa é um dos locais onde esta divisão pode ser percebida, onde as meninas ficam responsáveis pelas atividades de manutenção doméstica muito mais que os meninos. Susan Okin (2008) destaca o perigo de se usar a divisão entre público e privado como



se fosse uma divisão neutra entre Estado e família ou entre trabalho doméstico e não-doméstico, uma vez que obscurece a particular divisão e as estruturas de poder que se dão dentro de casa, encobrendo que a trajetória das pessoas dependerá, muitas das vezes, do sexo que elas possuem.

Neste sentido, para Paula Chiés (2010, p. 510), a visão da mulher como dona de casa é uma identidade imposta pela cultura brasileira, “mas a deturpação da realidade está justamente em se pensar que essa identidade é natural, ou seja, o espaço doméstico pertence ‘naturalmente’ à mulher”. Esta visão é uma construção social, naturalizada pela sociedade, que se utiliza de resultados da história, “difundindo a crença de que esse papel sempre foi desempenhado pelas mulheres, ou mesmo é uma atribuição inclusa na capacidade de ser mãe”.

A divisão do trabalho ocorrida também no espaço doméstico apareceu na vida das pessoas entrevistadas nesta pesquisa. Paola, por exemplo, mostrou claramente a divisão que existia dentro do seu lar no que diz respeito às tarefas domésticas entre ela e seus irmãos:

*PAOLA (56 anos): [...] eu e eu minhas irmãs... as minhas duas irmãs mais novas assim... do meio né... uma delas trabalhou muito desde pequena em casa... eu era a mais safá... então eu era mais esperta e eu era mais levada e eu era muito inteligente... eu dava um nó naquilo ali tudo né... então minha mãe explorava essa minha irmã... agora os meus irmãos foram poupados... por exemplo o meu irmão que é mais velho... que ele é um ano mais novo que eu ele é ( ) né... então é a comida no prato.. ele é o mais mole... ele é o mais... ele é o mais complicado... minha mãe exigia muito de nós e poupava esse meu irmão sabe... e o meu irmão caçula ele é oito anos eh :: mais novo que a minha irmã caçula... porque é uma escadinha de um ano... e depois dá um espaço de quase nove anos e esse meu irmão caçula... então o meu pai... na época que ele nasceu meu pai adoeceu e ele foi criado por nós irmãs mais velhas e por essa minha outra segunda irmã... mais explorada em casa né...*

Mesmo depois de adulto, o irmão de Paola segue sendo protegido pela mãe da realização das tarefas domésticas:

*PAOLA (56 anos): [...] ele hoje é solteiro tem quarenta e dois anos... mora com a minha mãe e não dá conta da minha mãe... mas ele não é o filho favorito... é o meu irmão segundo né... então assim... aí a gente vê... então assim... ele não... ele não faz as prendas domésticas... minha mãe tem oitenta e dois anos e ela ainda trabalha... ela lava roupa... ela arruma cozinha... ela cozinha... e ele... meu filho fica né... ele ajuda né... ele não sente que é uma obrigação dele... ele ajuda... e o meu outro irmão com a mulher dele e a filha é o... aquele*

*típico homem poupado.. é mole pra tudo... ai que raiva... vejo nitidamente essa diferença...*

A percepção de que, para os homens, os trabalhos de cuidado da casa não são uma obrigação também foi sentida por Marco Aurélio:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Bom... primeiro que tinha-se uma percepção que os homens ajudavam nos afazeres da casa como se isso não fosse uma responsabilidade deles também... são três homens e uma mulher... então a minha mãe sempre incentivou um pouco isso é: tanto que na minha casa por exemplo é eu sou responsável pelas atividades de limpeza... de organização... eu passo roupa... é sei lá... Fernanda<sup>25</sup> lava a roupa porque senão ia ter que fazer tudo né... então eu acho que eu herdei um pouco hoje na minha vida dessa experiência assim é:... de ver a minha mãe... embora talvez um pouco por solidariedade porque eu achava que ela ficava sobrecarregada...*

Assim como na vida de Paola, Marco Aurélio diz que, mesmo depois de adultos, o seu pai e irmão seguem sem ser responsabilizados e as tarefas de cuidado da casa continuam sendo responsabilidade da sua mãe:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] porque meus... meu pai e meu irmão continuam iguais assim... os cara tira a meia e joga assim... então ainda sim... ainda hoje persiste um pouco disso assim... eh:: os afazeres domésticos são responsabilidades é: da mulher e a gente pro uma educação assim... terminava sendo obrigado num primeiro momento de tirar poeira... arrumar casa... essas coisas assim... mas era uma questão bem demarcada ainda.. você não via... você não via apoio nenhum do meu pai por exemplo nessas... nessas funções... ainda não tem...*

Ainda que tais divisões entre trabalho doméstico (realizado pelas mulheres) e trabalho remunerado (realizado pelos homens) não sejam explicitamente colocadas, elas já são tão naturalizadas na sociedade, que, muitas vezes, são absorvidas e tomadas como normais ou naturais pelas pessoas. Heleieth Saffioti (1987) destaca que a sociedade delimita espaços de atuação em que homens e mulheres podem atuar e, ainda que as mulheres saiam de casa para trabalhar, a responsabilidade última de cuidado da casa é imputada a elas. A naturalização de processos históricos dá a entender que o espaço doméstico sempre foi destinado às mulheres, que estas tarefas devem ser feitas por elas e que, quando os homens desempenham estas tarefas, estão apenas ajudando às mulheres e não se responsabilizando pelas atividades. Nas palavras da autora:

---

<sup>25</sup> Fernanda é a esposa de Marco Aurélio. Nome fictício.

Não se trata de ensinar os homens a auxiliarem a mulher no cuidado com os filhos e a casa, pois sempre que a atividade de alguém se configurar como ajuda, a responsabilidade é do outro. Trata-se de partilhar a vida doméstica, assim como o lazer e as atividades garantidoras do sustento da família. Nada mais injusto do que tentar disfarçar a dominação dos homens sobre as mulheres através da "ajuda" que os primeiros podem oferecer às últimas. (SAFFIOTI, 1987, p. 15).

Esta naturalização da divisão sexual das tarefas ocorria na vida de Raquel. Seu pai, por possuir um trabalho fora de casa, não se sentia responsável pelas atividades de manutenção do lar e, como sua casa era composta por mais três mulheres além dela (a entrevistada possui mais duas irmãs, além da mãe), tais tarefas eram imputadas a elas:

*RAQUEL (41 anos): O meu pai sempre foi o chefe da casa né?... então se ele era o chefe da casa todo mundo tinha que servir... minha mãe... nós... então assim arrumação era com a gente mesmo... era nós né? a Ágatha sempre foi a cozinheira por isso que ela até é nutricionista... eu era que arrumava a casa e a Luciana<sup>26</sup> era a que eles passavam a mão na cabeça "coitadinha deixa ela"...*

Na infância de Carmen, esta naturalização também ocorria e, como seu avô possuía um trabalho remunerado, as mulheres da casa se tornavam responsáveis por todas as atividades domésticas, ainda que isto não fosse explicitamente falado:

*CARMEN (42 anos): Na verdade meu pai... meus pais eles separaram quando eu tinha quatro anos.... então eu tenho pouca lembrança dele em casa assim... e aí a gente foi morar com os meus avós... o meu avô tinha um pouco... tinha sim essa diferença... porque aí ficava as mulheres fazendo as coisas de casa... da cozinha e tudo... e o meu avô sempre foi mecânico... ele tinha uma oficina em casa mesmo então ele ficava consertando coisas e tudo... então assim teoricamente tinha divisão sim... eh:: então tinha sim né? Não era nada falado "ai você não pode fazer isso... não pode fazer aquilo"... mas tinha...*

A naturalização da divisão sexual do trabalho também acaba por encobrir que as mulheres também trabalharam fora de casa ao longo da história, colaborando para a subsistência do lar. Em outro texto, Heleieth Saffioti (2013) destaca que, em sociedades pré-capitalistas, é possível observar mulheres trabalhando nos campos, nas manufaturas, nas lojas, além de tecer, fiar, e exercerem outras atividades remuneradas. Na Inglaterra medieval, segundo a autora, havia mulheres entre agiotas, proprietários de navios, vendedores de livros e comerciantes, ainda que, para

---

<sup>26</sup> Ágatha e Luciana são irmãs da entrevistada. Nomes fictícios.

atuar no comércio, ela tivesse que ser levada por um homem, geralmente seu marido, o mesmo ocorrendo também na França durante o Antigo Regime. Como a família era o centro da unidade econômica nas sociedades pré-capitalistas, a atividade laboral era também desempenhada pelas mulheres, sobretudo a das classes menos favorecidas.

O surgimento do capitalismo se deu em condições adversas para as mulheres em duas dimensões: havia uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas no pensamento da supremacia masculina e ocorria uma marginalização da mulher à medida que eram desenvolvidas as forças produtivas. O trabalho feminino se desenvolve para atender à necessidade das fábricas (e do seu maquinário), que dependiam de indivíduos que dispusessem de reduzida força física ou que ainda não houvessem completado o desenvolvimento de seu organismo. Assim, a força de trabalho de mulheres e crianças era importante e requisitada nesses espaços (SAFFIOTI, 2013).

O desenvolvimento das leis trabalhistas no fim do século XIX e durante o século XX e as conquistas de igualdade de direitos observadas durante o século fizeram com que um contingente maior de mulheres brancas e de classe média adentrassem no mercado de trabalho. Na Inglaterra e na França, há um aumento no número de mulheres durante as guerras e elas eram incentivadas a trabalharem fora do lar, nem que fosse por meio período (SAFFIOTI, 2013). Na França, por exemplo, segundo Daphine Gardey (2003), há um aumento da população feminina ativa no século XIX e um decréscimo no período entre guerras. A Primeira Guerra Mundial interrompeu o movimento de aumento do trabalho feminino e houve um retorno forçado de inúmeras mulheres ao lar, uma vez que

[...] a 'mobilização' das mulheres durante o conflito, que se manifesta por sua admissão em setores ou em empregos nos quais eram até então ausentes ou pouco numerosas (indústria de armamento, por exemplo, mas também condução de bondes), choca os contemporâneos porque essas mulheres são visíveis e circulam no espaço público. (GARDEY, 2003, p. 46).

No Brasil, a inserção das mulheres brancas e de classe média, durante os séculos XIX e XX se dá pela via de trabalhos do setor terciário e considerados "femininos", como os de professora, enfermeira, secretária, etc e outros cargos de menor *status* e prestígio. Heleieth Saffioti (2013) destaca que o ramo tradicional ocupado pelas mulheres que buscavam se profissionalizar durante o início do século

XX era o do ensino profissional normal<sup>27</sup>, voltado para a formação de mão-de-obra para atuar no magistério. Muitas meninas, no entanto, optavam pelo ensino normal também por este ser a oportunidade de receberem cultura geral, dada a escassez de escolas secundárias oficiais, além de ser uma oportunidade para adentrarem no mercado de trabalho (SAFFIOTI, 2013), de forma “respeitável” aos olhos da sociedade, uma vez que, segundo Cláudia Fonseca (2018, p. 516), a mulher que trabalhava fora

Em vez de ser admirada por ser “boa trabalhadora”, como o homem em situação parecida, a mulher com o trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário. (...) As mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionalmente femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais, mesmo nesses casos, sempre as ameaçavam a acusação de serem mães relapsas.

O Quadro 1, elaborado por Heleieth Saffioti (2013), mostra a entrada e o número de pessoas formadas em 1929 nos cursos superiores no Brasil. Nele, pode-se observar que, além de ocuparem muito pouco os bancos das faculdades e universidades no país, as mulheres ocupavam “guetos” profissionais, como o curso de Farmácia e o curso Comercial, ligado a atividade terciária, e os cursos de Belas-arts e Música.

Quadro 1 – Ensino superior no Brasil (1929)

Cursos	Matrícula		Conclusão de curso	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Medicina	5.787	72	609	4
Odontologia	680	71	156	13
Farmácia	816	178	167	62
Filosofia e Letras	62	3	6	1

<sup>27</sup> Em 1929, passava de 7 mil o número de alunas no curso pedagógico e menos de 10% do contingente total era de homens.

Cursos	Matrícula		Conclusão de curso	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Ciências Jurídicas e Sociais	3.180	20	401	2
Engenheiros civis	2.007	24	212	1
Engenheiros geógrafos	-	-	-	-
Engenheiros industriais	16	-	1	-
Engenheiros eletricitas	282	2	42	-
Engenheiros arquitetos	23	1	-	-
Químicos industriais	-	-	-	-
Agronomia e veterinária <sup>28</sup>	970	10	145	2
Comercial	18.892	4.260	2.458	627
Arte Dramática	47	53	-	1
Belas-artes	1.146	133	29	-
Música	616	4.910	31	588

FONTE: Adaptado pelo autor a partir de Saffioti (2013) conforme dados da Estatística Intelectual do Brasil, de 1931.

A ocupação destes guetos femininos se deu também pela difusão da ideia de uma “vocação em servir”, construída como um dom natural feminino, intrínseco às mulheres, que fez com que muitas vezes elas optassem por carreiras menos competitivas, de menor valor social e econômico, ao contrário dos homens, que optam por trabalhos associados à competitividade e às vantagens econômicas (NASCIMENTO; FERREIRA; BATISTA, 1997). As carreiras de professora e enfermeira, por exemplo, carregaram consigo aspectos vocacionais ligados a esta

<sup>28</sup> Os cursos de Agronomia e Veterinária, Comercial, Arte Dramática, Belas-artes e Música eram considerados pela autora como Ensino Superior Especializado, sendo apresentados em quadro a parte. Optou-se, aqui, por reunir tais cursos com os outros, de saber geral.

ideia e que estavam intrinsicamente ligados ao trabalho desenvolvido pelas mulheres dentro de casa.

Cabe destacar que as visões acima mencionadas e oportunidade de cursar o ensino superior neste período se enquadram, mais uma vez, sob um recorte de classes. As mulheres pobres, essas em grande parte negras, sempre trabalharam fora de casa para que pudessem se manter, seja como lavadeiras, engomadeiras, amas de leite, costureiras etc. Segundo Cláudia Fonseca (2018, p. 517), o discurso no começo do século XX de que a mulher deveria ficar em casa, resguardada e se ocupando dos afazeres domésticos, se ligava a um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, “e muitas vezes espelhado nos relatos de viajantes europeus, que serviam como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres”.

Margareth Rago (2018) destaca que muitas mulheres e crianças pobres atuavam como força de trabalho nas indústrias brasileiras no início do século XX e que o contingente feminino se concentrava nas indústrias de fiação e tecelagem<sup>29</sup>, que possuíam escassa mecanização; elas estavam em número menor nos setores de metalurgia e mobiliário, por exemplo. Muitas dessas mulheres estavam inseridas dentro do movimento operário e lideravam greves e mobilizações políticas contra a exploração do trabalho no interior das fábricas.

A condição das mulheres negras se dava de maneira mais adversa que das mulheres brancas. Ainda que refletindo sobre a questão da mulher negra nos EUA, o panorama trazido por Angela Davis (2016) a respeito do trabalho na vida das mulheres negras torna-se importante também se transposto para o contexto brasileiro. Segundo a autora, proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que as mulheres brancas e o grande espaço que o trabalho ocupa na vida das mulheres negras atualmente reproduz um padrão estabelecido durante o início da escravidão, uma vez que, sendo escravas, todos os outros aspectos da existência dessas mulheres eram ofuscados pelo trabalho compulsório. Segundo a autora

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos dos que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas

---

<sup>29</sup> A autora destaca que, em 1901, 72,74% das pessoas que trabalhavam nas indústrias têxteis no estado de São Paulo eram mulheres e crianças. No recenseamento de 1920, foram inspecionadas 247 indústrias têxteis e mais de 50% do total de pessoas que trabalhavam nestas fábricas eram mulheres. Nas indústrias de vestuário pesquisadas, esta porcentagem chegava a 56%.

poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. (DAVIS, 2016, p. 17).

Os discursos em torno de uma exaltação da feminilidade no século XIX (o que a autora chama de ideologia da feminilidade) e que enfatizava o papel das mulheres como mães, protetoras, parceiras e donas de casa amáveis, não se estendia para as mulheres negras. Meninas e mulheres escravizadas trabalhavam na lavoura e no que dizia respeito a trabalho e produtividade eram igualladas aos homens e se tornavam desprovidas de gênero quando os senhores queriam explorá-las para obter lucro. Quando os senhores de escravos julgavam que elas deveriam ser punidas, elas eram reduzidas por eles à sua condição de fêmeas e reprimidas com abusos sexuais.

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p. 20).

No Brasil, Sueli Carneiro (2013) destaca que, quando se trata da fragilidade feminina que justificou a proteção paternalista às mulheres por parte dos homens, está se falando de um contingente de mulheres que não inclui as negras. Estas trabalharam durante séculos nas lavouras, como vendedoras, quituteiras, prostitutas e que, por conta disso, não foram alcançadas e incluídas quando as feministas brancas diziam que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar, uma vez que já faziam isso. Segundo a autora

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (...) Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência”. (CARNEIRO, 2003, p. 51).

No início do século XX, as mulheres negras recebiam os salários mais baixos e trabalhavam nos setores mais desqualificados. Dentro de uma visão eugenista de branqueamento da raça, a documentação criada em torno das trabalhadoras negras



as retratava como mulheres rudes, promíscuas, bárbaras e destituídas e cidadania, bem diferente do tratamento dado às imigrantes europeias que chegavam ao Brasil no período. Margareth Rago (2018, p. 582-583) destaca que

[...] além de suprir o mercado de trabalho livre com a mão de obra barata, as elites brasileiras, inspiradas pelas teorias eugenistas que se formularam na Europa e nos Estados Unidos, preocupavam-se profundamente com a formação do “novo trabalhador brasileiro”, cidadão da pátria, disciplinado e produtivo – e, evidentemente, dedicavam muitas horas discutindo o “embranquecimento e fortalecimento da raça”. Muitos esforços foram feitos para que os imigrantes viessem predominantemente dos países europeus, e “não da Ásia, nem da África”, conforme afirmavam os defensores da tese.

A partir dos anos 1970, observa-se, nos estratos médios e altos da sociedade, uma maior entrada feminina no mundo do trabalho. No Brasil, a partir da referida década em diante, ocorre uma mudança no perfil das trabalhadoras, que deixam de ser jovens e sem filhos e passam a ser mais velhas, casadas e com filhos<sup>30</sup>, o que denotava uma mudança também nos valores culturais quanto ao papel das mulheres na sociedade. Além disso, destacam-se mudanças demográficas, sociais, culturais e políticas que favoreceram a maior entrada das mulheres no mercado de trabalho como: os casamentos mais tardios; a queda da fecundidade<sup>31</sup>; a redução de número de filhos e de óbitos maternos; as alterações na composição familiar diante do significativo índice de separações e de famílias chefiadas por mulheres<sup>32</sup>; o aumento da escolaridade das mulheres, dentre outros (ALVARENGA; VIANNA, 2012; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2003).

A mãe de Beatriz pode ser considerada como um exemplo desta mudança ocorrida na saída das mulheres de classe média para o mercado de trabalho a partir da década de 1970. Após se casar com dezoito anos – talvez por fruto de pressões da época, já que, na década de 1950 e 1960, era comum que as mulheres se casassem muito cedo – a mãe da entrevistada realiza um curso técnico e, após ficar viúva, decide trabalhar, mesmo já possuindo filhos:

*BEATRIZ (66 anos): [...] minha mãe não... minha mãe casou com dezoito anos... saindo do colégio e só resolveu trabalhar mais tarde*

<sup>30</sup> Em 1998, a maior taxa de atividade, superior a 66%, é encontrada entre mulheres de 30 a 39 anos, segundo Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi (2003).

<sup>31</sup> Segundo Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi (2003), a taxa de fecundidade no Brasil passou de 5,8 filhos em 1970 para 2,3 filhos em 1999.

<sup>32</sup> Em 1998, o número de famílias chefiadas por mulheres era de 26%, com maior representação destas famílias nos estratos mais elevados da população (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2003).

*quando meu irmão já tinha três anos... dois anos... e aí a mamãe fez um curso técnico de esteticista... nesse entre meio meu pai faleceu e nessa época o (Nome da Instituição A – suprimido) - ela fez o curso técnico de estética no (Nome da Instituição A – suprimido) - - e o (Nome da Instituição A – suprimido) era só pra pessoas de baixa renda... mas o papai era diretor da (Nome da Associação 1 – suprimido) e ele tinha conseguido a vaga pra ela.... aí ele faleceu antes dela começar o curso... mas aí depois de seis meses.. - - era um curso de seis meses - - ela ligou e ela continuava tendo direito a essa vaga... então ela fez o curso... era de manhã e de tarde... depois ela foi pra Argentina... ficou mais dois meses fazendo especialização... e era uma senhora... e se tornou uma senhora profissional de ter fila no consultório... ela abria a agenda em outubro por exemplo de dois mil e vinte e um pra dois mil e vinte e dois... dois meses a agenda lotava e só tinha como marcar porque tinha desistências também.. foi uma profissional brilhante...*

O mesmo ocorreu com sua filha, que pôde logo depois da saída do ensino médio, começar a cursar Biblioteconomia na década de 1970, após contato profissional com uma bibliotecária e de trabalhar com a organização de arquivo em uma empresa, ficando em dúvida entre cursar Biblioteconomia e Medicina:

*BEATRIZ (66 anos): [...] tanto que quando eu acabei o serviço... acabei o terceiro ano e eu estava pra fazer vestibular... ou Medicina ou Economia... aí eu resolvi passar pra Biblioteconomia porque eu tinha um grilo na área médica e que era o seguinte... eu não queria uma vida tão sacrificada quanto a de médico....*

Dentre as pessoas entrevistadas, é possível notar também a diferença que o trabalho ocupa na vida de homens e mulheres dependendo da classe social que ocupam. Se a mãe de Beatriz pôde adentrar no espaço do mercado de trabalho após ficar viúva – e após seu marido conseguir o curso de esteticista para ela por via dos contatos que possuía – e/ou se a própria Beatriz pôde escolher entre duas opções de curso (e um desses cursos sendo o de Medicina, de maior prestígio social e concorrência), para Tereza isso não era uma possibilidade. Negra, filha de pais da classe trabalhadora – seu pai era ferroviário e sua mãe dona de casa, que não trabalhava fora para cuidar dos seus seis filhos – a Biblioteconomia era sua única opção de curso para que continuasse seus estudos após se formar no Ensino Médio. Refletindo sobre o porquê de ter escolhido ser bibliotecária, ela demonstra que ser bibliotecária era a profissão possível para que ela pudesse ter um trabalho:

*TEREZA (73 anos): Engraçado... não foi uma escolha de profissão... eu vou contar pra você como que foi... na época a universidade oferecia vinte e quatro cursos e dos vinte e quatro cursos o que eu me sentia mais atraída era exatamente Biblioteconomia entendeu? Eh ::*

*assim a minha condição a condição... a minha condição... a condição econômica minha seria o seguinte... ou estuda na UFMG ou não estuda... ou UFMG ou UFMG né? então o curso que mais me atraía era o de Biblioteconomia... muito embora eu não tivesse muita informação a respeito do curso...*

A modernização de alguns setores da economia brasileira abriu novas oportunidades de inserção de trabalho para as mulheres no mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2003), mas observa-se que este incremento de mulheres continuou se dando, na maioria das vezes, em “trabalhos femininos”, ligados às noções de cuidado, paciência, delicadeza, organização, higiene e presteza e associadas a profissões de pouca demanda e a salários menores. Segundo Michelle Perrot (2005), profissões que se inscrevem no prolongamento das funções ditas “naturais”, maternais e domésticas das mulheres, além de permitirem “que a uma mulher realize bem sua tarefa profissional (menor) e doméstica (maior)” (p. 251).

Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi (2003), ao apresentarem dados sobre a ocupação feminina e masculina no final da década de 1990, demonstram que a estrutura ocupacional feminina no fim daquela década se caracterizava por profissões que possuíam menor prestígio e menores remunerações, como as ocupações em serviços administrativos e em serviços de turismo, serventia, higiene e beleza e auxílio a saúde, que representavam cerca de 50% dos empregos femininos de carteira assinada, sendo as maiores oportunidades de emprego das mulheres no setor de serviços, ao contrário dos homens que eram mais empregados pela indústria.

Apesar de mudanças e avanços contínuos também observados nas décadas posteriores, as desigualdades ainda persistem e o aumento da escolaridade e da participação no mercado de trabalho não representam muitas vezes equidade de oportunidades e salariais, mesmo nos estratos com maior escolaridade e em carreiras acadêmicas. Segundo Gilda Olinto (2011), à medida que se avança nos postos de trabalho dentro das carreiras acadêmicas, por exemplo, há uma diminuição da paridade de gênero, com os homens possuindo maior número de promoções, obtenção de bolsas de estudo e ocupação de cargos de chefia e liderança, mesmo que em profissões idênticas. De acordo com os dados levantados pela autora, 46,5% dos homens profissionais de saúde ganhavam mais de 10 salários-mínimos, ante 21,9% das mulheres na mesma área (OLINTO, 2011). Para Márcia Lima, Flávia Rios e Danilo França (2013, p. 54), “o desafio para as mulheres mais escolarizadas é participar de forma equitativa nas carreiras consideradas guetos ocupacionais

masculinos, em que há salários mais altos, e alcançar posições de comando nos diferentes setores do mundo do trabalho”.

Cristina Bruschini (2007, p. 549) destaca que as escolhas das mulheres ainda recaem sobre áreas de conhecimento tradicionalmente femininas, “como educação (81% de mulheres), saúde e bem-estar social (74%), humanidades e artes (65%), que preparam as mulheres para os chamados “guetos” ocupacionais femininos”. Entretanto, segundo a autora, observa-se também uma maior parcela feminina nas universidades em redutos masculinos “como a área de engenharia, produção e construção, na qual aumentou de 26% para 30% a presença das estudantes” entre 1995 e 2005.

Márcia Grossi *et al.* (2016) demonstram que, entre 1998 e 2003, por exemplo, as matrículas femininas atingiram índice de 54% no ensino médio, ante 46% dos homens. Quando se observa os números dos níveis mais avançados de ensino no período citado, as matrículas femininas ultrapassavam em 12,8% as masculinas na graduação. Entre 2001 e 2010, 57,0% das matrículas eram de estudantes do sexo feminino e elas representavam 60,9% dos concluintes dos cursos.

Segundo dados do Censo da Educação Superior (CENSUP), em 2020, dos mais de 5 milhões e quinhentas mil matrículas realizadas em cursos superiores no país, elas representavam 56,5% do número de matriculadas e, entre 2010 e 2019, houve um crescimento de 21% no número de matrículas femininas nos cursos, incluindo as modalidades presencial e à distância, esta segunda com expressivo crescimento nos últimos anos (BRASIL, 2021). Entretanto, apesar de estarem mais qualificadas e de serem maioria no Ensino Superior brasileiro, as desigualdades de gênero permanece quando se olha para o rendimento médio de homens e mulheres. Pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) (2021) e baseada em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) realizada pelo IBGE, mostra que, em 2020, mesmo com Ensino Superior, elas seguiam ganhando menos que os homens. O salário médio de uma mulher graduada no país era de 3.999 reais, ante 6.363 reais do salário dos homens.

Laís Abramo (2007) ressalta que a divisão sexual do trabalho e uma ordem de gênero que destina às mulheres a função básica e primordial de cuidar da vida no lar fazem com que haja uma subvalorização econômica e social do trabalho feminino e do seu papel na sociedade, colocando o trabalho feminino e a mulher como uma força

de trabalho secundária (ABRAMO, 2007). Em momentos de crise no trabalho, é a força secundária que será primeiramente afastada e se verá desempregada. Os dados da Relação Anual De Informações Sociais (RAIS) de 2020 corroboram os do DIEESE e demonstram que, em 2020, o Brasil perdeu 480.316 empregos formais, uma retração de 1,6% em relação a 2019. Neste período, as mulheres foram as mais afetadas, sendo 96,37% do total de pessoas desempregadas ou mais de 462 mil pessoas (RAIS, 2020), o que fez com que elas representassem, no fim de 2020, 43,6% da força de trabalho formalmente empregada no país, ante 44,1% em 2019.

A profissão bibliotecária foi marcada pelas relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho, sendo inserida ao longo do tempo no rol de profissões feminilizadas. Refletir como esse movimento e essa constituição aconteceram, torna-se fundamental para verificação de como as relações de gênero – sua interseccionalidade com marcadores como os de classe e raça – atuaram na vida das pessoas bibliotecárias entrevistadas nesta pesquisa.

## 4 GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA

A profissão bibliotecária foi marcada pelas relações de gênero, que colaboraram na criação de estereótipos sobre a profissão e na criação da identidade profissional da área. Nos últimos anos vem crescendo a preocupação da área em discutir as questões relativas ao gênero na profissão e esta seção visa refletir os espaços de mulheres e homens na história da Biblioteconomia no Brasil e os reflexos da generificação dela na identidade profissional.

### 4.1 Mulheres e homens na história da Biblioteconomia brasileira

Dentre as profissões marcadas pelas relações de gênero e pela divisão sexual do trabalho, a profissão Bibliotecária pode ser considerada como uma das que atraíram grande contingente de mulheres para seus cursos formadores e para a profissão. Entretanto, nem sempre foi assim. Nos séculos XVIII e XIX, as bibliotecas de mosteiros e seminários (responsáveis pela educação da colônia) eram ocupadas por clérigos da própria instituição, responsáveis pela salvaguarda dos livros e manuscritos que compunham as bibliotecas das instituições. Ainda que não possuíssem o título de bibliotecários – não havia no país cursos formadores para a profissão –, considera-se que estes homens que ocupavam estes postos cumpriam a função de ordenamento e zelo dos documentos.

Francisco de Souza (2009) destaca que, antes do século XX, a influência da Igreja no Estado português fazia com que houvesse uma tradição poética e religiosa que retardou os esforços científicos, a geração de tecnologia industrial em Portugal e resultou em uma baixíssima impressão de livros no país. O autor cita dados de Jorge Borges de Macedo (1979)<sup>33</sup> que demonstram que, durante todo o século XVI, foram impressos somente 1900 livros no país e que, em certos quinquênios, como de 1506 a 1510, a média de publicações ficou em apenas 1 livro impresso por ano. Tal média cresceu durante o século, chegando a 53 títulos entre 1586 e 1590, mas ainda muito

---

<sup>33</sup> MACEDO, Jorge Borges de. Livros impressos em Portugal no século XVI: interesses e formas de mentalidades. *In*: MACEDO, Jorge Borges de. **Os Lusíadas e a história**. Lisboa: Verbo, 1979. p. 23-73.

pequena para um país que possuía importância geopolítica no mundo da época. A tipografia portuguesa

[...] atendia aos interesses de caráter prático, e seu uso coube a organizações hegemônicas ou ao ensino, como à Igreja, que a utilizou com regularidade na veiculação de informes sobre sua função, organização, serviços e doutrina; ao Estado que a utilizou nos momentos de maior atividade legislativa; e ao ensino, que a utilizou para facilitar a efeito de seus meios diretos de comunicação. (SOUZA, 2009, p. 24-25).

As poucas bibliotecas e livrarias que existiam no Brasil no período colonial eram pertencentes aos colégios das ordens religiosas, que mantinham suas bibliotecas anexas a seus colégios e, ainda que muitas dessas fossem abertas ao público em geral, suas obras eram acessadas pelos poucos letrados e pelos ligados à ordem. Falando em específico das bibliotecas jesuíticas – que eram maioria das bibliotecas no país –, Rubens de Moraes (2006, p. 9) destaca que

[...] os jesuítas sempre enriqueceram suas livrarias não somente por causa de suas necessidades pessoais, mas, principalmente, pelas responsabilidades que tinham nos seus seminários e colégios, onde recebiam alunos para o aprendizado desde as mais primeiras letras até os cursos de filosofia, que se equiparavam a verdadeiras faculdades.

Nas grandes cidades, as bibliotecas ligadas a outras ordens como a dos beneditinos, franciscanos e carmelitas também serviam de apoio às atividades educacionais destas ordens e, segundo o autor, as abadias beneditinas, por exemplo, enriqueciam seus acervos por meio de compras e heranças. Tal modo de obtenção de livros pelas ordens religiosas – heranças, espólios e algumas compras – se dava pelo pouco comércio de livros existentes na colônia. Além disso, a impressão de livros era inexistente, uma vez que era proibida a instalação de tipografias no Brasil e a grande censura do Estado português inviabilizava a publicação de obras que não fossem, em sua maioria, religiosas. Quem atuava nas bibliotecas eram, em sua maioria, pessoas ligadas diretamente às ordens e que eram destinadas a exercerem a função de livreiro<sup>34</sup> (MORAES, 2009).

A corte portuguesa que veio junto com a família real para o Brasil, em 1808, trouxe consigo grande parte do acervo cultural e bibliográfico que possuía. Os

---

<sup>34</sup> Segundo Moraes (2009, p.22) “a palavra livreiro não significava somente ‘mercador de livros’, mas designava as pessoas que exerciam o ofício de encadernador, dobrador de folhas tipográficas e até bibliotecário”.

gabinetes de literatura se transformaram – diferentemente de quando estavam em solo português, em que eram locais onde se alugavam livros – em espaços de leitura e estudo para um grupo seletivo de assinantes, demonstrando o caráter elitista que o livro e a leitura possuíam no período (SOUZA, 2009).

A criação da Biblioteca Nacional por Dom João VI, em 1808, representou importante ponto na história das bibliotecas no país, uma vez que, ao trazer a Biblioteca Real Portuguesa para o Brasil em sua fuga para a colônia, o governante demonstrava preocupação com o objeto que o livro representava e o país passou a ter uma biblioteca que buscava ser um centro da cultura e da produção bibliográfica nacional. César Castro (2000) destaca que, em suas primeiras décadas, a Biblioteca Nacional (BN) foi gerenciada por homens religiosos que vieram com a família real para o país, tendo somente em 1846 um não-religioso como diretor, quando foi nomeado o Dr. em Medicina José de Assis Branco Muniz Barreto, sendo substituído, em razão de sua morte, por Camillo de Monserrate, um frei beneditino nascido na França e naturalizado brasileiro. Sob a gestão do frei Camillo, a Biblioteca Nacional buscou uma melhor organização de seu acervo com a criação de catálogos e houve a mudança de sede, da Ordem Terceira do Carmo para um novo prédio no Largo da Lapa (CASTRO, 2000). No que tange à direção da instituição, Beatriz Sousa (2014) destaca que as nomeações para a direção da Biblioteca Nacional foram pautadas por uma hierarquia de gênero, uma vez que, mesmo havendo bibliotecárias formadas no país desde 1930, somente em 1971, a BN foi dirigida por uma mulher, a bibliotecária Jannice de Melo Monte-Mór<sup>35</sup>.

Segundo Ana Laura Xavier (2020), a gestão de Jannice durou nove anos (1971-1979) e foi marcada por uma renovação guiada por uma reforma administrativa, que buscou dar um caráter mais nacional à BN e aproximá-la dos objetivos estabelecidos pela UNESCO para as bibliotecas nacionais, sobretudo na questão dos sistemas de informação bibliográfica. Outro marco de sua gestão foi o retorno da publicação dos Anais da Biblioteca Nacional, que permitiu à autora encontrar relatório sobre a situação da instituição antes e depois de assumir o cargo, com metas atingidas e não atingidas em sua gestão<sup>36</sup>. Ana Laura Xavier (2020) destaca ainda que, em mais de

---

<sup>35</sup> Antes de Jannice de Melo Monte-Mor assumir o cargo de diretora da BN, segundo quadro elaborado por Ana Laura Xavier (2020), a bibliotecária Marina Rôxo havia ocupado o cargo de diretora de forma interina em três oportunidades.

<sup>36</sup> Dentre as metas atingidas pela gestão de Jannice estavam: Implementação parcial da reforma administrativa; Implementação da Microfilmagem visando à preservação do acervo; Desenvolvimento



200 anos de existência, a Biblioteca Nacional foi dirigida somente sete vezes por mulheres (a lista de mulheres que dirigiram a BN encontra-se no Anexo C), sendo a última a empresária e gestora Helena Severo (2016-2020)<sup>37</sup>.

Foi na Biblioteca Nacional que o primeiro curso formador de bibliotecários no Brasil foi implantado, em 1911. Fruto do desenvolvimento de diversas ações no campo da Biblioteconomia<sup>38</sup>, aliada às mudanças políticas do país com a recente Proclamação da República e a grande influência francesa e positivista no círculo intelectual brasileiro, a BN criou o primeiro curso de formação de mão de obra bibliotecária no país para suprir a falta de pessoal qualificado para atuar em suas dependências, esta uma constante reclamação dos diretores da instituição. O decreto<sup>39</sup> que criou o curso, determinou que ele teria duração de um ano, com as aulas sendo ministradas uma vez por semana, com uma hora de duração, e realizadas entre os meses de abril e novembro. Ao fim do curso, os alunos seriam submetidos a um exame escrito e um exame oral, com duração de duas horas e meia para cada, respectivamente.

Por diversos motivos – que iam desde a desistência de candidatos à falta de professores – o curso só iniciou as suas atividades em 1915, com vinte candidatos aprovados após exame de admissão que não se diferenciava dos critérios do primeiro concurso para bibliotecário realizado no país<sup>40</sup>, uma vez “que se compunha de prova escrita de português e provas orais de Geografia, Literatura, História Universal e de

---

do Formato CALCO (Catalogação Legível por Computador); Implantação do Sistema ISBN; Aumento das pesquisas sobre conservação e restauração de documentos com a participação de técnicos estrangeiros e nacionais. Com relação às metas não atingidas, estas giraram em torno do aumento do espaço físico e do pessoal da Biblioteca e a autonomia administrativa da Biblioteca Nacional (XAVIER, 2020).

<sup>37</sup> Helena Severo foi a única gestora da Biblioteca Nacional após a criação da Fundação da Biblioteca Nacional, em 1990. As outras 4 diretoras titulares tiveram seus mandatos antes de 1990 (GRIGS, 2020).

<sup>38</sup> Dentre tais ações, pode-se citar a publicação de regras de catalogação feitas pelo Museu Britânico em 1841; a criação de cursos formais de Biblioteconomia, como o da École Nationale de Chartes em 1821 e o da Universidade de Columbia, nos EUA; a fundação da American Library Association – ALA; a publicação da Classificação Decimal de Dewey (CDD), dentre outras. No Brasil, como exemplos, temos a publicação em 1880 da “Bibliografia da Língua Tupi ou Guarani também chamada de língua geral do Brasil”, de Alfredo do Vale Cabral; o “Plano do catálogo sistemático da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, de João de Saldanha da Gama e publicado em 1884; o início da publicação do “Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional”, em 1886 (SOUZA, 2009).

<sup>39</sup> Decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911.

<sup>40</sup> O primeiro concurso para o cargo de bibliotecário no Brasil foi realizado em 1879 e buscou contratar um perfil de bibliotecário erudito, que possuísse “conhecimentos de História Universal, Geografia, Filosofia, Bibliografia, Iconografia, Literatura, Catalogação de Manuscritos e traduções do Latim, Francês e Inglês, sendo aprovado, no primeiro concurso para bibliotecário, o historiador João Capristano de Abreu. (...) Cada prova dissertativa, durava em torno de 4 horas. No dia seguinte, 2 de julho de 1879, foram realizadas as provas de Línguas, Bibliografia, Iconografia e Classificação de manuscritos” (CASTRO, 2000, p. 49).

Línguas: francês, inglês e latim” (CASTRO, 2000, p. 54). Refletindo a necessidade de formação de um profissional erudito, humanista e exímio conservador dos acervos, o currículo do curso da Biblioteca Nacional dava prioridade a disciplinas relacionadas a teoria cultural, possuía duração de um ano e tinha como objetivo principal sanar as dificuldades existentes na biblioteca quanto à formação de pessoal. (CASTRO, 2000; SILVEIRA, 2007). Em uma sociedade onde era baixo o índice de pessoas alfabetizadas e eram inúmeras as barreiras impostas às mulheres e pessoas das classes trabalhadoras para que conseguissem estudar, pode-se inferir que a profissão bibliotecária no Brasil era marcada pelas questões de gênero, destinadas a formar homens de notável erudição para assumirem os postos nas bibliotecas.

O curso da Biblioteca Nacional paralisou suas atividades em 1923 em razão do descontentamento de alguns professores com a criação de um Curso Técnico na instituição – que aumentava a carga horária destes professores uma vez que eles deveriam cumprir suas funções no magistério e as de bibliotecário/chefe de setor –, voltando a ser ministrado somente em 1931 e com currículo que mantinha as bases da primeira fase do curso (1915-1923), com predomínio de disciplinas de cultura geral e com objetivo de formar pessoal capacitado para o preenchimento de cargos na Biblioteca Nacional (CASTRO, 2000).

Quanto à forma de ingresso, as exigências para que se cursasse Biblioteconomia na BN eram ainda altas mesmo após anos de paralisação. Aos candidatos, eram requeridos certificados de conclusão da 5ª série do curso secundário, certidões de aprovação em exames de português, francês, inglês, latim, aritmética, geografia, história universal, corografia<sup>41</sup> e história do Brasil, atestados de identidade, sanidade e idoneidade moral (CASTRO, 2000).

Levantamento realizado por Ana Laura Xavier (2020) corrobora a visão de que o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, em sua primeira fase, formou somente homens e, em grande parte, estes eram funcionários da própria instituição (XAVIER, 2020). Quanto ao corpo docente da instituição, Luciana Grigs (2020) demonstra que, em 1915, ano do efetivo início do curso na Biblioteca Nacional, os alunos matriculados tiveram as suas disciplinas com quatro professores, todos eles homens. Ainda segundo dados levantados pela autora, “no relatório de funcionamento do curso de Biblioteconomia de 1932, dos trinta e um alunos, apenas dez eram

---

<sup>41</sup> A disciplina de corografia se referia ao estudo de regiões geográficas específicas de determinado país.

mulheres, e as duas disciplinas oferecidas foram ministradas por professores homens” (GRIGS, 2020, p. 241). Beatriz Sousa (2014) ressalta que a função intelectual e erudita da Biblioteconomia brasileira está relacionada à figura masculina e é um dos elementos que caracterizam a história das bibliotecas até a década de 1930, quando há no país a implantação do modelo estadunidense de formação bibliotecária, que deu início à formação técnica e limitou o caráter humanístico dos currículos formadores.

A implantação de tal modelo se deu primeiramente com a criação do curso de Biblioteconomia do Colégio Mackenzie, em 1929, curso este que se diferenciava bastante do curso ministrado na Biblioteca Nacional, já que adotava o modelo pragmático de ensino de Biblioteconomia e de organização de bibliotecas adotado nos EUA. Assim como o curso da Biblioteca Nacional, ele foi criado sobretudo para capacitar o corpo técnico da própria instituição para atuação nas suas bibliotecas (CASTRO, 2000).

Apesar de não se poder afirmar que houve apenas um motivo e/ou um marco que levou a Biblioteconomia a se tornar uma profissão “destinada a mulheres” (e não há registro que demonstre isso na literatura), a tecnicização da profissão e adoção do modelo estadunidense – primeiro nas escolas de São Paulo e depois por diversos cursos pelo país – pode ser considerada um dos fatores que fizeram com que a profissão bibliotecária se tornasse feminilizada. Para Beatriz Sousa (2014), o caráter tecnicista do modelo adotado pelas escolas paulistas limita as atividades intelectuais das bibliotecas, o que se pode supor que retirou o interesse dos homens pela profissão. Além disso, há a transformação das bibliotecas em espaços voltados para a educação das classes baixas e para preservação de valores sociais vigentes, como os de manter a ordem e os bons costumes. Tais características podem ter suscitado a entrada de mulheres na profissão, haja vista sua semelhança com a profissão de professora que a esta altura, já era feminilizada.

São Paulo já se tornava uma grande metrópole na década de 1930 e a influência estadunidense na economia e no modo de vida brasileiro cresceu bastante nos anos 1920 e 1930, com o país contraindo empréstimos junto a bancos dos EUA e sendo o maior exportador de produtos manufaturados para o Brasil, além da influência cultural que crescia sobretudo com a divulgação do modo de vida daquele país nas revistas (SOUZA, 2009). Aliado a isso, algumas ações como o envio de

bibliotecárias para que estudassem nos EUA<sup>42</sup> em programas de intercâmbio, a difusão de discursos que diziam que as bibliotecas brasileiras deveriam se modernizar e o início da saída das mulheres das classes médias e altas para o mercado de trabalho, colaboraram para o aumento da difusão do modo tecnicista da Biblioteconomia anglo-saxã no Brasil e para a feminização da profissão.

Ana Laura Xavier (2020) destaca que a efervescência cultural e econômica da capital paulista nas décadas de 1920 e 1930 propiciaram que mulheres das classes médias e altas fossem estudar na Europa e/ou nos EUA e voltassem para o Brasil com ideais feministas que colocavam em prática nos postos de trabalho que ocupavam no país. Segundo a autora:

Se de um lado assistiu-se a luta pelo direito ao voto feminino, do outro presenciou-se a busca de mulheres pelo protagonismo no meio artístico. Tais posicionamentos sociais e políticos não podem ser desassociados e são responsáveis por elevar a condição da mulher a um outro patamar. A forte influência europeia e mais recente dos Estados Unidos consiste em forças norteadoras para que tais alterações ocorressem. (XAVIER, 2020, p. 72).

Cabe ressaltar que a profissão bibliotecária nos EUA já se consolidava, no fim do século XIX e início do século XX, como uma profissão feminilizada. Quando o teórico Mevil Dewey fundou o curso na Universidade de Columbia, em 1896, dezessete dos vinte alunos matriculados no curso eram mulheres e Dewey foi um dos primeiros a contratar mulheres para a função de bibliotecária na universidade (GIACOMETTI; VELLOSO, 1987). Kathleen Wiebel e Kathleen Heim (1979) recuperam artigo do próprio Dewey (1886), escrito no fim do século XIX, em que ele buscava explicar sua visão dos motivos pelos quais as mulheres recebiam salários menores do que seus pares homens. Em sua exposição de motivos, o teórico considerou que com a formação de um maior número de profissionais, os salários naturalmente aumentariam pois haveria aumento da concorrência pelas vagas. Além disso, ele se coloca como supostamente um benfeitor e ressalta que sua preferência por contratar mulheres para a profissão bibliotecária se dava porque a formatura no curso podia ser considerada como um prêmio dado pela sua perseverança em estudar

---

<sup>42</sup> Foi num desses intercâmbios que Adelpha Rodrigues, bibliotecária efetiva do colégio Mackenzie, foi realizar curso preparatório em um curso destinado a mulheres latino-americanas pela American Association of University Women. Para ocupar seu lugar, a bibliotecária Dorothy Murrell Gropp foi trazida ao Brasil para organizar a biblioteca do colégio e organizar um Curso Elementar de Biblioteconomia para funcionários das bibliotecas e professores e bibliotecários de outras instituições do estado de São Paulo.

e dado o baixo número de mulheres com cursos superiores, as bibliotecárias formadas representavam o melhor do corpo técnico disponível no país.

Anita Schiller (1970), no entanto, ressalta as reais intenções do teórico e destaca que, na verdade, ao contratar mulheres para a função de bibliotecária, Dewey não buscou dar maior oportunidade a elas ou promover maior igualdade salarial entre os sexos, mas considerou aspectos ligados à economia dos recursos das bibliotecas, uma vez que, ao se contratar mulheres, poderia se pagar menores salários para as mesmas e, assim, economizar recursos para setores considerados mais importantes (SCHILLER, 1970). Além disso, Edilmar Junior (2021) destaca que o teórico estadunidense foi acusado de antissemitismo, racismo, misoginia e assédio sexual e que as acusações foram tão intensas que levaram a Associação Americana de Bibliotecas a retirar o nome de seu fundador de seu prêmio.

A Biblioteconomia enquanto prática profissional nos EUA, desta forma, carregou desde o início de seus cursos formadores aspectos de discursos generificados. A maior tecnicidade dos currículos dos cursos e da profissão pode ser considerada como uma das estratégias utilizadas para que a profissão bibliotecária se tornasse de menor complexidade e que, dentro do contexto da divisão sexual do trabalho, fosse “destinada a mulheres”. Ao patrocinar a ida de profissionais latino-americanos para estudarem nos EUA, há a difusão no Brasil, após a volta desses profissionais, de que a Biblioteconomia deveria ser mais técnica e menos erudita e que seus currículos deveriam ser mais voltados para aspectos técnicos da profissão.

Nesse período, a Biblioteconomia já se tornava cada vez mais uma profissão feminilizada e o número de pessoas matriculadas levantados por César Castro (2000) evidencia que, na década de 1940, a Biblioteconomia já passava a atrair um número maior de mulheres para seus bancos. Entre 1940 e 1943, dos 493 estudantes matriculados no curso da Biblioteca Nacional, 440 (ou 89,25%) do total eram mulheres e, ainda que houvesse grande desistência durante os dois anos de curso, ao fim, 68 mulheres se formaram bibliotecária ante somente 6 homens. O mesmo fenômeno ocorria também em São Paulo, no curso do Departamento de Cultura da Prefeitura, onde, segundo Ana Laura Xavier (2020), das/os 59 alunas/os formadas/os no curso, 43 eram mulheres.

Elisabeth Martucci (1996) levanta a hipótese de que a aproximação crescente da Biblioteconomia com a área da Educação pode ser considerada como uma das razões para um maior ingresso das mulheres no curso, uma vez que o magistério já

era uma profissão majoritariamente ocupada por mulheres e a biblioteca passou a ser vista como uma extensão da sala de aula e, por conta disso, também deveria ser ocupada por elas. A expansão educacional observada durante a Primeira República e a partir da década de 1940 levou a um aumento da criação de bibliotecas no país. Dados de Sonia Gomes (1983)<sup>43</sup> citados por Martucci (1996) demonstram que, entre 1889 e 1930, 58,2% das bibliotecas criadas no país estavam ligadas a escolas, especialmente em São Paulo e Minas Gerais e que tais bibliotecas visavam o oferecimento de obras importantes para estudo das disciplinas estudadas e eram cuidadas por professores/as e não por bibliotecários/as.

Esta mudança de perfil da profissão bibliotecária – de destinada a homens quando era erudita e para mulheres quando se tornou mais técnica – não foi ponto pacífico e/ou recebida bem por um entrevistado. Renato, ao ser questionado por que ele considerava que a profissão bibliotecária se tornou feminilizada ao longo do tempo, mostrou discordância quanto ao termo “tornar-se”:

*RENATO (36 anos): Não... mas aí quando você fala “tornou-se”... me deu um bug aqui com essa palavra tornou-se... eu não sei se tornou-se... porque você parte do pressuposto que a que a profissão era masculina?*

Nos EUA, por exemplo, Joanne Passet (1993) ressalta que segundo o censo demográfico daqueles países, em 30 anos, o contingente de pessoas bibliotecárias passou de 80% de homens em 1870 para 80% de mulheres em 1900, tornando a profissão bibliotecária uma profissão não típica para eles. Entre 1897 e 1921, anos que compreendem a pesquisa realizada pela autora, 276 homens haviam se tornado bibliotecários no país, o que representava apenas 3,4% de quem se graduou nos cursos de Biblioteconomia nos EUA (PASSET, 1993). Mesmo após explicação acerca do contexto da profissão, da evolução do seu corpo técnico e dos seus cursos, além do processo de feminilização ocorrido na profissão, o entrevistado seguiu discordando:

*RENATO (36 anos): Ah eu discordo de você... discordo completamente de você... porque quando a gente vai lá na história da Biblioteconomia... lá no início do século do século vinte... o curso era essencialmente feminino... não é à toa que nos discursos de políticos e educadores diziam que Biblioteconomia... era deveriam ser bibliotecárias.... [...]*

<sup>43</sup> GOMES, Sonia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na primeira república**. São Paulo: Pioneira, Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983. 90p.

Apesar de relevantes os questionamentos do entrevistado e de estabelecimentos e órgãos oficiais trazerem a grafia “bibliotecária”<sup>44</sup> em seus enunciados, considera-se aqui que houve um processo de feminização da profissão pelos movimentos já citados, conjugado a maior entrada das mulheres de classes médias e altas na sociedade. O processo de feminilização da Biblioteconomia não pode ser creditado, conforme supracitado, há um só evento ou a um só movimento, mas a uma amálgama de ações e processos que inseriram a profissão no rol de profissões marcadas pelas relações de gênero e “destinadas a mulheres”. Além disso, a ocupação de bibliotecários homens nos séculos XIX e primeiros anos do século XX, as exigências para ingresso no curso da BN – que só possibilitava a entrada de homens aos cursos – e a mudança do perfil profissional para um mais técnico a partir dos anos 1930, permitem inferir que a profissão se tornou, ao longo do tempo, uma profissão feminilizada.

É importante ressaltar que estes enunciados (tanto os de órgãos oficiais como os de vagas de emprego, por exemplo) também podem ser considerados discursos – e efeitos destes discursos – sobre a ideia de que a profissão deve ser destinada a mulheres. Dóris, por exemplo, relata que ainda via vagas que pediam bibliotecária para ocupar o emprego e não sabia explicar porque isso ocorria, se por desconhecimento do mercado ou por associação deste da profissão a mulheres:

*DÓRIS (37 anos): [...] e a gente discutia muito porque nos processos seletivos... e até hoje é assim, né? eh:: indicam bibliotecária né?... mas era uma discussão assim que incomodava todo mundo... mas por que que tem que ser só bibliotecária e não pode ser bibliotecário? e aí a gente não sabe se é uma ignorância do mercado de saber que um existem homens fazendo Biblioteconomia... ou se é preferência mesmo pelo contexto... a gente não explica... mas o mercado é preconceituoso... recentemente eu vi uma vaga eu mandei pra um colega bibliotecário e ele falou “ah é só sexo feminino” e eu disse “eu nem olhei isso”... e assim a gente não está preocupado com isso... é bibliotecário... não importa se é feminino... masculino... se é preto... se é branco...*

Tais fatos demonstram ainda mais como os discursos em torno da profissão bibliotecária ser uma profissão feminina ainda estão presentes na sociedade. De volta à história da Biblioteconomia brasileira, as décadas de 1950 e 1960 vão acentuar as

---

<sup>44</sup> O decreto 10.362, de 1932, que apresenta o corpo administrativo da Escola Normal e que traz a grafia “bibliotecária” ao descrever as funções da pessoa que iria atuar nas bibliotecas das escolas, é um exemplo destes documentos oficiais (RODRIGUES, 2013).

discussões em torno da necessidade de uniformização do ensino de Biblioteconomia nas escolas do país, que aumentavam consideravelmente. A difusão da ideia de uma formação mais técnica, advinda dos EUA, se refletiu na criação dos cursos criados no período e as discussões em torno da elaboração de um Currículo Mínimo para a formação bibliotecária no país. Este currículo foi publicado em 1962, após uma intensa discussão (e que perdura muitas vezes até hoje) sobre qual formação deveria ser mais importante para as/os bibliotecárias/os brasileiras/os – mais erudita e cultural ou mais técnica.

O Currículo Mínimo da década de 1960 definia as disciplinas que deveriam ser ministradas para a formação bibliotecária nas quatorze escolas de Biblioteconomia presentes no país até aquele momento, o que demonstra o crescimento da área, uma vez que, ao fim da década de 1940, eram cinco as escolas no Brasil (XAVIER, 2020). Antes, cada escola/curso podia determinar o seu programa curricular considerado ideal, “para formar um bibliotecário ideal, perfeito, moderno que, de posse de um saber técnico e cultural, atendesse à sociedade brasileira” (CASTRO, 2000, p. 204).

Além de dar uniformidade, o Currículo Mínimo buscou equilibrar a formação técnica e humanista dada aos estudantes, mas mantendo um certo prestígio às de caráter técnico. Segundo Antônio Lemos (1973), o currículo de 1962 visou conciliar as duas formações generalizando a experiência de ensino do período entre 1929 e 1944, além de admitir as influências da Documentação no campo da Biblioteconomia e tornar obrigatória a disciplina de Paleografia. Após análise de uma proposta inicial com 17 disciplinas elaborada por uma Comissão de Especialistas em Biblioteconomia, o Conselho Federal de Educação<sup>45</sup> determinou que os cursos teriam duração de 3 anos e, apesar de manter uma equidade no número de disciplinas técnicas e culturais, o autor considerava que, em termos de conteúdo, o que ocorreu foi um superdimensionamento das disciplinas de caráter técnico para que se alcançasse as 2025 horas estipuladas para os cursos, o que fazia com que as disciplinas culturais fossem apresentadas como “apanhados pretensamente enciclopédicos de temas que certamente poderiam ser abordados em função das atividades profissionais do bibliotecário” (p. 53).

Para Fabrício Silveira (2007), a pretensão da formação de uma mão de obra que fosse capaz de contribuir para o projeto de um país independente fez com que a

---

<sup>45</sup> O Currículo Mínimo de Biblioteconomia foi estabelecido em Resolução de 16 de novembro de 1962, após parecer N° 326/62 elaborado por José Montello.



Biblioteconomia brasileira, em suas primeiras décadas de funcionamento, incorporasse a tese de que a biblioteca era um organismo de extrema importância. Entretanto, “a base de seu argumento era que tal condição só seria alcançada através da difusão de rígidos padrões técnicos em torno da execução das rotinas de captação, organização, preservação e disseminação da informação” (SILVEIRA, 2007, p. 141).

Cabe destacar que o estabelecimento do Currículo Mínimo também adequava as disciplinas aos discursos do que era esperado pelo mercado de trabalho que se tornava ascendente para o profissional de Biblioteconomia. O currículo passava, desta forma, a responder a interesses econômicos de formação de profissionais que pudessem lidar com a produção científica e bibliográfica crescente no país, mas que ainda recebiam formação deslocada das necessidades culturais e sociais brasileiras (CASTRO, 2000; SOUZA, 2009). Além disso, o Brasil vivia um período de aproximação com o modo de vida dos EUA e o governo militar instaurado em 1964 fomentou a difusão de ensinamentos técnicos, em detrimento de formações de cunho humanista.

O crescimento deste mercado de trabalho também se refletia no número de estudantes matriculadas/os no curso. Conforme dados de Laura Russo (1966) (Anexo D), observa-se que, no curso de Biblioteconomia e Documentação de Recife, por exemplo, houve um crescimento grande no número de alunas/os inscritas/os entre os anos de 1962 e 1965. No primeiro ano citado pela autora, eram 23 as/os alunas/os inscritas/os e este número aumentou para 106 em 1965, o que representava um crescimento de 360,8%. O mesmo ocorreu também na Escola de Biblioteconomia e Documentação da Bahia, onde, em 1962, eram 95 as/os inscritas/os no curso e, em 1965, este número já era de 139, um aumento de 46%. Em Minas Gerais, no mesmo período, o acréscimo no número de estudantes foi de 87,5%, passando de 40 para 75.

Os dados levantados por Hugo Pires (2016) também evidenciam o processo de feminização da profissão ocorrido na década de 1960 e que se seguiu nas décadas subsequentes. No curso da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por exemplo, 106 mulheres se tornaram bibliotecárias na década de 1950 e 194 mulheres ao fim de 1960, representando 98,97% do número de pessoas formadas. No mesmo período, 25 homens se formaram em Biblioteconomia na UFPE. Segundo o autor, durante os mais de 60 anos de existência, o curso da UFPE formou mais de 1500 bibliotecários, sendo a imensa maioria deles (89%) do sexo feminino. Em números

absolutos, o número de bibliotecárias sempre foi maior que o número de bibliotecários graduados e, enquanto 794 bibliotecárias foram formadas entre 1960 e 1980, somente 30 bibliotecários se formaram no mesmo período.

Cabe considerar que, após a década de 1980, o número de homens formados em Biblioteconomia aumentou nas universidades levantadas por Hugo Pires (2016), e segundo o autor, tal fato pode ter relação com a aproximação da área da Biblioteconomia com áreas masculinizadas, como Administração e Ciência da Computação e com a própria Ciência da Informação, que já trazia consigo elementos de profissões com maior predominância de homens; com a queda de determinadas barreiras quanto a profissões “destinadas” a mulheres ou a homens e a consolidação da profissão bibliotecária como empregadora. Nas palavras do autor:

Enquanto em países como o Brasil observa-se uma crise do trabalho, sobretudo a partir dos anos 1990, com a redução do número de postos de trabalho em vários segmentos e aumento da terceirização, a profissão bibliotecária passa a ocupar novos espaços e a manter (e em alguns casos até a elevar) o número de postos de trabalho, com remuneração compatível a de outras profissões, como jornalista e assistente social. É nesse período que se observa maior procura dos homens pelos cursos de Biblioteconomia (PIRES, 2016, p. 117).

A década de 1980 marca também a reformulação do Currículo Mínimo dos cursos de Biblioteconomia, e o novo currículo publicado em 1982, “tinha como finalidade adequar o ensino às novas mudanças do mercado e equiparar o curso aos demais cursos superiores, com quatro anos de duração” (SOUSA, 2014, p. 146). O currículo definia que os cursos de bacharelado em Biblioteconomia teriam duração de 4 anos e as disciplinas se dividiriam em três eixos: matérias de fundamentação geral, matérias instrumentais e matérias de formação profissional, e tinha a interdisciplinaridade como eixo norteador, mas ainda mantinha em sua definição a crise de pouca relação entre o que era ministrado e a realidade do país. (SILVEIRA, 2007; SOUZA, 2009).

A maior entrada de homens na profissão também leva a uma mudança de discursos em relação à imagem da profissão bibliotecária. Tais discursos giravam em torno da difusão da imagem de uma/um “profissional moderna/o” e que passavam a se alinhar, sobretudo na década de 1990, com a lógica neoliberal e que denotavam uma desqualificação da Biblioteconomia e da figura da/o bibliotecária/o, onde em muitos “textos, palestras, etc. adensava um discurso que trazia como mensagem subliminar a extinção do bibliotecário, como carreira e cargo profissional, em total

contraste com os discursos profissionais na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo.” (SOUZA, 2009, p. 146).

Pretensamente centrado em desenvolver competências e habilidades para o mundo globalizado, os currículos de formação Bibliotecária dos anos 1990 possuíam mais flexibilidade – permitida com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996. A noção de currículo mínimo foi então substituída pelas Diretrizes Curriculares, o que permitiu que os conteúdos curriculares pudessem ser constituídos de acordo com as especificidades de cada instituição de ensino e as instituições passassem a ter mais flexibilidade na formação de seus currículos e na adequação destes às demandas da sociedade e necessidades locais (SOUSA, 2014).

Relacionando as mudanças curriculares à generificação da profissão bibliotecária, Hugo Pires e Claudio de Paula (2022, p. 15) afirmam que as mudanças discursivas ocorridas, sobretudo a partir da década de 1990 em torno da profissão, coincidem com a maior entrada masculina na área e que

A estrutura curricular dos cursos passou a privilegiar disciplinas técnicas com foco nas atividades de coleta, gestão, preservação e disseminação dos recursos informacionais (SILVEIRA, 2007), e a formação dada buscava formar um profissional que atendesse a lógica mercadológica neoliberal, em que o mercado de trabalho exigia profissionais dinâmicos, habilitados, criativos e competentes, que mostrassem produtividade e que estivessem em constante atualização.

A maior procura de homens pelo curso de Biblioteconomia pode ser comprovada nos números. Em pesquisa realizada junto à Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), André Pena, Helena Crivellari e Jorge Neves (2006) demonstram que, entre 1994 e 2004, o número de bibliotecários saltou de 13,02%, para 23,87%. Em outra pesquisa, em que comparam os dados junto a RAIS da profissão bibliotecária com a de contadores e analistas de TI, Josmária Oliveira e Helena Crivellari (2011) constatam que há queda na feminização da profissão de bibliotecário entre os anos de 1985 e 2009, enquanto nas outras duas profissões estudadas há ligeiro aumento nesse processo. Entretanto, as autoras ressaltam que, mesmo com essa queda significativa, a profissão de bibliotecário ainda pode ser considerada como altamente feminizada.

Visando alcançar uma visão mais atualizada dos dados e da presença masculina e feminina na profissão bibliotecária, solicitou-se, junto ao serviço de Acesso à Informação do Ministério da Economia e Trabalho, dados recentes

referentes ao número de mulheres e homens bibliotecárias/os e informados pelos empregadores na RAIS para a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Os dados levantados estão na Tabela 1:

Tabela 1 – Quantidade de vínculos de acordo com a CBO Bibliotecário (2010-2020), por sexo.

<b>Ano</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>Total</b>
2010	9.284	1.741	11.025
2011	9.701	1.861	11.562
2012	9.506	1.949	11.455
2013	9.557	2.005	11.562
2014	9.843	2.175	12.018
2015	9.522	2.153	11.675
2016	9.639	2.153	11.792
2017	9.584	2.153	11.737
2018	9.604	2.203	11.807
2019	9.092	2.149	11.241
2020	8.683	2.100	10.783

Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto a RAIS.

Os dados da Tabela 1 mostram que, de modo geral, no período de 2010 a 2020, o mercado de trabalho para a profissão bibliotecária se manteve com relativa estabilidade no número de postos de trabalho, mas observa-se uma retração deste número a partir sobretudo de 2016. No começo da década, eram 11.025 bibliotecárias/os empregadas/os no país, número que ficou 2,19% menor em 2020, quando a profissão terminou a década com 242 postos de trabalho a menos do que em 2010. Se compararmos com o auge do período, onde havia 12.018

bibliotecárias/os empregadas/os no país em 2014, houve o fechamento, em 2020, de 993 postos de trabalho, ou 10,27%.

Quanto ao gênero das pessoas empregadas, observa-se que houve um ligeiro e constante aumento do número de homens empregados como bibliotecários no Brasil, enquanto há uma retração no número de mulheres. Cabe destacar que, conforme explicitado anteriormente, a partir de 2013, o Brasil entrou em uma recessão econômica, e que foi agravada com o golpe parlamentar dado na presidenta Dilma Rousseff em 2016, onde houve um redirecionamento e um corte nas verbas das políticas econômicas e sociais dos governos petistas e a adoção de uma agenda neoliberal – acentuada com a eleição da extrema-direita em 2018. Os dados nos permitem inferir que, ainda que estejamos tratando de uma profissão altamente feminilizada, as mulheres ainda assim enfrentam a desigualdade de gênero na profissão, uma vez que foram mais atingidas pelo desemprego na profissão, sendo também consideradas uma força de trabalho secundária dentro da Biblioteconomia. Entre 2016 e 2020, 956 mulheres perderam o emprego de bibliotecária no país, enquanto o número de homens desempregados foi de 53.

Pelos dados obtidos e pelo histórico realizado nesta seção, é evidente que a profissão bibliotecária foi (e é) marcada pelas relações de gênero em sua gênese e em sua consolidação e desenvolvimento. Entretanto, a produção acadêmica acerca da temática nem sempre acompanhou este histórico e, nos últimos anos – sobretudo na última década –, é que se tem visto uma reflexão mais sistemática e aprofundada sobre estas questões. Assim, a próxima seção apresenta uma revisão acerca da produção da temática de gênero e divisão sexual do trabalho na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

#### **4.2 A produção sobre gênero em Biblioteconomia e Ciência da Informação**

Apesar de ainda poder ser considerado um tema marginal e que não tem sido foco da Biblioteconomia e Ciência da Informação<sup>46</sup>, a produção acerca da temática de gênero nas áreas vem crescendo nos últimos tempos, seja por fruto da maior

---

<sup>46</sup> Apesar de se tratar de áreas distintas, considera-se aqui a abordagem de gênero das duas áreas em conjunto, uma vez que há uma intrínseca relação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação no Brasil, tendo os trabalhos de uma alimentado as discussões da outra.

discussão em torno das temáticas de gênero na sociedade, seja pelo entendimento da área de que ela é fortemente atravessada pelas questões de gênero, que vão atuar desde a constituição do corpo profissional até nos produtos informacionais entregues às/aos usuárias/os. Mariana Passos e Ursula Blatmann (2018, p. 53) destacam que “o espaço para os estudos feministas e de gênero dentro da área informacional é palpável, visto a forte relação dessas temáticas com a circulação informacional histórica que delineou sociedades e hierarquias.”

As discussões de gênero apareciam de forma tímida na década de 1980 e 1990 no Brasil. Dentre estes, destaca-se o artigo de Miriam Botassi (1984) em que ela faz importante reflexão acerca de elementos como a baixa remuneração, os locais de atuação e a visão que a sociedade possuía da profissão bibliotecária, ligadas segundo a autora a uma visão da sociedade em torno de uma “natureza feminina”, o que fazia com que as empresas que possuíam bibliotecárias em seus quadros buscassem profissionais passivas, que não questionassem decisões e que “quando tomamos decisões e nos comportamos ativamente, somos consideradas avis [sic] raras, loucas e impertinentes” (BOTASSI, 1984, p. 3).

O aumento da produção sobre gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação nos últimos anos pode ser observada em uma rápida pesquisa nas bases de dados da área acerca dos temas “gênero”, “mulher”, “relações de gênero”. Quando se realiza uma pesquisa na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci)<sup>47</sup> com o termo “gênero”, por exemplo, são recuperados 178 artigos que possuem o termo em seu título ou palavra-chave<sup>48</sup>, o que demonstra crescimento das discussões e pesquisa em torno da temática. Além disso, há um crescente aumento do número de livros, teses e dissertações publicados acerca, sobretudo, do papel da mulher na construção da Biblioteconomia brasileira. Longe de se realizar um extenso levantamento bibliográfico acerca da temática, o percurso realizado nesta seção será no sentido de sistematizar a evolução e a maior produção dentro da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação acerca das relações de gênero.

---

<sup>47</sup> A BRAPCI é uma base de dados referenciais que indexa artigos de periódicos da área de Ciência da Informação. Pode ser consultada pelo endereço eletrônico: <https://brapci.inf.br/>

<sup>48</sup> A pesquisa foi realizada no dia 16 de maio de 2022 e compreendeu o período de publicações realizadas entre 1972 e 2022.

Natália Romeiro, Andréa Doyle e Anna Brisola (2018) destacam que um Relatório da Elsevier publicado em 2017 constatou crescimento expressivo das pesquisas sobre o gênero no mundo, sendo que a taxa de crescimento do número de pesquisas da temática foi maior do que o da literatura acadêmica como um todo. Além disso,

Outro aspecto das pesquisas sobre gênero é que, ao passo que nos anos 1990 do século passado a produção estadunidense respondia por metade da produção mundial, agora os Estados Unidos dividem o pódio com a União Europeia, ambos com aproximadamente um terço da produção mundial sobre o tema. (ROMEIRO; DOYLE; BRISOLA, p. 191).

Este crescimento pode ser verificado também na produção na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Mary Ferreira (2003), em um dos primeiros artigos destinados à temática no século XXI, destacava que os estudos sobre gênero e a profissão bibliotecária com enfoque de gênero ainda não estavam consolidados, à exceção de alguns artigos especializados. Além de serem em número pequeno, a baixa produção para a autora refletia a pouca relação que as profissionais faziam entre as questões de desvalorização profissional a ela ser uma profissão predominantemente feminina (FERREIRA, 2003). A maior concentração de produção a respeito da temática era verificada em publicações estrangeiras, sobretudo de língua inglesa, conforme o relatório da Elsevier constatou.

No mesmo direcionamento, a pesquisa de Patrícia do Espírito Santo (2008) também demonstrou maior produção do tema em língua estrangeira – ainda que o número de publicações de fora do país também não fosse alto. A autora realizou um levantamento no banco de artigos nacionais e internacionais indexados no Portal de Periódicos da Capes, em arquivos das revistas brasileiras da área qualificadas com Qualis A e B pela Capes e nos anais de cinco edições do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) e demonstrou que, entre 2000 e 2007, somente 18 artigos foram encontrados nas bases de dados internacionais que relacionassem gênero e Ciência da Informação. No mesmo período, em revistas de Qualis A e B foram encontrados seis artigos contendo, entre as palavras-chave, os termos mulher e/ou gênero feminino e somente quatro trabalhos foram publicados a respeito da temática nos anais dos ENANCIB.

Leilah Bufrem e Bruna Nascimento (2012) realizaram pesquisa a respeito da produção científica sobre gênero na Ciência da Informação entre os anos de 1972 e

2011. Utilizando-se da base BRAPCI para recuperar trabalhos que versam sobre o tema na área, as autoras demonstraram que há grande feminização da produção acadêmica a respeito do gênero na Ciência da Informação (79,28% dos autores são mulheres). Além disso, os 74 artigos contabilizados pelas autoras foram escritos por 102 autores diferentes, “dos quais somente 18 (16,22%) publicaram mais de um trabalho” (BUFREM; NASCIMENTO, 2012, p. 205), o que demonstrava certa pulverização e falta de continuidade na autoria das pesquisas.

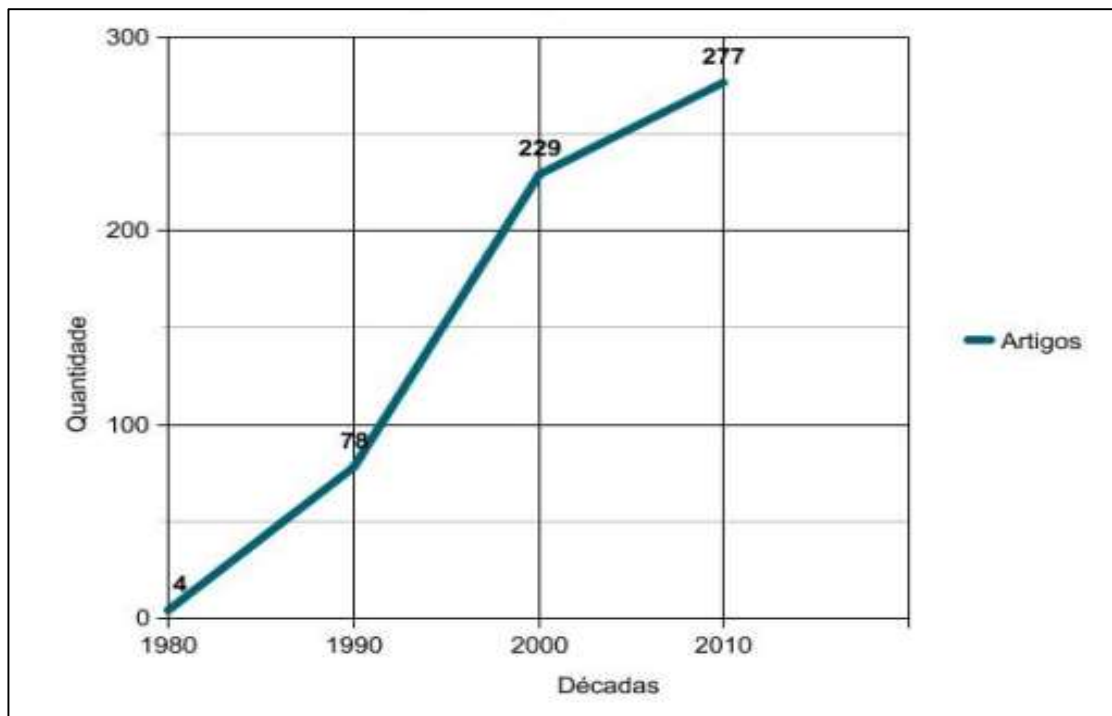
Em outro trabalho, Mell Siciliano, Cleiton Souza e Clara Meth (2017) constataam o aumento do número de publicações em língua estrangeira a respeito de gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação em levantamento realizado junto à *Library and Information Science Abstracts (LISA)*<sup>49</sup> entre os anos de 1980 e 2016. Foram recuperados 588 artigos que possuíam o termo “gender” no assunto principal, com os primeiros artigos datando da década de 1980. A pesquisa demonstrou o aumento da produção de artigos indexados na base sobre a temática, ao longo das décadas, conforme o Gráfico 1. Se na década de 1980, somente 4 artigos foram publicados a respeito de gênero nos periódicos indexados na LISA, este número sobe para quase 300 artigos na década de 2010, considerando ainda que as autoras consideraram, para contabilização de artigos na década de 2010, o período entre 2010 e 2016, haja vista que a publicação foi realizada em 2017. Entre as décadas de 1990 e 2000, por exemplo, há um aumento de 289% no número de trabalhos indexados com a temática na LISA, passando de 79 publicações no fim de 1990 para 229 no fim de 2010.

---

<sup>49</sup> A LISA é uma base de dados referencial que indexa mais de 450 periódicos em diversas línguas, na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.



Gráfico 1 - Artigos sobre gênero indexados na LISA



Fonte: SICILIANO; SOUZA; METH (2017).

No que concerne ao campo de teses e dissertações – que muitas vezes “alimentam” os eventos científicos como o ENANCIB e os periódicos científicos, haja vista que muitos artigos são advindos de trabalhos de mestrado e doutorado – a produção sobre gênero também ainda é baixa. Maria Ivonete Nascimento e Eliane de Oliveira (2019) destacam que, apesar de já serem consolidados em muitas áreas, os estudos que versam sobre gênero só aparecem com mais força na Ciência da Informação a partir da década de 1990. Analisando levantamento bibliográfico realizado junto aos repositórios das instituições que possuem pós-graduação em CI<sup>50</sup>, aos anais dos ENANCIB e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

<sup>50</sup> As autoras realizaram pesquisa nos repositórios das 13 instituições que possuíam programa de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, “a saber: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em convênio com o IBCT; Universidade de São Paulo (USP); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade de Brasília (UNB); Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Essas instituições, em sua maioria, desenvolvem mestrado e doutorado (dez). Por sua vez, na UEL, UFSCAR e UFC existe somente mestrado. A coleta de dados ocorreu com a busca por ano e a leitura dos títulos das dissertações e teses” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2019).

(BDTD) entre os anos de 2007 e 2018, as autoras constataram uma baixa produção de dissertações e teses sobre a temática: somente 13 estudos de mestrado foram desenvolvidos e 5 teses de doutoramento durante o período pesquisado. Já em relação aos ENANCIBs, o resultado da coleta de dados nos anais dos eventos revela que houve um crescimento de trabalhos relacionados a mulher e gênero nos Encontros Nacionais em Ciência da Informação no período pesquisado (durante o período da pesquisa, foram realizadas onze edições do ENANCIB). Destacam-se entre estas produções, as dissertações de Patrícia do Espírito Santo (2007), que investigou os comportamentos informacionais das leitoras de um jornal; a dissertação de Hugo Pires (2016), que buscou evidenciar os motivos que levaram os homens a escolherem os cursos de Biblioteconomia; e um pouco depois do período pesquisado pelas autoras, a dissertação de Ana Laura Xavier (2020), que buscou evidenciar a presença de mulheres no percurso histórico da Biblioteconomia brasileira. Fora dos programas de Ciência da Informação, destaca-se a tese de doutoramento de Beatriz Sousa (2014), que buscou investigar as percepções sobre o gênero na profissão de bibliotecárias/os de duas instituições públicas de ensino.

Cabe destacar que há um crescimento, de modo geral, nas últimas décadas do número de mulheres pesquisadoras no Brasil. Beatriz Sousa e Valmira Perucchi (2012) destacam que de acordo com dados no diretório do CNPq, dos 128,6 mil pesquisadores em 2010, 50% eram mulheres. Segundo as autoras, “esse percentual subiu 11 pontos em 15 anos, pois, em 1995, apenas 39% dos cientistas eram do sexo feminino. Mas, quando o assunto é liderança dos grupos, as mulheres ainda são minoria: somente 45% dos líderes são do sexo feminino” (SOUSA; PERUCCHI, p. 5).

Entretanto, as autoras destacam que, por mais que estejamos falando de uma área notadamente marcada pela feminilização como é o caso da Biblioteconomia e da Ciência da Informação – o que faz com que a grande maioria das autorias de trabalhos sejam de mulheres –, ainda há segregações de gênero dentro da área, levando a CI a ser marcada por dois tipos de segregação: a horizontal e a vertical. A primeira atua no sentido de ser uma área predominantemente feminina, o que reflete no *status* e na valorização da profissão. A segunda diz respeito à segregação existente na execução de tarefas dentro do ambiente profissional: as mulheres, na sua maioria, exercem e publicam trabalhos a respeito de funções ligadas à gestão da informação (processamento, organização, disseminação), burocráticas e atividades ligadas ao funcionamento interno da unidade de informação, enquanto os homens exercem

atividades de aplicação e desenvolvimento de tecnologias, bem como cargos de liderança e chefia (SOUSA; PERUCCHI, 2012).

Em pesquisa sobre as entidades de classe da área, Andreia Silva e Camila Burin (2018) destacam o protagonismo das mulheres em quatro associações de classe: a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB); o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB); a Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), que, após 17 gestões, passou a se denominar Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN); e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As autoras destacam que, em todas as entidades, as presidências e diretorias foram ocupadas em sua grande maioria por mulheres, tendo elas presidido e/ou dirigido mais de 72% do somatório das gestões das instituições somadas. O CFB, o mais importante órgão de representação da classe bibliotecária, foi o que mais teve gestões de homens das quatro instituições pesquisadas, o que pode denotar um direcionamento dos homens para os cargos de gestão.

Entretanto, segundo Luciana Müller e Carlos Martins (2019), há um número expressivo de homens nas presidências e direções de órgãos de representação da categoria, principalmente nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB). Apesar de se tratar de uma área predominantemente feminina (os números de filiadas nos CRBs trazidos pelas autoras mostra que, na grande maioria dos estados, elas são mais de 80%), os homens ocupavam, no momento da pesquisa, na mesma proporção os cargos de Presidente dos CRBs. As autoras ressaltam que não se trata de dizer que homens não podem ocupar estes espaços, mas que a baixa formação política de bibliotecárias/os leva à baixa percepção de que há privilégios em ser homem em uma profissão feminilizada.

A pesquisa realizada por Paul Piper e Barbara Collamer (2001), nos Estados Unidos, demonstrou que, no começo deste século, apesar de achar que o gênero não influencia no exercício da profissão e que não há expectativas das outras pessoas em relação à sua carreira, grande parte dos bibliotecários que atuam no setor público (76,5%) e no setor acadêmico (65,7%) reconhece que possui vantagens em termos de avanço na carreira e promoções em relação às mulheres.

Tal percepção foi compartilhada pela entrevistada Ellen nesta pesquisa, ao ser perguntada se ela considerava que havia vantagens em ser homem em uma profissão feminilizada:

*ELLEN (35 anos): (...) nossa é... eu acho assim pela minha vivência eu acho que é a mais vantagem... pelo fato do... da sociedade machista que a gente ainda vive... né? então acho que quando... entre um homem com os mesmos gabaritos de uma mulher bibliotecária numa contratação eu acho que o homem ainda tem uma vantagem... em todos os aspectos, né? porque o homem não tem eh:: não tira licença maternidade de seis meses enfim... de seis meses ou de quatro meses né?... e tudo... então acho que ainda tem essa vantagem... (...)*

Já Felipe, relata que, na biblioteca em que atua, os cargos de chefia sempre foram ocupados por homens, o que denota que a situação no Brasil, mesmo depois de muitos anos da pesquisa realizada pelas autoras estadunidenses, ainda segue privilegiando os homens em cargos de gestão:

*FELIPE (44 anos): Eu acho que pra cargo de chefia o homem ainda tem essa vantagem... é uma coisa a ser superada.... eh:: nessa instituição que eu atuo... na biblioteca pública... já tem seis anos... e nesse tempo inteiro eh:: quem predominou na... na diretoria foram homens... só teve uma ocasião que foi uma... uma mulher que é bibliotecária... eu digo na superintendência sabe... superintendente que é o posto máximo lá dentro da biblioteca... então eu acho que ainda tem essa deficiência sabe... que é.... a ser superado...*

Apesar de autoras como Andreia Silva e Camila Burin (2018), Luciana Muller e Carlos Martins (2019), dentre outras/os, reconhecerem a necessidade de uma formação mais política da classe bibliotecária e de um reconhecimento de que as relações desiguais de gênero influenciam na profissão, o aumento de produção sobre gênero na Biblioteconomia e Ciência da Informação vem também relacionado a uma maior percepção da classe em torno dos temas relacionados à condição da mulher e das desigualdades existentes entre homens e mulheres. Em todas as décadas do levantamento realizado por Mell Siciliano, Cleiton Souza e Clara Meth (2017) a palavra “women” apareceu nas nuvens de *tags* desenvolvidas pelas autoras acerca das palavras-chave mais utilizadas, com grande número de trabalhos relacionados à condição da mulher, das práticas informacionais de mulheres, da exclusão delas do acesso às tecnologias, da criação de objetos de organização da informação que incluam maior diversidade sexual e de gênero, por exemplo.

Os dados de Ana Lúcia de Oliveira e Leilah Bufrem (2019) recuperados nos anais do ENANCIB entre 2009 e 2018, demonstraram não só o aumento das publicações em torno da temática mulher e gênero, como muitas publicações realizadas na edição de 2018 do referido evento. Segundo as autoras, foi possível perceber “um expressivo aumento da visibilidade feminina nas produções científicas, crescimento do número de mulheres autoras dessas produções e o aumento de artigos que versam sobre a difusão dos saberes femininos” (OLIVEIRA; BUFREM, 2019, p. 2) e, nas 32 produções analisadas, as mulheres participaram como autoras em 29 delas e como coautoras em 22.

Nos últimos anos, também é destacável o aumento do número de produções e trabalhos que visam resgatar a trajetória e a contribuição de importantes mulheres na construção da Biblioteconomia nacional. Se a história da área trilhou um caminho androcêntrico e de apagamento dos feitos das bibliotecárias, as gerações atuais vem tendo, dentro de uma visão crítica da ciência, a tarefa de dar destaque aos feitos das bibliotecárias.

Neste sentido, pode-se destacar os livros organizados por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Natália Lima Romeiro, todos pelo selo Nyota, idealizado pelas próprias organizadoras. Em obras como “O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação”, de 2018; “O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação”, de 2019 e “O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação: celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas”, de 2020, as organizadoras abrem espaço para a discussão acerca do que é ser mulher dentro da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e para resgatar a contribuição de importantes mulheres na construção da área. Leyde da Silva (2020, p. 109) destaca que

[...] desde 2018 existe um movimento de evidenciar a (r)existência de um protagonismo autoral e temático de mulheres na Biblioteconomia e na CI (BCI). Isso ocorreu em decorrência do empenho de bibliotecárias dispostas em apresentar pesquisas científicas, vivências profissionais de pesquisadoras e pesquisadores, mestrandas e mestrandos, doutorandas e doutorandos da BCI que resultou em diversos projetos.

Assim, nestas obras, a/o leitora/or pode ter contato com um resgate histórico acerca das contribuições de Lydia Sambaquy e Celia Zaher para a Ciência da

Informação; de Maria Nélida González de Gómez nas discussões empreendidas pela autora acerca de políticas e regimes de informação; do protagonismo das mulheres frente às entidades de classe; dentre outros artigos que colocam em evidência a importância da participação feminina na construção da ciência, uma vez que isso

Permite a reflexão quando se trata de uma área predominantemente feminina e que por conta da história da sua constituição e das relações de gêneros estabelecidas, fortaleceu o preconceito contra a mulher e suas competências. Percebemos isso quando vemos estudos dando destaque a profissionais como Rubens Borba de Moraes e Edson Nery da Fonseca como se apenas esses tivessem contribuído para a Biblioteconomia brasileira. (SILVA, BURIN, 2018, p. 228).

Cabe ressaltar que a Biblioteconomia – e conseqüentemente a profissão bibliotecária – também se consolidou ao longo do tempo como uma área também ocupada por estudantes negras/os vindas/os das camadas mais populares da sociedade. Em 2006, um levantamento de Mauro Braga e Maria do Carmo Peixoto (2006) feito na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) junto aos cursos de graduação da universidade, demonstrava que os cursos que mais atraíam jovens negras/os e das camadas populares da sociedade eram os cursos com maior facilidade de aprovação no vestibular e o curso de Biblioteconomia se inseria nesta seara, dada a baixa concorrência histórica do curso (BRAGA, PEIXOTO, 2006). Assim, a formação acrítica de bibliotecárias/os pode fazer com que a/o bibliotecária/o seja

[...] um reproduzidor de um discurso que reforce o sistema cultural dominante e o complexo de inferioridade que foi construído ao longo dos séculos nos usuários afrodescendentes, além de fortalecer posições como a do “branqueamento” e da “democracia racial” constituídos no período pós-abolição. (SILVA; PIZARRO; SALDANHA, 2017, p. 12)

Na mesma esteira do desenvolvimento de obras que recuperam a trajetória de mulheres bibliotecárias, é importante destacar também os movimentos e trabalhos feitos para resgatar e dar a devida importância também às mulheres negras que construíram a Biblioteconomia brasileira. Os trabalhos mais uma vez do selo Nyota, com a publicação da série de livros “Bibliotecári@s negr@s”, “Mulheres Negras na Biblioteconomia” de 2018; “Epistemologias Negras: relações raciais na Biblioteconomia”, além da publicação de livros como “O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra”, de Francilene Cardoso (2011)

e a tese de doutoramento de Leyde da Silva (2020), acerca da trajetória de pesquisadoras negras no Brasil visaram colocar em evidência os feitos de bibliotecárias negras no país.

Tais obras vêm também colocar em questão a negritude e as demandas da população negra a luz do olhar do fazer biblioteconômico e é possível, além do resgate dos feitos de nomes importantes como os de Clara Stanton Jones e Ann Allen Shockley nos EUA, ou Ketty Valêncio, Mirian de Albuquerque Aquino, Maria Aparecida Moura e Joselina da Silva no Brasil, por exemplo. Neste sentido, Leyde Silva (2020) destaca a importância de se resgatar as trajetórias muitas vezes apagada pela historiografia branca e eurocêntrica dos feitos importantes de mulheres negras e não-brancas personagens importantes de muitos fatos sociais, culturais e políticos, silenciadas pela história oficial.

Além disso, foi criado, no ano de 2021, o GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades na ANCIB, o que demonstra uma preocupação maior da área em discutir estas temáticas. Segundo levantamento realizado por Edilson de Melo Filho e Jobson da Silva Junior (2019), entre 1994 e 2018, houve um aumento no número de publicações sobre relações étnico-raciais nos ENANCIB, embora estes números ainda sejam muito baixos se comparados ao total de publicações do evento – os autores encontraram 45 trabalhos que versavam sobre o tema em todos os GTs do evento, num total de 3.745 trabalhos apresentados ao longo do tempo.

Segundo Carlos Almeida e Rosa Manuel (2021), o tema do feminismo e em particular o tema da mulher, é tratado muitas vezes apenas como uma variável e não como elemento que possa contribuir para a reforma das diretrizes da Ciência da Informação. O autor e a autora dividem os estudos de gênero em CI em dois tipos: os estudos gerais e os estudos crítico-revisionistas. Os primeiros dizem respeito a muito dos trabalhos aqui apresentados, onde são produzidos índices que apresentam diagnósticos sobre a distribuição de determinado assunto em um dado grupo de publicações e que são de extrema importância para demonstrar o estado da arte e o fluxo de publicações na área. Já os estudos crítico-revisionistas buscam rever algum tópico ou pinçar amostras no universo de práticas, processos e instrumentos da Ciência da Informação como modelares do tratamento dispendido à mulher.

Considera-se aqui que o enfoque na recuperação da história de mulheres que fizeram (e fazem) a Biblioteconomia e Ciência da Informação, além das discussões levantadas em torno da necessidade das áreas de se discutir as questões de gênero

intrínsecas a elas e suas intersecções com outras formas de opressão ligadas a raça e classe, por exemplo, são importantes ferramentas para construção de uma nova ciência, ligada a uma epistemologia feminista e refundam (ou buscam refundar) as bases da CI e da Biblioteconomia.

#### **4.3 A identidade profissional bibliotecária e seus aspectos generificados**

O que é ser bibliotecária/o? Qual a identidade da profissão? Francisco de Souza (2006), ao refletir sobre a temática, afirma que a discussão que toma a identidade profissional coloca em pauta a questão da pergunta “Quem somos?”. Para o autor, o profissional bibliotecário tem sido cada vez mais cobrado acerca da sua identidade pelos próprios pares e há um desconhecimento do profissional quanto à construção da imagem, feita a partir da interação com o social.

Ora, se as identidades são construídas através do contato do indivíduo com discursos e com o outro, as identidades profissionais também são atravessadas por questões internas e externas dos sujeitos que compõem determinada profissão. Assim, a identidade da profissão bibliotecária, em linhas gerais, é construída pelas pessoas que construíram e constroem a profissão, mas também é construída em contato com a sociedade e com as visões que esta associa à profissão.

A discussão em torno da identidade profissional de profissionais bibliotecárias/os e de estudantes de Biblioteconomia no Brasil sempre foi presente na literatura e nas discussões da área. No começo dos anos 2000, segundo Francisco de Souza (2006), elas se pautavam muito mais pela busca de espaço no mercado profissional, a qualquer preço do que pela compreensão da missão que incumbe ao coletivo de profissionais. Para Jonathas Carvalho (2010), as crises identitárias da Biblioteconomia advém de dois aspectos importantes que permeiam a profissão: consciência de classe e senso de progressão, que não são marcas da profissão, mas que deveriam ser estimuladas. A falta de consciência de classe faz com que a profissão se torne individualista, “fruto de interesses e vaidades pessoais” e a necessidade da profissão de mudar sua identidade para agradar ao mercado, precisam, para o autor, carregar características “como a valorização de nossa história, a consciência de classe, o senso de progressão e outros aspectos” para que não



ocorra “uma contemplação apenas estereotipada da ação biblioteconômica” (CARVALHO, 2010, p. 76-77).

Maria Tereza Walter (2004) ressaltava que tais debates vinham acontecendo pelos mesmos motivos que outros grupos profissionais também as discutiam: a introdução e a popularização das tecnologias de informação e comunicação nos cotidianos de trabalho e da vida pessoal tornaram certas fronteiras mais difusas e confusas, o que levou a alterações nas necessidades sociais para as profissões. Jonatas Carvalho (2010, p. 80) critica esta visão de que as TIC deveriam caracterizar a identidade biblioteconômica, uma vez que para o autor

É preciso a visão social, pois senão a Biblioteconomia transformará o suporte e até fatores extrínsecos de atuação (suporte manual para o tecnológico, por exemplo), mas não contribuirá para a conscientização das camadas mais carentes, para a promoção da leitura, alfabetização, já que o bibliotecário é copartícipe do processo sócio-educacional (ou ao menos deve ser).

Mas, se as tecnologias podem ser consideradas como um fator que colaborou para as discussões ou para uma crise identitária da profissão bibliotecária, também se pode afirmar que as relações de gênero que marcaram (e ainda marcam) a profissão também colaboraram para a constituição do que é ser bibliotecária/o no Brasil. Conforme explicitado anteriormente, em linhas gerais, a profissão nasce e é associada durante muito tempo, até o começo do século XX, a uma profissão destinada a homens eruditos, dotados de saber e cultura geral e após uma mudança de enfoque e de discursos em torno dela, ela se torna “destinada” a mulheres e passa a atrair um contingente maior de mulheres.

A aproximação da Biblioteconomia com a Educação (uma área também feminilizada) pode ser considerada como um dos fatores que colaboraram para o aumento da presença feminina nos cursos formadores, sendo o bibliotecário considerado um professor informal (MARTUCCI, 1996). Além disso, inserida em um contexto e em uma sociedade marcada pela divisão sexual do trabalho, as noções da biblioteca como um lugar de zelo e cuidado se entrelaçam à noção de extensão do trabalho doméstico, privado. Sendo assim, a biblioteca (assim como a sala de aula) passa a ser um espaço em que a mulher pode exercer suas tarefas no mundo público sem “ameaças” às tarefas exercidas em casa.

A feminização e feminilização da área e o preconceito criado em torno de profissões exercidas por mulheres, vistas como profissões “menores”, levaram à

criação e reforço de estereótipos da profissional bibliotecária. Os estereótipos, desta forma, acabam por influenciar a visão que a sociedade tem do profissional e na construção da autoimagem e na identidade da profissão. Para Maria Tereza Walter (2008), a associação da profissão bibliotecária ao feminino gerou a agregação de outros estereótipos à profissão, associada a questões generificadas, como:

- a noção da baixa competitividade em ser bibliotecária. As mulheres, historicamente, foram associadas a profissões que não são competitivas, que não exigem esforço intelectual e com comportamentos associados às noções de servir, de cuidar, de manutenção da ordem, entre outras;
- a menor remuneração dada às mulheres;
- expectativas em torno de um comportamento dócil das mulheres, que devem ser educadas e delicadas “e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser ‘solteirona’ e recalcada” (WALTER, 2008, p. 54), características que quando associadas aos homens denotam um comportamento positivo e uma personalidade forte.

Zunilda Roggau (2006), ao analisar os estereótipos na construção da profissão bibliotecária, destaca que, durante a Antiguidade, os bibliotecários gozavam de certo prestígio pois se tornavam bibliotecários por complemento a uma atividade que já exerciam e pela necessidade de realizar investigações dentro do seu campo de atuação. Na Idade Média, há a difusão da imagem de bibliotecário como um homem introspectivo, guardião do conhecimento e leitor voraz, associado à igreja. Tal imagem vai durar mesmo após o Renascimento, uma vez que o estereótipo do bibliotecário como um preservador e organizador já havia sido construído e difundido, num período em que

[...] se interpretou que a causa de uma era de proibições foi a ação pessoal dos monges e não o efeito lógico das ideias estabelecidas pela igreja e da estrutura de poder canalizada através dos monastérios. O estereótipo se centrou na pessoa, não reconheceu o contexto (ROGGAU, 2006, p. 20, tradução nossa).

A emergência de uma sociedade pautada no conhecimento, na informação e o aumento da tecnicidade da profissão levaram à criação de um estereótipo diferente, no qual o profissional passa a ser visto como um guardador de livros (ROGGAU,

2006). Com o aumento da feminização, há a associação da profissional bibliotecário a uma mulher idosa e,

[...] especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indiquem um enfático pedido de silêncio (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 30).

Em pesquisa realizada junto a 27 pessoas de diferentes idades, profissões e gênero, Mara Rodrigues, Adriane Silva, Agatha Santos, Carolina Rodrigues, Clara Pontes e Raquel do Nascimento (2013) buscaram identificar quais imagens essas pessoas possuíam da profissão bibliotecária e do espaço da biblioteca. Quando questionadas sobre qual imagem lhes vinha à cabeça ao pensarem em uma/um bibliotecária/o, alguns estereótipos arraigados no senso comum apareceram, como o de associar a imagem bibliotecária a uma/um profissional com pouca simpatia, estática/o, sentada numa mesa ou atrás de um balcão.

Esta imagem estereotipada também apareceu nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. Dóris, por exemplo, ao ser pedido para que ela evocasse uma imagem de um bibliotecário ou bibliotecária na cabeça, declarou que a primeira que lhe vinha era a da senhorinha com seus óculos:

*DÓRIS (37 anos): Ai... eu imagino estereótipo mesmo da bibliotecária... velhinha... de óculos... ( ) apesar das bibliotecárias da minha infância não serem assim... esse estereótipo ele é absorvido de alguma forma e assim... eu acho que é muito mais uma questão comportamental do que de perfil do que de estereótipo físico... eu acho que é perfil...*

Ellen também associou a primeira imagem bibliotecária ao estereótipo presente na sociedade:

*ELLEN (35 anos): Nossa... de uma bibliotecária?... eh:: nossa... sempre vem aquela imagem clássica né?... porque vem... acho que a nossa memória seletiva vai lembrar sempre das piadinhas né? então vai... vem sempre aquela imagem clássica da daquela mulher mais velha... de óculos...*

Entretanto, as entrevistadas ressaltam que é necessária uma mudança no perfil da/o bibliotecária/o e que veem nos últimos tempos uma nova imagem surgindo. Elas afirmam que

*DÓRIS (37 anos): (...) tem que ser uma pessoa dinâmica... tem que ser uma pessoa com iniciativa apesar da gente saber que isso não é perfil da maioria dos bibliotecários... eu imagino mais nesse sentido... eu acho que é o que pra mudar um pouco da perspectiva do bibliotecário né? tem que ser uma pessoa um pouco mais ativa eh:: mais iniciativa... que entenda o porquê... a Bernadete falava assim “você tem que dizer a que veio” e é isso... a gente tem que colocar eh:: mostrar a que veio... mostrar pra que a gente serve... porque a gente está ali sempre... pra que a gente foi contratado.. pra gente não sumir né porque a gente está em extinção...*

*ELLEN (35 anos): (...) mas ao mesmo tempo mudou tanto que toda vez que... acho que me marcou muito essa mudança... sempre vem uma imagem parecida até com minha mesmo... sendo bem sincera assim... de uma bibliotecária mais moderna... mais atuante sabe?... eh:: e que se veste também de uma forma mais moderna também... porque tinha muito isso né? na Biblioteconomia...*

Marie Radford e Gary Radford (1997), ao analisarem os estereótipos ligados à mulher bibliotecária sob a ótica do feminismo e das relações entre discurso e poder estabelecidas por Michel Foucault, destacam que os estereótipos da bibliotecária solteirona prevaleceu, nos EUA, em um grande número de formas culturais, como histórias, romances, cartuns, jornais, etc. e que tais estereótipos misturaram as visões que a sociedade tem da profissão e os retratos da biblioteca.

As ideias da biblioteca e da/o bibliotecária/o foram construídas em torno de uma metáfora de poder e conhecimento, onde a/o profissional é o gerenciador do medo do discurso, e os seus instrumentos de organização dos documentos (indexadores, vocabulários controlados, números de chamadas) que não são entendidos pelas/os usuárias/os na maioria das vezes, gerenciam os perigos de um discurso incontrolado. O estereótipo da bibliotecária terrível, sisuda, séria e obsessiva com a organização pode ser visto, neste sentido, como uma estratégia para o manejo/administração do medo que se perca o controle sobre os discursos. Entretanto, ao ser observada de perto, ela não pode ser considerada tão amedrontadora assim, afinal trata-se apenas de uma mulher. A bibliotecária, ao contrário do estereótipo associado aos homens que ocupavam a profissão em seu início, não é a detentora do saber, mas uma mulher obsessiva com a “organização da casa”, subserviente, sem poderes (RADFORD; RADFORD, 1997).

Na Biblioteconomia, muitas vezes os homens bibliotecários são associados a áreas que requerem conhecimentos mais específicos, ligados às áreas de tecnologias e a noções de liderança e/ou força física (esta última também uma demonstração de poder), ao passo que as mulheres são associadas a funções que carreguem consigo

as noções de zelo, afeto, comunicação, atendimento aos usuários etc. (SOUSA, 2014). Marco Aurélio cita algumas destas questões quando perguntado se houve alguma fala de alguma/um professora/or que denotasse que determinada tarefa era mais destinada a um sexo do que para outro

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Ah me recordo vagamente de ter alguma coisa de que essa parte de... mais de organização seria um serviço braçal e que portanto deveria ficar eh:: direcionada a homens... eh :: de organização do acervo... de guarda de livros... então eu percebo nos estágios que fiz também... todos eles sempre eh:: coordenados por mulheres eh:: a gente tinha uma predileção maior por organização do acervo... guarda de materiais... enquanto as estagiárias faziam serviços de balcão... de atendimento... de referência e eu ficava com aquele colete "Posso ajudar?" e guardando livro ((riu)) ... eh :: então eu via um pouco de reflexo sim da formação... já que tiveram a mesma formação que a gente... nas práticas também...*

Cabe destacar que certos estereótipos, segundo a literatura, também são constantemente associados a homens na profissão e que advém da desvalorização na sociedade ao que é associado ao feminino. Segundo Beatriz Sousa (2014), muitos deles se relacionam, sobretudo às questões de orientação sexual e muitos bibliotecários demonstram receio em serem confundidos com homossexuais. Um dos entrevistados pela autora ressalta que em todos os locais a que vai, necessita afirmar que não é gay.

Nesta pesquisa, Raquel identificou, na sua trajetória e convivência com colegas bibliotecários, este medo de que eles fossem identificados como gays. Ao comparar a profissão de bibliotecária com a de enfermeira, ela afirma que

*RAQUEL (41 anos): [...] então entrar também nesse meio na área de enfermagem é igual a Biblioteconomia também pro... pro homem é mais difícil né?... que tem aquele preconceito "ah não você só vai ser fazer enfermagem se você for gay"... não é né?... tem um estigma e vem com preconceito ainda assim... e trata a pessoa às vezes com esse preconceito... aí você vê os meninos chegando pra fazer enfermagem assim "ah não é, você está fazendo porque você não passou em Medicina"... NÃO... ele queria ser enfermeiro...ele gosta da assistência... então eu vejo muito isso também... isso já né?... não está ficando mais assim a profissão de homem e de mulher né?... você só pode fazer qualquer coisa que você quiser... então eu acho que eu vejo que isso já não está tão assim....*

Maria Tereza Walter e Sofia Baptista (2007) destacam texto de Arnold Sable (1969) da década de 1960, em que o autor afirmava que os bibliotecários tinham que

comprovar, antes de serem bibliotecários, que eles eram homens, pois não queriam ser associados ao estereótipo feminino (WALTER; BAPTISTA, 2007). Estas percepções e necessidades de afirmação de sua masculinidade por parte dos bibliotecários não-homossexuais possui matriz advinda das relações de poder desiguais entre os gêneros dentro da sociedade cisheteropatriarcal, onde o que é associado ao feminino é desvalorizado, além de demonstrar a LGBTfobia existente na percepção destes bibliotecários, uma vez que ser gay seria um demérito para estes profissionais.

Em pesquisa mais recente realizada com bibliotecários formados após 1980 (os denominados Millenials) nos EUA, Heidi Blackburn (2015) destaca que os estereótipos associados aos homens bibliotecários e destacados pelos entrevistados pela autora, não passaram pela questão de se afirmarem homossexuais ou não, uma vez que tal aspecto não foi mencionado por nenhum dos participantes. Entretanto, a autora destaca que isto não quer dizer que tais aspectos deixaram de existir, mas que podem não ter sido mencionados pelos bibliotecários por questões culturais e/ou por estarem diante de uma entrevistadora.

Quanto aos estereótipos citados pelos participantes da pesquisa que eles acreditavam que eram associados a ser bibliotecário, as características citadas giravam em torno de traços de personalidade como: desajuste social, timidez, introversão e não ser bom comunicador. A autora também descobriu que os estereótipos bibliotecários dizem que são pessoas que usam óculos, que sempre pedem às pessoas na biblioteca que fiquem em silêncio – estes também estereótipos associados às mulheres bibliotecárias – e que preferem histórias em quadrinhos, videogame e programação de computador (BLACKBURN, 2015).

Além disso, o estudo revelou dois preconceitos – que não são de aspecto 100% negativo, vale considerar – associados à proeza intelectual dos homens bibliotecários e que claramente possuem aspectos generificados, uma vez que são características ligadas a áreas ocupadas majoritariamente por homens. Segundo os entrevistados pela autora, as pessoas esperam que eles sejam bons administradores e proficientes no uso das tecnologias (BLACKBURN, 2015).

A identidade da profissão bibliotecária foi e é influenciada pela força dos estereótipos, em sua grande maioria advindos desta ser uma profissão feminilizada e que se traduzem em um baixo *status* e um certo sentimento de desvalorização por parte das/os profissionais em reconhecerem o seu valor e a sua importância na

sociedade. As relações desiguais de gênero estão ligadas a esta desvalorização profissional e refletem a ideia de que o trabalho feminino vale menos, é menos competitivo e menos atrativo e estes fatos e percepções interferem diretamente na autoimagem que as/os profissionais criam de si e da profissão. Dóris revelou claramente este descontentamento ao dizer que a profissão estava fadada a acabar, que o bibliotecário é um profissional em extinção:

*DÓRIS (37 anos): [...] a gente tem bibliotecas abarrotadas no livro e muitas pessoas que não tem acesso à informação ainda... nós temos um mercado que não entende o nosso valor e às vezes eu acho que isso um pouco por culpa nossa também... é o tal do bibliotecário que não diz pra que veio sabe? mas a gente é uma profissão extremamente desvalorizada... e eu falo isso a gente é uma profissão em extinção mesmo... acho que o meteoro já acertou a gente quem está aqui está muito no respiro... e é basicamente isso... porque você não vê... eu fico preocupado com as pessoas que vão formar em biblio sabe?... não tem mercado... [...]*

A Biblioteconomia da UFMG, objeto deste estudo, assim como outros cursos de Biblioteconomia no país, foi marcada pela generificação do seu corpo discente e docente. A próxima seção busca fazer um resgate histórico do curso na UFMG e sua generificação ao longo do tempo.

## 5 A BIBLIOTECONOMIA DA UFMG E SUA GENERIFICAÇÃO

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criado no dia 25 de março de 1950. Fruto de um convênio entre a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais e o Instituto Nacional do Livro<sup>51</sup>, ele ainda não pertencia à UFMG (ainda chamada Universidade de Minas Gerais) e possuía duração de 1 ano. O curso iniciou suas atividades com 31 alunas e 4 professoras/es: Etelvina Lima, Zilah Frota, S. Jorge Schwarzstein e Jeane Wilde (KREMER, 2000).

O primeiro currículo, segundo as professoras Maria Augusta Cesarino e Márcia Milton Vianna (1990, p. 38), possuía apenas cinco disciplinas<sup>52</sup> e, em razão das suas parcerias, “uma nítida orientação para as bibliotecas públicas”. Aos poucos, disciplinas de caráter técnico e cultural também foram acrescentadas e as primeiras matérias foram se desdobrando em outras disciplinas técnicas, sendo o currículo do fim da década de 1950, já muito semelhante ao primeiro currículo mínimo do curso, em 1962. Segundo as autoras, os currículos se tornaram ainda mais técnicos e, nos anos 1960, “o currículo enfatizava o processamento técnico de livros, a organização de bibliotecas, o uso detalhado das fontes de informação, mais do que a referência. As disciplinas culturais funcionavam quase como um ‘ornamento’” (CESARINO; VIANNA, 1990, p. 40).

As primeiras décadas do curso também ficaram marcadas pelas constantes mudanças dos locais onde ele era ministrado. Na época da sua fundação, o curso iniciou suas atividades no Instituto de Educação de Belo Horizonte, onde permaneceu até 1951, quando se mudou para a Associação Médica de Minas Gerais. No ano seguinte, uma nova mudança, e o curso passou a ocupar o Edifício Acaiaca, no centro de Belo Horizonte, onde permaneceu nos anos de 1952 e 1953, até se mudar para o Colégio de Aplicação, da Faculdade de Filosofia, onde foi ministrado de 1954 a 1963 (LOURENÇO; DIAS, 2015; REIS; XAVIER JUNIOR; PIRES, 2011).

Quando recebeu o nome de Escola de Biblioteconomia e passou a ser considerada como uma unidade da universidade, em 1966, o curso já fazia parte da

---

<sup>51</sup> O curso foi criado através da Portaria Nº. 37 de 17 de janeiro de 1950, publicada no Minas Gerais em 25 de janeiro de 1950.

<sup>52</sup> O primeiro currículo do curso possuía as seguintes disciplinas: Bibliografia e Referência; Catalogação; Classificação; História da Literatura e História do Livro e das Bibliotecas.



Universidade Federal de Minas Gerais<sup>53</sup>, já havia recebido mandato universitário (quando foi permitido que se expedisse diploma universitário para todas as pessoas formadas desde 1950) e ocupava o prédio da reitoria da Universidade, onde permaneceu até 1972, antes de se mudar para a Faculdade de Educação, também no *campus* universitário da UFMG, local onde o curso permaneceu até 1983. Neste ano, mais uma mudança e as aulas passaram a acontecer no prédio da Prefeitura da Universidade<sup>54</sup>, o que ocorreu até 1990, quando foi inaugurado o prédio da Escola de Biblioteconomia da UFMG – posteriormente chamada de Escola de Ciência da Informação, em 1999 (LOURENÇO; DIAS, 2015; REIS; XAVIER JUNIOR; PIRES, 2011).

Além de ter sido o sexto curso formador de bibliotecárias/os do país, a história da Biblioteconomia da UFMG foi marcada por grande inserção e importância no cenário nacional, tanto na graduação quanto nos campos da pesquisa e extensão. Criado em 1976, o mestrado em Administração de Bibliotecas (o segundo do país) teve importante atuação na consolidação da Biblioteconomia nacional e colaborou para a busca de modelos mais sólidos e científicos de administrar bibliotecas, em substituição dos modelos empíricos (CESARINO; VIANNA, 1990). Nos anos 1990, o mestrado passa por reformulações e influenciado pela multidisciplinaridade que vinha ocorrendo no campo, passa a ter como eixo norteador a informação e não mais a biblioteca. A informação para o curso era entendida “enquanto bem e direitos sociais, instrumento de poder e de estratégias, e enquanto bem de produção, criando espaço para que se estudem variados tipos de informação e os contextos de sua ocorrência” (PAIM, 2000, p. 105).

Concomitantemente à mudança de foco do programa de pós-graduação, ocorre também a mudança de nome do programa, que passa a se chamar Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação – nível Mestrado – CPGCI. Segundo a professora Isis Paim (2000, p. 105), a mudança de nome possibilitou que se tornasse explícita a mudança de enfoque do programa de pós-graduação, e passou “a refletir a abrangência e a complexidade implícitas na feição que se deseja imprimir ao novo mestrado, que passa a contar com maior número de candidatos oriundos de diversificadas áreas do conhecimento”, o que se refletiu no número de candidatos

---

<sup>53</sup> A federalização da Universidade de Minas Gerais e a transformação dela em Universidade Federal de Minas Gerais ocorreu em 1965.

<sup>54</sup> Atualmente a Unidade Administrativa II.

inscritos em 1991, passando de onze (todos com formação em Biblioteconomia) para trinta e dois, que “apresentam formação bastante variada, incluindo profissionais das áreas de Biblioteconomia, engenharia, medicina, psicologia, enfermagem, administração, computação” (PAIM, 2000, p. 106).

Em 1997, inicia-se o doutorado em Ciência da Informação da UFMG e há uma mudança no nome do curso, que passa a ser Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, para incluir os níveis de mestrado e doutorado (PPGCI/UFMG), nome adotado até os dias de hoje. O programa procurou manter as linhas adotadas pela reestruturação ocorrida no programa de mestrado e seguiu orientado por uma

preocupação em se repensar criticamente, em abordagem multidisciplinar, a informação enquanto saber específico dos profissionais da informação. Assim, o Programa privilegia a geração do conhecimento na área da ciência da informação, a crítica a teorias e práticas já consagradas e a conseqüente adoção de inovações desejadas, na busca de transformações sociais. Nessa ótica, o Programa contempla questões fundamentais da realidade brasileira e da sociedade contemporânea, possibilitando ao docente e ao profissional da informação, voltados para a pesquisa, a oportunidade de investigar em profundidade a organização da informação na sua dinâmica (PAIM, 2000, p. 106-107).

As novas orientações da pós-graduação – com mais foco na informação e seus processos – culminou com a mudança do nome da Escola de Biblioteconomia da UFMG para Escola de Ciência da Informação, em 2000. Cabe destacar que a mudança de nome e de enfoque também veio na esteira da difusão de um discurso em torno da superação da imagem da bibliotecária, refletida muitas vezes nos currículos dos cursos de pós-graduação e graduação e nas mudanças de seus nomes (SOUZA, 2009).

Em artigo que justifica a alteração do nome da Escola de Biblioteconomia da UFMG para Escola de Ciência da Informação da UFMG, por exemplo, Ricardo Barbosa, Beatriz Cendón, Paulo Caldeira e Marcelo Bax (2000, p. 82) destacam que a alteração do nome do curso também seria uma “evolução natural das mudanças curriculares ora em curso”, uma vez que o termo Biblioteconomia remetia “a uma imagem inadequada de seu objeto de estudo e de sua relação com o mercado de trabalho, não destacando o quão importante é um nome como símbolo de determinada instituição” (BARBOSA; CENDÓN; CALDEIRA; BAX, 2000, p. 88). O nome do curso – e, conseqüentemente, a profissão de bibliotecária/o – carregava consigo aspectos que proporcionavam pouca valorização profissional ligada a seu

nome e, por conta disso, “a manutenção da denominação Biblioteconomia para as unidades acadêmicas tem contribuído, sem dúvida, para dificultar a visibilidade e absorção pelo mercado dos profissionais delas egressos” (BARBOSA; CENDÓN; CALDEIRA; BAX, 2000, p. 88)

Hugo Pires e Claudio de Paula (2022) destacam que essas mudanças de discursos, de nomes dos cursos e de currículos também refletem aspectos de generificação. Ainda que o foco dos autores seja uma reflexão acerca dos currículos dos cursos de Biblioteconomia, há de se destacar que

[...] quando há uma mudança (ainda que discreta) do número de homens e mulheres dentro da profissão, estes currículos também passam a adotar novos discursos e a buscarem criar uma nova imagem da profissão, pretensamente moderna e onde o bibliotecário deveria ser visto não só como o profissional que atua nas bibliotecas, mas como um sujeito moderno, um/a verdadeiro gestor da informação (PIRES; PAULA, 2022, p. 17).

Tal aproximação tímida dos homens com os cursos de Biblioteconomia foi identificada também em outro trabalho de Hugo Pires (2016), onde os dados apresentados demonstraram que, a partir sobretudo dos anos 1980, há uma maior procura dos homens pela profissão bibliotecária. Falando especificamente do curso de Biblioteconomia da UFMG, foi possível constatar que “o número de bibliotecárias formadas pela UFMG, no turno diurno, sempre foi muito maior que o número de homens” (PIRES, 2016, p. 91), constatando que o curso, assim como os outros pesquisados pelo autor, foi um curso marcado pela feminização.

Conforme dados levantados naquela pesquisa, já era possível constatar que, em sua primeira turma, a feminização já se fazia presente e a Figura 1 atesta tal fato. Nela, temos imagem da primeira turma de graduadas em Biblioteconomia, logo após a realização da sua missa de formatura. Os dados levantados junto ao colegiado do curso de Biblioteconomia mostram que a primeira turma, em 1950, formou 31 bibliotecárias e, nos anos seguintes, o número de mulheres bibliotecárias formadas era infinitamente maior que o número de homens – 140 bibliotecárias foram formadas entre 1950 e 1959, ante 3 homens (PIRES, 2016).

Figura 1 - Missa de Formatura da Primeira Turma de Biblioteconomia da ECI/UFMG (1950)



Fonte: Museu Virtual da ECI/UFMG.

A duração curta do curso<sup>55</sup>, seu currículo mais técnico e os discursos que já inseriam a profissão no rol de profissões “dedicadas” à mulher, podem ser apontados como razões para esta feminização do curso. Em 1950, cabe ressaltar, já havia cinco cursos de Biblioteconomia no país e a vertente estadunidense de se fazer Biblioteconomia, já se consolidava no Brasil. A tabela 2 apresenta os dados do número de graduadas e graduados em Biblioteconomia por décadas e nela pode-se verificar a feminização do curso:

---

<sup>55</sup> Segundo Maria Augusto Cesarino e Márcia Vianna (1990, p. 38), “a duração do curso de Biblioteconomia foi variável no decorrer do tempo: de 1950-1953: 1 ano; de 1954-1956: 2 anos; de 1957-1984: 3 anos; de 1985 até hoje: 4 anos”.

Tabela 2 – Número de pessoas graduadas, por sexo, em Biblioteconomia na UFMG (curso diurno)

<b>Década</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
1950	140	3
1960	154	1
1970	526	12
1980	447	20
1990	456	75
2000	524	149
2010	394	128
2020 <sup>56</sup>	66	34
<b>TOTAL</b>	<b>2707</b>	<b>422</b>

Fonte: Elaborada e atualizada com os dados até 2021 pelo autor, após dados levantados por Pires (2016) até o ano de 2013.

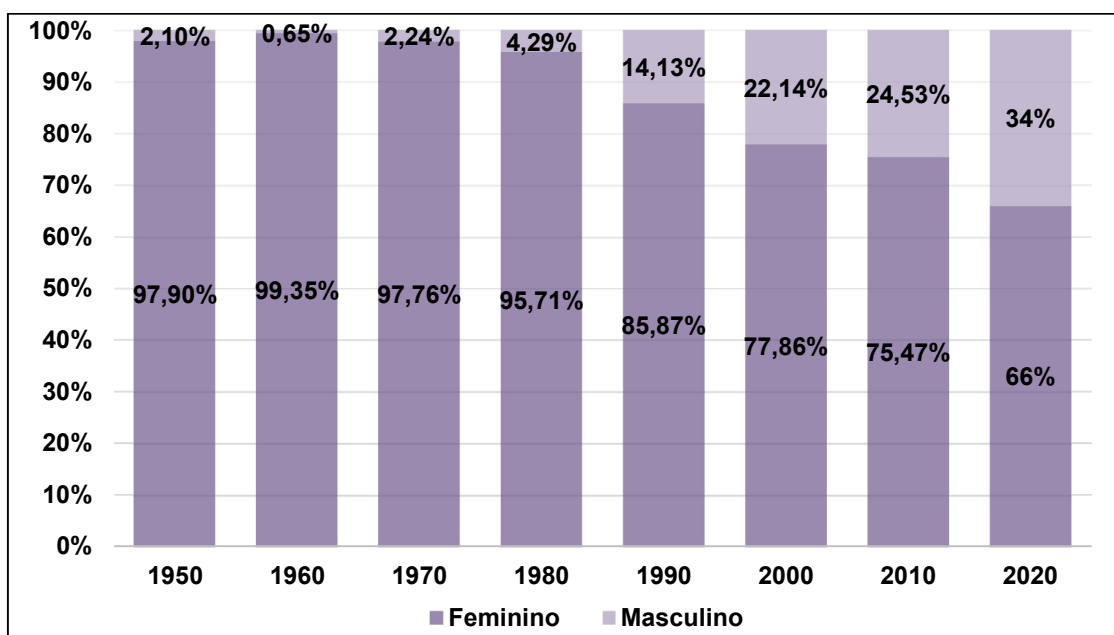
Os dados da tabela demonstram que, ao longo de 71 anos, o curso diurno de Biblioteconomia da UFMG formou 3.129 pessoas. Destas, 86,35% (ou 2.707) eram mulheres, o que demonstra a alta feminização do curso. No início do curso, na década de 1950, o número de mulheres graduadas era 46 vezes maior que o número de homens. Ao longo do tempo, há uma alteração no quadro e uma procura maior dos homens pelo curso (e também uma procura maior das mulheres por outras áreas, como Engenharia e Medicina, por exemplo), fazendo com que, na década de 1990, o número de mulheres graduadas fosse 6 vezes maior que o número de graduados e, no fim da década de 2010, três vezes menor.

Em termos de porcentagem, o Gráfico 2 corrobora a afirmação de que o curso de Biblioteconomia da UFMG foi, durante sua história, altamente feminilizado. Nele, pode-se observar com mais clareza a enorme predominância das mulheres no curso até a década de 1980, quando elas representavam mais de 90% do percentual de profissionais formadas/os pela universidade. Apesar de se verificar um número maior

<sup>56</sup> Os dados da década de 2020 compreendem os anos de 2020 e 2021.

de homens formados em Biblioteconomia após a década de 1980, o curso da UFMG ainda pode ser considerado como um curso feminilizado.

Gráfico 2 - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso diurno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>57</sup>



Fonte: Elaborado e atualizado com os dados até 2021 pelo autor, após dados levantados por Pires (2016).

O curso noturno apresenta números mais equânimes de mulheres e homens formadas/os em Biblioteconomia, conforme Tabela 3. O curso que iniciou suas atividades no início do ano 2000 e teve sua primeira turma formada em 2003, possui pouca diferença no número de pessoas formadas de ambos os sexos, se comparados aos números do curso diurno.

<sup>57</sup> Os dados da década de 2020 compreendem os anos de 2020 e 2021.

Tabela 3 – Número de pessoas graduadas, por sexo, em Biblioteconomia na UFMG (curso noturno)

<b>Década</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
2000 <sup>58</sup>	145	115
2010	261	152
2020 <sup>59</sup>	37	25
<b>TOTAL</b>	<b>443</b>	<b>292</b>

Fonte: Elaborada e atualizada com os dados até 2021 pelo autor, após dados levantados por Pires (2016).

Hugo Pires (2016, p. 93) destaca que a mudança de nome da escola para Escola de Ciência da Informação “pode ter colaborado para maior aproximação dos homens ao curso noturno, que já nasce nesse novo cenário”. Além disso, cabe considerar que, sendo um curso que ao longo do tempo foi se tornando atrativo para estudantes oriundas/os das classes trabalhadoras, a oferta de um curso noturno permite que se concilie a vida laboral com a vida estudantil, o que, em um país marcado pelas relações de gênero, colabora para que os homens – designados como os provedores do lar – possam estudar e também trabalhar. Isto pode ser confirmado em artigo de Vera Abreu e Bernadete Campello (2000), ao apresentarem justificativa para a criação do curso noturno de Biblioteconomia na Universidade Federal de Minas Gerais, destacam, entre outros objetivos, o de garantir a frequência dos trabalhadores na Universidade e diminuir a evasão. Segundo as autoras,

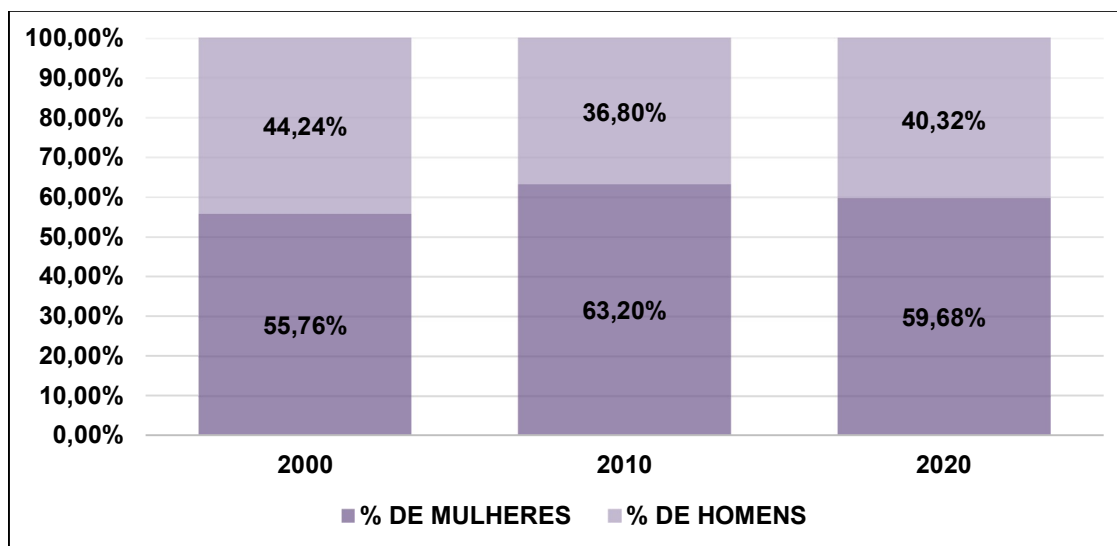
[...] a demanda pelo curso noturno já havia sido expressa em repetidas ocasiões, de maneira informal, refletindo um desejo de alunos matriculados no curso diurno e que, principalmente por motivo de trabalho, necessitariam frequentar as aulas no horário noturno. (ABREU; CAMPELLO, 2000, p. 94).

Em termos de porcentagem, também pode-se verificar que a porcentagem de mulheres formadas no curso noturno não é tão maior que o número de homens, conforme Gráfico 3:

<sup>58</sup> O curso teve a primeira turma formada em 2003. Os dados da década de 2000, portanto, compreendem o período de 2003 a 2009.

<sup>59</sup> Os dados da década de 2020 compreendem os anos de 2020 e 2021.

Gráfico 3 - Porcentagem de graduados em Biblioteconomia do curso noturno, por sexo, ao longo das décadas, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>60</sup>



Fonte: Elaborado e atualizado com os dados até 2021 pelo autor, após dados levantados por Pires (2016).

É importante destacar que a Biblioteconomia da UFMG – e seu destaque nacional – foi construída por grandes mulheres, que se tornaram grandes bibliotecárias e professoras que consolidaram o curso como um dos mais tradicionais e importantes do país. Isso pode ser confirmado pelos nomes de relevância que atuam e atuaram na Escola, como os Etelvina Lima, Maria Martha de Carvalho, Ana Maria Athayde Polke, Jandira Batista de Assunção, Maria Augusta da Nóbrega Cesarino, Lígia Maria Moreira Dumont, que ocuparam os cargos de direção da Escola de Biblioteconomia desde o princípio e que deram forma e conteúdo para o curso. Além destas, nomes como os de Bernadete Campello, Maria Aparecida Moura, Beatriz Valadares Cendón, Ana Paula Meneses Alves, Gercina Ângela de Lima, Cristina Dotta Ortega, que ocuparam e ainda ocupam o corpo docente da Escola e que possuem grande participação na história do curso para que este obtivesse destaque nacional e internacional.

<sup>60</sup> Os dados da década de 2020 compreendem os anos de 2020 e 2021.



Quanto aos cargos de direção da escola, ao todo, a ECI teve, desde 1950, dezessete gestões: doze delas foram ocupadas por mulheres e cinco por homens<sup>61</sup> (a lista de diretoras/es e vice-diretoras/es da ECI/UFMG encontra-se no Apêndice C). O primeiro homem a ser diretor da Escola de Ciência da Informação foi o professor Ricardo Rodrigues Barbosa, de 1998 a 2002, que não era bibliotecário e entrou em um momento em que o curso de Biblioteconomia da UFMG já possuía prestígio nacional e internacional. Curiosamente (ou não), tal fato ocorreu período citado anteriormente, onde a escola vinha se abrindo para outros campos na década de 1990. Após os anos 2000, das sete gestões da ECI, cinco foram ocupadas por homens e somente duas por mulheres, o que demonstra que pode estar ocorrendo uma mudança e uma valorização da figura masculina nos espaços de direção da escola.

---

<sup>61</sup> Cabe destacar que a professora Etelvina Lima e o professor Ricardo Rodrigues Barbosa ocuparam a direção da escola em duas gestões diferentes. Ela, nos mandatos de 1950-1951 e 1954-1963 e ele nos mandatos de 1998-2002 e 2010-2014.

## 6 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA TRAJETÓRIA DA PESSOA BIBLIOTECÁRIA: UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

Apresentamos aqui a análise das treze entrevistas realizadas para a confecção deste trabalho. A apresentação se dará por uma reapresentação breve dos dados das pessoas e após isso, visa-se demonstrar como as relações de gênero se fizeram e se fazem presentes na trajetória das bibliotecárias/os e como elas/eles identificam e veem a profissão. Buscou-se, na análise empreendida e em consonância com a ACD, não só a explicação da escolha de termos carregados de preconceitos e/ou ideias de dominação ou da articulação entre palavras, mas desvelar de que formas o discurso – entendido como linguagem em uso – participa da construção dos fenômenos sociais (BATISTA JUNIOR; SATO; MELO, 2018).

### 6.1 Perfil das pessoas entrevistadas

Conforme apresentado anteriormente (ver subseção 2.2), as pessoas entrevistadas nesta pesquisa se formaram em Biblioteconomia na Universidade Federal de Minas Gerais em anos diferentes, ao longo dos mais de 70 anos do curso. O Quadro 2 apresenta a sistematização dos dados destas pessoas:

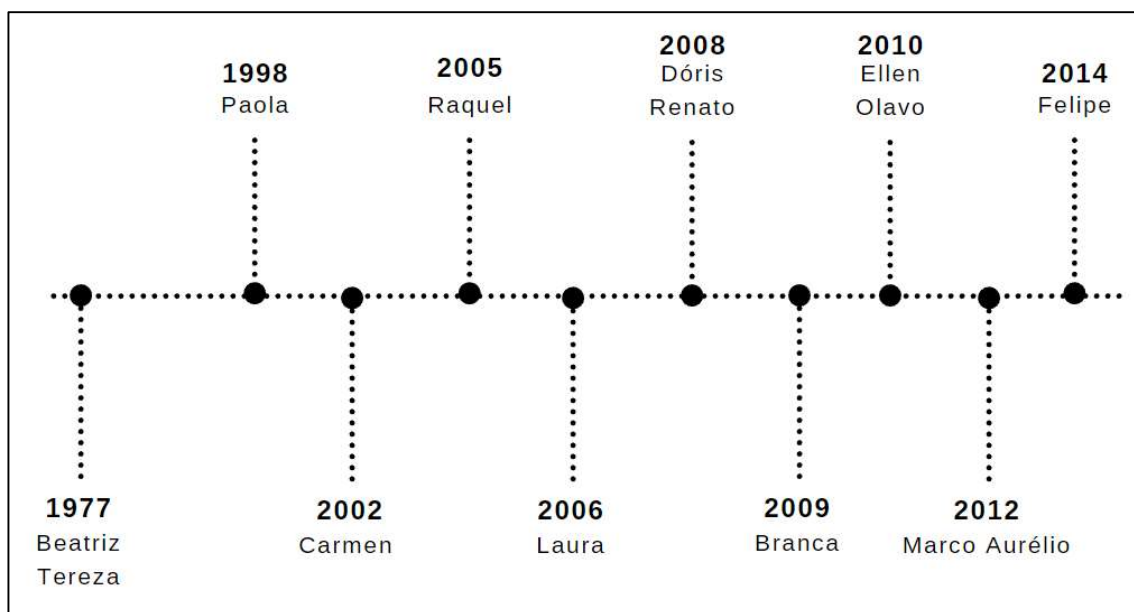
Quadro 2 – Caracterização das pessoas que participaram da pesquisa

Nome (fictício)	Sexo	Idade	Cor/Raça	Ano de formação	Formação acadêmica	Estado civil
Laura	F	37	Parda	2006	Mestrado	Casada
Paola	F	56	Parda	1998	Mestrado	Casada
Branca	F	37	Branca	2009	Mestrado	Casada
Olavo	M	41	Parda	2010	Mestrado	Casado
Marco Aurélio	M	30	Preta	2012	Especialização	Casado
Ellen	F	35	Preta	2010	Mestrado	Casada
Carmen	F	42	Parda	2002	Doutorado	Solteira
Raquel	F	41	Preta	2005	Doutorado	Solteira

<b>Nome (fictício)</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Cor/Raça</b>	<b>Ano de formação</b>	<b>Formação acadêmica</b>	<b>Estado civil</b>
Felipe	M	44	Não declarado	2014	Mestrado	Solteiro
Beatriz	F	66	Branca	1977	Especialização	Viúva
Dóris	F	37	Branca	2008	Mestrado	Solteira
Tereza	F	73	Parda	1977	Graduação	Viúva
Renato	M	36	Preta	2008	Doutorado	Solteiro

Conforme os dados demonstram, a pesquisa foi realizada através de entrevista com treze pessoas (nove mulheres e quatro homens), das mais variadas idades, sendo o mais novo (Marco Aurélio) possuindo 30 anos e a mais velha (Tereza) com 77 anos. Destas treze pessoas, nove se autodeclararam pessoas negras (pretas e pardas), três se autodeclararam brancas e um participante preferiu não declarar sua cor/raça. Os anos de formação também variam, apesar de a grande maioria das pessoas (dez delas) terem se formado após os anos 2000. Tal fator se deve, em partes, ao uso da metodologia da “bola de neve”, onde uma/um participante indica outra/o para ser entrevistada/o, o que levou a que as/os participantes muitas vezes indicassem colegas que se graduaram na mesma época que elas/es. A Figura 2 apresenta uma linha do tempo onde se pode verificar a distribuição, ao longo das décadas, do ano de formação das pessoas entrevistadas:

Figura 2 – Linha do tempo com os anos de formação das pessoas entrevistadas



Fonte: Elaborada pelo autor.

Somente uma das entrevistadas, Tereza, não possui pós-graduação, o que demonstra que as/os participantes continuaram seus estudos após a graduação. Cabe destacar que, das treze pessoas entrevistadas, cinco delas são servidoras/es públicas federais e por conta disso, podem ter buscado maior qualificação para além da graduação, haja vista que, no serviço público federal, há incentivo financeiro para maior qualificação<sup>62</sup> das/os servidoras/es. Além disso, o serviço público se mostra como grande empregador de mão-de-obra bibliotecária, uma vez que normas como a Lei Federal nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas, e a Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que regulamenta a profissão bibliotecária e garante que as bibliotecas devem ser geridas por bacharéis em Biblioteconomia, garantem uma reserva de mercado para a profissão, além de levar aos órgãos públicos a realização de concursos para preenchimento das vagas para bibliotecárias/os.

Este incentivo se traduz diretamente na remuneração das pessoas entrevistadas. Quando perguntadas a respeito das rendas médias pessoais, as/os

<sup>62</sup> De acordo com a Lei Federal nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005, os incentivos para maior qualificação no serviço público ligados ao Ministério da Educação, para cargos de nível superior, são os seguintes: 27% para especialização, 52% para mestrado e 75% para doutorado, sobre o salário-base (BRASIL, 2005).

cinco bibliotecárias/os que atuam no serviço público declararam possuir renda maior que as que trabalham no serviço privado. Quanto aos locais de atuação, as pessoas se caracterizam da seguinte forma:

- cinco delas são servidoras públicas, atuando em bibliotecas universitárias: Laura, Paola, Branca, Marco Aurélio e Carmen.
- duas delas são aposentadas: Beatriz (que atuava em bibliotecas hospitalares) e Tereza (que atuou em uma biblioteca universitária durante toda sua vida profissional);
- duas atuam em hospitais: Dóris e Raquel;
- uma atuava em uma biblioteca de um plano de saúde e havia acabado de mudar de emprego: Ellen;
- dois atuavam em bibliotecas públicas: Felipe e Olavo;
- um atuava em uma biblioteca comunitária: Renato.

## **6.2 Trajetória para escolha do curso**

Após a primeira parte de identificação das pessoas entrevistadas, o questionário buscou apreender se houve ou não influência das relações de gênero na trajetória das pessoas e nos motivos que as levaram a escolher o curso de Biblioteconomia. De modo geral, muitos foram os motivos para a escolha do curso e eles variaram muito de acordo, sobretudo, com as origens sociais das pessoas, suas relações com as bibliotecas durante a infância e adolescência, as relações de sua família com a educação e das necessidades materiais que envolviam a escolha de um curso superior.

### *6.2.1 O primeiro contato com os livros, com a/ bibliotecária/o e o espaço da biblioteca*

O contato com uma/um bibliotecária/o durante a infância e a adolescência foi de extrema importância para muitas/os delas/es e as bibliotecas públicas se destacam como importantes instrumentos para difusão da leitura e para que as pessoas tenham contato com o mundo dos livros. Olavo também foi um destes frequentadores de

bibliotecas públicas, mas antes, seu gosto pela leitura foi desenvolvido pelo carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais (antiga Biblioteca Luiz de Bessa):

*OLAVO (41 anos): Sim... foi no caminhão biblioteca que é o caminhão da Luiz de Bessa... aqui no bairro onde eu moro mesmo... ele tinha atendimento aqui bastante tempo atrás... aí foi o primeiro contato que eu tive com essa biblioteca... com bibliotecário foi a primeira vez...*

O carro-biblioteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais foi criado em 1960 e busca levar leitura e informação a comunidades distantes do centro de Belo Horizonte. Permanecendo por um período máximo de 5 anos nas comunidades atendidas, atualmente vai de segunda a sexta a 5 bairros diferentes da capital e seu acervo conta com mais de 3.500 livros. Além do empréstimo por 14 dias das obras, o projeto também realiza atividades de incentivo à leitura, como a Hora do Conto e da Leitura, Roda de Leitura e Encontro com o Escritor (BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS, 2022). Para crianças e jovens carentes como era Olavo, o contato com programas como os dos carros-biblioteca são fundamentais para que se possa ter contato com os livros e se possa desenvolver o gosto pela leitura:

*OLAVO (41 anos): Sim... eu gostava [de ler] e era por isso que eu frequentava a biblioteca... lá era... não tinha... não tem biblioteca pública no meu bairro e aí é o único contato que eu tinha com uma biblioteca era essa biblioteca itinerante... que eu pegava os livros lá porque eu gostava muito de literatura... sempre gostei muito de ler literatura...*

Na trajetória de Raquel, o contato com os livros também se deu via Carro-Biblioteca, mas, no caso dela, realizado por meio de projeto de extensão da ECI/UFMG na cidade em que morava. A ação do projeto foi fundamental para sua formação enquanto leitora e para a futura escolha do curso:

*RAQUEL (41 anos): Sim... eh :: aqui em [nome de cidade da região metropolitana – suprimido] a gente tinha o carro-biblioteca,... então quando eu era criança né?... a minha tia falava assim “ah vou te levar numa biblioteca que é um carro”... e ela me levou lá e a gente lia quadrinhos né?... então eu era bem pequena ali na primeira... segunda série ali... e eu fui pra pegar quadrinhos né? Turma da Mônica... e com o passar dos... dos anos eu fui aumentando a literatura né? A coleção Vaga-lume... e até que chegou na época do vestibular que foi onde eu peguei todos os livros do vestibular pra ler, foi no carro-biblioteca... [...].*

O carro-biblioteca da Escola de Ciência da Informação da UFMG é o segundo programa de extensão mais antigo da UFMG. Criado em 1973, o carro-biblioteca da ECI/UFMG foi fruto de um convênio formado entre o Instituto Nacional do Livro e a universidade, contou com acervo inicial de 1500 livros e atendia comunidades da periferia de Belo Horizonte e da região metropolitana da capital. Ana Maria Cabral e Lígia Dumont (1990) destacam a importância dos programas de extensão das universidades, uma vez que eles proporcionam a inserção da universidade no contexto social, possuindo três funções:

- A política, pois permite a universidade detectar as carências das comunidades e ajudar a solucioná-las;
- a função social, que permite que a universidade se aproxime das pessoas e promova a democratização desta, através do seu envolvimento com a população;
- a função de prestadora de serviços, entendida como “uma **devolução** de trabalhos úteis à comunidade”. (CABRAL; DUMONT, 1990, p. 114, grifo das autoras)

Atualmente, cada comunidade atendida recebe a visita do Carro-Biblioteca uma vez por semana e o carro possui um ponto fixo na comunidade e permanece lá por duas horas. As/os usuárias/os cadastradas/os podem realizar os empréstimos de até 3 títulos diferentes pelo prazo de sete dias, podendo estes materiais serem renovados por igual período. Além disso, o programa possui os serviços de

Orientação para leitura, pesquisa escolar e estudo autônomo, empréstimo, reserva e renovação das obras, distribuição do Boletim Bairro a Bairro, acesso à informação no ambiente digital através do Telecentro e promoção de atividades de incentivo à leitura. Ainda o Programa Carro-Biblioteca atua como espaço para pesquisa e treinamento discente de diversas áreas tais como Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Letras e Comunicação Social (PROGRAMA CARRO BIBLIOTECA, 2022).

Além da promoção da leitura, projetos como os carros-biblioteca possibilitam o contato das pessoas de comunidades assistidas por estes projetos com a cultura literária e outras formas de expressão de arte, como teatro e dança, além de estimular a própria comunidade a desenvolver seus aparelhos culturais próprios. É também o local que promove o primeiro contato de muitas pessoas com o trabalho bibliotecário,

seja pela ação e contato efetivo com as bibliotecárias/os formadas/os que atuam nos projetos, seja pelo contato com as/os estudantes que fazem estágios nesses espaços.

Se programas como o carro-biblioteca possibilitam às pessoas carentes que vivem nas grandes cidades que elas tenham contato com a literatura e com a cultura, isto muitas vezes não é possível e/ou é dificultado em cidades pequenas no interior de Minas Gerais. Branca só foi ter contato com uma/um bibliotecária/o formada/o após entrar no curso de Biblioteconomia na UFMG. Natural de uma pequena cidade no norte de Minas, a entrevistada só foi conhecer uma biblioteca mais estruturada após a oitava série, quando saiu de uma escola rural e foi estudar em uma escola na cidade vizinha. Sobre o contato com bibliotecárias/os formadas/os, ela conta:

*BRANCA (37 anos): Não eram formados... eram professores... no ensino médio que a gente foi ter uma biblioteca mais estruturada... porque até então eu fiz todo o meu ensino em escola rural... nem tinha biblioteca... e aí no ensino médio que era na cidade tinha uma biblioteca estruturada... mas eram professores que tomavam conta da biblioteca...*

Tal realidade pode ser verificada nos dados do Censo da Educação Básica brasileira de 2019<sup>63</sup>, realizado pelo Ministério da Educação. Segundo a pesquisa, uma grande parte dos municípios do interior do Brasil não dispõem de bibliotecas e/ou salas de leitura em suas escolas de ensino básico, sobretudo quando se trata das redes municipal e estadual de ensino. Somente 60% das escolas públicas de ensino infantil possuem bibliotecas e/ou salas de leitura. Destas, 95,7% pertencem à rede federal de ensino, enquanto este número é de somente 30,8% quando se lança o olhar sobre as escolas municipais. Nas escolas de ensino fundamental, 100% das escolas da rede federal possuem bibliotecas ou salas de leitura, enquanto este número é de 41,4% nas redes municipais (BRASIL, 2020). Ainda que, em termos quantitativos, o número de escolas das redes federal de ensino seja muito menor que os números das redes municipais<sup>64</sup>, os dados demonstram que há baixíssima presença de bibliotecas e salas de leitura nas escolas brasileiras, o que impacta diretamente na formação das pessoas e na formação de leitoras/es críticas/os, haja vista que as etapas de ensino

---

<sup>63</sup> Os dados relativos ao número de bibliotecas e salas de leitura nas escolas de ensino básico foram detalhados nos resultados divulgados pelo Ministério da Educação, mas foram suprimidos nos Censos subsequentes, como no de 2020, por exemplo. Em razão disso, alguns dados apresentados ao longo deste trabalho se referirão ao Censo de 2019 e outros ao Censo de 2020.

<sup>64</sup> Segundo dados do Censo, são 23 escolas de ensino infantil na rede federal de educação e 47 de ensino fundamental. Na rede municipal, este número sobe para 80.356 e 78.794, respectivamente.



infantil e fundamental são importantíssimas para a formação de pessoas que leem com frequência.

Eduardo da Silva (2021, p. 18) destaca que é muito baixa a importância dada à biblioteca escolar nos documentos norteadores dos currículos e nas atividades desenvolvidas nos estabelecimentos escolares, uma vez que elas são abordadas apenas como “rol de equipamentos de apoio nas escolas e não com a mesma importância que se atribui, por exemplo, às salas de aula”. No mesmo direcionamento, Maria da Conceição Carvalho (2001, p. 18) destaca a importância que a biblioteca escolar deve ter para a formação crítica de leitores, sendo pensada como um espaço de criação e compartilhamento de experiências, “um espaço de produção cultural em que crianças e jovens sejam criadoras e não apenas consumidoras de cultura”.

Além disso, outro problema que atravessa as escolas brasileiras é a de falta de profissionais formadas/os que atuem nas bibliotecas. Professoras/es que muitas vezes não podem atuar diretamente nas salas de aula e se encontram afastadas por algum motivo, são muitas vezes alocadas nas bibliotecas. Este foi o caso que ocorreu na história escolar de Carmen, que também relatou que só foi ter contato com um/uma bibliotecária/o formada/o após entrar na faculdade:

*CARMEN (42 anos): Olha... ele na verdade eh... esse personagem assim... ele não era um bibliotecário específico não era com formação... como toda a biblioteca escolar do Brasil né? digamos assim... era uma professora desviada de função que tava na biblioteca e que a gente chamava de bibliotecária né? na época... eu estudei em escola pública a vida inteira... então era a tia Ruth que era a bibliotecária... que era a primeira que eu tive contato... depois é:: deixa eu pensar... eu acho que foi só na faculdade que eu fui ter contato com bibliotecários formados mesmo... porque durante toda minha vida escolar todas as escolas sempre foram professores que estavam na função de né?... de atuar na biblioteca....*

A fala de Carmen sugere que a falta de bibliotecárias/os nas bibliotecas escolares brasileiras ainda é uma realidade em muitas escolas do país. Em pesquisa realizada com cerca de 500 escolas públicas de 17 estados brasileiros, o Instituto Pró-Livro identificou que apenas 11,9% das bibliotecas da amostra possuíam bibliotecárias/os atuando como responsáveis por elas e a grande maioria delas era ocupada ou por uma/um professora/or (31,5%) ou por uma/um professora/os em processo de readaptação (31,5%) (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019). Pode-se considerar que este cenário é impeditivo para que a lei de universalização das

bibliotecas seja cumprida e demonstra que, para que isso ocorra, é necessária a formação de mais bibliotecárias/os no país e a ocupação destas bibliotecas por estes profissionais.

De modo geral, as pessoas entrevistadas que tiveram contato com bibliotecárias/os durante suas trajetórias escolares avaliaram este contato de forma positiva. Renato destacou o carinho e a atenção que a bibliotecária da sua escola de ensino fundamental e médio tratava a ele e a seus colegas:

*RENATO (36 anos): A que eu mais lembro era que era uma que era bibliotecária negra e... ah lembro o nome dela... era Stella<sup>65</sup>... e aí ela ficou com a gente durante um bom tempo... eu gostava bastante dela... ela era bem receptiva... ela era bem tranquila... receptiva... colaborava com a gente... principalmente quando a gente estava fazendo trabalho... eu sempre fui meio piolho de biblioteca né? eu sempre ia na hora do intervalo né? então isso ajudou também né?*

O espaço da biblioteca escolar, por seu contato direto com a educação infantil e dentro do contexto da divisão sexual do trabalho, ainda é ocupado majoritariamente por mulheres. Beatriz Sousa (2014), em pesquisa que buscou identificar as percepções de bibliotecárias/os acerca das questões de gênero, demonstrou que profissionais ainda associam a biblioteca escolar a uma tarefa feminina, por esta ser associada às noções de zelo, cuidado e à figura maternal (SOUSA, 2014). Renato destacou também, em um dos momentos da entrevista, que, durante sua vida escolar, seu contato sempre foi com bibliotecárias nas escolas em que estudou. Mais à frente, ele demonstra uma percepção clara de que o baixo *status* profissional da biblioteca escolar está diretamente ligado às questões de gênero:

*RENATO (36 anos): [...] numa visão ampla eu acho que sim... as carreiras voltadas pro campo da Educação são basicamente femininas.... você vai olhar lá quem são os bibliotecários formados a maioria são mulheres... elas estão dentro da Biblioteconomia lá... [...] então assim e lembrando que a Biblioteconomia escolar é uma das áreas que menos tem eh:: valor dentro da Biblioteconomia.. valor assim... valor simbólico... cultural e por aí vai...*

Elisabeth Martucci (1996) destaca que, a partir do século XIX e início do século XX, há uma aproximação considerável da Biblioteconomia com a educação e a difusão de discursos que giravam em torno da profissão bibliotecária como a de

---

<sup>65</sup> Stella é um nome fictício.

uma/um professora/or informal, assim, as bibliotecas em países como o Brasil passam a nascer associadas às escolas e instituições de ensino, onde a profissão de professora já passava por uma feminilização. Além disso, há a associação das tarefas bibliotecárias ligadas à noção de zelo, presteza, cuidado, ligadas diretamente à divisão sexual do trabalho. A autora cita trabalho de Gaston Litton (1975)<sup>66</sup>, que traz os predicados e virtudes que alguém deve possuir para se exercer a profissão de bibliotecária:

- espírito de ordem: a natureza do trabalho requer espírito sistemático e analítico, argumentando que na biblioteca moderna não há lugar para pessoas desorganizadas;
- necessidade constante de educação: existe a necessidade de uma constante ampliação de conhecimentos para a aquisição de habilidades adicionais para o desempenho do trabalho;
- afabilidade no trato: deve possuir bons modos, delicadeza com os leitores, ter prazer em trabalhar diretamente em contato com o público, ser extrovertido, aproximar-se do leitor, descobrir seus interesses e desejos e cooperar na sua busca de informação;
- tolerância: o bibliotecário lida com comunidades heterogêneas e a intolerância, impaciência, teimosia e obstinação não são aceitáveis, devendo se mostrar sempre tratável e simpático com seu público;
- condições físicas: devem ser simpáticos, comunicativos e de boa aparência física (LITTON, 1975 apud MARTUCCI, 1996, p. 239)

Tais atributos se ligam ao que se esperava de uma mulher no século XIX e XX, uma vez que ela era considerada como um ser “submisso, passivo, leal, obediente, conservador, com respeito à autoridade e hierarquia, de grandes qualidades morais, educadora primeira na sociedade” (MARTUCCI, 1996, p. 242). Além disso, insere a profissão dentro de uma lógica e de discursos que exaltam a função maternal e de cuidado, presentes tanto nas bibliotecas escolares quanto na educação infantil.

Um outro aspecto muito comum da visão das bibliotecas e na posição que ela ocupa na vida escolar das pessoas é o de que ela é um local de castigo, um ambiente onde as/os estudantes são enviadas/os quando fazem algum tipo de bagunça e/ou tem alguma atitude reprovada pelas/os professoras/es em sala de aula:

*MARCO AURÉLIO (30 anos) : Me lembro... lembro que... eu ficava de castigo na biblioteca... e como não tinha a sala da direção e etc... eu me recordo de um pouco daquele espaço assim eh:... aquele momento de castigo na escola que eu ficava biblioteca... então eu*

<sup>66</sup> LITTON, Gaston. **Arte e ciência da biblioteconomia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975. 209p.

*tenho uma memória vaga eh:: assim... e posteriormente de eh:: na rua da minha casa tinha um [Nome da Instituição – suprimido] que sempre teve uma boa estrutura assim de bibliotecas e eu lembro de ir naqueles espaços pra fazer... pra fazer trabalho.... utilizar a Barsa... internet naquela época sei lá né? eh::... na virada ali do milênio né?... eu lembro um pouco disso.... então a minha primeira experiência foi eh:: na escola... quase que como experiência de castigo e depois nesses trabalhos... eh:: a consultar principalmente a biblioteca do [Nome da Instituição – suprimido] porque a minha formação inteira foi numa... em instituições públicas eh::... e a gente sabe a estrutura de bibliotecas em geral nesses locais né?... então essa que eu me recordo foi a minha primeira experiência...*

Esta visão da biblioteca como um lugar ruim, onde as pessoas devem ir para serem punidas, pode advir da visão que Marie Radford e Gary Radford (1997) levantaram acerca do medo da biblioteca, da função de controle que o espaço tem dos discursos – e por que não também das pessoas (RADFORD; RADFORD, 1997). A biblioteca é o local de castigo e a bibliotecária é a mãe que deve corrigir a criança que “fez arte”. Além disso, denota uma visão desqualificadora do ambiente e da Educação, uma vez que os livros e o contato com a leitura, tão comuns no espaço da biblioteca, são vistos como castigos e não como comportamentos que devem ser incentivados.

O hábito da leitura foi um traço marcante na trajetória das pessoas entrevistadas e, muitas vezes, o incentivo vinha de familiares mais próximos, como nas vidas de Paola, Raquel e Renato, que muitas vezes não eram leitoras/es, mas que sabiam da importância da leitura para suas/seus filhas/os:

*PAOLA (56 anos): Sim... minha mãe sim... meu pai tinha uma boa biblioteca... engraçado que é engraçado... que fico lembrando disso na condição de pobre... de muito pobre... meu pai comprava livro você acredita isso? comprava jornal... comprava revista... comprava o Pasquim né... era... mas eu acho que é por causa da geração dele... se ele tivesse vivo hoje ele teria noventa e dois ano... então é a geração dele... é a geração eh:: do Ziraldo... dos cartunistas eh:: dos que escutavam jazz.. as orquestras... eles eh :: que liam os jornais os que viveram eh :: o processo da ditadura eles.. eles tinham eh:: porque não tinha essas facilidades que tem hoje né... então era uma questão e meu pai era muito inteligente sabe... assim eu... eu... tenho legado de muita coisa boa cultural dele...*

*RAQUEL (41 anos): Sim.... minhas tias são professoras... minha mãe é professora... então sempre teve aquela exigência sim... de estudar... de ler... as minhas primas que tomavam conta da gente sempre passavam tarefa e eu sempre fui muito assim né?... era considerada a mais inteligente... então eu tinha aquela obrigação de mostrar serviço.... e minha tia por ser professora ela tinha várias coleções de*

*livro e ela tinha essas coleções dos contos igual das irmãs... dos irmãos eh :: aqueles alemães... os irmãos Grimm... naquela época eu não conhecia assim né? ela tinha os contos e eu lembro os músicos de Bremen... Cinderela... então ela pegava aquela coleção e falava “hoje eu vou contar a história do Pinóquio... hoje vai ser Os músicos de Bremen”... tanto que Os músicos de Bremen ficou durante muitos anos na minha cabeça martelando... que eu despertei pra Alemanha por causa disso que eu conhecia tanta história que eu falei “não eu tenho que ir ler na Alemanha em Bremen por causa dos músicos de Bremen”... então eram contos... era uma enciclopédia e ela sempre quando a gente ia lá pegava e lia uma historinha desses contos... A Bela e a Fera... a Cinderela, Chapeuzinho Vermelho... Os três porquinhos... então ela pegava e contava né? essa história... e ela e tinha aquela prateleira com muitos livros né? então a minha tia que foi essa incentivadora né?... de levar pro carro a biblioteca... de introduzir na leitura... então sempre tive esse contato por ter todas as tias né? professoras...*

*RENATO (36 anos) : Minha vó... minha vó era... a minha vó é uma mulher leitora né? aqui em casa sempre teve livros à disposição... então eu li Mágico de Oz porque estava aqui na época eh :: li Fernando não sei o que gaivota... eu esqueci o que tinha aqui... além da biblioteca né? que eu tinha contato né? mas é estranho... eu não lembro da minha memória leitora assim eh :: eu lembro da minha adolescência que eu li bastante... tive contato com autoras bastante tensas né? Comecei a ler Clarice... Virginia Wolff e por aí vai... na adolescência...*

Ainda que os livros e o acesso à leitura fossem caros para suas famílias, é possível perceber claramente a importância dada por elas para a formação das/os entrevistadas/os enquanto leitoras/es e para sua educação. Segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes da OCDE (PISA), de 2015, o Brasil ocupa a 60ª posição entre 70 países no ranking de média de leitura, uma média de leitura considerada baixíssima (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2019). Assim, em um país onde a leitura é um hábito que não é realizado pela grande maioria das pessoas, o incentivo a esta prática dentro de casa – e das bibliotecas – é fundamental para a formação de leitoras/es.

Cabe destacar que as leituras religiosas também fizeram parte da vida e dos exemplos de outras pessoas leitoras dentro da casa das/os entrevistadas/os. Segundo os dados de outra pesquisa do Instituto Pró-Livro (2020), que visou apreender os hábitos de leitura da população brasileira, a Bíblia é o livro que as pessoas que responderam à pesquisa e que foram consideradas leitoras<sup>67</sup> mais leem – 35% de

---

<sup>67</sup> Uma pessoa considerada leitora nos parâmetros definidos pela pesquisa é aquela que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses da realização dela. Já a pessoa considerada não-

quem respondeu à pesquisa leu o livro sagrado dos cristãos – além dos livros religiosos (22%). Segundo Marco Aurélio, seu pai era uma dessas pessoas, já tendo lido a Bíblia inúmeras vezes:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] leitura é um hábito do meu pai mas a leitura da Bíblia... meu pai lê a Bíblia todo santo dia... a minha mãe lê menos do que o meu pai... mas eu acho que o meu pai já deve ter lido a Bíblia inteira umas cinco vezes... então o hábito de leitura que observo em casa era de leituras religiosas... a gente não... não tinha livros de literatura casa... a não ser aqueles que a gente era obrigado a ler na aula de literatura...*

A avó de Renato também era uma mulher que possuía apreço pelos textos religiosos e os lia com frequência, ainda que também lesse livros de literatura em geral:

*RENATO (36 anos): A vó... a minha vó era... a minha vó é uma pessoa que lê eh :: textos religiosos... então ela sempre foi uma leitora... tanto leitora silenciosa.. uma mulher de leitura silenciosa mas uma de leitura oral também né? de leitura coletiva... então minha avó sempre preparava a leitura pra fazer dentro da missa... a minha vó lia textos religiosos... ela era uma leitora de literatura... que era essa literatura mais geral... que ela sempre fala que era Fernando Gaivota... O Menino do Dedo Verde... uma literatura brasileira sabe? que era mais acessível à época.... mas ultimamente minha vó não tem lido muito não assim... textos literários... ela tem mais... tem acesso a textos religiosos...*

Ainda que este não tenha sido fator preponderante na hora da escolha do curso, o hábito de leitura por parte das pessoas entrevistadas e o apreço pelas bibliotecas podem ser citados como motivos que as levaram a optar pelo curso de Biblioteconomia.

### 6.2.2 A escolha do curso de Biblioteconomia

O momento da escolha profissional na vida de uma pessoa varia muito quanto aos anseios que esta tem no momento, as referências e o conhecimento que possui em relação as/aos profissionais que executam aquelas tarefas, aos aspectos financeiros relacionados a ela, dentre outros. Para Daniela Spudeit e Miriam Cunha

---

leitora é aquela que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

(2016, p. 60), a escolha profissional é fundamentada por fatores ligados ao contexto situacionais, ao momento político, ao ambiente e também “as motivações internas, as condições de saúde e financeiras, as aptidões, os interesses, a personalidade, a região, a cultura, os valores, as crenças, o prestígio social, a vocação, o mercado de trabalho, a família, entre outros”.

Na trajetória das pessoas entrevistadas, os motivos também variaram conforme a trajetória delas e os contextos da época em que começaram a estudar. O contato com uma/um bibliotecária/o, por exemplo, apareceu como um ponto em comum na história de vida de Ellen, Beatriz e Raquel. Na vida da primeira, sua mãe trabalhava como auxiliar de biblioteca e ela cresceu sempre frequentando aquele ambiente, vendo o que as/os bibliotecárias/os faziam e, mesmo aprovada em outro vestibular, após uma conversa com a bibliotecária do trabalho da sua mãe, optou por fazer o curso de Biblioteconomia. Para a segunda, o contato se deu quando ainda estava no colégio e, cursando paralelamente o curso técnico em administração, começou a estagiar em uma empresa de engenharia em Belo Horizonte e a trabalhar junto à bibliotecária na implementação do arquivo da empresa. Já na trajetória de Raquel, a escolha profissional se deu pelo contato com a bibliotecária e o estagiário do projeto do Carro-Biblioteca da ECI. Foi por influência de um desses estagiários que a entrevistada escolheu o curso de Biblioteconomia:

*ELLEN (35 anos): Ah aí isso... aí foi no momento de eu tomar essa decisão eh:: eu até estava entre Administração também... fiz eh:: tentei História... cheguei a passar em uma universidade federal do interior eh:: e aí eu estava... e realmente por mesmo ter crescido dentro da biblioteca ainda não me via eh:: atuando como bibliotecária numa... numa biblioteca... eh ::: uma biblioteca mesmo como bibliotecária de referência né... ou de catalogação... mas aí conversando com essa bibliotecária que ficava na parte de pesquisa que realmente eu achei muito interessante porque eu ví... ali eu consegui ver que o bibliotecário ele pode atuar em qualquer área do conhecimento... então como ela se especializou nessa parte de Biblioteconomia clínica... Biblioteconomia médica... que esses conceitos já são consolidados no exterior... eu eh:: e realmente eu falei “nossa isso é muito interessante”... de realmente auxiliar... trazer essas... essas informações pra um determinado universo assim né? então eu me encantei... então foi por isso que eu tomei essa decisão de fazer Biblioteconomia...*

*BEATRIZ (66 anos): [...] eles precisavam na época de alguém pra organizar os arquivos da Belles<sup>68</sup> eh:: os arquivos da - - eh:: porque era uma subsidiária da Belles tá? - - eles precisavam de alguém pra*

---

<sup>68</sup> Belles é um nome fictício.

*organizar os arquivos dessa empresa... que acho que era a meta na época... não lembro mais o nome certo... mas era filiada a Belles... e eles queriam alguém de confiança... então o que que eles eles me falaram... “Olha nós vamos por em contato com a bibliotecária da Belles que mexe com a parte de informação” - - porque era a parte de documentação, tá certo? - - ... “Ela vai te dar te dar uma orientada e aí você vem fazer o trabalho pra nós”... então a Clarissa Penido<sup>69</sup> foi a minha primeira contato assim e eu empolguei com o negócio... tanto que quando eu acabei o serviço... acabei o terceiro ano e eu estava pra fazer vestibular... ou Medicina ou Economia... aí eu resolvi passar pra Biblioteconomia porque eu tinha um grilo na área médica e que era o seguinte... eu não queria uma vida tão sacrificada quanto a de médico.... era uma coisa muito definida na minha cabeça... então foi o meu primeiro contato... foi com a bibliotecária da Belles... Clarissa Penido.... não sei se ela tem outro sobrenome...*

*RAQUEL (41 anos): [...] e conversando com o estagiário de Biblioteconomia ele perguntou “o que que você vai fazer?”... eu falei “eu vou fazer Direito”.. ele falou “não faz Biblioteconomia”... eu falei “mas por que Biblioteconomia?”... e começou a conversar sobre isso... que me despertou né? pra Biblioteconomia... [...] Tinha a bibliotecária e o estagiário né?... quando na hora de pegar o empréstimo era o estagiário que conversava mais né?... a bibliotecária ficava lá dentro ajudando e lá fora punha uma mesinha... eu lembro que assim era numa rua descida e ele ficava conversando com a gente... então foi o estagiário que me contou do curso de Biblioteconomia...*

Em sua pesquisa com bibliotecárias/os da Paraíba e de Santa Catarina, Beatriz Sousa (2014) identificou uma tendência dos homens entrevistados a terem escolhido a profissão por motivos mais “racionais”, que levavam em consideração a estabilidade da profissão e/ou uma carreira promissora na Biblioteconomia. Nesta pesquisa, os motivos racionais apareceram tanto para homens quanto para mulheres. Felipe, por exemplo, afirmou, em um primeiro momento, que escolheu a Biblioteconomia por indicação de uma pessoa conhecida e após ler a ementa do curso. Entretanto, mais a frente, ele relata que considerou o motivo da baixa concorrência no vestibular para optar por Biblioteconomia e, após entrar no curso, a facilidade de realizar estágios remunerados lhe chamou a atenção:

*FELIPE (44 anos): Bom... indicaria... a princípio foi essa baixa concorrência no vestibular... que eu vi a possibilidade de ingressar na UFMG, né? e a partir da minha entrada também eu fico interessando cada vez mais eh:: sobretudo que eu fazia dois estágios... até eu formar... eu fazia um de manhã e um a tarde... então eu passei por muitas bibliotecas... então eh :: aprendi muita coisa e vi que que tinha uma possibilidade sim eh :: no mercado... ele absorvia né... principalmente os estudantes... que eu era estudante então eu vi que*

---

<sup>69</sup> Clarissa Penido é um nome fictício.



*tinha muita oferta de estágio na área de Biblioteconomia e foi me incentivando a ficar também né?... a prosseguir...*

O entrevistado também relatou que já teve diversos outros empregos antes de adentrar no curso (como jornalista, sapateiro, vendedor, fotógrafo, em livrarias), o que confirmou a impressão de que a estabilidade profissional proporcionada pela Biblioteconomia – seja pelas já citadas leis que garantem a reserva de mercado, seja pela oferta de cargos em serviço público (CRIVELLARI; NEVES, 2006) – foi um dos atrativos para que ele optasse pelo curso. Após ser aprovado no curso e conseguir os primeiros estágios, ele conta que abandonou a profissão de fotógrafo:

*FELIPE (44 anos): Eu trabalhava como autônomo... eu era fotógrafo né? eu tinha um pequeno negócio assim... era autônomo... fotografava escolas infantis sabe? criança e tal... e eu acabei abandonando isso e dedicando totalmente a Biblioteconomia... só adiantando....*

A tendência de os homens optarem pelo curso de Biblioteconomia por motivos “racionais” também apareceu em pesquisa realizada por Hugo Pires (2016) com homens bibliotecários. Ao serem perguntados, em um *survey*, quais os motivos os levaram a escolher a profissão bibliotecária, grande parte deles responderam que a “estabilidade da profissão” era o principal motivo para terem optado pelo curso de Biblioteconomia (PIRES, 2016). Para Beatriz Sousa (2014), este fator denota uma relação intrínseca com as relações de gênero, uma vez que aos homens é permitido, mesmo estando em uma profissão tipicamente feminina, se manifestarem com mais autonomia e mostrarem o poder de decisão masculino.

Além de Felipe, Marco Aurélio também demonstrou que levou em consideração motivos mais racionais em relação à profissão bibliotecária se comparada às outras que ele gostaria de cursar quando prestou o vestibular na UFMG:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Cara engraçado... porque eu tinha uma bolsa de... uma bolsa no (Nome de Curso preparatório – suprimido)... eh: naquele curso pré-vestibular e tinha uma namorada na época que a gente ficava pensando “putz será o que que eu vou fazer da vida?”.... queria fazer... fazer História... Sociologia... mas se você tem grana... você vira historiador... sociólogo... se você é pobre você vira professor de Sociologia... professor de História... e eu achava que essa experiência de sala de aula seria uma experiência difícil.... até que um belo dia eh: fui numa mostra de profissões e a gente tava conversando e eu falei “eu acho que eu vou fazer Biblioteconomia”... brinquei isso porque a gente ficava muito na biblioteca do (Nome de Curso preparatório – suprimido) e::: um belo dia eu tava indo pro cursinho e encontrei um colega que fazia... que era colega do bairro e que fazia mestrado em Ciência da Informação... ele tava com os livros... eu me*

*propus pra ajudar pra ele rodar a roleta... eu tava indo pro cursinho... então a gente bateu um... bateu um papo e ele falou que fazia isso... eu falei “uai eu acho que eu vou fazer Biblioteconomia... vi que tinha uma... uma correlação com isso”... aí ele começou a me falar sobre o que que era a pesquisa dele... [...]*

Este contato com o colega mestrando em Ciência da Informação, levou Marco Aurélio a auxiliá-lo na transcrição das suas entrevistas de mestrado e a trabalhar dentro da universidade, proporcionando ao entrevistado ter o primeiro contato com o ambiente universitário e com o curso. Entretanto, o motivo racional de perceber a biblioteca como um espaço de trabalho possível apareceu em sua fala ao explicitar a razão de ter optado pela Biblioteconomia:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] no primeiro momento por uma coisa de... de brincadeira assim “ah vou fazer Biblioteconomia”... depois teve esse fato de tê-lo encontrado e de gostar um pouco desse ambiente.... tanto que eu tenho memória até hoje das transcrições das entrevistas que... que eu fiz àquela época que era um tema... um tema delicado e tal... [...] então foi assim que se deu um pouco a minha... a minha inserção eh::... na profissão e escolha do curso... eu acho também que além desse acaso do destino tinha uma questão de eh:: de entender a biblioteca como um espaço... um espaço... um bom espaço de trabalho assim... você tem... você tem uma... uma aura positiva eh: não positivista, né?... embora isso também passe pela nossa formação e... e em grande parte ainda da percepção que eu vejo que os nossos colegas tem da realidade... [...]*

A dúvida entre vários cursos também apareceu na trajetória de Carmen. Ela ficou em dúvida entre cursar Comunicação Social e Biblioteconomia, mas optou pelo segundo pela facilidade de ingresso e pela consciência de que, por ser oriunda de escola pública, teria mais dificuldades de ser aprovada para um curso mais concorrido, como o de Comunicação Social:

*CARMEN (42 anos): [...] na época eu tinha aqueles livrinhos né? descrevendo as profissões e o que cada... cada curso do vestibular você faria... e aí Biblioteconomia foi o que mais se encaixou depois de Comunicação dentro dos meus desejos assim sabe?... e aí eu fui fazer inscrição... lá quando eu estava fazendo inscrição mesmo... no banco lá para fazer o negócio lá para dar o tique lá... eu troquei a primeira pela segunda opção... porque como eu vim de escola pública e quem vem de escola pública todo mundo que não vai passar no vestibular sem ter feito um cursinho muito caro... na minha época principalmente era assim e hoje em dia eu também acho que é assim um pouco... aí eu falei “ai gente quer saber?... não estudei nada para esse vestibular... eu não fiz cursinho eu acho que vou trocar essa primeira pela segunda opção porque o número de candidatos por vaga tá um pouquinho menor” ou bastante menor né? porque Comunicação sempre foi muito concorrido... e assim fiz... mas aí para minha*

*surpresa eu passei na primeira etapa... na minha época também tinham duas etapas né?... tinha prova aberta e prova fechada... e aí eu fui fazer um cursinho para passar na segunda etapa... e aí deu certo assim... mas nunca me arrependi assim... nunca nem pensei em trocar pra Comunicação... engraçado...*

A baixa concorrência no vestibular também apareceu na fala de Renato, embora ele tenha alegado que este foi um dos motivos para que ele optasse pelo curso, mas não o único:

*RENATO (36 anos): [...] eh:: eu gostei muito assim e na época eu estava numa uma sinuca porque a minha vó tinha falado comigo que eu precisava entrar na faculdade senão eu começaria a trabalhar... e aí eu resolvi como o curso de Biblioteconomia tinha a nota mais baixa dos cortes... era Biblioteconomia... Pedagogia... Engenharia Metalúrgica e Civil também tinham... eu resolvi entrar na Biblioteconomia... eu entrei na Biblioteconomia... aí fiz o vestibular... na época do vestibular eram dois dias e mais três dias na segunda etapa....[...]*

Tais afirmações, ao contrário do que se possa sugerir em uma premissa inicial, não confirmaram a tendência de os homens optarem pelo curso pelo uso das tecnologias ou pelo apreço por áreas como Administração e/ou Ciência da Computação, que se aproximaram da Biblioteconomia sobretudo após os anos 1980, uma vez que tal fato não foi mencionado por nenhum dos entrevistados quanto ao motivo para a escolha do curso.

Quando a intersecção entre gênero e classe se faz presente, os motivos racionais aparecem claramente tanto para as mulheres quanto para os homens entrevistados e o curso de Biblioteconomia se apresenta como o “curso possível” para a realização de uma faculdade. Para Tereza, uma mulher negra, filha de pais da classe trabalhadora, a Biblioteconomia era o curso que oferecia a possibilidade para que ela pudesse continuar seus estudos após o Ensino Médio, mesmo que ela não conhecesse sobre o curso:

*TEREZA (73 anos): Engraçado... não foi uma escolha de profissão... eu vou contar pra você como que foi... na época a universidade oferecia vinte e quatro cursos e dos vinte e quatro cursos o que eu me sentia mais atraída era exatamente Biblioteconomia entendeu? Eh:: assim a minha condição a condição... a minha condição... a condição econômica minha seria o seguinte... ou estuda na UFMG ou não estuda... ou UFMG ou UFMG né? então o curso que mais me atraía era o de Biblioteconomia... muito embora eu não tivesse muita informação a respeito do curso...*

Mais à frente na entrevista, Tereza afirmou que sempre gostou de ler, mas deixa claro que era a Biblioteconomia a opção mais viável para ela, uma vez que sua segunda opção de curso foi Música e ela não sabia tocar nenhum instrumento:

*TEREZA (73 anos): Eu sempre gostei de ler né? sempre gostei de biblioteca... e então é esse realmente me atraiu... e nessa época você podia optar por um curso e em segunda opção... tinha uma segunda opção... e a segunda opção dentre os vinte e quatro pra mim foi Música... nem Engenharia... nem Direito... nada... nada... nada... era Biblioteconomia ou Biblioteconomia... escolhendo uma segunda opção seria Música no conservatório...*

Os anos 1970 – década em que Tereza se formou – foram caracterizados pela maior inserção da mulher no mercado de trabalho, corroborado pela inserção cada vez mais crescente de mulheres na parcela de população economicamente ativa e também pela maior procura delas pelos cursos superiores. Esta inserção, em grande medida, se deu pela via de “profissões femininas”, localizadas em setores como o de Educação, saúde e bem-estar social, humanidades e artes, ligadas aos chamados “guetos” ocupacionais femininos (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2003; BRUSCHINI, 2007). Para as mulheres das classes mais desfavorecidas, sobretudo as negras como Tereza, adentrar num curso superior é um passo muito maior do que as gerações anteriores de sua família tiveram e uma oportunidade de busca de uma condição melhor.

Estes traços também foram presentes quando Paola escolheu o curso. Ela já havia sido aprovada em um concurso público no final da década de 1980 e já estava atuando na equipe da biblioteca quando resolveu tentar o vestibular para cursar Biblioteconomia. Sua trajetória até a escolha do curso foi, antes, marcada pelo abandono dos estudos e por uma maternidade e um casamento precoces, conforme ela declarou:

*PAOLA (56 anos): Menino é o seguinte... não teve assim... eu sou uma pessoa que eu tive as oportunidades... o cavalo passou arriado eu montei nele e dei certo... por quê? eu casei muito nova com vinte anos... então eh ::: eu... eu só trabalhava... [...] eu casei com vinte anos e meu marido também ele fez o concurso de oitenta e cinco entrou pro serviço público... pro (Nome de Órgão Público 1 – suprimido)... e ele fica... mas eu era muito menina não tinha maturidade né... não pensava... o jovem não vislumbra futuro né... eu vivia um dia de cada vez e ele falava assim “ah faz concurso e tal”... aí ele passou em oitenta e cinco e ele ficava falando pra eu fazer o concurso... aí eu fiz... então pra você ter uma ideia eu tirei o segundo grau supletivo com vinte e nove anos... entendeu? então hoje eu penso... eu tenho*

*uma lacuna dos vinte e um anos até os vinte e nove anos... o que que eu fiz? casei... trabalhei... passei em concurso e tive filho... você entende? então quando... e aí o que que aconteceu? em oitenta e sete logo quando nós... eu casei em oitenta e seis... igual quando nós casamos ele passou em Biblioteconomia... ele passou no concurso do (Nome de Órgão Público 1 – suprimido)...do antigo (Nome de Órgão Público 2 – suprimido)... e passou em Biblioteconomia... começou a estudar lá na Carangola... lá no meio dos bicho grilo podés crer aquela bagunça que era né... a noite na FAFICH... porque sempre foi aquilo mesmo.... então ele... cê veja bem que que é a vida né.. ele criado assim eh ::: em colégio interno com muita regra muita né... ele não deu conta daquilo não... ele abandonou o curso de Biblioteconomia... aquela bagunça que era... que ia pra aula o professor não ia e aquelas confusão lá da Carangola né... e ele abandonou o curso de Biblioteconomia mas eu nem me dava conta que ele fazia Biblioteconomia... eu nem sabia o que que era... aí a gente casado de novo morando longe... na periferia... eu acho que ele ficava preocupado de estar lá naquela bagunça e eu sozinha em casa né... na periferia né... aí ele abandonou.. então quando foi em.... que eu entrei em noventa e três eu tirei o segundo grau e eu fiz Biblioteconomia né... e assim... porque aí eu já frequentava assim ali... já vi a biblioteca... já via a biblioteca universitária lá... então assim... mas em oitenta e sete eu fiz um vestibular eh:: [...] aí eu fiz em oitenta e sete um vestibular como treineiro... que na época tinha.... aí passei na primeira... acho que passei na primeira etapa... [...] então quando eu entrei pra... pra universidade [já como servidora concursada] que eu vi aquele ritmo né... aquela coisa... aí eu falei assim “ah eu vou fazer um vestibular” e fiz e passei assim... passei rápido e aí já engatei... e aí já foi aquela loucura... aí menino em creche era uma loucura trabalhava... estudava... morava longe e aí fiquei... então assim foi um... não existe acaso e a gente espírita a gente sabe... mas era uma coisa que eu acho que estava programada porque eu dei muito certo... [...]*

A trajetória de Paola até entrar no curso de Biblioteconomia é marcada pelas escolhas que recaem sobre muitas mulheres ao se casarem e ao terem filhos. A maternidade e a falta de divisão de tarefas entre os casais ainda podem ser consideradas como elementos que impedem muitas mulheres de adentrarem no espaço do mercado de trabalho e, muitas vezes, não conseguem se manter por um tempo muito longo. Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi (2003) analisam o mercado de trabalho nos anos 1990 – período em que Paola entra no curso de Biblioteconomia – e demonstram que a maternidade era um fator que interferia na carreira das mulheres, sobretudo quando os filhos são pequenos e quando não é “possível arcar com custos e/ou é mesmo necessário sair para trabalhar, as mulheres contam com redes de apoio para o cuidado dos filhos” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2003, p. 330).

Branca teve o desejo desesperado de romper com uma divisão sexual do trabalho existente no trabalho rural e com o destino muitas vezes esperados das mulheres pela comunidade da sua cidade, que era o de casar, ter filhos, ser dona de casa. Incentivada por uma professora a continuar seus estudos, ela descobriu o curso de Biblioteconomia e se encantou por ele. Apesar do encantamento, ela traz em sua fala elementos de que aquele também era o curso possível para a sua trajetória escolar, feita na zona rural de uma pequena cidade do Norte de Minas:

*BRANCA (37 anos): [...] e aí ela mostrou pra gente em algum momento e aí eu vi aquilo e falei assim “eu quero sair dessa realidade que eu vivo”... porque a maioria das minhas colegas... a nossa realidade era casar ter filho e os maridos... como o Norte de Minas é uma região muito carente de serviço de tudo... a maioria você casa... os maridos naquela época era trabalhar fora... cortar cana... sair para a colheita de café... e ficava seis nove meses fora e retornava... e aí eu sempre falava “eu não quero essa realidade pra mim... eu quero poder sair daqui estudar”... e aí com essas condições que essa professora foi mostrando... aí eu vi os cursos lá... só que eu saBIA da minha realidade... eu não TINHA condições de fazer um Direito fazer uma Medicina sei lá qual que fosse outro curso...então... aí na época eu coloquei... não eu quero fazer um curso... aí eu olhei aquele catálogo todo e eu me encantei pelo curso de Biblioteconomia olhando aquele catálogo dos cursos da UFMG... só que na época tinha UFMG... quando eu falava pra alguém que conhecia falava “Cê é louca... UFMG é de elite... UFMG você jamais conseguiria ir estudar lá”... e após formada... que essa professora colocou... informou pra gente no terceiro ano a questão da isenção do vestibular... que eu solicitei e consegui a isenção... e aí na primeira tentativa eu não passei nem de perto assim... eu fiquei muito ruim porque não tinha condições... a gente não tinha estrutura nenhuma pra tentar um vestibular... aí eu saí e fui estudar por conta própria... eu fiquei uns dois anos estudando... e aí foi onde eu aprendi que tinha História, Geografia e outras disciplinas que eu tive que aprender sozinha... e... e eu tentei o curso de Biblioteconomia justamente porque eu não tinha condições... eu acho que se seu fosse estudar... se eu tivesse condições melhores na época eu teria passado em outro curso... mas fiz o curso de Biblioteconomia... passei na segunda tentativa e sou apaixonada pelo curso... acho que foi uma feliz escolha que eu fiz né?... sou apaixonada pelo curso pela biblioteca pelo atendimento... sou da referência... e foi uma escolha muito bem acertada... e aí quando eu vim pra UFMG e cheguei aqui... claro que não é fácil... sem dinheiro... mas a FUMP me acolheu então pra mim foi uma escolha muito bem acertada... e eu sou muito feliz na minha profissão hoje principalmente no setor de referência...*

Longe de parecer uma desqualificação pura e simples que um olhar pouco atento possa estabelecer – como se a Biblioteconomia fosse um curso “menor” – é preciso esclarecer que as escolhas de Tereza, Paola e Branca advém também de uma

série de fatores que escapam ao controle das entrevistadas e são ligadas diretamente a conjunturas maiores de economia e política brasileiras. Quando as entrevistadas prestaram vestibular para cursar Biblioteconomia, as universidades públicas eram a única alternativa que estudantes das camadas populares tinham caso quisessem estudar, uma vez que não havia programas governamentais que possibilitassem de forma mais efetiva uma maior democratização da universidade<sup>70</sup>. Débora Piotto e Renata Alves (2016) trazem dados da Universidade de São Paulo do ano de 2007 que demonstram que, do total de alunos que haviam cursado o ensino médio em escolas públicas, somente 0,67% ingressaram naquela universidade. Além disso, “entre os inscritos no vestibular da Fundação para o Vestibular (Fuvest) no ano de 2006, apenas 26,7% dos aprovados se encaixavam nessa mesma condição” (PIOTTO; ALVES, 2016, p. 140).

Cabe ressaltar a importância dos estágios na área para que as/os estudantes se vejam dentro da área e reconheçam as atividades que irão desenvolver. As pessoas entrevistadas destacaram que os mais diferentes estágios fizeram com que elas se vissem e percebessem que estavam inseridas naquela profissão, que seriam bibliotecárias/os. De modo geral, o gênero se fez pouco presente nas escolhas das pessoas pelo curso de Biblioteconomia, não podendo ser estabelecida uma relação entre a escolha das pessoas e aspectos genefiricados. Uma análise inicial sugeriria que homens tenderiam a escolher a profissão por motivos mais racionais e mulheres para motivos mais “emocionais”, mas, nesta pesquisa, estes motivos não apareceram e algumas das bibliotecárias entrevistadas também demonstraram racionalidade na escolha do curso, sobretudo as que tinham origens nas camadas populares da sociedade onde a Biblioteconomia se mostrou como alternativa mais viável para que elas pudessem estudar e ter uma profissão.

---

<sup>70</sup> O Programa Universidade para Todos (ProUni), por exemplo, foi implementado somente em 2004. Ele consiste na concessão de bolsas em instituições privadas para estudantes que possuem baixa renda familiar e que são oriundos de escola pública. Já a lei de cotas, que possibilitou a/aos estudantes negros/os adentrarem em maior número nas universidades públicas brasileiras, foi criada em 2008 e consolidada com reconhecimento de sua constitucionalidade por parte do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011, a lei fez com que as universidades e institutos federais reservassem 50% do número de vagas, em todos os cursos, para estudantes negros/as e de oriundos de escola pública.

### 6.3 A trajetória durante a formação universitária

A formação universitária, bem como o trabalho, possui grande importância na construção identitária das pessoas. Magali da Silva e Valdir Morigi (2018) destacam que, embora os sonhos e projetos das pessoas contribuam para a construção das suas identidades, ao conviver com pessoas que almejam atuar na mesma área de trabalho, a identidade das pessoas começa a se fortalecer (SILVA, MORIGI, 2008). A construção destas identidades passa também pelo contato com as disciplinas e professoras/es, pelas áreas que irão interessar ou não as pessoas e que podem ser direcionadas pelos conhecimentos prévios e pelos objetivos que elas possuem para o futuro. Em uma sociedade generificada e em profissões marcadas pelo gênero, pode haver um certo direcionamento das mulheres para determinadas disciplinas e os homens para outras. Assim, buscou-se compreender quais as áreas de interesse das pessoas entrevistadas durante a graduação e como se davam as relações de gênero durante o período formativo.

#### 6.3.1 As áreas de interesse (ou não) durante a graduação

As perguntas que versavam sobre a trajetória de formação universitária das pessoas entrevistadas, visavam identificar como se deu o contato delas com as disciplinas do curso e se houve um direcionamento da trajetória de homens para disciplinas que envolvessem tecnologias, gestão e administração, e das mulheres para disciplinas técnicas ou ligadas às áreas educacionais, por exemplo, estas consideradas “guetos” femininos.

Paula Chiés (2010) demonstra que, na Medicina, por exemplo, há uma segregação e uma divisão sexual entre as especialidades, com algumas áreas sendo ocupadas majoritariamente por mulheres, como o caso da pediatria, da dermatologia, da medicina sanitária, enquanto outras especialidades como cirurgia, cardiologia, ortopedia, urologia, entre outras, notadamente de maior prestígio na área, possuem menor percentual de representatividade feminina. A autora ressalta que

Os estereótipos sociais criados em torno dessas especialidades sinalizam conformações gerais de homens e mulheres na sociedade. A pediatra é a ‘dona de casa da medicina’, assim o mito do instinto maternal tornaria a mulher mais calma, propícia à arte do ‘cuidar’, logo, apta a trabalhar com o tratamento de enfermos de doenças crônicas –



pacientes que necessitam de um cuidado contínuo e próximo. Os homens, todos eles banhados pela postura agressiva e sem titubeios, seriam adequados à precisão necessária em manobras cirúrgicas etc. (CHIÉS, 2010, p. 507).

As pessoas que participaram da presente pesquisa demonstraram gostos variados quanto às disciplinas e áreas que lhes eram de interesse durante a graduação. Se dividirmos as áreas citadas em ligadas a aspectos técnicos, de tecnologia e de áreas culturais e humanísticas, seis das/os respondentes se enquadram no primeiro aspecto e outras sete no segundo aspecto, conforme o Quadro 3 demonstra:

Quadro 3 - Disciplinas/áreas<sup>71</sup> que as pessoas respondentes apreciavam

<b>Disciplinas de cunho técnico</b>	<b>Disciplinas de cunho tecnológico</b>	<b>Disciplinas de cunho cultural e humanístico</b>
Beatriz	-----	Branca
Dóris	-----	Carmen
Ellen	-----	Marco Aurélio
Felipe	-----	Olavo
Laura	-----	Paola
Raquel	-----	Renato
-----	-----	Tereza

Já quando perguntados sobre as disciplinas que tiveram menos afinidade ou que avaliavam negativamente, sete das trezes pessoas entrevistadas citaram disciplinas de cunho técnico como as que menos tiveram afinidades durante a graduação, conforme o Quadro 4. O maior número dos homens entrevistados demonstravam maior interesse pelas disciplinas de cunho humanístico e cultural e desinteresse pelas de cunho técnico e tecnológico, enquanto, entre as mulheres, as áreas de interesse e de desgosto se apresentaram de forma mais variada. Além disso,

<sup>71</sup> Apesar de existirem amplas discussões acerca da divisão entre disciplinas técnicas, humanísticas e de tecnologias na Biblioteconomia – ver, por exemplo, a discussão empreendida por Fabrício Silveira (2007) –, utilizou-se deste critério neste trabalho para fins de melhor compreensão das áreas em que se situavam as preferências das/os bibliotecárias/os entrevistados e por consideramos que tais divisões ainda se fazem presentes na formulação dos currículos da área.

três pessoas destacaram que gostavam de todas as áreas do curso, não podendo avaliar negativamente nenhum aspecto.

Quadro 4 - Disciplinas/áreas<sup>72</sup> que as pessoas respondentes avaliavam negativamente

<b>Disciplinas de cunho técnico e tecnológico</b>	<b>Disciplinas de cunho tecnológico</b>	<b>Disciplinas de cunho cultural e humanístico</b>	<b>Gostaram de tudo</b>
Beatriz	Renato	Dóris	Branca
Carmen	-----	Tereza	Ellen
Felipe	-----	-----	Olavo
Laura	-----	-----	-----
Marco Aurélio	-----	-----	-----
Paola	-----	-----	-----
Raquel	-----	-----	-----

Na Biblioteconomia, os “guetos” ocupacionais femininos se ligam principalmente às áreas que possuem ligação com a Educação, notadamente personificadas na figura das bibliotecas escolares. A biblioteca escolar pode ser considerada como um reduto feminino por ser a primeira porta do contato de muitas pessoas com o mundo dos livros, além do aspecto de a educação infantil estar diretamente ligada às noções de cuidado, o que a insere na divisão sexual do trabalho, sendo também a área da Pedagogia um local ocupado majoritariamente por mulheres. Segundo dados do Censo da Educação Básica de 2020, na educação infantil brasileira, dos 593 mil docentes que atuam na área, 96,4% são mulheres e 3,6% são homens, o que demonstra a altíssima feminilização da área (BRASIL, 2020).

Mariana Marcondes (2013) destaca que a inserção das mulheres no mercado de trabalho e a temática do cuidado estão imbricadas, sendo as mulheres absorvidas em profissões que agregam as questões referentes ao cuidado. Entretanto, ao contrário do que uma hipótese inicial pudesse sugerir, nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, dois dos homens demonstraram maior interesse por estas áreas: Renato e

<sup>72</sup> Ver nota anterior.

Olavo. Eles relataram que as disciplinas que tinham interesse eram da área de formação de leitores, bibliotecas escolares e públicas.

*OLAVO (41 anos): Sempre preferi literatura... que tivesse alguma coisa com literatura... ou alguma disciplina que podia falar de bibliotecas mesmo... então por exemplo quando elas não eram tão técnicas do ponto de vista de... de... de estudar CDD, CDU, MARC-21<sup>7374</sup>... eu gostava bastante das partes que falavam de biblioteca... [...] A que sempre me interessou mais... eu gosto muito de biblioteca escolar acho que tem um tema muito legal... mas a biblioteca que sempre me interessou foi a biblioteca pública... que trabalha com literatura né? porque assim seria a biblioteca pública... a biblioteca entre... como eu posso dizer... entre várias aspas... a biblioteca que aproxima mais do público que eu acho que é mais legal assim de trabalhar... que seria um público geral... que abordaria desde uma criança até um adulto idoso né?... passando por várias gerações e que a gente teria contato...*

*RENATO (36 anos): Ah eu sempre gostei das áreas que faziam interlocução com a Educação né? então a biblioteca escolar eh:: gostei de catalogação... que era o tratamento um agora não sei como que chama mais... tratamento um... tratamento descritivo... depois eu gostei das disciplinas voltadas a formação de leitor... infelizmente não peguei a Luísa<sup>75</sup> as áreas que tinham essa interlocução com a Educação assim... poucas né? na Biblioteconomia sempre tiveram poucas... interessante é que eu nunca me interessei assim... era é sempre uma área voltada pra educação mas não dialogando com pesquisadores de biblioteca escolar, né? eu nunca fui fã de Inês Morais por exemplo...*

Carmen foi uma das bibliotecárias que também ressaltou que gostava da área de literatura e das disciplinas ligadas a formação de leitores, ressaltando que seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi realizado nesta área, ao contrário de Dóris, que rechaçou a ideia de trabalhar em bibliotecas escolares:

*CARMEN (42 anos): Sempre as áreas ligadas mais à leitura... as áreas ligadas nas áreas de humanas... essa área mais dura da Biblioteconomia sempre foi um enigma para mim... eu só fui gostar dela agora há pouco tempo sabe? depois que eu entendi como funcionava... mas antes eu sempre gostei mais... que sempre foi minha praia mesmo né? assim... tanto que o meu projeto de graduação... a gente não tem TCC na Biblioteconomia... a gente tem*

<sup>73</sup> A Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU) são dois sistemas de classificação utilizados em bibliotecas. De forma geral, elas permitem a identificação do assunto do documento para que ele possa ser posto em determinado local na estante, junto com documentos de assuntos semelhantes, o que facilita, segundo Danielle Silva (2014, p. 2), “a busca do livro pelo bibliotecário e pelo usuário da biblioteca, evitando perda de tempo”.

<sup>74</sup> O MARC21 foi um sistema desenvolvido pela *Library of Congress* (EUA) e refere-se a um “padrão para a representação e comunicação de informações bibliográficas e relacionadas, em modo legível por máquina” (PEREIRA; CAMARGO; ZAFALON, 2020, p. 463).

<sup>75</sup> Luísa e Inês Morais são nomes fictícios.

*um projeto assim e foi um projeto de contação de histórias para crianças sabe? então sempre foi a área de leitura que eu mais gostei mesmo...*

*DÓRIS (37 anos): Biblioteca escolar... eu não gosto muito mesmo... Apesar de ser do meu contexto vamos dizer de escolha do curso... eu acho que é (...) muito eu... a Inês Moraes falava umas coisas assim tipo que bibliotecário não tem que vestir de cenoura pra contar histórias sabe? o bibliotecário está muito além disso... bibliotecário só é colocado numa posição de contador de história... isso me incomoda... então era uma área que eu não curtia muito porque a teoria e a realidade são coisas completamente diferentes... e eu acho que o bibliotecário é colocado numa caixinha que não cabe a ele sabe? ele perde a oportunidade de se fazer presente naquela parceria com a escola... com a formação pedagógica... ele perde muito quando ele assume esse lugar de cenoura pra contar história sabe? então é uma área que me incomodava um pouco...*

Assim como a escolha do curso, as disciplinas de interesse por parte dos bibliotecários homens não apresentaram aspectos ligados às noções de Administração e Tecnologias, sendo que alguns deles fizeram questão de ressaltar e valorizar as disciplinas de cunho humanístico. Marco Aurélio, por exemplo, destacou que não possuía interesse pela parte técnica da profissão e Olavo não quis avaliar nenhuma disciplina negativamente, mas ressaltar sua predileção pelas de caráter sociológico.

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Ah... basicamente as áreas sociais e culturais assim do currículo... tinha uma predileção por elas e zero interesse na parte técnica...*

*OLAVO (41 anos): Da Biblioteconomia?... não... realmente não... minha predileção é de falar sobre... sobre esse caráter sociológico... de atendimento ao público... por isso que eu gostava muito de estudos de usuários... também uma área que eu achava muito legal de fazer essas pesquisas né?... quando a gente estudou com a Maria da Graça<sup>76</sup> que era muito legal também... foram matérias eu tive um carinho muito grande... é só questão de predileção... não tem uma que eu ache ruim não... eu só não sou bom e nunca fui e tem que melhorar em parte de banco de dados... é que eu não sou bom mesmo mas não tem uma que me incomode... a minha predileção é sobre literatura... atendimento ao público... o serviço de... me deu branco... como que chama? O serviço de atendimento no balcão...*

---

<sup>76</sup> Maria da Graça é um nome fictício.

No caso de Marco Aurélio, este interesse vinha também associado à busca de uma identidade, de uma noção de pertencimento e de encontrar o “seu lugar no mundo”:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] eu tinha uma preocupação mais de uma formação eh:: social... de entender o meu lugar no mundo... eu achava que isso na prática você ia terminar aprendendo porque eu achava que aquilo mais do que uma forma de organizar o conhecimento era um negócio de encaixotar assim as visões eh:: de mundo... então não tinha muito interesse... continuo sem interesse nessa parte assim... sou um bibliotecário de referência...*

O currículo foi considerado fator importante na percepção das/os entrevistadas/os quanto às disciplinas que mais lhe agradavam ou não, além do contato com as/os professoras/es que mais apreciavam e de outras/os profissionais que já estavam no mercado. No que concerne ao currículo, a mudança de enfoque curricular da Biblioteconomia pode ser um dos motivos, conforme explicitado anteriormente, responsável pela feminilização da área, onde as mudanças ocorridas que visavam transformar a formação bibliotecária mais técnica e menos humanista, insere a profissão no rol de profissões tecnicizadas, onde o fazer passa a se sobrepor ao saber e a/o bibliotecária/o passa a ser um auxiliar da pesquisa, do atendimento ao usuário (SOUZA, 2009).

As pessoas que se graduaram na primeira década de 2000, por exemplo, tinham a possibilidade de escolha, ao fim do curso, do enfoque que dariam para sua formação: se em Gestão de Coleção ou em Gestão da Informação. Esta mudança de enfoque e a possibilidade de escolha vêm na esteira das mudanças pelas quais o curso da UFMG passou no fim da década de 1990 e começo de 2000, como a mudança de nome da escola, as alterações realizadas na pós-graduação e de discussões acerca do “novo profissional da informação”. Carmen e Raquel narram que, neste período, havia uma desvalorização do que era relacionado a bibliotecas e à Biblioteconomia tradicional:

*RAQUEL (41 anos): No começo a gente tinha duas linhas de pesquisa... Gestão de Coleções e Gestão da Informação... então vendiam muito bem que “ah o Bibliotecário tem que ir pra Gestão da Informação, é o top é o tal” né?... vendiam isso e vendiam mal a gestão de coleções né? vendia assim “ah não a Bibliotecária você tem que lidar com a informação, Ciência da Informação”... quando a gente foi ter o estágio com a professora Nancy a gente tinha aquela birra “não eu não vou fazer gestão de coleção vou fazer gestão de informação” e quando a gente teve aula com a*

*professora Nancy<sup>77</sup> a professora Nancy falou assim “por que vocês vão fazer a Gestão da Informação?”... que era com o Prestes né?... “por que que vocês vão fazer Gestão da Informação?”... A gente “ah professora porque é o Chic”... ela falou “não você vai trabalhar aonde?”... Biblioteca... “o que você Vai fazer lá”... isso... isso... e isso “é Gestão de Coleção... onde você vai trabalhar?” Biblioteca tal... “O que que você vai fazer?”... ela provou pra gente que o nosso diferencial era Gestão de Coleção que era onde a gente iria atuar... ela falou “gente vocês não vão atuar em Gestão de Informação, não vão. Vocês vão cair nas bibliotecas”... e o meu grupo né de amigas nós tínhamos fechado Gestão de Informação e na última hora eu pulei fora... eu falei assim não eu vou pra Gestão de Coleções... isso foi um mal estar que quase acabou a amizade... mas elas entenderam.. me respeitaram né?... que nós éramos quatro... eu pulei fora fui pra Coleção e elas foram pra Gestão de Informação... e foi um estresse foi um ano assim sofrido... foi uma coisa assim que abalou tudo e eu desmistifiquei... eu acreditei na professora Vera... e aí foi que eu falei “realmente eu acertei”... mas foi uma coisa que me venderam negativamente e depois desmistificou isso... e eu vi que foi uma escolha muito acertada e as disciplinas de Gestão de Coleção foram muito melhores que Gestão da Informação... foi aí que teve todo o stress com o Prestes e tal mas eu fiquei super feliz que eu fui fazer formação de leitores... preservação de obras raras... então eu fui pra uma outra área... eu tirei o preconceito... eu falei “vou comprar essa”... eu falei né porque a gente tinha muito preconceito aquela coisa eu falei “não”... e aí minhas amigas ficaram decepcionadas e falaram “Raquel? Poxa você”... mas fora isso negativo não teve mais nada não...*

*CARMEN (42 anos): [...] a escola ela tava naquele momento em que ela estava começando a se chamar escola de Ciência da Informação... então a área do núcleo duro ela tava muito mais em moda tipo assim... a gente até tinha... na minha época também a gente escolhia qual ênfase a gente queria dar para o nosso curso... que era ênfase em Coleção ou ênfase em Informação né? e a ênfase em Informação era tipo assim... nossa era sabe? a última bolacha do pacote... todo mundo queria fazer porque diziam que tinha mais emprego não sei o quê não sei o quê... eu não conseguia ver isso sinceramente assim... e eu não conseguia gostar muito talvez das disciplinas... Gestão da Informação e Gestão do Conhecimento... eu achava aquilo tudo meio assim fora de propósito... eu queria ver a coisa né?... eu gostava de coleção... eu gostava das coleções... e aí eu fui fazer mas sem nem... mas todo mundo querendo ir para a de informação... tanto que tiveram muitas pessoas na minha sala que fizeram essa ênfase em informação e depois voltaram para fazer a ênfase em coleção... porque não acharam emprego... porque acharam difícil assim... e queriam entender como que essa outra área funcionava...*

Conforme Hugo Pires e Claudio de Paula (2022) a maior entrada de homens na Biblioteconomia leva a área a repensar e tentar se afastar da ideia e da imagem da antiga bibliotecária. A valorização da parte de Gestão da Informação em detrimento

---

<sup>77</sup> Nancy e Prestes são nomes fictícios.

da de Gestão de Coleções, por parte das/os professoras/es da escola (conforme o relato das entrevistadas) pode ser considerada como um desses elementos, além da busca por novos nomes para a profissão bibliotecária. No mesmo direcionamento, Francisco Souza (2004) destaca que a crise de identidade sofrida pela profissão nos anos 1990 e início dos anos 2000 perpassa pela constante discussão acerca da mudança de nome para que a profissão se tornasse mais “atrativa” para o mercado. Segundo autor, no fim do século XX e começo do XXI

[...] surgem novos discursos sobre as relações sociais e sobre os fazeres, especialmente nos países agora chamados de economicamente “emergentes” como é o caso do Brasil. O grande efeito dessas causas é um assustador estonteamento sofrido por parte de alguns conjuntos de pessoas atreladas a certos papéis socialmente atribuídos como profissões sobre o seu lugar de atuação neste novo espaço deste tempo recente (SOUZA, 2004, p. 94).

A literatura da área traduzia este discurso da necessidade de afastamento da visão tradicional da Biblioteconomia. Em artigo do começo dos anos 2000, por exemplo, Anízia Nascimento, Etienny Figueiredo e Georgete Freitas (2003) destacavam a necessidade da Biblioteconomia de mostrar que a biblioteca não era o único lugar de atuação do bibliotecário e que este não era mais visto como guardião, mas como disseminador da informação, que deveria atuar como estruturador, planejador ou administrador de informações. Para Mary Ferreira (2003), a utilização do termo “profissional da informação” se dava por acreditar que o espaço de trabalho havia evoluído e que a informação era vital para as empresas. Nas palavras da autora, “o profissional da informação é o protótipo hoje do trabalhador do conhecimento de amanhã” (FERREIRA, 2003, p. 43)

O discurso de Ellen carrega estes aspectos de tentativa de afastamento da visão tradicional da biblioteca e da bibliotecária. Ela se interessou desde o começo do curso pelo campo das bibliotecas especializadas e suas fontes de informação e seu apreço por essas áreas vem principalmente, segundo ela, do contato que estabeleceu com outras profissionais que atuavam também no ramo. Por conta disso, por querer atuar em um nicho muito específico da Biblioteconomia, seu discurso carrega a noção de que se afastar da biblioteca tradicional é um aspecto a ser valorizado:

*ELLEN (35 anos): Das possibilidades mesmo assim de... de eh:: de expansão da área sabe? não só da Biblioteconomia... mas como informacionista... como gestor da informação... toda essa parte que tinha gestão da informação e do conhecimento eram... eram*

*disciplinas que me... que me atraíam assim mais... claro que a catalogação é a base, né? mas a catalogação era muito... é uma disciplina clássica... então não tinha uma... uma coisa que me atraía assim... era pré-requisito né? então...*

De modo geral, as áreas ligadas às tecnologias são associadas ao mundo masculino e isto também ocorre na Biblioteconomia, apesar de não poderem ser consideradas fator predominante na escolha do curso ou durante a graduação (SOUSA, 2014; PIRES, 2016). Na presente pesquisa, a ligação entre o gênero e a área tecnológica foi percebida por Renato, que declarou que não gostava das áreas de tecnologias e demonstrou a percepção de que, ao adentrarem numa profissão feminilizada, os professores que lidavam com estas temáticas buscavam se diferenciar o quanto antes das práticas e pesquisas realizadas anteriormente. Ao ser perguntado sobre quais professores haviam marcado negativamente sua formação, ele foi categórico em afirmar que todos eram homens:

*RENATO (36 anos): Lembro... todos homens... todos homens... todos homens... eu acho que era Prestes... Tomaz Prestes... Mário<sup>78</sup>... eu acho que tem uma área ali meio de demarcação de território que você é homem num território de mulheres... por eu ter uma trajetória em áreas femininas... que é a Biblioteconomia... e agora que eu sou uma pessoa que é da educação infantil... eu comecei a enxergar isso melhor assim... que os homens dessas áreas eles precisam demarcar o território deles... então eu via isso um pouco né? agora eu consigo enxergar o tanto que eles demarcavam o território dentro de uma área que era feminina... e a gente demarca o território como? fazendo outras pesquisas... fazendo outras formas de pesquisar... propondo novos objetos e novos objetos que vão atravessar o mundo masculino e aí é a tecnologia, né?*

Mais à frente, ao ser perguntado sobre quais áreas lhe eram incômodas, ele retoma a questão ligada ao gênero dos professores para explicitar seu argumento:

*RENATO (36 anos): Sim... as áreas voltadas da tecnologia... nunca gostei... acho que a forma que a tecnologia era tratada dentro do curso de Biblioteconomia era isso que eu comentei com você... uma dominação masculina num campo extremamente feminina... e até hoje isso acontece...*

A clara percepção do entrevistado quanto às questões de gênero se liga diretamente ao que afirmam diversas autoras/es que lidam com a questão da divisão sexual do trabalho, em que, ao adentrarem em espaços essencialmente femininos, há

---

<sup>78</sup> Tomaz Prestes e Mário são nomes fictícios.



uma valorização não só da figura masculina nos espaços, como também das áreas em que eles irão atuar (CHIÉS, 2010; YANNOULAS, 2011; SOUSA, 2014). A partir dos anos 1990 e 2000, é notória a valorização da área das tecnologias no campo da Biblioteconomia em detrimento das áreas técnicas e humanísticas.

A trajetória pessoal e profissional das pessoas também está diretamente ligada ao contexto em que estão inseridas e nas vidas de algumas das pessoas entrevistadas, como a de Tereza, os aspectos que lhe fizeram ter maior dificuldade e/ou que ela avaliava negativamente estavam atrelados diretamente ao contexto da época em que ela estava. Vivendo a maior parte da sua juventude durante a ditadura militar brasileira, ela relatou que não teve aulas de Filosofia nos Ensinos Fundamental e Médio, o que fez com que esta área fosse a que ela mais tivesse dificuldades durante a sua graduação.

*TEREZA (73 anos): Eu tinha dificuldade em Filosofia... Filosofia... porque na realidade a minha geração não estudou Filosofia né? tem essa lacuna na formação da gente... então aquilo era muito confuso... cê abstrair diante de algo que você estava vendo pela primeira vez... a minha relação foi muito prejudicada nessa parte porque tiraram a filosofia do currículo...*

A supressão das aulas de cunho humanístico para crianças e adolescentes pela Ditadura Militar – como as de Filosofia e Sociologia – advinha não só como estratégia de contenção das liberdades individuais e não contestação ao Regime, mas também de uma orientação da Economia que serviu como guia para a implementação de um novo modelo educacional, ligado à lógica dos interesses econômicos. A justificativa da busca de uma modernização do capitalismo fez com que o tecnicismo passasse a ser a ideologia oficial de Estado, onde os postos de governo deveriam ser ocupados por pessoas supostamente técnicas, para que fosse alcançada a máxima eficiência. Assim, a Educação deveria ser condicionada pela lógica que determinava o crescimento econômico da sociedade capitalista (FERREIRA JUNIOR, BITTAR, 2008). Nesse sentido, segundo Demerval Saviani (2008), na visão dos militares, a escola primária deveria capacitar para determinada atividade prática, o ensino médio seria destinado à preparação profissional necessários ao desenvolvimento econômico do país e o ensino superior deveria ter a função de formador de mão-de-obra especializada e do quadro de dirigentes do país (SAVIANI, 2008).

A entrevistada destaca um momento em que foi repreendida por uma professora durante o Ensino Médio apenas por expressar uma opinião. Além disso,

ela relata que havia mais liberdade dentro das universidades, o que não fazia que ela sentisse a repressão dentro do espaço universitário:

*TEREZA (73 anos): Na verdade eh:: durante o meu período de formação média... ensino médio... eu sentia alguma coisa assim... eu por exemplo eu me lembro uma vez e fui expressar uma situação e a professora.... e eu não entendi bem... mas ela me deu uma cortada... tipo assim... "se alguém ficar sabendo do que você tá pensando isso"... e aquilo acendeu a luz vermelha em mim... mas na universidade não... é muito livre né? é mais solto... mais leve né? as pessoas tem mais liberdade...*

Cabe destacar que algumas pessoas citaram disciplinas das mesmas áreas como preferidas e que avaliavam negativamente, mostrando que, na prática, muitas vezes, a "rivalidade" entre disciplinas técnicas e humanísticas não se sustenta. Felipe, por exemplo, destacou que gostava das áreas de classificação (CDD e CDU<sup>79</sup>), mas que não apreciava as disciplinas técnicas "repetitivas", como MARC-21<sup>80</sup>.

*FELIPE (44 anos): Eu acho que sim... tinham coisas muito técnicas... muito repetitivas que eu não vou saber te falar agora... porque eu não lembro da grade curricular toda sabe?... mas tinha algumas coisas assim... que eu achava um pouco... um pouco técnico demais... um pouco repetitivo e que não tem... não teria muita aplicabilidade assim na... na prática... embora eu não fosse estudante ainda né? e aí depois você forma... você tem outra visão.... [...] Olha... eu acho que essa área de... de MARC... eh :: coisas bem técnicas assim sabe? então acho que era um pouco repetitivo... não sei te dizer o nome da disciplina...*

O mesmo aconteceu com Beatriz, que destacou a importância das áreas como indexação (uma disciplina técnica) quando perguntada quais áreas lhe interessavam mais durante a graduação, mas contou que a classificação (e o rigor que era colocado sobre ela) lhe incomodava:

*BEATRIZ (66 anos): [...] chatas que eu digo é o seguinte... eu não sei se você vai me entender.. eu achava que a Biblioteconomia era mais do que catalogação tá? A classificação não... eu acho que a classificação é importante... mas também não acho que a classificação... - - eu era meia rebelde - - eu não acho que a classificação tenha que ser esmiuçada tá? Por quê? - - A não ser numa grande biblioteca tá? - - Porque o usuário não sabe procurar as coisas com aqueles parênteses todos... aqueles eh:: asteriscos... [...] aquela tabela de Cutter... que eu detesto... nunca trabalhei... nunca usei na prática... eu sempre usei três primeiras letras de sobrenome dos autores e três primeiras letras do título do livro... volume...*

<sup>79</sup> Para definição a respeito da CDD e da CDU, ver nota 73."

<sup>80</sup> Para definição a respeito do MARC21, ver nota 74.

*exemplar entendeu? então era meia rebelde... eu também sempre usei a tabela de classificação da National Medical Library... a vida inteira que eu trabalhei na área médica... que era a melhor tabela de classificação... que a gente também não estudava na escola... também não estudava na escola...*

Conforme demonstrado, não houve um relacionamento direto entre o gênero da pessoa entrevistada e a área de interesse dela – com as mulheres se interessando mais pelas áreas técnicas e de bibliotecas escolares, por exemplo, e os homens pelas de tecnologia ou gestão. Entretanto, as relações de gênero se mostraram presentes na graduação das pessoas entrevistadas, seja no comentário entre colegas, seja na fala de professoras/es. A próxima subseção discute como estas relações se apresentaram na trajetória das pessoas bibliotecárias durante a graduação.

### 6.3.2 As relações de gênero durante a graduação

Sobre os seus períodos de graduação, as pessoas entrevistadas relataram, de modo geral, que se havia uma percepção acerca de como a Biblioteconomia era uma área feminilizada, ainda que isso não fosse debatido formalmente dentro de sala de aula. Entretanto, sobretudo na conversa com colegas de classe, a questão sempre aparecia, seja por meio de piadas e brincadeiras, seja por conversas mais sérias. Ellen destaca que as brincadeiras eram recorrentes entre suas/seus colegas quanto a isso:

*ELLEN (35 anos): [...] sempre teve eh:: questões de piadinhas mas de... de estudante mesmo... mas não era... era essas piadinhas assim “ah só tem mulher aqui... quase não tem homem né”... essas coisas de... de meio que saindo da adolescência né... de calouro mesmo... mas discussão mesmo não... nunca teve... e também acho que nenhum professor na época... pelo menos na minha turma... tinha levantado essa discussão não... nem dos professores mais eh :: antigos.. não... nunca teve...*

Na sociedade, a naturalização das relações de gênero e de poder faz com que certos aspectos sejam tomados como naturais (BOURDIEU, 2003), sem que haja um debate em torno deles. A feminilização da Biblioteconomia não era questionada tanto por parte da área em si (haja vista a quantidade reduzida de trabalhos que versam sobre gênero na área, conforme demonstrado na subseção 4.2), quanto por parte das/os profissionais. Tereza, por exemplo, ressalta que, na sua época, era uma coisa natural, e Laura destaca que havia uma percepção por parte das/os estudantes de que o grande quantitativo de mulheres nos cursos de Biblioteconomia – e nos de

Pedagogia – era uma coisa “fora do normal”, mas que não havia nenhum tipo de debate acerca da questão:

*TEREZA (73 anos): Não... não era não... era como se fosse natural... [...]*

*LAURA (37 anos): Debatida não... mas era uma coisa que era percebida sim... na minha sala no curso de pedagogia tinha sete homens e era considerada a sala dos homens... (risos) porque nas outras salas tinha um, dois, no máximo três... e na Biblioteconomia a gente... eu acho que era mais ou menos isso também... no máximo uns 10 homens pra uma sala de 30... então a gente achava... percebia que era um “curso de mulheres”... que a gente até falava “ah, um curso de mulheres”... mas não era debatido não... era... era... passado como uma coisa fora do normal mas que não tinha nenhum tipo de debate... nada disso... era discutido não.*

Silvia Yannoulas (2011, p. 277) destaca que a participação das mulheres no mercado de trabalho, em seu início, foi tolerada, mas desaconselhada e muito controlada, sobretudo para as mulheres das classes mais altas, uma vez que, para as mulheres pobres, o trabalho era considerado uma “desgraça inevitável”. A principal função das mulheres era a maternidade, o cuidado e a preservação do núcleo familiar, e o trabalho não poderia atrapalhar estes destinos femininos. Assim, segundo a autora, profissões como as de professora eram toleradas, mas somente até o casamento.

Em sua estreita relação com a Educação, a Biblioteconomia também pode ser considerada como uma dessas profissões e destes discursos difundidos acerca de profissões que as mulheres poderiam ocupar até se casarem, é que emergiram estereótipos que chamavam a profissão bibliotecária, por exemplo, de profissão “espera-marido”. Esta concepção de que, em um curso feminino, as mulheres estão ali não para se profissionalizar ou de que o destino da mulher é o casamento foram expressas na fala de uma professora nas trajetórias de Branca, Paola e Carmen. Quando perguntadas se houve, durante a graduação, alguma fala de uma/um professora/or que indicasse que alguma tarefa seria melhor desempenhada por uma mulher do que por um homem ou vice-versa, elas contaram que:

*BRANCA (37 anos): Sim... Logo no início... que foi a introdução de uma disciplina que a Denise<sup>81</sup> fez sobre Biblioteconomia... ela colocava muito a questão da mulher que a Biblioteconomia era muito feminina... que a Biblioteconomia era de um universo que tinha poucos*

---

<sup>81</sup> Denise é um nome fictício.

*meninos... por exemplo na nossa sala eram poucos meninos que tinham... então ela colocava isso como questões de estatística “Ó a Biblioteconomia é feminina... é um curso para procurar marido”... eu falei assim “Ó, não sei se é mas funcionou que eu casei com um bibliotecário” sabe?...*

*PAOLA (56 anos): [...] eu escutei muito assim curso espera marido né... inclusive de próprios professores aqueles mais antigos elas falavam eh:: eu ouvi de professoras falando assim que... eram muito bem casadas de uma elite né até... e aí foram fazer esses cursos ou Letras... ou Biblioteconomia eh:: depois obviamente elas romperam com essa mentalidade porque né... assim a própria profissão exigia delas provavelmente né... mas eu escutei muito... eu escutei eh::: curso espera marido... elas contando as suas histórias né... agora eu sempre trabalhei né... eu sempre trabalhei assim eh :: eu via assim que no nosso curso tinha gente que foi estudar mais velho... gente pobre... gente que trabalhava... que precisava trabalhar... então é isso também eh::: sabe... isso desconstrói algumas coisas... é mais uma profissão... é mais uma forma de se abrir horizontes e oportunidades e tal... de trabalho né...*

*CARMEN (42 anos): [...] eles falavam que era... Decoração era curso de espera marido rico e Biblioteconomia curso de espera marido pobre...*

Segundo Mary Ferreira (2003), a facilidade de ingresso, a oferta de cursos em horários matutinos – em sua maioria de curta duração (três anos) – e a facilidade de entrada no mercado de trabalho propiciaram a entrada de moças de boa família na Biblioteconomia (FERREIRA, 2003). Para Heleieth Saffioti (2013), a ideia de que a missão da mulher é o casamento conduziu as mulheres das camadas intermediárias às ocupações subalternas, mal remuneradas e sem perspectivas.

A mudança de perfil socioeconômico das/os estudantes de Biblioteconomia é levantada por Miriam Botassi (1984) – que traz dados de pesquisa realizada pela Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado de São Paulo (APBESP) de 1980 – em que demonstrava que, de 153 profissionais respondentes ao questionário, 76 contribuíam com 50 a 100% da renda familiar e, destes, 40 eram os que colaboravam com 75% a 100% da renda de suas famílias, corroborando que havia uma alteração no perfil da Biblioteconomia. Segundo a autora, aproximadamente até a década de 1970, a Biblioteconomia era composta “por mulheres pertencentes à classe dominante, que profissionalizavam-se no sentido de preservar a arte e o conhecimento dentro de sua própria esfera de classe” (BOTASSI, 1984, p. 4), o que muda a partir da referida década, com a criação de cursos noturnos, por exemplo, e a entrada de alunas/os que trabalham para manterem seus cursos e a si próprios.

A diferença de objetivos entre as estudantes de famílias mais abastadas e as da classe trabalhadora eram percebidas por Tereza, que estava ali no curso em busca de um emprego e de uma mudança de vida:

*TEREZA (73 anos): [...] eu te falei que o padrão social e financeiro da maioria dos alunos da Biblioteconomia era alto né? e naquele tempo havia-se uma preocupação dos pais de colocar os filhos numa faculdade... mas não necessariamente pra trabalhar... como era o meu caso... no meu caso era questão... era trabalhar ou trabalhar... mas que muitas alunas que não precisavam... então faziam Biblioteconomia... fazia pra ter o conhecimento... não estou falando que não era desejo delas de não trabalharem... mas de qualquer maneira eu acho que a gente via sempre assim... aquela busca de eh:: encontrar uma profissão né? compatível com uma futura vida de mãe... de dona de casa... essas coisas assim né? essas profissões parece que eram mais propícias a isso... :: não era bem assim eh profissão feminina no sentido assim né? não... era mais prática pra uma mulher pensar numa profissão que não iria exigir tanto... estar fora de casa há tanto tempo... que dava pra conciliar... eu percebi assim né? pela escolha da profissão... e ao mesmo tempo eu vou arrumar um conhecimento né? não ficar aqui... ir pra faculdade... eu acho que era uma exigência social também...*

Tereza conta ainda que, na década de 1970, era a única negra que frequentava o curso de Biblioteconomia, se sentindo sempre uma “estranha fora do ninho”. Suas condições se contrastavam com a das colegas de classe, uma vez que ela dependia de auxílio financeiro da Fundação Mendes Pimentel (FUMP)<sup>82</sup> para continuar seus estudos. Quando perguntada se era a única pessoa negra da Escola de Biblioteconomia, ela relata que:

*TEREZA (73 anos): Acho que era eu sim... quer ver? eu era a única pessoa negra... a única pessoa que tinha a bolsa da Mendes Pimentel... porque eu fazia estágio... ficava o dia todo lá... então eu almoçava lá... então tinha bolsa... e negra e pobre... eu acho... ((riu))...*

Para Kimberlé Chensaw (2002), por ser tão comum, a estrutura de discriminação interseccional parece um fato da vida, imutável, por muitas vezes invisível, e “o efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto que a estrutura que coloca as mulheres na posição de ‘receber’ tal subordinação permanece obscura” (CHENSAW, 20002, p. 176). No relato de Tereza, o racismo faz intersecção com a discriminação de classe, uma vez que ambos

---

<sup>82</sup> A Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump) é uma instituição sem fins lucrativos, controlada pela UFMG, e tem como missão prestar assistência estudantil aos alunos de baixa condição socioeconômica da universidade.

os sistemas de opressão se faziam presentes de forma clara em sua trajetória: ela ser a única pessoa negra a estar dentro do curso de Biblioteconomia da UFMG e, além disso, ser a única que dependia de auxílio para se manter estudando – e sofrendo discriminação por parte dos colegas pelos dois aspectos.

A estrutura de discriminação racial está tão arraigada na sociedade que o fato, por exemplo, de uma pessoa negra não depender de nenhum tipo de auxílio para se manter na universidade causa estranheza. Este foi um ponto destacado por Renato em sua entrevista. Segundo o entrevistado, era comum que as pessoas se assustassem quando ele, um jovem negro, dizia que não precisava de auxílio da FUMP para se manter na universidade. Além disso, ele cita outro fato, quando uma professora o desaconselhou a fazer mestrado<sup>83</sup>:

*RENATO (36 anos): [...] a questão de discriminação social sempre foi velada né? seja nas escolhas de bolsistas... sejam nos comentários né? então assim... eu estudava de manhã né? manhã é um público e noturno é outro né? eu aos dezenove... eu não precisei na FUMP... a minha vó deu uma condição boa pra que a gente frequentasse a universidade tranquilamente sem ter que ir na FUMP e isso sempre deu um bug na cabeça das pessoas né? sempre dá um bug quando você é um negro de um pouquinho de privilégio sabe? então assim isso buga as pessoas... então eu senti... eu sentia que existia essa bugada sabe? tipo assim “acho que você deveria estar a noite, você deveria trabalhar” sabe? então assim eu acho que a discriminação racial ela era velada... até nesse comentário da Inês porque agora eu vejo como discriminação racial né? por que que os branquinho podem fazer... as loirinhas podem fazer mestrado? e eu não poderia... por quê? porque pra ela eu deveria estar trabalhando né? e sendo admirador dela...*

No mesmo sentido, Marco Aurélio conta que percebia um tratamento diferenciado por parte de uma professora quanto aos alunos negros e que, quando frequentava a UFMG mesmo antes de entrar na graduação em Biblioteconomia, podia perceber certos olhares discriminatórios em sua direção:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Teve esse episódio que eu tinha... tinha a impressão que essa pessoa não gostava dos... dessa pessoa que não gostava dos alunos pretos... e :: mas nunca teve uma... uma questão deliberada como a gente tem visto... eh:: antigamente... eu me lembro que nessa época discutia muito o lance da... eh:: que havia uma harmonia racial que... que essas coisas não existiam... mas você*

<sup>83</sup> Este é o relato feito por Renato: “[...] a Inês me desacreditou e me desestimulou a fazer mestrado... ela chegou pra mim na hora que eu ia tentar mestrado e ela falou “pra que você vai tentar mestrado? Já tem um tanto de professor aqui. Você vai fazer mestrado pra quê?” ela chegou pra mim e falou isso entendeu? então assim eu nunca tive contato... os contatos que eu tive com a Inês foram sempre de aluno e professor... mas eu nunca fui fã dela... igual todo mundo é...”

*tinha um preconceito mais velado... então eu percebo assim... eh :: inclusive de olhares dos próprios professores... eu comentei com você de quando eu comecei a frequentar a escola e a gente ia tomar um café lá na Letras... esse meu colega ele... ele tem a pele como a minha e eu percebia em vários professores que passavam assim um olhar estranho pra gente e um olhar ainda mais tendencioso pra Rosa<sup>84</sup> tipo “nossa adotou mais um”... era um pouco disso... então eu percebia algumas questões veladas assim... numa forma eh:: do olhar... da forma de tratamento... mas nunca uma questão muito eh:: ostensiva... como uma colega que estava como professora substituta eh:: lá na ECI e relatou que sofreu há uns dois anos de... de um aluno chamar ela de macaca dentro de sala de aula... a pessoa está dando uma aula e a pessoa fazendo sussurros no fundo de grunhidos né?... de animais... então nunca chegou a esse ponto... eh::: mas eu percebia questões veladas assim... eh :: por uma parte sim... e percebia também a relação dos professores com alguns outros que eram pretos também eh:: que tinham questões assim eh:: diferentes de tratamento...*

Em seu artigo, Miriam Botassi (1984) termina convocando os homens bibliotecários a contribuírem com a área, não se sentindo diminuídos por estarem nela, “mas acrescentados da consciência de terem oportunidade de contribuir, mudando o traçado dos caminhos que foram designados a nós bibliotecárias (os), profissionais no feminino” (BOTASSI, 1984, p.4). Ser estudante de Biblioteconomia, homem, não trazia grandes problemas ou grandes questões relacionadas a preconceitos para os entrevistados, uma vez que todos eles disseram nunca terem sofrido preconceito com relação ao gênero na Biblioteconomia. Esta boa recepção aos homens bibliotecários foi expressa por Raquel, quando ela conta como era a receptividade nos locais em que fazia estágio para os meninos:

*RAQUEL (41 anos): [...] o menino era... era então... se tivesse algum estagiário homem aí sim... nossa era um... até a gente bajulava ele... tinha um menino então até a gente acabava bajulando porque era raro... na biblioteca pública mesmo quando chegou um menino de Biblioteconomia nossa até a gente como se diz tratava ele bem... porque era bem mais difícil assim...*

Na pesquisa que Beatriz Sousa (2014) realizou, os preconceitos ligados à participação masculina na Biblioteconomia giraram em torno da orientação sexual dos entrevistados pela autora, como se ser homossexual fosse uma desqualificação e/ou como se todos os homens que entram na Biblioteconomia fossem gays. Esta relação entre homossexualidade e Biblioteconomia foi feita por Raquel, quando ela diz que torcia para que houvesse um menino em sua sala, para que elas pudessem paquerar

---

<sup>84</sup> Rosa é um nome fictício.



seu colega e, segundo sua colega, isso não ocorria, muitas vezes, por conta da orientação sexual dos estudantes homens:

*RAQUEL (41 anos): Não assim igual a gente tem hoje... era muito mais assim... não é tem muita mulher né?... a gente ficava torcendo pra ter um menino... a gente via que a gente nunca ia arrumar um namorado ali na ECI porque os meninos gostavam também de meninos... então a gente viu assim nós temos amigos... todos vão ser amigos né? então isso era ( )... se a gente fosse pra Letras do lado também ia dar ruim... não ia conseguir... então aquela mulherada querendo arrumar um namorado... calourada da Biblioteconomia não era o nosso foco... a gente ia pra calourada das engenharias... mas não... era bem tranquila... mas assim o clima também é da sala era muito bom né? não tinha briga e tal... não tinha confusão nos grupos... a nossa turma foi uma turma bem especial bem legal mesmo...*

Para Renato, homem gay, ter outros colegas de com a mesma orientação sexual em sua classe foi importante, tanto na questão de sua própria aceitação quanto na de autoproteção, o que evitou que eles sofressem algum tipo de preconceito:

*RENATO (36 anos): Não... eu estou tentando... não... sabe por quê? porque na minha sala só tinham gays ((riu)) eu saí do armário na faculdade... eu saí com dezenove e graças a um amigo meu... inclusive no Carnaval chorei com ele "foi você que me tirou do armário"... então assim eh :: graças a esses três... então eu acho que a gente meio que se auto protegia ali... entendeu? então eu nunca vivenciei algo relacionado a isso não... [...]*

Outras pesquisas, como a realizada por Hugo Pires (2016), já haviam revelado que grande parte dos homens bibliotecários dizia não sofrer discriminação por estarem em uma área feminilizada. As entrevistas aqui realizadas confirmam que a área é receptiva à entrada deles, não tendo sido relatados problemas referentes ao preconceito de gênero (PIRES, 2016). Mas, ainda que não haja uma discriminação ou um preconceito contra os homens e que eles sejam bem recebidos, havia vantagens para eles na competição por estágios e uma preferência de certos setores do mercado por contratá-los. Tal percepção pode ser exemplificada nos relatos de Laura e Raquel. A primeira conta que, na sua prática, percebe que há uma diferenciação entre homens e mulheres, com eles sendo mais direcionados para os cargos de chefia e pelas áreas de informática e computação. Já a segunda, se lembra das vantagens que os meninos tiravam em vagas de estágio para grandes empresas, mais bem remunerados e de maior prestígio, além de relatar que havia uma preferência das/os professoras/os pelo trabalho deles em sala de aula:

*LAURA (37 anos): [...] eu percebo que na prática existem essas diferenciações sabe?... a gente percebe que na prática os cargos de chefia são... são direcionados mais aos homens... hoje né?... porque hoje a gente tem mais homens na Biblioteconomia... então a gente não tinha... então eu percebo que na prática... é:: eu percebo bastante chefes homens e até por considerar... por fazer uma comparação entre o quantitativo de mulheres e o quantitativo de homens... se não existisse essa preferência pela chefia ou pelas áreas técnicas... as áreas ligadas a informática... a computação... eu percebo essa ligação dos homens sim... e assim comparativamente... quantitativamente era pra gente perceber menos a presença dos homens nessas áreas porque a gente tem um quantitativo maior das mulheres na biblioteconomia né?...*

*RAQUEL (41 anos): [...] o que a gente percebia às vezes é que sempre os meninos conseguiam mais os estágios assim nas empresas né?... se era uma empresa assim de engenharia... uma Usiminas... aí era mais fácil pra eles conseguir o estágio né?... eles conseguiam muito esses estágios como diz esses bons... esses top... mas fora isso não os professores não... era só mesmo as vezes os estágios que gostavam mesmo de pegar os meninos... porque era raro... aí quando aparecia um menino se a gente tivesse dez meninas na entrevista e tivesse um menino pegava o menino né?...*

As falas das entrevistadas trazem claramente a questão das segregações e diferenciações que ocorrem dentro de uma mesma profissão do trabalho desenvolvido por homens e mulheres. Helena Hirata (2017) chama a atenção para as segregações horizontal e vertical. A primeira atua no sentido de não dar acesso para as mulheres às mesmas profissões que os homens, e a segunda atua no sentido de que elas estão limitadas a números restritos de atividades e têm poucas perspectivas de promoções. Conforme a percepção das entrevistadas e de seus relatos, estas diferenciações vão ocorrer já durante a graduação e na formação universitária, dentro da própria profissão.

Beatriz Sousa e Valmira Perucchi (2012) já haviam ressaltado que, nas publicações de trabalhos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, as segregações vertical e horizontal aconteciam com as mulheres publicando mais trabalhos relacionados às áreas técnicas da profissão e serviços burocráticos, enquanto os homens publicavam mais sobre aspectos relacionados a tecnologia da informação, por exemplo (SOUSA; PERUCCHI, 2012). Assim, o mercado de trabalho, ao privilegiar os homens para atuarem nos “estágios top” – como dito por Raquel – ou nas áreas de TI, partem de uma concepção prévia de que eles são mais adequados a determinados ambientes do que elas. A concepção de que há uma natureza

feminina que as destina para determinadas tarefas foi expressa nas palavras de Beatriz:

*BEATRIZ (66 anos): [...] eu acho que a única coisa nesse perfil homem e mulher está certo? dentro da Biblioteconomia é que a mulher tem mais paciência com as chaturas... da catalogação sabe? só isso que eu acho... outra coisa também eu sou muito crítica... eu achava que... por exemplo... um grande percentual do meu pessoal da minha turma... - - vamos supor tirando meia dúzia - - gostavam daquilo está certo? eu peguei ainda uma época de muita gente que já trabalhava em biblioteca eh:: como um emprego público tá certo? e que pra melhorar de vida tá certo? assim... elas estavam fazendo curso pra isso entendeu?*

Chamou também a atenção nas falas das pessoas entrevistadas, a percepção de que há uma associação entre as tarefas que exigem força física serem realizadas melhor por homens do que por mulheres, conforme relatos de Marco Aurélio (já apresentado anteriormente) e Paola. Ele relatou que se lembra vagamente de comentários de professoras/es acerca do direcionamento de homens para tarefas que envolvessem força física e ela de que, já formada como bibliotecária e chefe de biblioteca, preferiu a contratação de homens para funções que tivessem que ser exercidas à noite e que exigissem força física:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Ah me recordo vagamente de ter alguma coisa de que essa parte de... mais de organização seria um serviço braçal e que portanto deveria ficar eh:: direcionada a homens... eh :: de organização do acervo... de guarda de livros... então eu percebo nos estágios que fiz também... todos eles sempre eh:: coordenados por mulheres eh:: a gente tinha uma predileção maior por organização do acervo... guarda de materiais... enquanto as estagiárias faziam serviços de balcão... de atendimento... de referência e eu ficava com aquele colete “Posso ajudar?” e guardando livro ((riu)) ... eh :: então eu via um pouco de reflexo sim da formação... já que tiveram a mesma formação que a gente... nas práticas também...*

*PAOLA (56 anos): Eu não me lembro disso... mas como gestora eu já discriminei ((riu))... eu vejo por exemplo... lá na faculdade funciona até às vinte e duas horas... então a noite se eu pudesse só punha homem pra trabalhar... por quê? é uma praça cheia de mendigo sabe? eu já trabalhei à noite... trabalho à noite... passou de sete e meia... oito horas esse centro de Belo Horizonte é sinistro... então eu já fiz perfil... até o Jorge<sup>85</sup> foi trabalhar lá mas olha gente é um homem... na hora que vai contratar contínuo eu pedi pra contratar homem... tanto é que quando chegou uma menininha lá... ela tinha sido da Cruz Vermelha e aí ela fez dezoito anos e no dia seguinte eles levaram ela... a vaga era pra noite... uma menininha... aí eu falei assim “olha gente, não dá.*

<sup>85</sup> Jorge e André são nomes fictícios.

*Aqui fecha vinte e duas horas, é perigoso”... aí o cara falou assim comigo “ah mas não. Nós já conversamos com ela, ela é ótima, ela queria o emprego, ela insistiu” e aí eu cedi pela condição dela né... ela precisava de um emprego mas fiquei com o meu coração na mão... e aí fizemos um acordo que na primeira oportunidade que tivesse vaga pro dia eu a traria pro dia...e eu também eh:: não sei se você vivenciou isso lá em lá no sul eh:: a gente quase não tem a mão de obra auxiliar pra fazer as coisas né... e a gente sabe que é trabalho braçal... na Biblioteconomia não tem pouca coisa... tudo é muito... qualquer coisinha que você pega pra fazer é muito então eu assim... se eu pudesse eu me cercaria de homens né... pra fazer trabalho braçal... eu faço... eu vou na linha de frente Hugo... quando eu entrei lá tinha um povo que já até já aposentou... eu vi como elogio... eles falavam assim “nossa”... tinha o André ele é meu amigo e ele é super engraçado... ele não era bibliotecário era assistente.. e ele falou assim “nossa Paola eu não sei como é que você dá conta, você está na linha de frente”... mas eu tinha que fazer porque pra eu cooptar aquela... a colaboração de um bibliotecário feminino e do dos próprios dos cargos de auxiliar e assistente... eu tinha que fazer o serviço braçal... braçal pesado porque era lixo pra por pra fora... sete toneladas e meio de lixo... é caixa pra carregar eh:: um monte de estante velha... mais de duzentas estante velha desmontada pra pôr pra fora... não tem gente pra fazer.... então nesse período eu fui muito... eu discriminei... eu falei “eu não quero trabalhar com mulher não”... porque mulher é assim... menstrua... muda o humor tem que ter TPM... se não o serviço não sai Hugo... você entende?... aí eu assim... naquele período daqueles três anos eu me cerquei do máximo de homem possível... “Faz isso faz aquilo, vamos fazer” né... e aí eu que era discriminadora...*

Alguns anúncios ainda demonstram preferência por contratarem mulheres quando se trata da profissão bibliotecária, sobretudo quando se trata de atuação em biblioteca escolar. O mercado de trabalho, desta forma, mostra que considera o sexo/gênero de quem irá ser empregada/o na profissão bibliotecária conforme o espaço de atuação. Dóris relatou, durante a entrevista, que se deparou com um anúncio onde o sexo da pessoa a ser contratada era especificado:

*DÓRIS (37 anos): [...] recentemente eu vi uma vaga eu mandei pra um colega bibliotecário e ele falou “ah é só sexo feminino” e eu disse “eu nem olhei isso”... e assim a gente não está preocupado com isso... é bibliotecário... não importa se é feminino... masculino... se é preto... se é branco...*

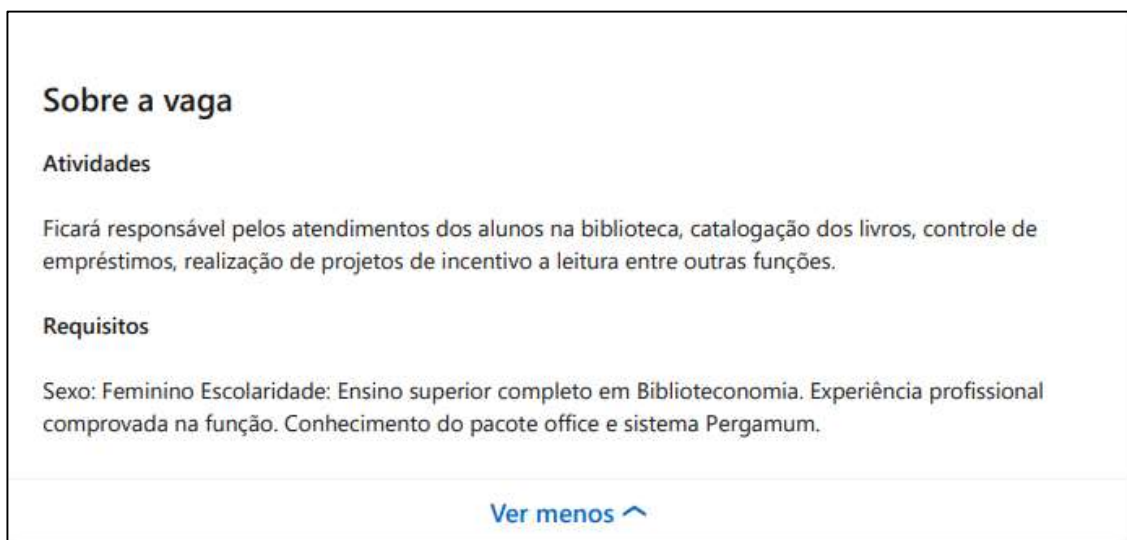
Em uma rápida pesquisa no site LinkedIn<sup>86</sup>, ainda é possível se deparar com anúncios que buscam a contratação de profissional bibliotecária e que dão preferência

---

<sup>86</sup> O LinkedIn é uma rede social voltada para o mundo corporativo, onde as pessoas podem criar seus perfis e se conectar a empresas que procuram contratar empregadas/os para seus quadros de funcionárias/os.

ao sexo da/o candidata/o. A Figura 3 apresenta anúncio de emprego de um sistema escolar da região metropolitana de Belo Horizonte, realizado no mês de maio de 2022:

Figura 3 – Anúncio de vaga de emprego para bibliotecária realizado em maio de 2022.



**Sobre a vaga**

**Atividades**

Ficará responsável pelos atendimentos dos alunos na biblioteca, catalogação dos livros, controle de empréstimos, realização de projetos de incentivo a leitura entre outras funções.

**Requisitos**

Sexo: Feminino Escolaridade: Ensino superior completo em Biblioteconomia. Experiência profissional comprovada na função. Conhecimento do pacote office e sistema Pergamum.

[Ver menos ^](#)

Fonte: Site LinkedIn.

Cabe destacar, que de acordo com o inciso I do artigo 373<sup>a</sup> da Lei nº 9.799, de 26 de maio de 1999 é vedada qualquer discriminação e/ou exigência por parte do contratante realizar anúncio de emprego em que haja preferência quanto ao sexo, idade, cor ou situação familiar das pessoas que irão se candidatar a uma vaga. O inciso III do referido artigo acrescenta que é vedado “considerar o sexo, a idade, a cor ou situação familiar como variável determinante para fins de remuneração, formação profissional e oportunidades de ascensão profissional; [...]” (BRASIL, 1999). Tal fato demonstra que pode haver ainda, por parte do mercado, uma discriminação e um direcionamento a respeito de quem vai ocupar os postos de trabalho nas bibliotecas, direcionamento estes que são genericados. Todos esses aspectos impactam diretamente em como as pessoas se veem como bibliotecárias e identificar as percepções das/os profissionais acerca disso é importante para a compreensão de como as relações de gênero atuam na constituição da identidade das pessoas bibliotecárias.

## 6.4 Percepção sobre o que é ser bibliotecária/o

### 6.4.1 As imagens evocadas

A construção das identidades profissionais (conforme discutido nas subseções 3.2 e 4.3) passa pela visão que as pessoas têm de si em interação com a visão dos outros, onde o sujeito recorre muitas vezes às percepções de outras pessoas acerca de si – e de sua profissão – para construir os seus aspectos identitários (CHIÉS, 2010; DUBAR, 2005). Assim, ao se verem como bibliotecárias/os e se identificarem como tal, as pessoas carregam consigo visões que têm da profissão e do mundo que as cerca.

Ao ser solicitado, por exemplo, que as pessoas entrevistadas evocassem a imagem de uma/um bibliotecária/o e dissessem qual imagem lhes vinha à cabeça, muitas pessoas responderam que a primeira imagem que pensaram era do estereótipo clássico da bibliotecária, como nas falas a seguir:

*ELLEN (35 anos): [...] eh :: nossa... sempre vem aquela imagem clássica né?... porque vem... acho que a nossa memória seletiva vai lembrar sempre das piadinhas né? então vai... vem sempre aquela imagem clássica da daquela mulher mais velha... de óculos...*

*OLAVO (41 anos): Vou falar quase do imaginário comum... a bibliotecária seria uma senhora... atrás de uma mesa... com óculos... um óculos... [...]*

*RAQUEL (41 anos): Antes de entrar no curso é aquela imagem mais tradicional... a da dona Margot né?... tanto que os meninos me zuavam quando eu entrei.. eles diziam “é, você vai ser a dona Margot”... ela era baixinha o cabelo em coque um óculos... me chamavam de dona Margot... que eu ia vender Barsa e ia ser a dona Margot... [...]*

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] então eh:: engraçado porque eu... eu talvez imaginasse uma pessoa no balcão fazendo SHHHH que é terrível né?... uma mulher que estivesse num balcão de referência...*

A Análise Crítica do Discurso, segundo Josenia Vieira e Denise Macedo (2018, p. 49), se utiliza de um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares e transdisciplinares para “estudos críticos da linguagem como prática social”. Neste sentido, as imagens evocadas pelas pessoas entrevistadas demonstram também não só a visão estereotipada que muitas vezes permeia o imaginário a respeito da profissão bibliotecária, mas também as relações de poder e de gênero inseridas dentro deste imaginário, fazendo com que a ACD seja teoria e método “para mapeamento

das conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder na sociedade” (VIEIRA; MACEDO, 2018, p. 49).

Tais imagens fazem parte do senso comum associado à profissão e ligado diretamente às questões generificadas que permearam a construção da profissão bibliotecária. Como as relações de gênero fazem parte das construções individuais e coletivas das pessoas, elas atuam diretamente em como elas se identificam e em como a sociedade também as percebem. Conforme já mencionado, para Silvia Yannoulas (2011), a entrada maciça de mulheres em determinadas profissões ou ocupações faz com que estas profissões tenham suas remunerações diminuídas e há perda de prestígio social da atividade. No caso da profissão de professora, analisada pela autora, a difusão de discursos em torno das mulheres como guardiãs da cidadania e como mais aptas a cuidarem das crianças levaram à feminização desta.

Tais discursos, no movimento de aproximação da Biblioteconomia com a área educacional, também podem ser levantados como presentes na feminilização da profissão bibliotecária e atuaram nas identidades das pessoas formadas em Biblioteconomia ao longo do tempo. Neste movimento de feminização da profissão, a perda de prestígio se deu pela criação de estereótipos que desqualificavam a profissão e as profissionais que atuavam nela, estereótipos estes que são tão marcantes na visão que se tem da/o bibliotecária/o, que aparecem mesmo na resposta das/os próprias/os profissionais.

Cabe destacar que, mesmo em uma profissão feminilizada, os estereótipos carregam uma carga mais negativa para as mulheres do que para os homens. Se a bibliotecária é uma mulher de meia idade, de óculos, coque no cabelo e pronta para fazer “SHHHHH” e pedir silêncio a cada barulho que ocorre na biblioteca, os homens bibliotecários são associados muitas vezes às tecnologias, por exemplo. Olavo complementou sua resposta a respeito da primeira imagem que lhe vem à cabeça ao pensar em um bibliotecário com a associação às tecnologias:

*OLAVO (41 anos): [...] um bibliotecário talvez seria voltado para essa coisa de tecnologia mesmo... um homem bibliotecário eu pensaria nele por exemplo... nesse senso comum aqui... um cara atrás de um computador...*

Neília de Almeida e Sofia Baptista (2009) destacam que outra imagem é associada à profissão bibliotecária, a de que as/os profissionais que atuam na área são “guardiões do saber”, que detém a chave para o conhecimento (ALMEIDA,

BAPTISTA, 2009) – quase sempre associada ao período em que os homens dominavam a profissão – ou conforme Marie e Gary Radford (1997) ressaltam, alguém que controla os discursos. Esta foi uma imagem, associada a este estereótipo que Tereza conta que conheceu durante a sua trajetória profissional e de Ellen, que destaca que a imagem que ela possuía de um bibliotecário homem era a de que ele seria uma pessoa séria:

*TEREZA (73 anos): Eu conheci alguns bibliotecários que eram tão apegados a biblioteca que parece que quando iam embora queriam amarrar um barbantino na biblioteca e levar pra casa... ((riu)) eu conheci gente assim, sabe? muito... como é que é? não socializava o conhecimento... sei lá... era se sentir o centro daquela coisa né?*

*ELLEN (35 anos): [...] agora eh:: uma imagem masculina que vem na minha cabeça é o... é o professor que mais marcou de todo mundo que era o professor José Monteiro<sup>87</sup>... mais velho... com roupa social e tudo... muito sério... e assim que vem assim na cabeça, né?... eh:: eu acho que se falar “resgata agora” aí vem a imagem dele... claro que eu tenho vários amigos... colegas e tudo que são bibliotecários mas a dele marca muito... muito mesmo... acho que por causa das lembranças né... mas a imagem dele marca...*

A ideia de disseminadora/or do saber foi usada para dissociar a imagem do bibliotecário como um guardião do saber. Muito mais do que guardar para si as informações, a/o bibliotecária/o para Tereza e Beatriz deve levar a informação às pessoas e disponibilizá-las para elas:

*TEREZA (73 anos): Um bibliotecário do meu tempo né? preocupado com a organização da biblioteca eh:: preocupado na disseminação do conhecimento... mas ao mesmo tempo preocupado assim se as pessoas poderiam fazer mau uso daquele conhecimento... mas isso era uma era uma preocupação pessoal né? porque não também havia nada que poderia ser feito... todo o conhecimento era pra ser disponibilizado pras pessoas... mas lá no fundinho torcendo pra que aquele conhecimento fosse muito bem aproveitado...*

*BEATRIZ (66 anos): [...] um bom bibliotecário tem... na minha concepção... ele tem que ter uma visão do todo e o objetivo dele tem que ser entregar informação pro usuário... seja ela com normas pra ele fazer uma tese... ajudando na orientação com o trabalho científico... de uma tese eh :: ensinando a fazer as referências bibliográficas... eu tinha pânico desse trem de só faço uma coisa...*

Chamou a atenção nas entrevistas realizadas que, se para algumas pessoas há uma associação primária da/o bibliotecária/o com os estereótipos que fazem parte

---

<sup>87</sup> José Monteiro é um nome fictício.



do senso comum, outras buscaram rechaçar esta visão e associar a profissão não só a uma outra imagem, mas a si próprio como diferente da visão tradicional da bibliotecária. Carmen, por exemplo, diz que, por conta das várias discussões que já teve a respeito da temática dos estereótipos em torno da profissão e da identidade bibliotecária, não conseguia fazer a associação com a visão tradicional. Segundo ela, a bibliotecária seria uma pessoa mais dinâmica do que a senhora sentada atrás do balcão:

*CARMEN (42 anos): [...] hoje em dia não me vem esse tipo assim... porque eu não sou esse tipo e... apesar de que eu tô aí atrás da mesa de óculos e tudo mais... mas eu não para um minuto assim... hoje em dia eu penso uma bibliotecária multitarefas sabe?... o que me vem na cabeça é isso assim... ela é multitarefas... aquela sabe uma mulher polvo? aquela que tem dez mil braços fazendo assim... é isso assim... porque a minha maior experiência foi na biblioteca pública... em biblioteca pública... e na biblioteca pública não é igual na biblioteca universitária que a gente tem tudo muito dividido as funções... lá você faz tudo ao mesmo tempo... numa biblioteca pública pequena então você faz tudo mesmo né?... você veio do IF aí pode dizer que tá um pouco parecido né?... então você conversa com prefeito... você limpa biblioteca... você faz incentivo à leitura... você cataloga livro né?... você organiza estante... você recebe leitor... tipo assim lá faz tudo... então hoje em dia é o que eu penso de um bibliotecário é esse ele fazendo tudo ao mesmo tempo...*

Mattea Garcia (2011), em pesquisa acerca dos aspectos relacionados à identidade profissional bibliotecária nos Estados Unidos, destacou que algumas/alguns das/dos bibliotecárias/os entrevistadas por ela também buscaram ressaltar novas formas de visão e novas associações em relação à profissão, buscando se dissociar da imagem estereotipada que existe e ressaltar aspectos da cultura que visavam ressignificar a antiga imagem da profissão (GARCIA, 2011). Paola e Beatriz também fizeram o mesmo movimento de Carmen, de evocar a imagem positiva da profissional bibliotecária que conheceram e que, para elas, estava longe de ser a bibliotecária parada, mas que antes de tudo era uma bibliotecária dinâmica, que fazia várias atividades ao mesmo tempo e que era reconhecida por isso:

*PAOLA (56 anos): Oh... me vem de coisas positivas e dinâmicas então eu...eu penso assim... por exemplo a Manuela Silva<sup>88</sup> que é da BC... tenho maior apreço pela Manuela... ela é uma pessoa que ela é uma referência pra mim... porque ela está entre esse passado né... daquelas bibliotecárias muito rígidas e da bibliotecária moderna e dinâmica... ela é mãe... ela trabalha... ela é chefe da biblioteca... ela*

---

<sup>88</sup> Manuela Silva é um nome fictício.

*faz doutorado... ela faz mil exposições... ela acolhe... ela faz treinamento de usuário... um monte de coisa que às vezes não dá certo em outras bibliotecas dá muito certo na biblioteca dela... então é assim... é um perfil dinâmico e ela é contundente... [...]*

*BEATRIZ (66 anos): Dinâmica... se envolvia com os usuários eh:: pesquisa pra ela é.. -- na universidade você sabe que é tudo compartimentalizado né? quem trabalha com isso trabalha só com isso né? - - ela tinha uma visão geral do todo... ela era uma excelente administradora de biblioteca...*

Chamou a atenção que, assim como Paola, Beatriz também associou a primeira imagem que lhe veio à cabeça de uma bibliotecária a “uma pessoa de carne e osso”. Dóris, Branca e Renato também fizeram a mesma associação com profissionais que marcaram suas vidas como estudantes e profissionais, o que mostra a importância dos exemplos de outras pessoas na trajetória das/os bibliotecárias/os e na construção das suas identidades profissionais.

Se os exemplos positivos de profissionais marcam as trajetórias das pessoas, os negativos também e criam modelos que as pessoas entrevistadas buscaram não seguir. Branca e Renato citaram exemplos negativos quando lhes foi pedido que evocassem uma imagem de uma/um bibliotecária/o diferente da primeira:

*BRANCA (37 anos): Uma bibliotecária de [Nome de cidade – suprimido]... ah eu vou citar nome... a Samantha<sup>89</sup>... nossa eu já tinha essa mulher... quando eu trabalhava... quando eu tava na graduação já tinha uma imagem que tinha uma bibliotecária terrível em [Nome de cidade – suprimido]... aí sempre eu “nossa gente que povo exagerado” ... aí eu fui trabalhar lá e realmente ela é tudo de ruim assim que você pode colocar no profissional... de pessoa que quando assume... ela ficou na chefia... de mandar... de não trabalhar... de passar a perna em qualquer pessoa... então assim é aquela imagem que mancha o bibliotecário e o trabalho que uma biblioteca pode fazer... e apesar de ter uma política de boa vizinhança de querer aparecer era uma pessoa que eu falei assim “gente é uma pessoa formada... uma pessoa que trabalha na UFMG há quase 30 anos” e... é como se nunca tivesse atuado na área de Biblioteconomia... ela não sabia os processos básicos da catalogação nem da referência... de atendimento ao usuário... então e ela foi chefia em [Nome de cidade – suprimido] por muitos anos baseando-se na questão de por os outros para trabalhar... é aquela... aquela... aquele chefe que você impõe as questões e “eu não faço mas o demais fazem”... então são dois extremos assim... sempre quando falam de bibliotecário terrível ruim serviço... mau gestor... aí me vem na cabeça ela... eu sei que isso é ruim gente... mas eu infelizmente eu trabalhei com ela e eu sei assim...*

*RENATO [36 anos] : Tinha uma bibliotecária que eu nem sei o nome dela... mas que eu fiquei pouco tempo e que ela me fez chorar assim*

<sup>89</sup> Samantha é um nome fictício.

*de tristeza... era uma bibliotecária muito abusiva... eu não tive contato com chefes homens... a minha trajetória profissional foi marcada por mulheres... nunca tive homem como chefe... é a primeira vez que eu estou tendo um homem chefe... não é à toa que eu chamo ele de chefinho.. porque eu nunca tive contato com os homens líderes assim de chefia imediata... de chefia gerente sempre tive... mas de chefia imediata sempre foram mulheres... e eu lembro dessa que me traz uma imagem negativa que era uma pessoa abusadora né? era uma pessoa que abusava né? tanto psicologicamente... é psicologicamente... é uma situação que eu lembro ela dançando com música do Papai Noel...*

Cabe destacar que muitos dos estereótipos e dos discursos em torno da imagem bibliotecária são difundidos pela mídia e hodiernamente podem ser encontradas nas redes sociais. Em pesquisa realizada em redes sociais acerca da imagem associada à profissão bibliotecária, Tatiana Queiroz (2019)<sup>90</sup> encontrou imagens variadas sobre a representação da/o bibliotecária/o, mas que, de modo geral, giravam em torno dos estereótipos aqui apresentados: a senhora bibliotecária de óculos pedindo silêncio ou a detentora e guardiã do saber (QUEIROZ, 2019). Tal pesquisa demonstra que, por mais que as/os profissionais bibliotecárias/os vislumbrem a quebra de estereótipos e lutem para se desassociarem deles, estas imagens ainda estão arraigadas no senso comum e as visões que a sociedade possui da profissão ainda são estereotipadas.

Ao se perguntar para as pessoas qual a imagem que elas evocavam ao pensar em uma bibliotecária/o, visou-se identificar se os estereótipos se faziam presentes no imaginário delas a respeito de si e da profissão. As perguntas subsequentes foram mais diretas em investigar como as pessoas fora da Biblioteconomia enxergavam o que elas faziam e se elas já haviam sofrido ou não algum tipo de preconceito por serem bibliotecárias em suas trajetórias e as relações deste desconhecimento com a generificação da profissão.

#### **6.4.2 O conhecimento das pessoas em relação à profissão bibliotecária**

A falta de conhecimento das pessoas no geral em relação à profissão bibliotecária pode ter relação direta em como as pessoas se veem em suas atuações profissionais, na autoestima profissional, mesmo na necessidade de busca por uma

---

<sup>90</sup> A autora realizou pesquisa nas redes sociais Pinterest (voltada para o compartilhamento de imagens) e Facebook, no ano de 2019.

valorização profissional, que, em profissões feminilizadas, atuam diretamente no *status* que estas profissões possuem. Assim, foi perguntado às pessoas se, quando contavam para outras pessoas que eram bibliotecárias/os, eram compreendidas e se as/os outras/os sabiam o que elas faziam, além de questionamentos acerca se elas já haviam sofrido algum tipo de preconceito por serem bibliotecárias/os.

Quando perguntadas se as pessoas sabiam o que elas faziam, dez das treze pessoas entrevistadas foram taxativas em dizer que não, que as outras pessoas geralmente desconhecem o que a/o bibliotecária/o faz, apesar de muitas/os reconhecerem de que, nos últimos tempos, houve um avanço em relação à diminuição, por exemplo, da famosa frase “Biblio o quê?”. Quando a pergunta “O que as pessoas dizem quando você conta que é bibliotecária/o? Elas sabem o que você faz?” foi feita, a famosa frase apareceu em algumas respostas:

*CARMEN (42 anos): Ah não... na época da graduação pior né? a gente falava aquele eterno “biblio o quê?” né?... tanto que eu fui oradora da minha turma na época da formatura e no discurso tem eu perguntando isso “biblio o quê?” né?... é:: eu acho que muita gente não sabe assim... [...]*

*OLAVO (41 anos): Mais ou menos... ((risos))... as pessoas ainda têm muita dúvida... o “biblio quê?” é realmente uma verdade assim... [...]*

*ELLEN (35 anos): Não... já começa aquela pergunta clássica “biblio o quê?... biblioteconomista, bíblia eu não sei do que”... não... não sabe... [...]*

Olavo e Laura destacaram a noção arraigada que as pessoas têm de que a/o bibliotecária/o só pode atuar em bibliotecas tradicionais, o que prejudica que seja compreendido que a/o profissional pode atuar em outros ambientes:

*OLAVO (41 anos): [...] eles não fazem a associação desse profissional trabalhando em várias tipos de funções diferentes que não sejam única exclusivamente a biblioteca... que ele possa trabalhar com banco de dados... que ele possa trabalhar na área de TI... que ele possa dar suporte por exemplo para Procuradoria em um trabalho de advogados... que ele possa fazer pesquisa em banco de dados... enfim... as pessoas têm a ideia da profissão de bibliotecário muito reducionistas... eu acho que as pessoas que não são da nossa área elas têm uma ideia da biblioteconomia um pouco reducionista... pelo menos daquele Imaginário... tá arraigado de novo no imaginário coletivo.. no imaginário comum... no senso comum... as pessoas têm muita dúvida do que o bibliotecário faz... às vezes até a gente mesmo tem né? eu fico pensando às vezes... de vez em quando eu vejo algumas possibilidades de alguns amigos e alguns colegas*

*profissionais que vão procurando outras coisas... que eu fico impressionado...[...]*

*LAURA (37 anos): Elas... ah... eu não sei porque eu vou falar o que eu acho, né?... eu acho que todo mundo pensa que a gente trabalha dentro da biblioteca... o que a gente faz ninguém sabe muito bem não... porque quando você liga o bibliotecário... quando você fala assim “ah, eu trabalho na UFMG”, “eu trabalho em uma das bibliotecas da UFMG”... então as pessoas tem um imaginário do que um bibliotecário faz... eu acho que é isso... a pessoa quando pensa assim “o que você faz” “ah eu sou bibliotecária”... ela logo pensa em mim trabalhando dentro de uma biblioteca da UFMG... acho que é isso*

Esta percepção de que há ainda uma ligação da profissão à biblioteca tradicional foi expressa por outras pessoas. Para as/os profissionais que realizam suas atividades fora deste tipo de biblioteca ou que realizam outro tipo de serviço, a impressão é de que a compreensão em torno do que elas fazem é menor ainda.

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Não... não sabe não... principalmente quando eu falo que eu sou um bibliotecário pesquisador... que eu trabalho fazendo pesquisa... dando suporte a acadêmicos... docentes... pesquisadores e profissionais de saúde... eh :: normalmente as pessoas não sabem... é aquele... aquele famoso “Bíblia o quê?”... eh :: ainda assim tem... tem um pouco dessas questões... eh :: e por fazer um pouco desse serviço a impressão que eu menos tenho é que eu não trabalho em biblioteca... parece que eu não trabalho numa biblioteca...*

*ELLEN (35 anos): isso também eu acho que é uma falha muito grande... falha não né? mas talvez uma... é uma falha mesmo do Conselho... de trazer de uma forma mais assim aproximada da população do... das atuações... tirar essa forma clássica também trazer as outras áreas de atuação... porque as pessoas até hoje nós estamos em pleno século vinte e um né e elas ainda não sabem... elas não sabem... é muito triste...*

*DÓRIS (37 anos): [...] o nome contribui muito pras pessoas te colocarem na caixinha da biblioteca... eu trabalho no hospital e as pessoas ficam “ah, mas lá tem biblioteca?” e a biblioteca é a última coisa que eu trabalho sabe? eh :: meu trabalho hoje é basicamente base de dados... então eu fico o dia inteiro na frente do computador e a biblioteca fica lá abandonada... as pessoas não pegam mais livro... eh :: a informação pra saúde ela tem que ser atualizada então ela está essencialmente em artigos científicos... e aí quando você fala que você faz isso né? a pessoa fica “Oh! Legal!” e aí morre o assunto... ela imagina você emprestando e devolvendo livro... na frente do balcão é isso... é uma parte legal... uma parte que eu gosto entendeu? eu acho que atender o usuário... fazer um serviço de referência é uma das melhores coisas na nossa área... eh :: mas aí o serviço de referência agora é na frente do computador... [...]*

A questão do nome da profissão, levantada por Dóris, segundo Francisco de Souza (2004), é algo que permeia a profissão bibliotecária, sobretudo após os anos 2000 e que demonstra uma crise de identidade da profissão. A maior utilização das tecnologias nos processos de trabalho levou a um crescimento da discussão em torno da utilização das tecnologias, aliado às mudanças que a sociedade passou após os anos 1990 (como a maior abertura do país para ideias liberais e redefinições do papel das profissões no mundo do trabalho), levaram as/os bibliotecárias/os a questionarem seus papéis e o nome dado à profissão. Para o autor, a competência maior que um grupo em busca de identidade deve ter, é a habilidade da comunicação,

[...] pois ao saber utilizar adequadamente os instrumentos associados a essa competência obterá uma possível certeza de que a busca da identidade é a permanência do bom exercício de suas atribuições e a manifestação de sua presença em todos os espaços de formação de uma representação desse grupo profissional para toda a comunidade/sociedade usuária (SOUZA, 2004, p. 100)

Segundo o relato das/os entrevistadas/os, muitas pessoas que não sabem, em um primeiro momento, o que a/o bibliotecária/o faz, ao serem explicadas, demonstram surpresa e admiração, sobretudo quando informadas de que há múltiplos espaços de atuação para a/o profissional. Raquel, por exemplo, conta que investe na divulgação dos seus serviços dentro do hospital em que atua para que as pessoas saibam o que ela faz e utilizem seus serviços. Ainda que tenha levado para um patamar mais “exagerado”, a divulgação também é algo que Paola gostaria de fazer com mais afinco para que as pessoas pudessem saber o que o bibliotecário faz:

*RAQUEL (41 anos): Elas falavam assim “eu não tinha ideia que bibliotecário fazia isso”... ((riu)) ( ) e fala assim “mas como que é importante? E se o seu hospital não tiver mais uma bibliotecária, como é que a gente vai fazer?”... então assim isso é que é legal né? porque quando eu converso com meus amigos “nó, mas o que que uma bibliotecária faz no hospital? Lá tem uma biblioteca?” aí chega lá “não é uma biblioteca linda, você faz isso”... é tão importante entendeu? então assim... e a gente fica às vezes meio escondido mesmo... restrito ali... e eu atendo muito a equipe médica.. e aí um contando de boca a boca pro outro vai contando... vai contando... e de repente eu estou lá atendendo todo mundo... a gente não tinha essa divulgação no hospital... até que eu comecei a insistir eu falei” vamos divulgar no hospital” né?... e quando o preceptor... o chefão vem e eu atendo ele muito bem ele gosta... ele obriga os residentes a ir... quando os residentes vem eles gostam... e eles ficam assustados assim de falar “mas como que eu não sabia disso? Como né?”... tanto que eu um falou comigo “Raquel como eu formei no curso de Medicina sem saber disso?”... tem muito disso que a gente fica um pouco escondido de...*

*então a pandemia também foi legal porque foi um momento que eu tive uma abertura pra falar do bibliotecário clínico... [...]*

*PAOLA (56 anos): Pois é... já foi pior né... eh ::: já melhorou muito... então eu falo com orgulho... eu gostaria de ter assim uns adesivo e ter um carro muito... eu ainda vou realizar isso - - eu porque não ligo pra carro - - mas eu ainda penso em comprar assim uma :: caminhonete sabe? e mandar fazer um adesivo assim EU SOU BIBLIOTECÁRIA e pregar na caminhonete... pras pessoas terem uma dimensão da importância da profissão... que o bibliotecário ele pode ser bem sucedido financeiramente... fazer a diferença na sociedade... Isso não é muito visível... é como se fosse assim uma profissão de bastidor... [...]*

Assim como a hipótese inicial sugeria e a percepção das/os entrevistadas/os confirmou, as pessoas no geral não sabem o que elas/es fazem ao certo e, deste desconhecimento e estranhamento, era esperado que alguns preconceitos aparecessem. E estes preconceitos, segundo algumas pessoas entrevistadas, vinham justamente desta falta de entendimento a respeito do que a/o profissional faz. Laura e Raquel creditaram a esse motivo as situações de preconceito que sofreram quanto à profissão que escolheram. A primeira conta que as pessoas, em sua época de graduação, buscavam creditar sua escolha de curso à baixa concorrência no vestibular. Já a segunda narrou uma situação em que um amigo gostava de desmerecer seu curso a todo momento:

*LAURA (37 anos): Ai não sei viu... é porque existia antigamente essa... essa ideia de que a biblioteconomia era um curso que você entrava porque não conseguiu passar nos outros, né?... e no meu caso foi escolha mesmo... eu escolhi a biblioteconomia... eu não tinha uma outra escolha no sentido de “ah, eu não passei nisso e aí eu fiz a Biblioteconomia” sabe?... então no meu caso foi escolha... eu escolhi as áreas eu passei nas áreas e escolhi fazer a biblioteconomia... então até que eu entendi isso... porque a visão da sociedade era essa... de que a biblioteconomia era falta de escolha... e aí depois que eu comecei a entender isso... pra mim ficou mais tranquilo... mais claro isso, sabe?... então não tem uma coisa específica que aconteceu....*

*RAQUEL (41 anos): Eu acho que foi mais por falta desse desconhecimento assim... eu tinha um amigo da escola de Letras e que sempre foi muito rebelde muito assim “ah eu sou muito esquerda, eu sou muito defendendo os pobres e tal”... aquela ideologia marxista e de repente me tratava com preconceito... falava assim “ah, você vai estudar o que no seu mestrado? É anatomia do espanador? Ficar espanando livro?”... e com um discurso muito inflamado de críticas bibliotecárias? falava assim... e eu falava “mas Darci<sup>91</sup>”... eu estudei com ele em segundo grau e ele muito ruivinho... muito branco... e eu falava “por que que você está falando isso?” e ele “Ah porque os*

---

<sup>91</sup> Darci é um nome fictício.

*bibliotecários são uns idiotas que eles não leem”... eu falei “de onde você tirou isso? Porque você faz letras e lê mil livros você é melhor? Você está muito enganado, se você ver as pessoas foda que tem aí coitado de você”... e aí um dia eu me posicionei porque ele vinha muito assim “eu sou muito bom porque eu faço letras, eu leio muito, você é um bibliotecário que só guarda livros e não lê um” e eu falei “você está muito enganado, você está muito enganado”... eu falei “se se você é tão de esquerda e você tem esse discurso assim. Pra mim isso é um discurso é de extrema direita. Você entendeu ao contrário. Você tinha que... você que vai ser um professor de português, você tinha que vim né com outros você vem com esse discurso inflamado assim e humilhando e fazendo chacotas”... e eu encontrava com ele ali na letras e ele sempre fazia uma piadinha de chacota comigo e um dia eu falei assim espera aí hoje não... aí quando ele fez a piadinha dele sem graça né como dessas brincadeirinha “que que vocês estuda lá no doutorado? Anatomia do espanador?... eh :: e eu sei que tinha uma outra assim bem ridícula e eu não dava bola mas um dia eu falei “perai, não”... eu falei não e aí eu acabei com ele aí nunca mais ele falou... comigo não...*

Segundo Beatriz Sousa (2014), muitos dos preconceitos atribuídos à profissão a coloca em patamares inferiores no mundo do trabalho, que são confirmados pelo baixo reconhecimento e pelos baixos salários. Entretanto, muitas vezes estes problemas são individualizados e muitos trabalhos consideram que este é um problema da postura profissional das pessoas e não os relacionam com as questões macroestruturais como as de gênero, colocadas em segundo plano (SOUSA, 2014). Dentre as pessoas entrevistadas, Carmen foi uma das que fez a associação entre os preconceitos sofridos mais por ser mulher do que por ser bibliotecária em si:

*CARMEN (42 anos): Por ser bibliotecária?... olha eu não sei dizer por ser bibliotecária... acho que não... eu acho que pelo conjunto sabe? por ser mulher... por ser bibliotecária... por ser aí eu te falei da cor parda porque para mim é um caso à parte essa coisa da cor dentro da minha família assim... então eu fico na dúvida de como designar por conta do que eu sinto e não por conta do que eu sou... por conta da cor... então eu acho que um preconceito generalizado... mas não lembro específico por conta da Biblioteconomia não...*

Olavo relacionou os preconceitos sofridos a estar em uma profissão feminina, uma vez, que ao contar que é bibliotecário, alguns comentários quanto a esta ser uma profissão “de mulher” aparecem. Entretanto, ele termina dizendo que este não pode ser considerado um preconceito tão forte, porque, por ser homem, branco e heterossexual, além de ter vantagens sociais, as pessoas terminam admirando suas escolhas:



*OLAVO (41 anos): Não... não... a não ser às vezes quando as pessoas falam “mas isso não é profissão de mulher?”... mas é muito engraçado porque mais uma vez a gente vai chegar.... [...] mais uma vez eu chego naquela.... naquela... naquela... na minha constatação de vida que é o seguinte... uma pessoa nunca fala com preconceito para um homem... branco... hétero... não existe... então se você fala que você é bibliotecário é perigoso a pessoa falar assim “nossa você conseguiu fazer uma coisa muito foda hein”?... nunca tive preconceito Hugo...*

Não só Carmen e Olavo destacaram a intersecção existente entre os diferentes preconceitos existentes na sociedade. Gênero, raça e classe atuam em conjunto para criar uma série de opressões às pessoas dentro das relações sociais (AKOTIRENE, 2020). As discriminações de classe e raça vão aparecer, por exemplo, no relato de Marco Aurélio (apresentado na subseção 3.3) que deixa claro que percebeu que a situação em que foi questionado por não saber o que estava fazendo em sala de aula aconteceu por ele ser negro e por não estar “à altura” dos médicos para lhes dar um curso. Ele ainda acrescenta que a sua suposta juventude foi utilizada como justificativa para as restrições manifestadas em relação a ele:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] na [Nome de faculdade – suprimido] várias vezes já percebi questões assim “ah eu estou procurando um bibliotecário”... “Ah sou eu”... “Ah queria agendar um treinamento”... aí procura outra pessoa.. não serve você... mas por quê? você está muito... um professor me falou um dia que eu estava muito jovem... mas era eu que era responsável pelos treinamentos aí não teve jeito... ele teve que me engolir... mas você via no olhar... no tratamento... [...]*

Tereza relatou que se lembrava de algumas falas de colegas de trabalho que demonstravam “inveja” por ela estar ocupando aquela vaga de bibliotecária dentro da universidade. Em um primeiro momento, a entrevistada não deixa transparecer (ou preferiu assim não denominar) estas situações como preconceito, mas, ao ser solicitado que ela relatasse alguma situação específica que tinha acontecido com ela, fica claro que havia um preconceito de classe e raça nas falas das pessoas contra ela:

*TEREZA (73 anos): Eu não sei se eu sou meio eh:: leve... ((riu)) eu fico muito focada naquilo que eu tô fazendo... mas a gente sabe que tinha... tinha alguma coisa... alguma fala... por algumas falas... a gente percebe que tem um sentimento... mas só que esse sentimento... no meu caso... às vezes eu percebia uma ponta de inveja... uma ponta de vontade de estar no meu lugar.... por isso que eu acho que a gente tem que ter uma percepção exata né? se é preconceito... tem isso né?*

*PESQUISADOR: Você pode citar alguma dessas falas? Você se lembra de alguma específica?*

*TEREZA: Ai é assim... “poxa eu eh :: eu poderia tá eh :: com muito mais eh:: brilho de estar ocupando esse cargo da minha”... “ como é que pode uma pessoa de origem pobre, negra, tá ocupando”... isso eu já ouvi...*

A visão que as pessoas têm da profissão bibliotecária e as imagens (bem como os preconceitos) que são associadas a ela, atuam no autorreconhecimento e na identificação das pessoas enquanto pertencentes a uma profissão. Assim, buscou-se investigar também como que as pessoas entrevistadas se viam sendo profissionais bibliotecárias/os e se elas enxergavam o trabalho realizado como algo vocacional.

#### 6.4.3 O autorreconhecimento enquanto bibliotecárias/os

Célia Barbalho (2006, p. 165) destaca que as manifestações que dão origem às imagens associadas à profissão bibliotecária nos meios e veículos de comunicação, “constituem uma forma de expor, para uma coletividade, o fazer de uma categoria revelando os modos com que aquele que enuncia circunscreve a profissão” e que advém de metáforas, hipérboles, ironias e outros recursos estéticos que possuem a função de entreter e divertir. Já na literatura da área, segundo a autora, há uma busca por valorização, pelo vir a ser da/o profissional, pela exposição de perfis e competências necessárias para execução das tarefas, onde “é notório observar que os autores apontam para um profissional com autonomia no agir em um amplo contexto que envolve a sociedade de informação constituindo sua prática com a função de fornecer a informação para todo aquele que busca construir seu processo de conhecimento” (BARBALHO, 2006, p. 171).

Neste sentido, ao serem questionadas/os sobre o que é ser bibliotecária/o para elas, as pessoas entrevistadas – por estarem inseridas na área e em contato mais direto com os discursos em torno da área – responderam à pergunta com elementos que giraram em torno de três eixos: na centralidade do usuário; na perspectiva de um trabalho e na realização de um sonho.

De uma perspectiva mais geral, a evolução da área de estudos de usuários na Biblioteconomia e Ciência da Informação provocou uma centralização em torno das/os usuários e das suas práticas informacionais realizadas, investigando “o movimento por meio do qual os indivíduos agem no mundo, conformados pela cultura, e ao mesmo tempo constituem essa cultura que os influencia e a realidade em que atuam” (ARAÚJO, 2018, p. 55). Assim, as investigações e o foco dos serviços passaram com

o tempo a buscar dar ênfase no usuário e na disponibilização dos objetos informacionais para atender às suas necessidades, sendo a/o bibliotecária/o uma/um mediadora/or entre os objetos informacionais e as/os usuárias/os que necessitam desta informação.

É sob esta perspectiva que sete das treze pessoas entrevistadas responderam o que era ser bibliotecária para elas, ressaltando serem a ponte entre a informação e o material de que a pessoa que utiliza a biblioteca necessita. A/o bibliotecária/o está ali para auxiliar que a informação seja encontrada e entregue para quem precisa e chamou a atenção que as falas das/os bibliotecárias/os nesse sentido, traziam uma empolgação e um orgulho em realizar o trabalho de levar informação às pessoas. As respostas de Branca e Ellen, por exemplo, traduzem a empolgação e o orgulho em levar a informação para as pessoas:

*BRANCA (37 anos): Ai... ai gente eu falo assim... eu bibliotecária hoje atendendo ao público... é você contribuir é você entregar aquilo que o usuário quer... é você fazer um atendimento humanizado ali... você atender cada usuário de acordo com a demanda que ele tem... é você fazer um serviço... você entregar aquilo e no final ele falar "muito obrigada... muito obrigada pela sua prestação de serviço" principalmente na pandemia que a gente teve que se reinventar muito... e aí pra mim na hora que eu faço um atendimento que eu entrego aquilo que o usuário quer... você tem aquela retribuição... eu atendi eu consegui atender a demanda dele no tempo muito pequeno... [...] então hoje você tem que fazer um atendimento... prestar um bom atendimento... um atendimento DE EXCELÊNCIA... então quando eu faço isso... para mim ser bibliotecária hoje é fazer aquilo que eu tenho que fazer para o aluno... prestar um serviço DE EXCELÊNCIA para ele... então não é que ele vai achar isso... não é que o outro setor tem que fazer... o que eu puder fazer no meu setor para aquele usuário eu tenho que fazer... então quando eu consigo atender e resolver o problema... todo mundo chega na biblioteca vai querer resolver o problema... ele quer alguma coisa... [...] ser bibliotecária para mim hoje é você entregar com excelência um serviço e ele sentir que aquele serviço dele foi... foi atendido... ou que eu encaminhei ele se eu não dei conta... talvez eu não vou dar conta... eu encaminho ele para outro serviço... então que eu vejo muito na nossa profissão as pessoas sentarem e falarem "isso não é da minha obrigação... tem outro setor... vai lá que ele atende"... não mas se eu posso entrar em contato com esse setor... se eu posso adiantar alguma coisa para ele eu posso tentar buscar... então é prestar um serviço de excelência e ele sair satisfeito que ele foi a biblioteca com uma demanda de informação... com uma demanda de serviço e ele foi atendido...*

*ELLEN: Ó... o que é ser bibliotecária pra mim?... eh:: é trazer a informação precisa... a informação eh :: de que o usuário está buscando sabe?... eu acho que independente de ser uma informação*

*digital ou ser um bibliotecário de referência eu... eu falo muito nisso né? é uma área que eu gosto muito... eh:: você conseguir atender necessidade informacional do seu usuário sabe?... eu acho que é muito gratificante... eu falo isso com muito orgulho porque eu gosto de ser bibliotecária... eu gosto da parte de organização e ao mesmo tempo quando você... quando você vê um usuário feliz... satisfeito por uma informação que você conseguiu trazer eu acho que isso é muito gratificante... então ser bibliotecário pra mim eh:: dar esse apoio informacional sabe? trazer a informação que o usuário estava precisando... acho que é isso assim...*

Carlos Araújo (2018) destaca que o foco na mediação da informação veio se alterando nos últimos anos nas pesquisas em Ciência da Informação, deixando de lado as ideias de uma “ponte” entre o serviço informacional e a comunidade de usuários ou de que as/os profissionais atuavam como um filtro, sendo selecionadores e orientadores das leituras, para uma interferência intencional, onde a pessoa que irá fazer a mediação da informação irá, de forma consciente ou inconsciente, interferir em seu objeto.

Ana Paula Alves e Uilian Vigentim (2013, p. 4) destacam, a partir da ideia de Almeida Junior (2009)<sup>92</sup>, que não há neutralidade no processo de mediação da informação, uma vez que trata-se de um processo histórico-social e que sofre influência do entorno e, “o fazer do profissional da informação, bem como sua relação com a informação em si, são sempre marcados pelas suas concepções, interesses, ideologias”. Assim, o processo de mediação da informação possui a pessoa usuária como central no processo de apropriação e

[...] nos permite deixar de lado a concepção de que o usuário é passivo e mero receptor de informações, mas nos permite olhar para o mesmo como quem determina ou não a existência da informação. E ao chegarmos a estes termos, temos a consciência que o papel do profissional da informação, na mediação da informação, ao reconhecer a sua não neutralidade, o valor de sua interferência e o papel determinante e decisivo do usuário como ator central do processo, é imprescindível para delinear seu papel social, sua responsabilidade e conhecimento de que tem em suas mãos um dos instrumentos/insumos de poder da atualidade: a informação. (MENESES; VIGENTIM, 2013, p. 4)

Neste direcionamento, Carmen expressa toda a centralidade da área em disponibilizar a informação para a/o usuária/o, ressaltando que os serviços da biblioteca, desde a organização do acervo até seus sistemas de recuperação da

---

<sup>92</sup> ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco.de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Revista Brasileira de Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.

informação passam pelo foco que se deve ter nas pessoas que utilizarão estes serviços.

*CARMEN (42 anos): Nossa hoje para mim... eu tenho pensado muito sobre isso nesses tempos... engraçado... eh:: como eu sempre fui uma bibliotecária de referência... eu sempre atendi público... para mim é sempre colocar o usuário em primeiro lugar assim... ser bibliotecário é entender o outro sabe?... é entender a demanda do outro e querer ajudar o outro... todo o resto é em função disso... acervo organizado é para isso... sistemas de recuperação da informação é para isso... tudo é isso assim... então é sempre pensando no usuário em primeiro lugar...*

Já Tereza traz a ideia de que a/o bibliotecária/o deve ser uma/um facilitadora/or, uma ponte entre a informação e a/o usuária/o final. Antes, como sua trajetória profissional foi construída em uma biblioteca universitária, ela havia afirmado que o local deveria ser uma extensão da sala de aula. Tais diferenças de visão entre Carmen e Tereza, ainda que a centralidade das duas esteja na pessoa que utilizará a informação, advém da distância existente entre os anos de formação das duas, tendo Carmen se graduado já nos anos 2000 e retornado para a academia anos depois para a realização de mestrado e doutorado e Tereza tendo se graduado em 1977 e trabalhado até sua aposentadoria:

*TEREZA (73 anos): [...] seria fornecer pra o aluno o material certo pras questões que ele vem procurando... então na hora... ou então o trabalho dela começa muito antes quando ela adquire... quando ela organiza... quando ela cataloga... ela tem que ter em mente.. - - eu acho que ao organizar uma biblioteca - - você tem que ter em mente que você vai ter que fazer esse papel... terá de ser um facilitador né? para o aluno... e considerar também que a grande maioria é jovem né? ( ) todos são até formar... então ela tem um tem que ter um papel.... tem que tá atenta a essas coisas entendeu? não é ser professor... não é isso... essa parte de conhecimento ela deve manifestar ela quando ela está classificando e tá catalogando um livro... ter conhecimento do currículo né? das etapas né? o que tá acontecendo.. o que vão pedir... o que vão precisar... conhecer o programa de curso... é importante ela conhecer isso...*

Cabe destacar que, dentro da lógica da divisão sexual do trabalho, os atos de servir, de cuidar e de estar presente para o que a pessoa precisa – assim como a mãe, dona de casa, está para seus filhos e seu marido – são associados às mulheres. Em uma profissão feminilizada, estes aspectos aparecem não só no discurso das próprias profissionais, mas também na teorização acerca da função da/o bibliotecária/o na sociedade e a centralização no usuário possui ligações com as

noções do cuidado, do estar pronta/o para estar ali para o que ela/ele precisar. Na década de 1950, por exemplo, esses discursos já apareciam e a imagem do fazer bibliotecário era associada a atributos que podem ser ligados a características tidas como femininas. Severino Emerenciano (1954) defendeu em artigo no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, por exemplo, que o bibliotecário moderno teria como vocação servir, com a missão de ajudar os outros e facilitar a vida dos estudiosos. Para isso, deveria ter boa aparência, amabilidade, cortesia, boa saúde e ser uma pessoa afável e atenciosa, atenta aos leitores e ao ambiente físico da biblioteca, buscando que ela fosse agradável aos leitores e observando detalhes como as cores das paredes, as cortinas, os tapetes e a temperatura.

Coincidentemente ou não, por estarem inseridas e sendo atravessadas por estes discursos generificados, as respostas neste sentido vieram sobretudo das mulheres entrevistadas. Renato, ainda que tenha manifestado que ser bibliotecário é ter uma centralidade na/o usuária/o e disponibilizar a informação para as pessoas, não traz em sua resposta esta concepção de servir, mas de acumulação de saberes – associado também ao estereótipo ligado aos homens bibliotecários, vistos muitas vezes como sábios e eruditos:

*RENATO (36 anos): Ah ser bibliotecário pra mim é... deixa eu ir pensando aqui... é ser um acumulador de saberes assim sabe? um acumulador de saberes... um possibilitador do saber assim... eu ando na vida como bibliotecário porque a todo momento em que alguém está pedindo ajuda... seja pro endereço... seja pra qual rua é... essas informações... eu me sinto como se eu fosse um guia sabe? e eu sempre tenho essa sensação... de ser um guia do saber sabe? eh:: é aquele que vai te possibilitar como andar no mundo sabe? como experimentar... como... eu não eu não gosto dessa palavra informação... eu prefiro a palavra saber... eu acho que a gente lida com saber... a gente não lida... a informação é um desses pontos... eu acho que a gente lida com o saber... com o saber cultural... com saber literário... com saber artístico... eu acho que esse aí que é a função do bibliotecário... é um guia do saber assim... eu acho que ser bibliotecário é isso...*

Outra compreensão que algumas pessoas demonstraram quanto a ser bibliotecária/o se ligou à dimensão do trabalho, que ocupa importante papel na construção da sociedade. Longe de se ter uma visão romântica ou romantizada do fazer bibliotecário, as posturas de Laura e Paola, por exemplo, demonstram uma racionalidade em torno da profissão, de que aquele é o trabalho que elas escolheram para realizar e que estão cumprindo a função que escolheram:

*LAURA (37 anos): Nossa... olha... pra mim hoje é minha profissão ((riu))... é meu ganha-pão... ser bibliotecária hoje é o meu trabalho... na visão do trabalho enquanto modo de vida, sabe?... enquanto pensamento... enquanto estilo de vida... então pra mim ser bibliotecária hoje é isso... é eu pensar na biblioteconomia enquanto minha função, aquilo que eu escolhi fazer para viver...*

*PAOLA (56 anos): Ser bibliotecário... olha eu assim... a minha perspectiva ela é pela minha formação espírita cristã né... então eu sempre vejo as coisas com transitoriedade... é perspectiva da transitoriedade eh:: o ganha pão... é trabalho... a pessoa né se manifesta... se expressa através do seu trabalho eh:: são várias dimensões... eu vejo como uma dimensão sabe... assim uma dimensão... a dimensão do trabalho... eu não tenho... eu não tenho esse olhar romântico por exemplo eh:: informação é poder... eu vou fazer a revolução né... não... eu acho que você pode ser solidário... fraterno em qualquer profissão... tá?...[...] - - porque eu acho que a solidariedade... a fraternidade e a militância você pode fazer sendo um bom profissional... você entende? que vai eh:: por exemplo estimular as pessoas a fazerem o ENEM... a gente trabalha com jovem adulto das periferias... por exemplo no projeto porta eu só pego nego ferrado... o pior... aquele assim... eu sei de uma bibliotecária que só pega o melhor... que pega o bonito de olho verde... o que sabe inglês o que... sabe? porque é filho de fulano que foi indicado... eu não... eu pego o pior...é o que vem desdentado... que o... sabe assim...o que é lá da... gente eu já tive tantos menino e a Isabel<sup>93</sup>... eu aprendi isso com a Isabel... uma referência de bibliotecária... sabe? pra que naquele momento você possa fazer uma diferença na vida daquela pessoa... algumas coisas deram certo outras não deram muito certo... outras foram traumatizantes ((riu))... mas é uma filosofia... uma postura...[...] eu acho que é isso aí é estar mais próximo de possibilidade de transformar... então assim não sou bibliotecária eu ESTOU bibliotecária né... é transitoriedade mesmo... e no serviço público mais ainda né... porque a gente é um número no SIAPE... eu estou numa crise horrível né... vou ter que ir na psicóloga porque eu já posso aposentar e o trabalho não acaba... não acaba... você começa um trem de dois mil e quinze eu não terminei até hoje... aquela coisa antes meu Deus do céu aí... aí vem outra leva né... então é transitoriedade né...*

Outra dimensão apresentada pelas pessoas entrevistadas girou em torno dos sonhos, da profissão que elas escolheram e que sempre sonharam em ter. Nesta perspectiva, chamou a atenção a resposta de Olavo, que encontrou na profissão bibliotecária a oportunidade de retribuir para outras pessoas, por meio de um carro-biblioteca, aqueles serviços que um projeto também de carro-biblioteca fez por ele:

*OLAVO (41 anos): Ah... eu gosto muito... é a realização de um sonho... primeiro que foi a profissão que eu escolhi há muito tempo... é uma realização de um sonho porque mais uma vez eu trabalhei numa*

---

<sup>93</sup> Isabel é um nome fictício.

*empresa que me deu me deu oportunidade de trabalhar num caminhão de novo... aí já como profissional e não só como estagiário... mas eu trabalhava no caminhão biblioteca... então ser bibliotecário para mim é a realização de um sonho... eu faço o que eu gosto... eu estou satisfeito... hoje eu consigo dizer que eu tô... eu não tô realizado profissionalmente porque eu não quero estar realizado profissionalmente nunca... porque senão eu acho que eu paro... mas para mim ser bibliotecário é a realização de um sonho... inclusive porque sempre para mim foi uma profissão muito idílica... eu sempre tive é... apesar de ter falado agora daquela imagem da bibliotecária de meia-idade e de óculos... para mim essa bibliotecária de meia-idade de óculos... ela é a cara... ela é a pessoa... então para mim é a realização de um sonho porque a profissão de bibliotecário para mim é uma profissão idílica mesmo... acho que seja mais ou menos isso...*

Apesar de ter considerado ser bibliotecário como um sonho, Olavo não considerou que a profissão seja algo que ele tenha nascido para fazer, mas que foi construído ao longo do tempo, gerando identificação no percurso com a profissão. Ao ser perguntado o que ele entendia pela palavra vocação, ele ressaltou que considera que ela é algo que é construído e não algo que já nasce com a pessoa:

*OLAVO (41 anos): O que eu entendo pela palavra vocação?... vocação... nossa para falar assim de cara?... ah... tentativa e erro... muitas vezes a gente acha que a gente tem vocação para uma coisa e quando você tá lá naquela coisa talvez não... talvez você não consiga... você não... não consegue se realizar enfim... é porque vocação eu... eu prefiro falar que é mais suor do que só vocação porque você pode ter vocação para ser qualquer coisa... mas a única vocação que a gente tem de verdade é preguiçoso... o resto a gente tem que correr atrás para caramba... não sei se fui claro não mas nesse caso eu acho que é isso... [...] eu acho que as pessoas vão descobrindo... acho que é mais suor... sangue e lágrimas mesmo... a gente vai descobrindo... eu por exemplo achava que eu tinha vocação para ser professor... então quando eu pensava em ser alguma coisa bem jovem... eu já queria muito ser professor... então eu pensava que minha vocação era ser professor e aí fui criando e fui vendo como é que as coisas eram... e depois eu fui ver que era vocação... ou seja meu suor sangue e lágrimas era para ser bibliotecário... então assim... é uma coisa que você vai construindo... então não sei se as pessoas nascem para certas coisas não...*

Cabe destacar que o discurso vocacional foi atrelado, durante muito tempo, a profissões feminilizadas e a visão quase religiosa de que algumas profissões deveriam ser destinadas às mulheres permeou a constituição de muitas delas, como no caso do magistério, por exemplo. Jane de Almeida (1998) destaca que, no caso da profissão de professora, sua feminização no século XIX se dá com a difusão de que as noções de cuidado com as crianças não fugiam à função materna das mulheres e a profissão de professora “representava a continuação de sua **missão**, nos moldes



propostos pelos positivistas e higienistas no século XIX e de acordo com o imaginário social acerca do papel feminino” (ALMEIDA, 1998, p. 35; grifo da autora) podendo ser, assim, uma profissão aceita para ser exercida pelas mulheres.

Ao se questionar o que as pessoas entrevistadas entendiam pela palavra vocação e, mais adiante, se elas acreditavam que ser bibliotecária/o era uma vocação, buscou-se identificar se, em suas respostas, haveria elementos que remetessem o trabalho bibliotecário à concepção de uma profissão idealizada para mulheres. O filósofo José Ortega y Gasset (2006, p. 7), ao refletir sobre a missão do profissional bibliotecário em palestra proferida em 1935, afirmou que a ideia de vocação seria a de algo que seria imperativo às pessoas, que “chega até nós inexoravelmente proposto” e que a missão pessoal seria a consciência daquilo que cada homem está chamado a realizar.

Esta visão de que a vocação é um destino ao qual a pessoa está atrelada, apareceu em algumas das respostas dadas pelas pessoas entrevistadas. Dóris, Ellen e Renata, por exemplo, consideraram a vocação como algo que nasce com a pessoa para determinada tarefa ou trabalho. Dóris considera que não nasceu bibliotecária e se descobriu ao longo do tempo, mas destaca que, para algumas profissões, exista uma vocação em que a pessoa nasce com ela. Para Ellen, a vocação seria alguma qualidade nata que a pessoa tem e que irá encontrar ao desenvolver determinada atividade. Paola considera que a vocação é algo que vem da alma e que a vida se encaminha de levá-la para realizar aquela vocação:

*DÓRIS (37 anos): Não... eu não nasci bibliotecária... com certeza não... eu fui me descobrindo ao longo do processo... sem dúvida... quase tem gente que nasce né? Tem gente que nasce querendo ser médico... vai ser médico... meu ex-namorado é assim... desde pequenininho sabia que queria ser médico... ele ia ao médico e aquilo ali desde pequeno... mas tem gente que não sabe o que quer ser quando crescer né? eu acho que eu fui uma dessas pessoas que descobriu durante o percurso... então ninguém nasce... ninguém não... nem todo mundo nasce com vocação e a gente vai se descobrindo ao longo do processo... comigo foi assim eu me descobri bibliotecária...*

*ELLEN (35 anos): [...] eu penso que seja vocação... eh:: quando você tem uma... não é... não é uma expertise não... quando você já vem com uma... pode ser até uma expertise... mas quando você tem alguma qualidade... alguma... algum item no seu ser que encaixa com... com o que você está atuando assim sabe?... tipo eh:: às vezes você nem chega a escolher a área que você está atuando... ela que te escolhe... então é quando você tem certas qualidades e certos comportamentos que encaixam com aquela atividade assim... ou o*

*que você vive naquele momento né?... eu acredito né?... eu acho que seja isso... seja algo voltado pra isso... acho que é uma... é como se fosse um encaixe mesmo... veio algo pra você mas que você só vai ver que você teve vocação a partir do momento que você começa a exercer aquilo... que você tem qualidades que contribuem assim...*

*PAOLA (56 anos): A vocação... eu acho que vocação é uma coisa que vem de dentro mesmo... é de anseio... é de alma... é o que é o essencial pra alma... uma vocação... eu tenho vocação pra isso... eu nasci pra isso ( )... é uma coisa que a vida vai se organizando e vai te levando pra aquilo e você se sente bem ali.... ganha dinheiro? não sei né... ganha visibilidade... prestígio... sucesso... destaque? não sei... mas você dependendo... você se sente confortável ali naquela situação... aquilo ali vem fácil sabe?... aquilo é fácil pra você...*

Já Renato e Laura rechaçaram a ideia da palavra vocação e destacaram o aspecto religioso que ela lhe remetia. Para ele, não existem vocações, mas sim trajetórias e as afinidades que as pessoas desenvolvem com determinadas áreas advém destas trajetórias e das escolhas que elas realizam ao longo da vida. Laura afirmou que não gosta nem da palavra vocação – para ela associada a algo envolto de uma aura de mistério, onde seu destino é ser aquilo e que isto deve ser cumprido – e nem da associação dela ao fazer bibliotecário. Segundo a entrevistada, não é possível relacionar vocação a profissões:

*RENATO (36 anos): Ai... eu não gosto dessa palavra vocação...*

*PESQUISADOR: Por quê?*

*RENATO: Não sei... não acho que é vocação... acho que são trajetórias... vocação parte do pressuposto que existe algo pré-determinado... não sei... acho que são trajetórias... a trajetória da educação pra minha trajetória...a eu sou da educação não é por vocação da educação... a minha trajetória... -- outro dia a gente estava discutindo sobre isso... porque meu irmão pesquisa trajetórias... e a gente estava conversando um dia... por que que nós dois fomos pra área de educação? não é por conta de vocação... -- porque parece que é do espírito... parece que é uma pré-determinado... parece que é quase... parece que é por isso que muitas vezes a gente vê vocação pra ser professora aí paga menos sabe? não paga nada... então a palavra vocação me causa uma certa estranheza... nós dois fomos parar de educação porque a minha vó sempre deu valor pra educação... sempre deu valor pra escola... então esse valor que a escola sempre teve... que a minha avó sempre falou da nossa cabeça... que ela dava não dava nada mas dava educação... não é à toa que a gente estudou em escola particular... eu entrei dentro da faculdade eu consegui ir bem... eu fiz cursinho particular... então assim tudo isso era por conta da educação... então esse valor que minha avó dava pra gente da educação e da escola que fez com que a gente tivesse essa trajetória dentro da Educação... nós dois... não é vocação... é trajetória...*

*LAURA (37 anos): Não... eu acho que não tem nada a ver com profissão... sinceramente... pode até ser que tenha umas pessoas que ah... pode ser... mas pra mim não faz o menor sentido... é uma profissão e... e é uma escolha*

Algumas das pessoas entrevistadas, mesmo rejeitando a ideia de que a vocação é algo que já nasce com as pessoas, consideraram que existe uma vocação bibliotecária, que ser bibliotecária/o é uma vocação, que foi construída de acordo com seus interesses, com suas trajetórias pessoais e escolhas:

*CARMEN (42 anos): Porque é isso... eu fui construindo esse jeito de ser né? e fui escolhendo os lugares onde eu me sentia melhor... porque se eu tivesse sido colocada para processar um livro lá atrás... eu acho que eu teria sido muito infeliz assim... não que eu não goste de processamento hoje né?... mas assim se eu tivesse que fazer só isso dentro da Biblioteconomia eu ia ser muito frustrada sbe assim?... porque para mim esse contato com o outro é o que faz sentido assim...*

*BRANCA (37 anos): Eu acho que assim... não era porque até então nem sabia então eu não parti disso do início... eu acho que eu construí isso... eu acho que eu me descobri... pode ser que eu me descobri a minha vocação sabe?... mas até então não tinha isso... não tinha na minha cabeça que eu poderia trabalhar com isso... mas eu descobri isso na graduação e descobri isso na prática... e vejo que isso que hoje... eu sou muito feliz o que eu faço e talvez seja minha vocação que eu não sabia... ((riu))*

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Engraçado que eu considero... porque principalmente ser um... principalmente ser um bibliotecário de referência... [...] eh :: eu me considero sim... engraçado que eu não me vejo fazendo outra coisa que não seja trabalhar em uma biblioteca... trabalhar com informação... não necessariamente uma biblioteca... mas trabalhar com informação de uma forma eh:: geral... eu acho que durante esse meu percurso isso foi uma coisa que me ficou eh:: muito clara... eu acho que eu descobri uma vocação assim pro trabalho... mais um pouco por conta da minha personalidade... do que eu... da minha visão de mundo... eh:: por gostar de auxiliar as pessoas... de contribuir positivamente pra questões práticas... pro avanço da ciência... então eu acho que embora não fosse uma questão inicial assim com o passar do tempo e a experiência profissional eu considero sim que terminei eh:: encontrando ou de... ou descobrindo né? essa vocação pra ser bibliotecário... no fundo eu acho que eu sou uma pessoa um pouco altruísta né? assim... [...] então eu acho que eu terminei descobrindo uma vocação bibliotecária um pouco a partir de mim... do que eu acredito... então eu acho que sim...*

Nas respostas das pessoas entrevistadas, não foi possível encontrar elementos que associassem a generificação da profissão bibliotecária à ideia de vocação, ainda que as três pessoas que responderam que a vocação é algo do destino da pessoa

sejam mulheres. Entretanto, mesmo entre as pessoas entrevistadas que consideram que a vocação é algo construído e não algo nato, há resquícios de compreender a vocação como algo que “você vai encontrar”, que vai colocá-la em contato com algo que a levará a não querer mais fazer outra coisa ou ter uma outra atividade, em uma visão romantizada – e por que não quase religiosa? – da profissão e das escolhas de carreira que fizeram. Tais aspectos podem ser relacionados com a visão religiosa que a profissão possuía em sua origem, com os homens predestinados a cuidar das bibliotecas dos mosteiros, mas também com o ato de servir, de cuidar, associadas às profissões feminilizadas e que também advém de uma visão religiosa. A percepção das pessoas vai neste sentido na direção de entender que há uma missão bibliotecária, uma vocação inexorável presa ao destino, como nas palavras de José Ortega y Gasset, e que é encontrada no contato com a profissão

### **6.5 Percepções acerca da identidade da profissão bibliotecária**

As identidades profissionais são maneiras pelas quais as pessoas se identificam e reconhecem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego. Elas são criadas não só de forma relacional entre os indivíduos, mas também são biográficas, de acordo com as trajetórias das pessoas no trabalho (DUBAR, 2006). É no contato com o outro também que estas identidades são formadas e, no sentido de agruparem as pessoas que comungam daquelas atividades, a criação de uma identidade profissional passa também pela visão que a sociedade possui acerca daquele ofício.

Neste sentido, buscou-se questionar a percepção das pessoas entrevistadas se elas viam a existência de uma identidade bibliotecária e, caso ela existisse, respondessem o que a caracterizava. Para introduzir a questão e serem aprofundadas as visões acerca da existência ou não, na percepção das/os entrevistadas/os, de uma identidade profissional bibliotecária, perguntou-se qual era a noção delas/es acerca do termo “identidade”. Laura, Marco Aurélio e Carmen percebem a identidade como, além de algo que lhes dá noção de pertencimento, algo que não é dado e não está acabado, mas que é construído conforme as pessoas vão se desenvolvendo e se adaptando ao meio em que estão inseridas:

*LAURA (37 anos): Ah sim... é... Aí eu entendo como pertencimento, sabe?... pertencimento eh::... de você de... se sentir dentro de algo... igual enquanto outros, sabe?... talvez essa questão da identidade eu ligo a área sim... e não a questão da identidade de você chegar com esse perfil... com esse não... mas de construção... acho que quando você está em uma determinada área... você cria a identidade... a identidade é uma construção coletiva... apesar de ela ser muito individual ela é uma construção coletiva... é de você se perceber enquanto bibliotecário... se perceber enquanto profissional... eu entendo assim... aí eu ligo a área vocação não...*

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Identidade... ((faz uma pausa para pensar)) nossa é difícil né... eh:: eu acho que identidade no fundo é com aquilo que a gente se identifica e não com aquilo que é uma questão dada ou imposta pela... por uma normativa social... por um conjunto de valores... uma coisa é a identidade que a gente tem de formal do número de RG e outra coisa é uma identidade de gênero por exemplo que a dimensão biológica claramente não dá conta de abarcar a complexidade da realidade... a gente comentou disso mais cedo de cis trans e etc... então eu acho que identidade tem muito a ver com isso com... com essa noção do que a gente se identifica e não necessariamente com o que é uma... uma questão né normativa ou imposta socialmente....*

*CARMEN (42 anos): Identidade? essa sim eu acho que é muito formada sabe assim?... de como você se enxerga baseado em como você é criado... nas coisas que você escolhe né?... nos seus valores que vêm desde a infância... eu acho que é uma... diferente do temperamento que eu acho que meio você vem com ele mesmo ... você nasce com ele desse jeitinho...*

As pessoas na pós-modernidade podem se identificar e construir suas identidades de acordo com uma complexidade de fatores e de ambientes no qual estão inseridas, não sendo possível dizer que as pessoas possuem uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2011). Renato (conforme apresentado anteriormente na subseção 3.1), traduziu muito bem esta ideia da fragmentação do sujeito ao comentar sua própria identidade:

*RENATO (36 anos): [...] eu acho que são os papéis que eu exerço no mundo... eu acho que são os papéis que eu exerço no mundo... se eu pensasse identidade assim... [...] e como esses papéis são atrelados a certas disposições tanto no campo social e tanto no campo psicológico sabe? que eu vou transitando a partir dessas exposições... então eu acho que identidade pra mim é isso...*

Cabe destacar a importância da afirmação identitária de movimentos como o negro e o *queer* e que ganharam maior destaque, sobretudo nos últimos anos, para criação da noção de pertencimento às pessoas negras, gays e que “fogem” de alguma forma à normatividade e aos padrões impostos: brancos, masculinos, eurocêtricos,

heterossexuais. O movimento negro, por exemplo, na exaltação da negritude e da existência das pessoas negras na história, leva a discussões importantes acerca de como o racismo estrutural opera no Brasil e de como mitos como os da democracia racial operam para que as pessoas não se reconheçam como negras em nosso país. Raquel trouxe em suas falas os elementos da dificuldade de se identificar e se reconhecer enquanto uma pessoa negra e se ver fora “dos padrões” difundidos durante muito tempo:

*RAQUEL (41 anos): Olha... até pouco tempo eu falava assim “meu Deus, será que eu sei minha identidade” né? o que é... eu questioneei isso uma vez eh:: qual que é a minha identidade mesmo?... porque todo mundo que eu conversei estava fazendo essa transição capilar... e eu comecei a me questionar nesse ponto né? qual que é a minha identidade né?... eu sou negra eu devo assumir isso... foi um confronto mesmo interno assim eh:: deu assim como se eu tivesse engessada... tentando me embranquecer né?... me emagrecer naquele estereótipo das minhas irmãs que são bem magrinhas não tem peito... e um dia e eu fiquei naquele conflito né?... e eu Raquel mas eu tenho que me moldar ao que as pessoas estão falando esse conceito de beleza... de profissão... essa transição capilar e eu fiquei naquilo... eu quero... eu não quero... eu quero me libertar... eu quero afro... então assim eu fiquei nesse conflito... quem que era a minha identidade? e eu buscava isso... mas qual que é a minha identidade? né? [...] a sociedade quer te moldar ali naquele que você quer ser branca magra... aí quando eu tive esse conflito assim né? de entender mesmo e reconhecer que o meu estilo de roupa... de comportar... de falar... de buscar e eu precisava mostrar até mais serviço do que os outros por causa disso... que eu fui entendendo isso e eu falei assim... e eu espero chegar nesse dia da transição capilar que eu falei que esse é o último ponto... a barreira a ser vencida... porque eu acho que a cobrança de eu ter o cabelo liso... de eu fazer uma escova é muito grande... no serviço... das irmãs... mas eu falei... eu quero chegar a esse ponto e falar assim “eu não quero mais fazer escova, eu quero chegar lá pra dar aula, pra trabalhar com o cabelo ouriçado”... foda-se.. então assim... a pandemia mexeu muito com a gente e essa questão da identidade mas muito relacionada sim a raça né?... porque você namora você namora não... mas você é pretinha né? não mas pretinha igual todo mundo namora... todo mundo casa né? se a gente tem um grupinho de amigo que é racista... que gosta só das branquinha... eu tô é no lugar errado então eu tenho que mudar... [...]*

Os estereótipos criados pelo racismo em torno das pessoas negras fizeram com que a história do povo preto, suas vivências e sua ancestralidade fossem apagadas ao longo da história. Maria da Consolação André (2007) afirma de que a construção de conceitos preconceituosos em torno do negro advindos do racismo, como por exemplo de que ele é um ser inferior, não-civilizado e tem propensão ao crime, por exemplo, fizeram com que as pessoas buscassem se afastar destas visões,

o que dificultou que muitas se identificassem e se reconhecessem enquanto pessoas negras (ANDRÉ, 2007). Ademais, a falta de representatividade nos meios de comunicação – que retratavam as pessoas negras também dentro de estereótipos – levavam as pessoas negras a quererem se “enquadrar” dentro de perspectivas brancas e eurocêntricas, que passam pelo alisamento do cabelo. O fim do alisamento capilar, a crise de identidade e o processo de transição que Raquel descreve, podem ser considerados como elementos de rompimento com a lógica da branquitude e um reconhecimento de si enquanto pessoa negra. Romper e questionar os padrões de comportamento impostos pela sociedade às pessoas foi um elemento também que Olavo levantou:

*OLAVO (41 anos): [...] eu me identifico com uma pessoa que tenta melhorar... eu me identifico como... às vezes como... inclusive eu me identifico muito com a sociedade... a gente falou sobre a sociedade... eu me identifico muito com a sociedade então eu tento melhorar do ponto de vista para tirar a identidade que tá arraigada em mim... que a sociedade deixou em mim... muito machista... muito misógina às vezes também... preconceituosa em várias instâncias... então me identificaria como um cara... como uma pessoa que tenta melhorar....*

É também neste contato com o outro que as pessoas vão construindo as suas identidades, carregando consigo aspectos próprios e de discursos que as atravessam durante a vida. Na construção das identidades profissionais, estes aspectos também vão aparecer e elas serão construídas através da percepção que as/os profissionais têm de si e da percepção que as outras pessoas têm de suas profissões (DUBAR, 2006). Marco Aurélio caracterizou muito bem esta noção de que a identidade de uma profissão estaria ligada a dois aspectos: a percepção pública da profissão, a visão do outro e a visão que as próprias pessoas que comungam daquela profissão possuem dela:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] eu acho que tem... tem duas dimensões nessa questão.... a primeira é a percepção pública que se tem da profissão e uma segunda é a percepção interna eh:: dos profissionais que compõem a classe... eu acho que a identidade profissional ela passa um pouco por esses dois campos.... o que eu... o que eu acho é que essa noção de identidade profissional ela está muito mais ancorada na percepção pública que se tem... que é um pouco daquilo que a gente conversou ontem sobre estereótipos... subvalorização... eh:: a auto desvalorização por parte do profissional... que tem uma relação com essas questões macrossociais... de uma profissão eminentemente feminina... mas eu acho também por um pouco dos próprios profissionais que compõem a classe... por que que a gente olha pra uma associação médica por exemplo e acha que*

*aquilo é o caminho a verdade e a vida e a associação dos bibliotecários de Minas por exemplo custa se desenvolver?... eh:: eu acho que tem outras questões assim... sentimento de pertencimento... eh:: então eu acho que pode haver uma... uma pseudo-identidade da profissão... talvez fique relacionado com essa percepção pública que se tem... [...]*

Paola também entende que a identidade profissional é algo que é construída pelos profissionais ao longo do tempo e destaca a questão de se autoafirmar enquanto bibliotecária, enquanto profissional, colabora para que as pessoas se vejam e se identifiquem como exercendo aquela função:

*PAOLA (56 anos): [...] eu acho que a identidade ela é construída... ela vai sendo construída no curso e você vai agregando e vai se vendo naquilo e vai se adequando... ainda que seja cerceado... você sofre discriminação... limitação... ou você assume aquilo “eu sou bibliotecária” né... ou vai ficando aquela coisa meia boca... eu tenho assim vários amigos estudiosos eles... eu sinto que eles não se encontraram na profissão... por exemplo eu quando eu formei em noventa e oito.. não tinha concurso né... levou um tempo e abriu os concursos né... eu fui lá e fiz minha inscrição.... eu nem tinha salário direito... fui lá fiz minha inscrição como bibliotecária.... porque eu sempre entendi que isso faz parte da identidade em algum momento.... você vai construindo.... você vai construindo... [...]*

As relações desiguais de gênero, conforme explicitado, atuam na formação das identidades tanto pessoais quanto coletivas. Assim, pode-se considerar que a identidade profissional está ligada à questões macrossociais, citadas por Marco Aurélio, como a feminização de uma profissão atuam na percepção que as/os profissionais vão ter de si e na percepção de que a sociedade vai ter desta profissão. A feminização de determinado ramo de trabalho interfere diretamente no *status* que ele passa a ter na sociedade e no prestígio social que adquire ao longo do tempo (CHIÉS, 2011; SAFFIOTTI, 2013; YANNOULAS, 2010). Na percepção das/os entrevistadas/os, Branca afirmou que via a identidade da profissão como uma identidade feminina e resume as dificuldades que se tem, sendo mulher, em afirmar o seu valor dentro do mundo do trabalho. Nas palavras da entrevistada:

*BRANCA (37 anos): Feminina... eu acho que ela é mais feminina... e aí quando se coloca feminino eu acho que ela... ela abaixa assim né?... Você fala assim... ah uma profissão feminina você tem que trabalhar mais para você mostrar mais serviço... pra você mostrar mais que você é boa naquilo que você faz né?... talvez não precisaria os homens... a questão do sexo masculino... se fosse um homem ele não teria que trabalhar e provar que ele é bom naquilo que ele faz... então vejo que é uma... é uma profissão feminina que trabalha reclusa ali numa*



*biblioteca fazendo catalogação de livro... que não gosta muito de atender o usuário porque as pessoas já entram na biblioteca já com receio de procurar um bibliotecário que vai levar uma patada... então eu vejo nessa questão... da gente teria que melhorar muito essa questão... por isso que eu vejo importante essa questão de trabalhar a questão do gênero dentro da profissão que a gente quase não acha pesquisa dessa natureza... para que... para que nós possamos trabalhar essa questão que a profissão bibliotecária... o que faz dentro de uma biblioteca independe se é homem ou mulher... e tirar que é só mulher que faz e que as mulheres tem que lutar muito para que seja reconhecida por exemplo né?... o nosso trabalho eu vejo que é muito mal... não é mal visto... mas também não é algo nobre não é uma a profissão... eu trabalho na engenharia por exemplo né?... às vezes daquele universo eu vejo que os meninos quando fala da biblioteca é porque eles estão todo dia... eles sabem que a biblioteca tá ali e que nós somos bibliotecários formados... mas eu sei se fosse partir para outra... para outra instituição talvez não tivesse esse mesmo reconhecimento né?... você tá na academia... você tá ali na UFMG... você sabe que tem um curso de Biblioteconomia... então eu vejo que nós temos que trabalhar muito essa questão da identidade do curso de não ser só mulher... que é uma profissão bacana séria que faz trabalho excelentes hoje né?... de questão da informação... questão de gestão de informação e que não fica simplesmente nessa questão de trabalho interno de biblioteca... que é trabalho que a mulher faz... e mesmo assim não é um trabalho muito bem feito...*

Apesar da percepção da entrevistada de que o fato de ser uma profissão feminilizada traz um baixo *status* para a profissão e de que é necessário, por conta disso, que as/os bibliotecárias/os tenham que mostrar ainda mais sua importância para conquistar certas coisas, as palavras de Branca trazem também a noção de que, para buscar esta valorização, é necessária uma demonstração maior de áreas como a Gestão da Informação, associadas muitas vezes ao mundo masculino, e menor da biblioteca, “que é trabalho que a mulher faz”.

Os afazeres diferentes que cada profissional possui, além das diferentes tipologias de bibliotecas existentes, fizeram com que algumas pessoas considerassem que isto traz uma diversidade para a profissão bibliotecária, que será atravessada pelo local de trabalho, pelo contato com a comunidade atendida, pelo tipo de serviço oferecido e sendo justamente esta diversidade que irá caracterizar cada profissional. Marco Aurélio, Carmen e Dóris pensam nestas múltiplas formas de ser bibliotecário, não podendo classificar a profissão dentro de um espectro apenas:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] eu acho que o local de trabalho... ele termina influenciando ou condicionando o profissional a formatar um pouco a sua identidade... suas habilidades... competências... um pouco de... de perfil profissional... eu acho que isso termina tendo eh:: influência eh:: na sua própria formação identitária... como que ele se*

*identifica... ontem eu comentei por exemplo que eu percebo que os bibliotecários que trabalham em saúde tem um alter ego super elevado quando comparado com outros bibliotecários eh:: de outros contextos... [...] então eu acho que há algumas questões assim eh:: do próprio campo da saúde que terminaram formatando um pouco a identidade dos bibliotecários que trabalham tanto com processamento técnico que tem um... um papel importante na indexação de materiais... catalogação... organização do conhecimento de uma forma geral... mas principalmente dos bibliotecários que trabalham lá na ponta né?... com busca... recuperação... eh:: disseminação... capacitação... então eu acho sim que o local de trabalho e por trabalhar em uma biblioteca universitária eh:: que tem um campo com prática e processos bem demarcados terminam influenciando essa formação dessa identidade e na própria percepção do bibliotecário tem eh:: a partir do seu lugar de atuação... pra eu não vou ficar repetitivo eu acho isso...*

*CARMEN (42 anos): [...] olha se eu for falar uma identidade para a profissão eu acho que seria a diversidade... não existe eu acho que você ser... não existe A coisa... o bibliotecário ele tem que se moldar ali onde ele está sabe?... que vai muito... influi muito o tipo de usuário... influencia muito o tipo de acervo... influencia muito o serviço que a biblioteca presta... acho que essa que é a identidade do bibliotecário assim... ela vai ser de acordo com que... onde ele está... eu vi porque eu trabalhei em biblioteca escolar... era um tipo de trabalho... eu tinha que me aprofundar em determinados temas né?... era um tipo de atendimento... um tipo de linguagem que eu tinha que falar com usuários né? crianças e adolescentes... na biblioteca pública foi totalmente diferente eu tive que me aprofundar em outras coisas... em política pública... em literatura... então eu fui falar essa outra linguagem... e quando eu cheguei agora há pouco tempo na biblioteca universitária foi meio que começar uma carreira do zero assim... eu não sabia nada... eu não entendia e lá fui eu entender como que funciona uma biblioteca universitária... então começando tudo do zero assim... por isso que eu digo que é ser diverso mesmo... e flexível sabe? você querer aprender assim... acho que bibliotecário tem que ter o gosto pelo aprendizado..*

*DÓRIS (37 anos): Não... acredito que não... tem tanta gente diferente na nossa área... a gente não pode ver que dizer que tem um perfil pra ser bibliotecário... porque não é gostar de ler porque eu conheço bibliotecário que não gosta de ler... a maioria das pessoas acha que faz biblioteconomia porque gosta de ler... vai todos os livros da biblioteca... não... [...] eu não acho que tem uma identidade... o curso é muito diverso... tem gente que com todo tipo de perfil... não acho que tem não...*

Se durante boa parte da entrevista, as pessoas demonstraram otimismo, paixão e certo entusiasmo ao narrarem o processo de escolha do curso e dos contatos que tiveram com as disciplinas e com a profissão, ao serem questionadas sobre as imagens que elas acreditavam que a sociedade possuía da profissão, as respostas tiveram outro tom. As/os bibliotecárias/os que participaram da pesquisa destacaram,

de modo geral, que a visão que as outras pessoas possuem da profissão é de abandono e/ou desconhecimento daquilo que a/o bibliotecária/o faz.

As relações desiguais de gênero fazem com que aspectos como o baixo prestígio social, os baixos salários e os estereótipos associados a profissões feminizadas interfiram na autoimagem e nas percepções que as/os profissionais possuem da profissão que escolheram para exercer. Além disso, os locais que muitas vezes as bibliotecas ocupam dentro das instituições, interferem na percepção das/os profissionais acerca das visões que a sociedade tem da profissão. Dóris e Ellen, por exemplo, afirmaram com tristeza que não veem valorização da profissão na sociedade e mostram pessimismo em relação ao futuro da profissão:

*DÓRIS (37 anos): Ah de abandono total e absoluto... nós somos um zero à esquerda hoje pra sociedade... principalmente naquela que depende da biblioteca.... e a gente está vendo isso... a gente tem eh::: grandes instituições fechando bibliotecas... eh:: só essa semana eu soube de uma biblioteca que se desfez para a reciclagem de setenta mil exemplares sabe? e vai piorar porque eu já sei que tem outra na mesma situação... então assim... a gente tem bibliotecas abarrotadas no livro e muitas pessoas que não tem acesso à informação ainda... nós temos um mercado que não entende o nosso valor e às vezes eu acho que isso um pouco por culpa nossa também... é o tal do bibliotecário que não diz pra que veio sabe? mas a gente é uma profissão extremamente desvalorizada... e eu falo isso a gente é uma profissão em extinção mesmo... acho que o meteoro já acertou a gente quem está aqui está muito no respiro... e é basicamente isso... porque você não vê... eu fico preocupado com as pessoas que vão formar em biblio sabe?... não tem mercado... felizmente tem muito bibliotecário se reinventando... e eu falo com todo mundo "vai investir na área de tecnologia, gestão de dados, ciência de dados. Não fica esperando arrumar emprego em biblioteca universitária, biblioteca escolar"... e na minha época era o principal mercado... então em dois mil e oito quando a gente formou todo mundo saiu empregado... hoje em dia você não tem mercado mais... então o mercado ele é ingrato com a gente... bem ingrato... e eu acho que o nome às vezes dificulta um pouco né? a questão de Ciência da Informação e Biblioteconomia... eu acho que... -- eu sou apaixonada pelo nome Biblioteconomia -- mas eu acho que eu ia melhorar um pouco a visão do mercado se o curso mudasse pra Ciência da Informação sabe? e a grade que precisa mudar também né? essa coisa de focar em livro já não dá mais... a gente precisa estudar isso porque a gente tem que saber de onde a gente veio... mas a gente precisa focar um pouco mais na tecnologia porque é isso que o mercado tá demandando...*

*ELLEN (35 anos): Nossa... a sociedade vê assim eh:: como a profissão talvez desnecessária... uma profissão que vai acabar a qualquer momento.... eh:: uma profissão muito defasada... uma profissão que não... não se inovou... não evoluiu... eu acho que a sociedade vê...*

*claro que não é cem por cento... mas acho que no geral a sociedade vê assim...*

A fala de Dóris carrega elementos e discursos que vem atravessando a área há algum tempo, como o da mudança de nome, que, conforme discutido anteriormente, nas palavras de Francisco Souza (2004), denotam uma crise de identidade da profissão e a busca por uma valorização profissional através da simples mudança de nome (SOUZA, 2004) ou como se a inserção de tecnologias e o foco nelas fosse outra solução para a valorização profissional. Além disso, há uma culpabilização individual das pessoas pela imagem que a sociedade possui da profissão, como se esta fosse uma responsabilidade das profissionais e não estivesse atrelada a questões maiores, como as de gênero, por exemplo (SOUZA, 2014).

A crise do mercado de trabalho e o fechamento de postos de trabalho da profissão – recordando que, segundo dados da RAIS, houve uma retração de 10% no número de empregos como bibliotecária/o no país entre 2014 e 2021 – podem ser um dos motivos que levaram as entrevistadas a ter a visão de que a profissão está fadada a ser extinta. Dóris traduziu tal preocupação mais a frente, ao relacionar a perda de postos e a não criação de novos ao desmantelamento da educação:

*DÓRIS (37 anos): Eu acho que o desmantelamento das bibliotecas que eram nosso principal eh:: campo de trabalho... esse é o mais visível assim... só não vê quem não quer... a gente não tem oferta de trabalho pro número de pessoas que se formam... acho que mais e principalmente isso assim... ( ) o desmantelamento mesmo da educação como um todo né?*

Sob outra perspectiva menos pessimista, Raquel, Paola e Olavo acreditam que falta conhecimento por parte da sociedade sobre o que a/o bibliotecária/o realmente faz e isso leva a uma desvalorização da profissão:

*RAQUEL (41 anos): Eu acho que só é desconhecimento mesmo... é uma certa ignorância mesmo... é não conhecer... é não entender... é não frequentar a biblioteca mesmo... o dia que eu falei pra rádio eh:: Itatiaia né?... o CRB me chamou pra dar uma entrevista... eu falei "vou"... eu sempre vou... pra divulgar a profissão eu gosto muito... se for pra fazer matéria... divulgar... e eu sempre mando nos meus grupos de parentes... as minhas prima assistiram... a minha prima me liga e falou "Raquel, eu nunca soube que você faz isso. Como que é importante bibliotecária!"... então assim... é desconhecimento né? Falta... falta a gente se posicionar melhor eh :: divulgar... e quando eu tentei divulgar ainda me falou assim "ah mas você está sendo esnobe"... não é... eu acho que a gente não tem assim isso ainda tanto*

*igual tem na medicina... no direito... que divulga tudo né? a gente precisa mostrar mais mesmo...*

*PAOLA (56 anos): [...] eu tenho muito assim a questão enviesada a questão porque eu sou servidora pública né... então assim eu fico pensando será que vê? será que vê mesmo o bibliotecário? a sociedade tem essa dimensão? de vez em quando assim a gente tem aqueles ícones que lembra que existe a profissão... nós tivemos a Inezita Barroso que era um estudiosa da música popular brasileira... teve aquele né... programa maravilhoso por décadas... nós tivemos o Marco Maciel um político expressão e tal né... recentemente tivemos o aquele diretor de teatro né... que faleceu deve ter umas duas semanas... formação da bibliotecário... eu não sei se eu vou lembrar de mais... então assim... será que a sociedade vê mesmo? e essa coisa perversa da disputa... porque assim... deveria começar a ver na biblioteca escolar... o pai vai pro conselho de pais e quer o filho ocupe seu tempo lendo livros né... - - acho que talvez hoje menos não sei... não vou afirmar... será que hoje ainda se castiga os meninos mandando eles ficar quieto na biblioteca? pois eles hoje tem tablet... essas coisas - - então eu fico pensando...vê de que maneira?... por exemplo a Assembleia né... tem lá um analista eh :: de formação né... o cargo é analista... é bibliotecário... acho que tem bibliotecário né... tem amigos nossos que trabalham lá... do próprio Senado eh :: aquelas pessoas que estão lá eles... eles são reconhecidos como bibliotecários? como analista de formação da Assembleia? não sei... como é que... como é que traduz isso pra sociedade? bibliotecário senta aonde? [...]*

*OLAVO (41 anos): [...] aí são várias coisas eu acredito... são vários pontos mesmo... o primeiro assim... existe um desconhecimento... aquele que eu já falei naquela na outra pergunta que você fez né? que é um desconhecimento do que realmente o bibliotecário faz... eu acho que existe um desconhecimento nosso do que a gente faz... e a sociedade tem que... tem que entender isso... é que por exemplo nós não somos professores... então a gente não tem no caso uma didática né? para nenhum aluno... nem para nenhuma pessoa que vai buscar a informação... então a sociedade precisa aprender bastante o que o bibliotecário faz mesmo... e a gente tem um desafio enorme que eu acho que isso é mais importante ainda... de mostrar o que a gente realmente tem de potencial para mostrar para a sociedade... então assim... eu acho que a sociedade ainda pensa na bibliotecária de meia-idade de óculos atrás de um balcão...*

É nítido o esforço por parte das pessoas entrevistadas para divulgarem a profissão e quebrar aquilo que elas acreditam serem questões de desconhecimento da profissão por parte da sociedade. Entretanto, ainda que sejam válidas e importantes tais ações, Silvia Cardoso e Manuela Nunes (2015) destacam que ações isoladas não se mostram suficientes para alcançar um maior reconhecimento e valorização profissional, que é necessário o desenvolvimento de projetos conjuntos com o meio acadêmico e órgãos ligados à atuação profissional para que as

campanhas tenham maior alcance (CARDOSO, NUNES, 2015). Ao ser perguntado se as mudanças por que a profissão passou nos últimos anos têm colaborado para mudar a visão que a sociedade tem dela, Marco Aurélio citou ação da FEBAB e ressaltou que o trabalho de promoção e divulgação da profissão deve ser um esforço coletivo das/os profissionais.

*MARCO AURÉLIO (30 anos): eu acho que a gente precisava de ter um trabalho maior eh:: quase que de advocacy... a FEBAB tem tido um trabalho nesse sentido eh:: que a gente precisa de se atentar mais pra essa questão... eu acho que é um esforço coletivo eh:: tanto da percepção que as pessoas tem ao receber um atendimento... ao enxergar no bibliotecário uma... um profissional com disponibilidade... mas eu acho que a gente precisava de... de estratégias de formatação eh:: quase que de divulgação mesmo né? assim... pra que as pessoas tenham uma outra percepção do trabalho... e não somente pra aquela descrição de tarefas... de atribuições... mas eu acho que essa é uma questão muito mais do que eh:: relacionado ao próprio marketing... ao advocacy que está no dia a dia profissional... no bibliotecário... seja o que atua com atendimento... seja o que trabalha com processamento técnico... das pessoas entenderem nele eh:: um agente de transformação eh:: pra biblioteca não ser só um espaço de informação mas uma possibilidade de discussão e de criação de novos conhecimentos... então eu acho que eh:: além da dos órgãos de classe que tem um papel eh:: importante nisso...*

No fim de sua fala, Olavo trouxe novamente a questão do estereótipo da mulher de óculos sentada atrás de um balcão como possível visão que a sociedade tem da profissão. Este estereótipo é tão forte e tão arraigado no senso comum que outras pessoas trouxeram a mesma opinião acerca do tema. Renato e Laura, por exemplo, destacaram que acreditam que as pessoas ainda veem a/o profissional bibliotecária/o como uma pessoa parada e acomodada atrás de um balcão ou como alguém bem mais velho do que a sua própria idade:

*RENATO (36 anos): É é aquela coisa né? um guardião das leituras... um leitor que é cheio de livros eh:: uma pessoa ranzinza... mulher... quando você vai falar que é o bibliotecário as pessoas acham estranho... mas acho que é isso...*

*PESQUISADOR: Você ainda acha que aquela imagem da senhorinha com coque no cabelo, óculos, sempre pronta pra pedir silêncio, ainda persiste no imaginário das pessoas?*

*RENATO: Persiste... eu acho que persiste... eu lembro que uma colega minha falou que achava que eu era um homem ranzinza... um velho ranzinza... quando ela descobriu que eu era jovem... jovem... não sou mais jovem eh :: que eu era né? mais novo... ela ficou surpresa comigo porque eu trabalhava no remoto né? então assim...*

*quando ela me viu de cara ela viu que eu era uma outra pessoa... mas sim ainda acho que existe essa ideia de que bibliotecário são pessoas velhas assim... está OK... mas eu acho que existe uma coisa aí a esse ponto sabe? porque ser velho também é questão de ter experiência no mundo né? ter experiência... ter saber né?*

*LAURA (37 anos): E aí a sociedade... eu acho que... sinceramente?... é difícil falar isso porque eu não sei se hoje se as pessoas tem essa visão do bibliotecário lá sentadinho na mesa e brigando porque a pessoa chegou com o livro atrasado... MAS... eu não duvido que tenha não.. ((riu))*

Mesmo com a inserção das tecnologias – levantada pela maioria das pessoas entrevistadas como o ponto de maior mudança da profissão nos últimos tempos – elas acreditam, de modo geral, que tal inserção tecnológica no trabalho bibliotecário não colabora para a mudança da visão da sociedade ou que colabora muito pouco. Felipe ressaltou, por exemplo, que a sociedade ainda tem uma visão engessada sobre a profissão:

*FELIPE (44 anos): Acho que a visão da sociedade eu acredito que não sabe? ela é meio engessada ainda... porque nem todo mundo que vai eh:: a esses locais né... as bibliotecas... elas não são tão frequentadas assim... a gente sabe disso... o Brasil é um país que se lê muito pouco né... então assim... eu acho que a visão do público assim... ela continua um pouco engessada... ela não mudou não.*

Na fala de Felipe, é possível notar que ele se refere à visão de que a/o bibliotecária/o ainda pode atuar somente em bibliotecas. A busca pela desassociação da profissão ao ambiente da biblioteca e uma guinada para “o mundo da gestão”, conforme discutido anteriormente, coincide com uma necessidade de afastamento da visão tradicional da bibliotecária e com a entrada maior de homens na profissão, sobretudo nos anos 1990 e 2000. Dóris destaca que há muitas/os profissionais atuando em outras áreas, mas que o mercado ainda desconhece isso, não tendo estas mudanças refletido na visão da sociedade e sendo estas atitudes muito mais individuais que coletivas:

*DÓRIS (37 anos): [...] de certa forma porque como a gente tem muitos bibliotecários trabalhando na área de gestão né? eu acho que sim... acho que está eh:: absorvendo de alguma forma e está absorvendo esses profissionais... mas eu acho que não é uma iniciativa do mercado... entende? é uma ( ) do profissional.. ele que corre atrás pra ele se falar valer e se adaptar pro que o mercado não exige... o mercado ainda é muito limitado... e acho que ele ainda não entendeu... não sei... eu tenho essa visão.... tem muitos bibliotecários atuando em áreas que a gente tá descobrindo agora... sabe? trabalhar com eh::*

*chat box... inteligência artificial... coisas que são recentes ainda... né? então pode ser que o mercado ainda não tem conhecido esse real valor...*

De modo geral, as expectativas e desejos de uma valorização profissional por parte da sociedade permearam as respostas das pessoas entrevistadas quanto às visões que a sociedade tem da profissão. O baixo prestígio social a que a profissão bibliotecária vem sendo submetida ao longo dos anos reflete em uma visão muitas vezes pessimista a respeito da profissão, uma baixa autoestima e anseios de uma mudança e um reconhecimento que enfim virão por parte da sociedade. No discurso das pessoas entrevistadas, também apareceram certas individualizações da desvalorização profissional, como se individualmente as pessoas fossem culpadas pelo baixo *status* da profissão, e não a falta de uma construção coletiva que busque tal valorização. Além disso, tais aspectos denotam baixa percepção da ação de outras estruturas, como as de gênero, classe e raça, por exemplo, que operam no mundo do trabalho e que também subalternizam certas profissões.

## **6.6 Percepções de gênero na sociedade**

As diferenças entre mulheres e homens na sociedade e no mercado de trabalho ainda permanecem em muitos aspectos apesar da diminuição de certas desigualdades. Diversos fatores que vêm desde os anos 1970, como a queda de fecundidade, a maior participação feminina na política, a expansão na escolaridade e outras mudanças culturais, tiveram consequência na maior participação feminina no mercado de trabalho (ALVARENGA; VIANNA, 2012). Tereza, por exemplo, conta sobre as dificuldades que existiam na década de 1970 para as mulheres que queriam estudar e trabalhar fora de casa, mesmo para aquelas provenientes das classes trabalhadoras, como era o caso dela. Perguntada se trabalhar fora de casa foi um problema durante seu casamento, ela relata:

*TEREZA (73 anos): Ah eu ouvi muita coisa...*

*PESQUISADOR: Do seu esposo ou das outras pessoas?*

*TEREZA: Não... esposo... muito... mas eu estava determinada... foi o seguinte... tanto eu estava determinada a trabalhar... muito determinada sabe? ouvi... ouvi... mas nada mudou... não mudou assim meu plano*



*PESQUISADOR: Bateu o pé e continuou trabalhando, né?*

*TEREZA: Uhum... por isso que eu te falo... depende da gente... a gente que vai eh:: porque ela é escolha minha né? é um direito meu...*

No entanto, o aumento da escolaridade e da participação no mercado de trabalho não representam muitas vezes equidade de oportunidades e salários, mesmo nos estratos com maior escolaridade e em carreiras acadêmicas. Desta forma, buscou-se verificar a percepção das/os bibliotecárias/os entrevistadas/os quanto se há ou não diminuição das diferenças entre mulheres e homens na sociedade e como essa diminuição se dá (ou não). As respostas à questão foram muito variadas, com a maioria das pessoas reconhecendo que houve uma diminuição das diferenças entre homens e mulheres na sociedade nos últimos anos, mas muitas/os ressaltaram que ainda não há a igualdade ou que há muito ainda a ser conquistado, como as falas de Laura, Carmen e Raquel deixam transparecer:

*LAURA (37 anos): É... eu acho que existe sim... mas a gente tem muito que caminhar aí pra conseguir mais essa igualdade... ela existe... porque hoje existe a luta, né?... antigamente... porque assim... hoje existe a voz... a mulher pode lutar... ela pode falar alguma coisa... porque antes ela não podia nem fazer isso... isso já é um ganho... mas eu acho que ainda tem muita coisa a... a... a conseguir aí pra frente...*

*CARMEN (42 anos): Eu acho que a duras penas né?... pode ser que tenha... que esteja melhorando... mas assim é muita luta... muita luta... eu vejo isso assim né?... até com os pacientes que eu atendo como psicóloga... é muito difícil... mas assim o preconceito por ser mulher por exemplo ele ainda existe muito nos cargos de chefia por exemplo... a gente vê isso muito... eu vi isso muito acontecer com a maternidade assim... comecei a reparar como que eu tenho amigas que são excluídas de cargos por conta que vão ser mães ou estão naquela idade que... se não for até tanto... que tá pra ser mãe daqui a pouco eu acho que ainda existe mais...*

*RAQUEL (41 anos): Eu acho que todos os movimentos né? que a gente tem visto ajudou muito sim... né? tem ajudado muito sim... mas no Brasil ainda a questão salarial que ainda pega né?... então... mas eu acho que tem melhorado muito... muito... muito... mas ainda a gente tem muitas barreiras a vencer...*

A percepção das entrevistadas pode ser corroborada por dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do IBGE divulgados pelo DIEESE. De acordo com a pesquisa, no terceiro semestre de 2021, o rendimento médio por hora trabalhada das mulheres era de R\$ 13,89, enquanto dos homens era

de R\$ 15,25, uma diferença de quase 10%. Quando se lança o olhar para a população ocupada com ensino superior, a diferença é ainda mais gritante: o salário mensal delas é de R\$ 3.866,00 enquanto o deles é de R\$ 6.113,00, o que representa que elas ganhavam 63% do salário deles no terceiro semestre de 2021 (DIEESE, 2021). Tais dados demonstram que, ainda que tenham maior escolaridade, as mulheres ainda sofrem segregações no mercado de trabalho. Tais diferenças fizeram com que Dóris afirmasse que ela não percebia uma diminuição das diferenças entre os gêneros na sociedade:

*DÓRIS (37 anos): A gente tá vendo que não né? eu não sei... é porque antigamente existia a diferença mas ela não era escancarada né? e hoje a gente está vendo muito escancarado.... eu acho que ainda é uma questão eh :: o mercado é preconceituoso né? a gente também é né?... a gente vê algumas pessoas “ah, mas como assim” numa profissão majoritariamente de homens... ( ) motorista de ônibus... quando a gente vê uma mulher motorista de ônibus a gente fica “ai que legal uma mulher motorista de ônibus”... não é preconceito porque a gente não tá habituado a ver sabe? então a gente acha legal... mas não é pra ter essas diferenças... então assim... tem essas diferenças salariais... eh :: eu trabalhei em empresas que não tinham essas questões... então assim não foi tão marcante na minha vida... a gente tinha uma paridade assim entre os sexos né? na valorização... mas é uma realidade né? então não vejo diminuir muito não...*

Se, de um modo geral, há uma diferença salarial entre mulheres e homens no mercado, mesmo ao exercerem as mesmas tarefas, o serviço público se mostra como um local em que a equidade salarial entre os gêneros se apresenta, uma vez que nas carreiras públicas, os salários referentes às carreiras são definidos por normas. só tendo mudanças caso a pessoa ocupe cargo de confiança ou função comissionada. Das treze pessoas que participaram desta pesquisa, cinco são servidoras públicas e, por conta desta condição, Branca ressaltou que tinha dificuldade de perceber se há diferenças entre homens e mulheres no mundo do trabalho:

*BRANCA (37 anos): De um modo geral como a gente fica muito restrito ao serviço público a gente não vê muito essas discrepâncias... por quê? Porque o salário é igual... vai depender de cada um para você subir na carreira né? você não vai ter uma chefia que vai receber maior só porque é ele homem ou porque ela é mulher... então por isso que eu vejo que eu não tenho muito essa noção do que é a realidade lá fora quando sai uma pesquisa que os homens ganham mais que as mulheres... que os homens têm mais cargo de chefia do que as mulheres... eu particularmente eu não tenho acesso... eu só vejo o que é do que me traz de informação porque a nossa realidade no serviço público... pelo menos na questão salarial vai depender muito da pessoa... hoje a minha chefia por exemplo que já entrou... que entrou*

*antes que eu entrou em 2008... ele recebe muito menos do que eu porque não fez a capacitação que tinha que ser feita... os cursos que tem que ser feito na nossa carreira... então como eu estou no serviço público... em questão salarial e em questão muito de chefia... essas questões de cargo de confiança não tem muito... não é a minha realidade... eu não sei opinar... dar minha opinião sobre isso assim se realmente é... se realmente existe... porque realmente não faz parte da minha realidade eu não saberia opinar... falar assim “nossa realmente lá fora hoje existe” porque eu não sei não... eu não vejo... eu não vivencio e você falar de uma coisa que você não vivencia é muito difícil... falar assim “não é isso mesmo que é... é assim que é” porque realmente às vezes quem tem... quem trabalha numa empresa privada por exemplo que vive isso que vê a realidade né?... uma mulher que às vezes está lá muito tempo e vem uma promoção... vê um negro... um branco e um negro que tem salários diferentes... a questão... Então assim como eu não vivencio e o meu universo é um pouco diferente eu não sei como se dá...*

Entretanto, por mais que não haja diferenças grandes em termos de remuneração no serviço público entre homens e mulheres, quando se lança o olhar sobre a ocupação dos cargos de chefia que são remunerados nas bibliotecas da UFMG, por exemplo, percentualmente eles possuem algumas ligeiras vantagens. Segundo levantamento realizado junto a Departamento de Administração de Pessoal da UFMG<sup>94</sup>, a universidade conta com 131 bibliotecárias/os, sendo 93 mulheres e 38 homens. Destas 93, 4 bibliotecárias ocupam cargos de chefia com incremento na remuneração, ante 3 dos 38 bibliotecários, conforme dados da Tabela 4.

Tabela 4 – Número de bibliotecárias/os na Universidade Federal e Minas Gerais que ocupam cargos de chefia, por sexo.

	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>TOTAL</b>
Número de Bibliotecárias/os	93	38	131
Em cargos de chefia	4	3	7

Fonte: Elaborada pelo autor conforme dados levantados junto Departamento de Administração de Pessoal da UFMG

<sup>94</sup> A solicitação do número de bibliotecárias/os da universidade e quantas/os ocupavam cargos de chefia foi realizada em fevereiro de 2022.

De acordo com os dados da Tabela 4, pode-se considerar que há certa preferência pela escolha de homens para ocupar os cargos de chefia remunerados nas bibliotecas, uma vez que, mesmo representando 29% do total de bibliotecárias/os da instituição, eles ocupam 43% dos cargos de chefia disponíveis no Sistema de Bibliotecas.

Cabe destacar que os dados acima mencionados se refere ao número de bibliotecárias/os que ocupam cargos de direção/chefia dentro do Sistema de Bibliotecas da UFMG e que são remunerados por isso. Nas bibliotecas das escolas que compõem os *campi* da universidade, muitos cargos de coordenação não possuem remuneração, tendo as pessoas que os ocupam somente a função de coordenadoras, mas não recebendo a mais por isso. A Tabela 5 apresenta o número de mulheres e de homens que compõem os cargos de coordenação das bibliotecas das escolas do Sistema de Bibliotecas da UFMG:

Tabela 5 – Número de bibliotecárias/os na Universidade Federal e Minas Gerais que ocupam cargos coordenação, por sexo.

	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	<b>TOTAL</b>
Número de Bibliotecárias/os	93	38	131
Que atuam como coordenadoras/es das bibliotecas	20	8	28

Fonte: Elaborada pelo autor conforme dados levantados junto ao Sistema de Bibliotecas da UFMG.

Quando se lança o olhar para os dados da Tabela 5, que versam sobre os cargos de coordenação – não remunerados – eles passam a ocupar 29,57% das cadeiras. Tais dados demonstram que é possível que haja maior interesse dos homens por ocuparem as chefias das bibliotecas quando estas são remuneradas e que há uma tendência a eles serem escolhidos para ocupar os cargos de gerência quando há incrementos salariais, conforme os dados da tabela 4 demonstraram. Ellen conta que, na sua trajetória profissional, há uma preferência na empresa que trabalha pela opinião masculina sobre determinados assuntos:

*ELLEN (35 anos): Porque ainda tem lá... eh:: a área também é muito eh:: ainda tem muito preconceito... eh ainda tem um pouco de... de palavras preconceituosas... de um pouco de dessa discriminação... ainda vejo ainda... você fica como clássico...*

*PESQUISADOR: Você pode dar exemplos de algum caso concreto?*

*ELLEN: De eh:: às vezes ouvir a opinião de um homem e não ouvir a opinião de uma mulher... ou então a opinião da mulher é a mesma de um homem numa certa... teve uma reunião que teve isso... e só o homem que teve credibilidade... quando ele deu a opinião só ele que foi citado que deu a opinião... nessa minha área de atuação tem muito isso... preconceito contra as mulheres... [...] quando é o homem aí eh:: passa essa... o que feito... o que foi falado... todo o resultado... quando é a mulher custa a chegar nas últimas instâncias assim de liderança... do que foi feito... ou fala que foi feito em parceria...nunca a mulher está sozinha...quando... nunca o mérito é dela...*

Além das dificuldades salariais e de igualdades de oportunidade no mercado de trabalho, por exemplo, as relações desiguais de gênero e a divisão sexual do trabalho ainda imputam às mulheres as tarefas de cuidado da casa, da família, sendo elas ainda as mais responsáveis pelos afazeres domésticos. Cláudia Alvarenga e Cláudia Vianna (2012, p; 6) destacam que a Divisão Sexual do Trabalho também coloca em discussão a questão do tempo, uma vez que “os marcadores do tempo que impõem durações e ritmos da vida social e a cotidianidade, são distintos muitas vezes para homens e mulheres” e o tempo gasto nos trabalhos realizados no mundo público e doméstico são distintos para os gêneros (ALVARENGA, VIANNA, 2012). A questão do tempo dedicado ao trabalho remunerado e aos afazeres domésticos não remunerados foi levantada por Marco Aurélio em sua percepção acerca da diminuição das diferenças entre homens e mulheres – que para ele ocorreu em termos:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] eu acho que por mais que a gente possa pensar no... na incorporação da mulher no campo de trabalho... eh:: o papel da mulher na sociedade ele ainda é carregado por uma... uma percepção social que se tem de responsabilidades em relação ao cuidado do lar... eh :: e então por exemplo eu estou... estou te falando isso é difícil de... ( ) porque o papel da mulher na sociedade... ele é demarcado por uma percepção machista da realidade... ah tem incorporação da mulher no mercado de trabalho... tá mas em quais posições? remunerações são iguais?... a mulher chega em casa e ela também tem os afazeres do lar como se isso não fosse também eh:: afazeres do homem... então eu tenho dificuldade de responder objetivamente essa questão porque embora a gente observe avanços eh :: em alguns campos sociais eh :::: o papel social da mulher é carregado um pouco desse estigma.... [...]*

A percepção do entrevistado de que as mulheres ainda realizam grande parte das tarefas domésticas foi confirmada por trabalhos como o de Luana Sousa e Dyeggo Guedes (2016), que demonstram em pesquisa que compara os dados da PNAD de 2004 e 2014, que as mulheres dedicam mais tempo ao cuidado doméstico não pago e os homens mais tempo ao trabalho remunerado. Além disso, as autoras ressaltam que “as mulheres gastam, independentemente da região, doze horas a mais (no mínimo) que os homens em afazeres domésticos.” (SOUSA; GUEDES, 2016, p. 134).

A sensibilidade da questão da desigualdade entre homens e mulheres que ainda persistem na sociedade foi mencionada não só por elas, mas também pelos homens entrevistados, demonstrando que há uma percepção das relações desiguais de gênero também por parte deles, provocados também em grande parte pelo aumento das discussões em torno das questões de gênero na sociedade e na profissão bibliotecária. A próxima seção demonstra a percepção das pessoas entrevistadas sobre o gênero na profissão bibliotecária.

## **6.7 Percepções sobre as relações de gênero na profissão bibliotecária**

### *6.7.1 A proporção de homens e mulheres na profissão*

Os cursos de Biblioteconomia e a profissão bibliotecária, conforme explicitado, se tornaram altamente feminilizados ao longo do tempo e foram inseridos no rol de disciplinas marcadas e caracterizadas pela divisão sexual do trabalho. As/os bibliotecárias/os entrevistadas/os nesta pesquisa possuíram, no geral, a percepção de que a profissão é realmente feminilizada, mesmo reconhecendo que vem havendo uma maior procura de homens pelo curso nos últimos anos:

*CARMEN (42 anos): Ainda continua maioria de mulheres... eu lembro que na minha época era muito assim... durante o dia maior parte da sala eram mulheres e poucos homens e à noite isso mudava um pouco... talvez por aquele grande histórico de esse era o curso de espera marido então a mulher não trabalhava fora então podia estudar de dia... os homens trabalhavam por isso só podiam estudar à noite né?... eu acho que vem um pouco disso assim... hoje em dia... deixa eu pensar aqui... hoje em dia o curso é mais de manhã e de noite né?... mas hoje em dia eu acho que é meio.... eu não sei como é que tá não... mas eu acho que é quase igual assim... um pouco mais de mulheres...*

*OLAVO (41 anos): Aí eu acho que a maior parte é mulher... e é um achismo... mas deixa eu pensar... quando eu formei por incrível que pareça a minha turma era uma turma bem dividida... a gente tinha... eu não sei te falar necessariamente o número de porcentagem.... mas era quase cinquenta a cinquenta com uma pequena... com uma pequena vantagem para as mulheres... uma pequena vantagem para as mulheres... vamos colocar aí cinquenta e cinco mulheres e quarenta e cinco... que eu sou péssimo de matemática então vou fazer conta fácil... cinquenta e cinco por cento de mulheres e quarenta e cinco por cento de homem... mas na maior parte das vezes eu vejo mais mulheres... então a empresa que eu trabalhei que contava em certo momento com um quadro de... se eu não me engano também... mais ou menos dez bibliotecários... eram dois homens... dois homens... então assim no meu pequeno universo eu acho que é uma vantagem que as mulheres tem... acho que tem mais mulheres na Biblioteconomia que homem...*

*RENATO (36 anos): Eu acho que ele é setenta por cento feminino e trinta por cento masculino...*

O baixo prestígio e baixo *status* das profissões ocupadas majoritariamente por mulheres possui ligação com as relações de gênero e por elas serem feminilizadas. Em sua pesquisa, Beatriz Sousa (2014) identificou que, para as pessoas entrevistadas por ela, a entrada maior dos homens no curso traria uma maior valorização ao mesmo e à profissão, que passaria a ser vista como positiva (SOUSA, 2014). Mesmo não deixando claro se via ou não um problema em relação à feminização da profissão, a entrevistada Beatriz usou o adjetivo “melhorou” para se referir à maior entrada de homens na profissão:

*BEATRIZ (66 anos): Não eu acho que melhorou... eu acho que modificou... eu acho que modificou.... eu acho que hoje.... eu não sei qual que é a proporção de homem e mulher na escola tá? porque eu cheguei a ser convidada pra dar várias aulas na escola... na Biblioteconomia... depois de formada pra falar da minha experiência na área médica... nessa época vamos supor também eu não via tantos homens não... mas vamos dizer... tem uns vinte anos pelo menos que eu não vou dar... não entro na escola de Biblioteconomia pra dar nenhuma palestra está certo? então não sei como é que está hoje a proporção... eu tenho a impressão que está melhor.... agora eu não sei... eu acho que melhorou...*

Na pesquisa que Hugo Pires (2016) realizou com homens bibliotecários, ele demonstrou que a maior procura de homens pelos cursos de Biblioteconomia se deu sobretudo pela estabilidade profissional no serviço público, o que demonstra a busca deles por segurança no mercado de trabalho, além da oferta de cursos noturnos e o apreço pela profissão (PIRES, 2016). Ao compararem a profissão bibliotecária com as

de contador e analistas de tecnologia da informação, entre 1999 e 2009, Josmária Oliveira e Helena Crivellari (2013), também constataram que as profissões com maior profissionalização (como é o caso da profissão bibliotecária) possuem tendência de maior estabilidade salarial e de postos de trabalho. Para Laura, é esta valorização profissional o motivo que faz com que eles venham para a profissão:

*LAURA (37 anos): Eu acho que vem mudando... a quantidade vem... vem aumentando de homens... a quantidade de homens vem aumentando no curso... MAS eu acho existem alguns fatores sociais que demandam isso, sabe?... no sentido de que a Biblioteconomia ela vem sendo enquanto profissão valorizada, reconhecida, né?...e bem remunerada... assim não em todos os casos... mas em alguns casos específicos e aí vem essa tomada dos homens na profissão... e é por isso que eles perceberam que a Biblioteconomia é uma profissão interessante... e aí a gente vê que os homens estão vindo mas estão tomando o lugar das mulheres, né?... então eu acho que é isso... é uma coisa... eu avalio assim... é bom para a profissão porque a gente tá sendo reconhecido... valorizado... mas também é uma perda pro lado feminino, né?*

*PESQUISADOR: Você acha que o acréscimo de homens, a maior procura dos homens traz uma valorização profissional também?*

*LAURA: Não... eu acho que é o contrário... acho que existe a valorização profissional e aí os homens vem em busca disso... porque até então enquanto o bibliotecário era visto só como aquela mulher de coque que ficava sentada na salinha... os homens não tinham interesse nele... então eu acho que é o contrário... existe a valorização profissional... os homens vêm atrás dessa valorização profissional enquanto profissão... não enquanto uma profissão de mulheres... e... é:..... a gente acaba perdendo espaço por conta disso... pela concorrência, né?... é saudável? Sim... mas existe.*

Paola, em sua fala, também deixa clara a percepção de que os homens vêm se interessando mais pela profissão por ela proporcionar uma abertura de leque de oportunidades e de estabilidade profissional sobretudo para quem, segundo ela, já possui uma formação universitária:

*PAOLA (56 anos): Ahm... deixa eu ver... eu acho que tem muito homem hoje... eu acho que que vai avançando... eu acho que eles estão eh:: pode ser até uma questão... uma coisa que possa vir preocupar no futuro... entendeu? porque descobriram e estão vindo... entendeu? estão vindo pra área “Opa! Está aí maior profissão aí tranquila. Dá pra levar, não é tão estressante, eu gosto de tecnologia, eu gosto muito de TI, eu gosto de mídias sociais, eu vou encarar esse trem aí”... você entende? eu já tive estagiário com a formação em engenharia... filosofia e veio fazer Biblioteconomia... eh :: formada em matemática... professor de matemática... fazendo biblioteconomia sabe? um segundo curso... E na minha época né... e um pouco antes*



*-- eu saí com isso muito certo quando eu formei -- quando eu entendi fontes de pesquisa... fontes de informação eu falei assim "gente um bibliotecário ele pode ser o que ele quiser"... porque nós a partir do momento que a gente domina as fontes eh:: nós podemos estudar qualquer coisa... desenvolver o autodidatismo... se você domina TI... domina um idioma... um inglês... você acessa qualquer coisa nesse mundo... você entende? então a biblioteconomia abria portas eh:: ou pelo menos era possível vislumbrar uma segunda profissão né... e eu vejo hoje as pessoas já tem uma profissão e vem na biblioteconomia ainda que não tenha garantido o mercado.... [...]*

As relações de gênero e a divisão sexual do trabalho, conforme explicitado anteriormente, fazem também com que algumas características sejam comumente associadas aos homens e às tarefas que eles exercem e que denotam força, habilidade, racionalidade, poder, êxito, enquanto às mulheres são ligadas a adjetivos que denotam emoção, amor, cuidado, intuição, sujeição, associadas a uma "natureza feminina", que permeiam a construção das identidades de homens e mulheres, atravessadas por discursos que trazem consigo argumentos generificados (ABRAMO, 2007; PATEMAN, 2013; YANNOULAS, 2011). Tereza, em sua resposta, traz esta noção essencialista e acredita que há uma complementaridade entre homens e mulheres no mundo do trabalho, onde um colabora para cobrir "certas" falhas do outro. Mais à frente, ao ser questionada em que partes homens e mulheres podem se complementar, ela associa as tarefas realizadas pelos homens a características como força física, foco e firmeza. Além disso, ela considera que há mais confusões em ambientes com mais mulheres, pois a mulher possui a tendência a gostar de fofocas e da vida alheia:

*TEREZA (73 anos): Bom... na personalidade sabe? a personalidade do homem é diferente da mulher... nós somos mais... em determinadas situações eles são mais firmes... a gente cede mais e às vezes tem que ter o meio termo e as vezes tem que ter um lado só né? um lado mais positivo... na própria força física né? às vezes tem que carregar alguma coisa mais... e às vezes em habilidade... pequeno conserto... homem tem mais que a mulher... trocar um pneu de carro... até troco e qualquer mulher é capaz de trocar... mas o homem tem mais facilidade né? tem mais facilidade... eu acho que pela própria... pela própria vida né? desde criança eu acho que... e também... como eu te falei... pela personalidade... pra criar um ambiente de trabalho mais... mulher tem uma tendência né? muito tititi muita... o homem já é mais né? ele já é mais objetivo... ele num é muito focado assim naquelas coisas que nos atraem... vamos falar da vida dos outros? eu acho que uma equipe mista é muito interessante...*

A divisão sexual do trabalho e as relações de gênero foram apontadas por Marco Aurélio como algo que marca a profissão e a proporção de mulheres e homens

bibliotecárias/os. Para o entrevistado, as relações desiguais de gênero trazem uma carga negativa para a profissão e uma certa competição entre homens e mulheres pelos cargos de chefia nas bibliotecas, por exemplo, ou pela divisão das tarefas realizadas no trabalho:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Eh:: eu avalio com certa preocupação... porque fica claro nessa distribuição essa... essa noção histórica de divisão sexual do trabalho... e não é uma coisa sadia né? eh :: eu percebo às vezes em situações dia a dia... como se fosse uma briga interna de classes né? De homens e mulheres eh:: pelas... seja pela disputa de poder... seja por ocupar cargos de coordenação... de gestão... de chefia... então eh:: não sei se por conta dessa carga histórica eu acho que... eh:: eu observo com um certo... com certa preocupação como que eh:: essa divisão ela tem um peso... um peso grande eh:: diferentemente do que a gente observa em outros locais... sei lá a gente pensa na enfermagem que é uma profissão que historicamente tem muitas mulheres também... eh :: da percepção pública naquela ideia... não sei se eles tem as mesmas questões que a gente né?... dessa relação de... ou proporção de homens e mulheres na profissão?... então eu vejo como uma coisa eh:: complicadora na medida que ela eh:: termina impactando um pouco o trabalho... as divisões de atividades... um pouco daquela ideia de serviço braçal e serviço intelectual...*

Nas respostas das pessoas entrevistadas pode-se observar que elas percebiam a profissão como feminilizada e que, nos últimos anos, há uma maior procura de homens por ela – fato corroborado com os números anteriormente apresentados. Nas falas das pessoas, há uma associação deles aos “guetos” ocupacionais masculinos e vêm para a profissão buscando maior estabilidade profissional. As perguntas seguintes visaram identificar se as pessoas viam motivos específicos para a feminização da profissão.

#### 6.7.2 O porquê da feminização da profissão bibliotecária

Elisabeth Martucci (1996) demonstrou que, nos séculos XIX e XX, a aproximação da Biblioteconomia com a área da Educação pode ser considerada como um dos motivos que também levaram à feminização da profissão (MARTUCCI, 1996). De fato, as bibliotecas escolares são locais de trabalho ocupados majoritariamente por mulheres pela sua estreita ligação com a área do magistério e pela difusão de discursos que associam a mulher aos primeiros cuidados com as crianças, o que leva à naturalização da ideia de que estes postos de trabalho “devem” ser ocupados por elas. Ao serem questionadas por que elas consideravam que a profissão bibliotecária

se tornou, ao longo do tempo, uma profissão feminilizada, Branca e Ellen trouxeram esta impressão, de que havia uma ligação entre a biblioteca escolar e a profissão e que este seria o motivo de, ao longo do tempo, a profissão ter se feminilizado:

*BRANCA (37 anos): Eu acho assim... às vezes pode estar relacionada à questão de escolar... por exemplo as pedagogias às vezes poderia... era uma profissão considerada também de mulher e aí foi para a biblioteca também às vezes podia ser considerado uma questão de mulher... questões de função... poderia mulher que faz... tipo arrumar a casa aí você "é mulher que faz"... então às vezes por estar ligada a questão escolar... e aí o homem às vezes não querer ser né? não querer trabalhar com isso... então às vezes eu vejo que pode ter uma relação aí de início com a escola... coisa de escola... quem faz coisa de escola é mulher... professora sempre relacionado com a mulher... e aí a biblioteca é uma extensão... pode ser considerada uma extensão da escola então continua sendo como uma profissão de mulher... [...]*

*ELLEN (35 anos): Eu acho que foi lá desde o incincho... que era uma profissão mesmo de né? mulheres lá no início do curso né?... eh:: que vinha muito com essa parte de de... da biblioteca escolar né?... então ela tem um relacionamento mais com as crianças... então acho que tinha muito isso... essa coisa de ser mulher... então depois... isso foi passando de geração em geração... eh:: e isso foi custando a se quebrar assim né? essa... essa tradição né?... então por isso que eu acho que ainda é... que tem muito mais mulheres e também hoje até mesmo pela divulgação do curso... eu acho que falta ainda mais divulgação... então acho que ainda tem homens que não conseguem se ver dentro da biblioteconomia... eu acho que ainda tem isso dentro da sociedade... porque não sabe tipo assim... que não sei... talvez até mesmo pela... pela sociedade que nós... que a gente ainda vive né de preconceito e tudo... eu acho que ainda tem muito isso...*

Nas percepções das pessoas acerca da feminilização da profissão, apareceram com maior frequência certos aspectos generificados. Beatriz e Tereza, por exemplo, trouxeram a ideia de que a profissão bibliotecária permitia às mulheres que conciliassem o trabalho com a vida privada.

*BEATRIZ (66 anos): Acho.... agora eu acho também... sendo bem sincera com você.... que eu acho que durante muitos anos o curso foi fazer um curso para casar... um pouco antes da minha geração.... mas não é muito antes não... um pouco antes... eu acho que muita gente fazia um curso que era pouco tempo tá certo? e quando casasse ela podia trabalhar horário... ela podia largar... eu acho isso... preconceito... pode ser... é o que eu via na época...*

*TEREZA (73 anos): Pois é... mas é como eu te falei... porque eh :: quer dizer... não é o que se vê hoje né? mas o seu histórico ele vem evoluindo desta forma... mas é porque eu vi dessa forma eh :: o que acontecia... é que a mulher procurava uma profissão que mais eh :: ela pudesse conciliar outros sonhos que ela tinha... de casar... de ter*

*filho... isso sempre esteve presente na mulher... então ela já escolhia alguma coisa que futuramente ela pudesse conciliar.... eu vejo assim né? do homem eu não sei dizer o que que foi que atraiu ele na profissão.... eu não sei se é por causa da informática... eu não sei... pra mim é uma surpresa que eu gostaria de saber o que o que foi que atraiu e foi muito bom o homem ter sido atraído pra essa profissão...*

Cabe destacar que, na época em que Tereza e Beatriz se formaram (na década de 1970), a Biblioteconomia brasileira começava a se expandir e isso acontecia justamente por meio da criação de bibliotecas atreladas a instituições de ensino que se expandiam no país na década de 1970. Conjugada à maior saída das mulheres das classes média e alta para o mercado de trabalho, a Biblioteconomia se tornava opção para as moças das classes abastadas que “profissionalizavam-se no sentido de preservar a arte e o conhecimento dentro de sua própria esfera de classe” (BOTASSI, 1984, p. 4). Para Mary Ferreira (2003), a facilidade de ingresso, a oferta de cursos em horários matutinos – em sua maioria de curta duração (três anos) – e a facilidade de entrada no mercado de trabalho propiciaram a entrada na profissão de moças de boa família. Raquel e Marco Aurélio trazem a questão da procura de mulheres de classes mais altas para a profissão. Ela se lembra que, em sua trajetória, ela ouviu falas que diziam que a Biblioteconomia era a opção de curso de moças ricas e ele relaciona a feminização do curso da UFMG aos locais em que o curso foi ministrado em Belo Horizonte:

*RAQUEL (41 anos): Eu acho que até essa tradição... quando a gente entrou no curso eles falavam com a gente assim “ah na década de sessenta, setenta na UFMG só tinha direito, medicina, era pedagogia, era poucos cursos, mas a mulher da alta sociedade ela tinha que ter um curso, mas ela tinha que ter um curso mais tranquilo, que não exigisse tanto. Então ela ia fazer Biblioteconomia”... Tanto assim eh :: essas professoras mais antigas... tudo dessa época né?... todas ricas... milionárias... a gente não entendia porquê que as professoras estão tão ricas... tão endinheiradas... moravam naquelas mansões lá naqueles bairro chique... mas era por causa disso... porque vinham de famílias ricas que precisava ter um curso superior pra validar... então eh :: essa cultura ficou muito forte... até que foi ao longo dos anos foi mudando... mas eu conheci bibliotecárias mais antigas que eram milionárias.... A esposa mesmo do Doutor Albuquerque<sup>95</sup> ela era... ela era mais rica do que ele que era estudante de medicina quando ela conheceu ele... ela era de família rica e ele não... então assim tinha esse resquício né? cultural... mas hoje eu acho que isso com o tempo vai desfazendo um pouco... a gente vai perdendo essas origens...*

<sup>95</sup> Doutor Albuquerque é um nome fictício.

*MARCO AURÉLIO (30 anos): [...] eu desconheço de onde que vem eh:: ou a quais elementos a gente poderia eh:: atribuir... especificamente no caso de Belo Horizonte eh:: a partir da... das leituras que já fiz e da minha percepção... eu acho que tem relação primeiro com o lugar que essa que o curso é ofertado... eh :: o perfil dos docentes eh:: a gente pensa que o curso ele era instalado na região centro-sul da cidade... eu acho que ele tinha uma capilaridade maior pras mulheres eh:: de uma classe média alta da cidade eh:: por conta dessa ideia de trabalho intelectual talvez né?... mas que a gente viu que esse perfil foi sendo alterado nesses últimos setenta anos eh:: e hoje a gente tem uma formação de perfil social muito distinto desse lá da década de cinquenta em Belo Horizonte como eu estou eh :: relatando... então eu não saberia atribuir a quais elementos eh:: esse lance da feminização da profissão... mas eu acho que ele tem essas eh:: essas raízes um pouco sociais assim desses... dessas profissões eh:: das ciências humanas e das ciências sociais de uma forma específica... talvez a gente possa fazer uma leitura mais eh :: abrangente... então você pensa porque que os homens tem mais homens na engenharia do que na pedagogia?... então eu acho que a gente pode fazer um paralelo em relação a esse lance de trabalho intelectual... de trabalho braçal... infelizmente eu acho que esse é um dos argumentos que a gente pode evocar pra explicar isso...*

Outros cursos, como os de Enfermagem e Pedagogia, por exemplo, são cursos que possuem em comum com a Biblioteconomia a feminização, onde o discurso para incorporação das mulheres nessas profissões passou a trazer noções de zelo, cuidado, funções ditas como “naturais” para as mulheres, uma vez que, nas sociedades capitalistas, as tarefas de cuidado com a casa, com a família e o trabalho doméstico sempre recaíram sobre as mulheres (SOUSA, GUEDES, 2016). Laura traz bem em sua resposta a percepção de que as profissões ligadas ao cuidado são ocupadas por mulheres e, além desse motivo, a feminização da profissão bibliotecária pode ter se dado pelo fato de as mulheres buscarem ocupar profissões que os homens não gostariam de ocupar, pois carregavam baixo prestígio e baixa remuneração.

*LAURA (37 anos): Por conta... eh:: daquilo que eu te falei... porque as mulheres elas foram ocupando aquilo que os homens não ocupavam... aquilo que foi sobrando na sociedade as mulheres foram pegando, né?... Então essas profissões menos valorizadas... menos... menos remuneradas... elas foram ficando para as mulheres... então as mulheres foram tomando aqueles espaços que os homens não pegaram... e aí a gente ficou com a Biblioteconomia, com as licenciaturas, com a enfermagem... a ideia... as mulheres aí pegaram com essa ideia do cuidar, né?... as profissões que cuidam geralmente são destinadas às mulheres...*

Outra entrevistada, Carmen, também fez a associação com a lógica dos trabalhos realizados nas bibliotecas àqueles que eram realizados pelas mulheres

dentro dos lares. No mundo do trabalho, esta ideia foi transposta e elas passaram a ocupar a profissão, uma vez que ela demandava pouco tempo das mulheres fora do espaço do lar e eram espaços mais reservados:

*CARMEN (42 anos): Nossa... eu sei muito pouco de história da Biblioteconomia sabe?... eu acho que tem a ver muito com... tipo assim... com o início da profissão de ser em bibliotecas né? porque hoje em dia a biblioteconomia claro não está só dentro de bibliotecas... de coleções... mas as bibliotecas sempre foram locais onde que... dentro das casas onde as mulheres ficavam mais né? e os homens saíam para fora para trabalhar fora e as mulheres sempre dentro de casa... então esta coisa da... tudo o que era... vamos dizer assim... externo o homem fazia e o que era internamente dentro dos lares as mulheres faziam... então eu acho que assim é:... naturalmente a coisa foi caminhando para que as mulheres continuassem dentro desses espaços... que não aparecem tanto... que são mais reservados e que a mulher pode ficar mais reservada mesmo... que talvez demanda pouco trabalho e ela ainda pode continuar mantendo a casa né? assim no imaginário né?...*

A menção de algumas pessoas entrevistadas ao casamento e a conciliação que a profissão bibliotecária pode ter oferecido às mulheres entre a vida dentro do lar e a vida no mundo do trabalho, além da evasão destas após o casamento, podem ser considerados como motivos que levaram à associação da profissão a estereótipos como uma profissão “espera-marido”. Beatriz fez menção a este estereótipo e considerou esta visão preconceituosa, assim como Paola, que creditou a isso as origens da feminização da profissão, que seria uma profissão mais “leve” para as mulheres:

*BEATRIZ (66 anos): Acho.... agora eu acho também... sendo bem sincera com você.... que eu acho que durante muitos anos o curso foi fazer um curso para casar... um pouco antes da minha geração.... mas não é muito antes não... um pouco antes... eu acho que muita gente fazia um curso que era pouco tempo tá certo? e quando casasse ela podia trabalhar... horário... ela podia largar... eu acho isso... preconceito... pode ser... é o que eu via na época...*

*PAOLA (56 anos): É o mesmo que aconteceu... aí eu vou repetir o discurso daquelas professora lá atrás né... profissão espera-marido... Normalista... formada em letras... Pedagogia... profissão leve né... você entende? aí elas... a mulherada foi né... a mulherada foi embora né... hoje pode ser engenheira.... pode ser polícia.... pode ser sei lá eh:: condutora de máquina ferroviária... aviadora... pode ser o que elas quiserem ser... mas a raiz está aí.... acho que não tem outra raiz não...*

Cabe destacar que, assim como Carmen disse que não conhece muito a história da Biblioteconomia para que pudesse dizer por que acreditava que a profissão

bibliotecária havia se tornado uma profissão feminilizada, outras pessoas também disseram que não sabiam responder à esta questão, como Dóris e Felipe:

*DÓRIS (37 anos): Eu não sei né? porque antigamente os copistas eram essencialmente masculinos... eram homens... eu não sei em que momento a chave virou e a gente tomou o lugar deles... eu não sei te dizer porque isso aconteceu... eu vou estudar sobre isso e nem sei se tem resposta... eu não sei te responder essa pergunta... acho que é perfil mesmo... uma menina consegue ficar mais concentrada e menino não... não sei responder...*

*FELIPE (44 anos): Isso é uma boa pergunta... eu estava até pensando isso hoje... já pensando na nossa entrevista... estava tentando refletir sobre isso... e não sei... eh :: eu pensei nossa será que elas gostam mais de ler?... será que elas se identificam mais com... com o espaço da biblioteca?... ou será que eh :: já era ocupado por mulheres?... as mulheres foram ocupando cada vez mais né?... tanto é que a gente sempre teve a imagem da bibliotecária né... que é aquele estereótipo né... que geralmente é aquela senhora de óculos né... não necessariamente uma senhora... séria né... então acho que... mas eu não sei te informar assim te dizer que há um motivo específico pra isso...*

Tal fato corrobora a constatação de que o gênero e as relações de gênero são pouco discutidos na área, sobretudo nos cursos formadores, conforme Beatriz Sousa (2014) também já havia afirmado. Conforme este trabalho atesta, não se pode creditar somente um motivo para a feminilização da profissão – e não era um objetivo da pergunta procurar um motivo específico para isso, mas captar as percepções das/os profissionais a respeito da questão – mas a uma série de fatores que colaboraram para que o movimento acontecesse e que demonstra que o trabalho de bibliotecária/o está permeado pelas relações de gênero, em sua história, nas relações entre as pessoas que exercem a profissão e nas imagens associadas a ela. As pessoas aqui entrevistadas demonstraram vários destes fatores e muitos deles foram associados ao lugar que a mulher ocupou na sociedade durante a consolidação da profissão.

### 6.7.3 A divisão sexual do trabalho bibliotecário

Conforme explicitado anteriormente, na profissão bibliotecária ocorre uma das características da divisão sexual do trabalho, que é o das segregações horizontais e verticais. A primeira atua no sentido de determinar que a área é predominantemente feminina, o que reflete no seu *status* na sociedade e seu prestígio, enquanto a segunda diz respeito à segregação existente na execução de tarefas dentro do

ambiente profissional (SOUSA; PERUCCHI, 2013). Assim, buscou-se verificar se as pessoas entrevistadas percebem, em suas trajetórias, profissionais se há segregações e se determinados espaços são ocupados por mulheres e outros por homens.

De modo geral, as pessoas que responderam que há diferenciação nos espaços relataram que há vantagens para os homens ao ocuparem cargos de chefia e posições de destaque dentro das bibliotecas. Para Laura, por exemplo, os homens assumem com mais facilidade os cargos de gerência. Dentro da instituição em que trabalha, ela percebe que as mulheres vêm deixando de lado esses cargos, por não receberem nada a mais por eles e demandarem tempo e dedicação – que elas muitas vezes precisam dividir com os demais afazeres – e que os homens possuem maior disponibilidade para isso:

*LAURA (37 anos): [...] eu percebo que os cargos de chefia... os cargos que são mais valorizados dentro da profissão são ocupados por homens... e aí... por que o que acontece?... esses cargos também demandam maior retribuição... e é a retribuição de tempo... de esforço... de vontade, né?... não que as mulheres sejam preguiçosas ou que elas não queiram fazer isso... existem mulheres nesses cargos também, sabe?... mas eu percebo que hoje até dentro da universidade mesmo... que as mulheres não querem ocupar esses espaços... e aí por não querer ocupar esses espaços a gente perde, né?... perde muito... mas as mulheres não querem também... até pelo tipo de.. de valorização... porque tem isso, né?... as vezes a mulher não quer a valorização pelo status... pela fama... a gente quer o dinheiro (risos)... aquilo que vai fazer com que ela vá conseguir ter uma vida melhor... que vá proporcionar uma vida melhor para ela... pros filhos... pros pais... então se você não tem uma gratificação grande por aquele grande esforço que você vai fazer... você vai deixando de lado... e isso tem a questão do status, né?... e aí... se percebe que o chefe é o homem... mais por conta disso também...*

Raquel respondeu à questão no mesmo direcionamento e destaca que os homens chegam aos cargos de gerência com mais facilidade e também possuem maior respeito por parte dos superiores na hora de, por exemplo, pedirem aumentos de salários ou solicitarem algo.

*RAQUEL (41 anos): Não... eu acho esse o homem ainda consegue chegar nesses cargos de gerência mais fácil né?... por ser homem na hora de negociar um salário assim... igual por eu ser mulher negra me menospreza né?... consegue me humilhar... mas se fosse um homem peitava e falava assim “eu vou sair daqui agora”... o homem tem mais essa... essa autoridade... e até os meus colegas homens... eu tenho*



*um colega super fodão o Bernardo<sup>96</sup> que é gerente lá da (Nome da Instituição de Ensino Superior Privada A – suprimido) do sistema (Nome da Instituição de Ensino Superior Privada A – suprimido)... é outro nível... é um respeito muito maior... quando você é homem né? você vai... até um auxiliar de biblioteca.... quando ele... ele negociava com a minha gerente ele conseguia muito mais coisas porque ele é homem... ele peitava... e ela sedia.... mas a gente mulher não... então assim até com a diretoria assim eu vejo isso... que nesse sentido de... de subir na carreira né... de aumento de salário eh:: o homem ainda consegue mais fácil... que ele tem essa... esse poder maior assim né... de “ah não, o homem tem que ser mais bem pago é o chefe da família”.. mas eu sou chefe da minha família... sou eu que... mas por ele... essa questão tradicional então eles valorizam mais... eles pagam melhor pra um homem mas pra mulher não...*

Dois “guetos” profissionais podem ser associados a mulheres e homens dentro da profissão bibliotecária: a área da biblioteca escolar e as ligadas à tecnologia. Olavo e Renato foram dois entrevistados que demonstraram a percepção de que as mulheres estão concentradas nas bibliotecas escolares e os homens nas áreas de TI. O segundo ainda acrescentou que os homens ocupam os espaços mais rentáveis dentro da Biblioteconomia, sejam esses espaços os ligados às tecnologias, sejam eles os dos concursos que pagam maiores salários:

*OLAVO (41 anos): [...] eu fico pensando naquele estigma que eu falei no começo... eu acho que os homens têm essa tendência e mais vantagem em procurar algumas áreas de tecnologia sabe?... muito a parte de T.I... algumas vezes em gestão também... em cargos de gestores da nossa área... e as mulheres mais na parte de bibliotecas escolares e bibliotecas públicas... eu acho que sim... pode ser que eu esteja sendo reducionista aqui ou de certa forma reproduzindo o status quo do pensamento... do lugar-comum... mas eu acho que homens mais voltados para tecnologia levam vantagem nessa área... quando mulher é boa né... quando uma mulher é boa ou cara é bom... ele vai estar se sobressair de qualquer maneira... MAS ainda acho que tem ali uma predisposição para escolher algumas pessoas pelo gênero sim viu Hugo?... dependendo do tipo de cargo que você vai exercer naquela empresa... naquela instituição enfim... eu acho que sim... às vezes tem até... e na nossa profissão de bibliotecário eu acho que isso ainda fica no estigma de homens para tecnologia e mulheres para biblioteca escolar... biblioteca pública... alguma coisa de informação assim...*

*RENATO (36 anos): Ah eu acho que os homens estão no campo da tecnologia... geralmente eles estão nas bibliotecas jurídicas... de concurso público.... eles estão mais nas universitárias que são de concurso público também... que geralmente são aquelas que pagam mais...se você vai olhar... por exemplo... na assembleia acho que são duas mulheres que tem na assembleia... não sei.... acho que são duas*

---

<sup>96</sup> Bernardo é um nome fictício.

*e o restante é homem... você vai olhar.. por exemplo... nessas bibliotecas... por exemplo... no (Nome do Órgão Público de Fiscalização – suprimido) que eu trabalhei... agora eu sei que é um homem que está lá entendeu? então assim... eu acho que os homens tendem a se concentrar em lugares mais rentáveis... é igual a universidade... a universidade é quase basicamente masculina né? você vai ver em comparação com as mulheres... e aí quanto mais você vai descendo no campo educacional... mais ele vai ficando feminino e menos ele vai ficando masculino até chegar lá na base que é educação infantil... Pá (frase exclamativa) tudo mulher... e eu acho que na minha Biblioteconomia é a mesma coisa...*

Faltam estudos na área que comparem efetivamente as remunerações pagas a mulheres e homens bibliotecárias/os e se aprofundem acerca das diferenças que existem nos salários pagos na profissão. Talvez por conta disso, quando perguntadas se percebiam que havia diferenças salariais entre homens e mulheres na profissão bibliotecária, muitas/os entrevistadas/os não souberam responder concretamente ou disseram que não possuíam elementos para tal.

Entretanto, um levantamento realizado junto a RAIS (Tabela 6) mostra que, entre 2010 e 2020, os homens receberam maior remuneração que as mulheres na profissão bibliotecária em quase todos eles, exceto pelos anos de 2012 e 2013. Tal fato demonstra que há diferenciações de gênero na profissão que se traduzem em vantagens salariais para eles. Além disso, é possível verificar que há uma retração na remuneração dada às pessoas bibliotecárias ao longo da década, uma vez que a média salarial em salários-mínimos decresceu de quase 8 salários em 2010 para ambos os gêneros, para um pouco mais de 6 salários-mínimos no caso delas e de quase 6,5 salários-mínimos no caso deles.

**Tabela 6** – Média salarial, em salários-mínimos, de acordo com a CBO Bibliotecário (2010-2020), por sexo.

<b>Ano</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
2010	7,49	7,76
2011	7,63	7,82
2012	7,17	7,07
2013	7,02	6,85

Ano	Feminino	Masculino
2014	6,77	7,13
2015	6,94	7,39
2016	6,88	7,00
2017	6,57	6,83
2018	6,55	6,97
2019	6,32	6,73
2020	6,12	6,53

Fonte: Elaborado pelo autor conforme dados obtidos junto a RAIS.

Cabe destacar que mesmo as pessoas que responderam que não viam diferenciações entre os espaços de trabalho para homens e mulheres dentro da profissão bibliotecária, como Felipe, Ellen e Tereza, hesitaram em dar uma resposta assertiva e algumas delas, como Felipe, reconheceram que as mulheres ocupam determinadas áreas como o atendimento ao público. Entretanto, ele creditou tal fato a elas serem maioria na profissão e não a ocuparem estes locais apenas por serem mulheres:

*FELIPE (44 anos): [...] eu não tenho essa visão de outros locais... onde eu já trabalhei né... eu acredito que as mulheres são mais designadas assim pra... pras áreas de gestão né... as áreas meio eh :: embora elas também fiquem muito na ponta... no atendimento ao público... então como eu te falei... eh :: a impressão que eu tenho é que elas são a grande maioria... então como são a maioria absoluta elas... elas abrangem todos aqueles espaço ali... ocupam todos os espaços... entendeu... eu não... não vejo essa diferença assim entre homem e a mulher não... entre o bibliotecário e a bibliotecária...*

*ELLEN (35 anos): [...] eu acho... nossa eu acho que sim viu... assim porque é o que volta até a pergunta lá atrás... uma das primeiras... mas eu acho que eh :: é porque vendo os colegas... as pessoas que eu conheço estão... ocupando os mesmos espaços... aí eu não sei por exemplo porque já... às vezes uma... um profissional pode ter perdido a oportunidade de trabalho pra um homem ou pra uma mulher... não sei... mas eu vejo ocupando os mesmos espaços... agora a parte de... de contratação não sei... sabe assim? mas eu vejo todo mundo assim... homens e mulheres atuando nos mesmos espaços...*

*TEREZA (73 anos): Hoje eu vejo... eu não vejo tão nítida essa diferença não... essa diferença que eu te falei antes era no passado... porque o próprio curso ele era... ele tinha predominantemente mulher... eu acho que a partir do momento que começou atrair os homens... então outras disciplinas... outras habilidades passaram a incorporar a formação dos bibliotecários... eu acho isso né? eu não vejo isso hoje não... depende da competência de cada um...*

A afirmação de Felipe, no entanto, foi contraposta pelas falas de Branca e Carmen, por exemplo. Em suas atuações nas bibliotecas universitárias, elas destacam que os setores de referência – ligados mais ao atendimento ao público – são geralmente ocupados por mulheres, enquanto os cargos de processamento técnico (Branca destaca o setor de catalogação), mais valorizados dentro das bibliotecas da instituição em que elas trabalham, são ocupados por homens:

*BRANCA (37 anos): tirando alguns assim igual na UFMG que eu vejo alguns homens na gestão... mas igual eu te falei depende... tem que ver o que levou ele a estar na gestão... os outros setores sim... porque eu vejo que tem bibliotecários na catalogação... no setor de referência... na questão dos trabalhos do repositório... catalogação de trabalhos do repositório... então acho que dentro do meu universo eu creio que sim... apesar que eu acho que referência tem mais mulheres...*

*PESQUISADOR: Os homens fora dos cargos de chefia estão em quais outras situações?*

*BRANCA: A catalogação... o que eu percebo passando para as outras bibliotecas... mais catalogação... é... a questão da referência eu vejo poucos homens na referência... eu lembrei disso... pelo que eu vejo é muito pouco homens na referência... acho que os homens não tem muita paciência com atendimento não... principalmente no meu universo... os homens do meu... da minha biblioteca odeiam a referência e odeiam de ameaçar alunos se ver passando... então realmente acho que a catalogação hoje é mais ocupada por homens na minha percepção... a referência... que é atendimento... essa questão do público fica mais com as mulheres... agora pensando bem acho que é... passando pelas bibliotecas acho que eu...*

*CARMEN (42 anos): Olha... deixa eu pensar sobre isso... eu dei esse exemplo do cargo de chefia né?... que por serem mais mulheres pode ser que isso aconteça... na UFMG nos cargos de diretoria por exemplo... tem o... a gente pode se candidatar então é mais democrático assim... mas eu sempre acho que tem uma tendência de... tipo assim... nas áreas de referência colocar mulheres e nas áreas da biblioteconomia mais dura colocar os homens... e já vi muito isso acontecer...*

Inseridos também na sociedade e atravessados pelas relações de gênero, era esperado que houvesse, por parte do público, uma diferenciação entre o tratamento

dado a bibliotecárias/os dentro da biblioteca. Entretanto, a percepção de que as pessoas que frequentam as bibliotecas preferem ser atendidas por uma pessoa de determinado gênero ou de outro não foi unânime entre as pessoas entrevistadas. Das treze pessoas, seis consideraram que há uma diferenciação entre o tratamento dado a homens e mulheres bibliotecárias e cinco consideraram que não há a diferenciação – duas pessoas não souberam responder a esta questão.

Dentre as pessoas que responderam afirmativamente à questão (quatro das seis são mulheres), algumas respostas giraram em torno da questão do respeito que o público tem aos bibliotecários homens, fruto do imaginário de que o homem passa mais credibilidade, nas palavras de Ellen. Para Laura, há uma diferenciação ancorada na ideia de que as mulheres, para se mostrarem respeitadas precisam constantemente provar que estão ocupando os postos por capacidade:

*ELLEN (35 anos): Eu acho que sim... porque eu acho que... eu acho que as mulheres sofrem um pouco mais de preconceito... talvez a figura masculina passe um pouco mais de credibilidade... pelo fato de que achar que a que a bibliotecária é mais frágil sabe? eu sinto isso...*

*LAURA (37 anos): [...] a mulher ela tem que estar constantemente se mostrando digna de respeito... o homem ele já vem com isso, né?... então ela tem que estar constantemente provando que ela está ali por capacidade... de que ela é capaz... de que ela é competente... o homem ele já vem com isso estampado na cara... eu tenho essa sensação... às vezes nem é ((riu))....*

Além de terem que se mostrar respeitadas e de serem desrespeitadas por parte do público que atendem, outra dificuldade levantada por Felipe é a do assédio que as mulheres sofrem no ambiente de trabalho. O entrevistado relata que, no local em que ele trabalha, as bibliotecárias que atuam no atendimento ao público sofrem muitos assédios por parte dos homens que atendem, o que não ocorre caso haja um bibliotecário por perto:

*FELIPE (44 anos): Eu acredito que sim né... e isso é um problema... lá onde eu trabalho na... (referência à Identificação da Biblioteca – suprimida) né... eh:: tem um setor que ele é aberto ao público... e por ser aberto ao público elas recebem muito assédio de homens sabe... então eh:: eu acho que só que... qual que era a pergunta mesmo?*

*PESQUISADOR: Por parte do público, tratamento dado por parte do público, se há diferenças no tratamento dado a homens e mulheres.*

*FELIPE: É... exatamente. então isso pode ocorrer... essa diferença de tratamento né?... na questão do assédio... assédio aí que eu citei por*

*exemplo.... eles não assediam um homem né... ao contrário... se tiver um homem lá talvez até os intimide um pouco... agora como são só mulheres acho que tem essa diferença no tratamento... [...]*

Os assédios moral e sexual são problemas que permeiam o mundo do trabalho, que atingem na maior parte das vezes as mulheres e que estão ancorados nas relações de gênero. Uma pesquisa realizada pela empresa de gestão de recursos humanos Mindsight com mais de 11 mil pessoas em todo o país demonstrou que as mulheres sofrem três vezes mais assédio sexual do que homens no ambiente de trabalho, mas 97% das vítimas sequer denunciam o crime em grande parte por medo de retaliação e demissão (BARRETO, 2021). Outra pesquisa, desta vez realizada pela rede social LinkedIn e pela consultoria de inovação social Think Eva em 2020, mostrou que quase metade das mulheres entrevistadas relataram que já sofreram algum tipo de assédio no trabalho, seja ele moral ou sexual, sendo que a maioria das entrevistadas que já sofreu alguma forma de assédio sexual no ambiente de trabalho é composta por mulheres negras (52%) e que recebem entre dois e seis salários mínimos (49%), o que demonstra um recorte de raça e classe social no perfil das mulheres que sofrem abuso (CAVALLINI, 2020).

Os relatos de Branca e Marco Aurélio vão ao encontro dos outros e ambos destacaram outro problema relacionado ao tratamento dado por parte do público para homens e mulheres bibliotecárias. Muitos homens, quando estão sendo atendidos por alguma mulher e precisam resolver algum problema e não o conseguem ou há dificuldades no processo, brigam e/ou “crescem para cima delas”, comportamentos que não acontecem caso o atendente também seja homem ou que tenha um deles por perto:

*BRANCA (37 anos): Ah... eu vejo na questão de... assim... eu tive poucas experiências ruins... mas... você cresce para cima mais da mulher quando você vai falar... quando você vai reclamar do que para o homem.... então já tive muitas experiências das pessoas... ainda mais a questão da aparência por exemplo às vezes eu chego lá o pessoal me confundia muito com pessoal do terceirizado... ou que não era... que não me considerava como bibliotecária apesar de eu estar na sala quando ele procura “vai procurar a bibliotecária”... ele chegava na minha sala assim e colocar a cabeça e procurar na minha cara assim “mas cadê a bibliotecária”... e eu assim “não mas qual que é a sua demanda?”... então tipo assim eles não te respeitam... alguns casos isolados assim... mas eu tive caso de não me respeitar... e aí você vai no terceirizado e a pessoa conversa porque é o homem que tava lá no balcão... tem outra atitude... e comigo a pessoa cresce já teve caso de xingar... de brigar... de bater forte... bater em mesa... e*

*aí você chama a pessoa... a pessoa quando chama o terceirizado que tava lá comigo que eu tava gerenciando a equipe a pessoa já tem outro posicionamento... assim como o outro bibliotecário que é a chefia... que também ocupa a referência... de chegar e gritar comigo.. e eu falei assim “não vou chamar o outro bibliotecário” sem nem falar que ele era chefe por exemplo... e aí a pessoa já recua... então já tive muitos essa questão de você não ser levado... em não ter aquela posição firme porque eu vi... porque eu era mulher né?... porque ele poderia gritar... o usuário pode chegar e gritar na sua cara bater na mesa... e aí simplesmente que você acha que você pode fazer isso com uma mulher... então essas questões eu via sim... essa questão de não respeito de não ver você como um profissional ali... que está ali respondendo por aquela equipe...*

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Eu percebo diferença sim... eu já presenciei situações de pessoas ríspidas... de pessoas eh:: mal-educadas... deselegantes... e você vê claramente que é porque ele acha que é um homem porque está falando com uma mulher... então quando... quando chega uma outra... chega uma outra pessoa ou chega um homem eh:: você vê que a pessoa refuga sim um pouco nesse comportamento... eu acho que isso está ancorado naquela visão eh :: machista da realidade mas eu observo sim diferenças de tratamento que é dado a homens e mulheres... seja não só nessa questão que eu pontuei mas também nos espaços que essas pessoas ocupam.... quando elas vão ter voz.... quando elas vão ser ouvidas... eu observo sim eh:: diferenças em relação a essa questão...*

Conforme as percepções das pessoas entrevistadas, pode-se afirmar que, dentro da Biblioteconomia, há diferenciações entre os ambientes a que homens e mulheres são destinados/as a trabalhar, com eles sendo muitas vezes beneficiados pelos cargos de gestão e elas sendo direcionadas a áreas de atendimento ao público, por exemplo. Nestas áreas, elas enfrentam dificuldades no tratamento recebido por parte das pessoas que elas atendem, seja na necessidade de imposição maior de respeito, no tratamento ríspido recebido por parte do público ou nos assédios sofridos.

#### *6.7.4. Percepções sobre as vantagens em ser homem em uma profissão feminilizada*

As questões levantadas anteriormente levaram ao questionamento junto às pessoas entrevistadas se elas consideravam que havia vantagens ou não em ser homem em uma profissão feminilizada. As pessoas reconhecem que, de forma geral, há vantagens em ser homem bibliotecário, tanto pela visão que a sociedade tem dos homens que ocupam a profissão quanto pela facilidade para ocupar os cargos de chefia dentro das bibliotecas. Olavo destacou que, em uma sociedade permeada pelas relações de gênero, ser homem só traz vantagens:

*OLAVO (41 anos): Ela é vantagem única e exclusivamente por conta do preconceito de gênero... então assim eu sempre acho que ser branco e homem eu já levo vantagem... e não necessariamente... ainda que seja uma profissão... se a gente for pensar que ela seja uma profissão dominada por mulheres... se eu chegasse... eu poderia ser privilegiado de alguma maneira por ser homem.. acho que pode sim Hugo... eu falaria não necessariamente... eu já nem falo tanto pela formação eu já digo pela questão de ser homem... é aquilo... ser homem e branco você já leva vantagem... eu posso ser panfletário mas não é do ponto de vista panfletário não... é porque eu acho e é isso que a gente vê né?... eu não sei qual é sua pesquisa mas talvez seja isso que você tá querendo ver... mas é isso... ser homem é vantagem...*

A percepção de Olavo de que ser homem e branco traz vantagens na sociedade, pode ser corroborada pela pesquisa realizada por Christine Williams (1992), que identificou o efeito da “escada rolante de vidro” para homens que atuam em profissões feminilizadas, como as de bibliotecária/o, enfermeira/o, assistente social e professora/or do ensino básico. Segundo a autora, os homens que atuam em profissões “femininas” possuem certas vantagens quando estão nessas profissões, como a preferência em processos seletivos para determinadas ocupações, o maior respeito por parte das/os colegas e na divisão de tarefas realizadas dentro dos espaços de trabalho. Como as ocupações são compostas majoritariamente por mulheres, percepções generificadas acerca dos papéis, comportamentos e habilidades masculinas facilitam as suas ascensões profissionais. Nas entrevistas realizadas pela autora, foram relatados uma série de comportamentos das/os empregadoras/es e das/os próprias/os colegas de profissão que os beneficiam, fazendo com que eles ocupem, por exemplo, determinados postos de gestão ou ligados à ideia de “trabalhos masculinos” apenas por serem homens e após incentivos e cobranças de outras pessoas para que eles assumam estes cargos.

Por ter realizado sua pesquisa somente com trabalhadores brancos, a pesquisa de Christine Williams (1992) sofreu críticas por apresentar um recorte bastante específico de pessoas que possuem já privilégios de raça e que, por conta disso, também ascendem mais facilmente nas carreiras. O fenômeno da “escada rolante de vidro”, assim, atua com mais força e mais presença nas carreiras dos homens brancos e heterossexuais do que na carreira de homens negros e gays, por exemplo. Adia Wingfield (2009), em pesquisa realizada com enfermeiros negros, reflete acerca das questões que envolvem homens negros nos EUA e demonstra que o conceito de



“escada rolante de vidro” pode ser considerado como racializado, uma vez que determinadas facilidades encontradas por Christine Williams não podem ser estendidas a homens negros, como a aceitação fácil vinda das colegas de trabalho, por exemplo. Os estereótipos da cultura estadunidense associados aos homens negros – como violentos ou propensos a crimes – os prejudicam nas relações com suas companheiras de trabalho e na ascensão na carreira, sobretudo quando eles possuem chefes brancas/os. Desta forma, o conceito de “escada rolante de vidro”, para a autora, é um conceito que faz intersecção entre gênero e raça, que determina quais homens vão ter vantagens e quais não terão em uma profissão feminilizada.

A percepção de Renato quanto a ser um homem negro e gay na sociedade corrobora as conclusões da autora. Primeiro, ao ser perguntado se ele acredita que há vantagens em ser homem em uma profissão feminilizada, ele destacou que, por ser homem, ele é mais ouvido e credibilizado:

*RENATO (36 anos): Ah eu acho a gente tem mais vantagens em relação ao trato... em relação a ideia de que a gente possui mais conhecimento... a ideia de que a gente tem mais eh :: mais ciência daquilo que a gente está falando... o discurso proferido pelo homem ele é mais eh ::: ele é mais legitimado do que o discurso proferido por uma mulher... se eu digo algo e uma mulher diz a mesma coisa do que eu... aquilo que eu digo é mais legitimador... é mais legitimador... então sim... eu acho que nós infelizmente temos essa vantagem.*

Mais à frente, ao ser questionado se ser homem lhe trouxe vantagens em sua carreira profissional, ele reconhece que tais vantagens são minimizadas pela sua orientação sexual e pela cor de sua pele:

*RENATO (36 anos): Sim... em alguns pontos sim... como ser homem... mas como ser... aí eu acho que aí que atravessa a questão de ser homem... ser gay e ser negro né? então isso fez com que as minhas vantagens enquanto ser homem não me trouxessem tantas vantagens... você é gay e negro né? eu acho que a gente vivencia essa dicotomia assim...*

Apesar das importantes críticas ao fenômeno da “escada rolante de vidro”, pode-se considerar que há alguns benefícios para os homens na profissão bibliotecária, apenas por eles serem homens. Tal efeito pode ser exemplificado quando Carmen contou que as mulheres do seu setor sugeriram que ela renunciasse ao cargo de chefia do local em que trabalha e o deixasse para o colega homem, somente por ele ser homem:

*CARMEN (42 anos): [...] você sabe que eu ouvi outro dia de uma colega de trabalho isso? “ai a gente tem que deixar o fulano, nosso colega de trabalho ser chefe porque ele é homem”... uma colega minha bibliotecária... tipo assim ele vai ter mais autoridade sabe?... como se ele tivesse mais autoridade... eu falei “puxa, então tá eu vou deixar, né? vamos ver, vamos pagar pra ver se é isso mesmo”...*

No mesmo sentido, Laura considerou que as vantagens que os homens possuem em relação às mulheres na profissão advêm do fato de que, como eles são minoria, acabam se beneficiando de uma certa surpresa, de uma valorização por serem o diferente do que se espera de uma pessoa bibliotecária. Além disso, ela considera que eles possuem vantagens na ocupação dos cargos de chefia e na motivação que há nesses cargos por *status* e reconhecimento. Raquel considera que ser homem traz vantagens na profissão, uma vez que, para ela, ao chegar num ambiente feminilizado, o homem possui a vantagem de ser mais ouvido e mais respeitado. Tal comportamento advém, segundo ela, da valorização feita pela sociedade ao que é relacionado ao masculino:

*LAURA (37 anos): Primeiro porque é o diferente e o diferente geralmente ele é valorizado... é raro... existem os casos de o diferente não ser valorizado... mas eles são... por conta do status, né?... e por conta deles... deles... privilegiarem essas... esses cargos... essa atuação de coisas que as mulheres não estão pegando, né?... então o homem geralmente fica com os melhores cargos... as melhores remunerações... não no caso do serviço público... que isso pra mim é claro... é claro pra mim até pelo quantitativo dentro da universidade que as mulheres elas ocupam esse espaço sim... elas tomam esse espaço sim... mas a gente sabe que a questão do concurso público ela é mais igualitária... por conta do mérito, né?... ela não é a questão pela promoção pessoal, pela indicação... então eu vejo que é vantagem.*

*RAQUEL (41 anos): Eu acho que a vantagem é essa né? cê tem muita mulher aí de repente chega um homem e se põe melhor.. cê respeita mais... igual eu vejo o Everton lá na (Referência a uma Casa do Legislativo – suprimida)... Mayra também é concursada... mas o Everton despontou.. ele não é... não é só por ele ser homem não... ele é muito competente... ele é um... eu conheço o Everton<sup>97</sup> né? nós fomos padrinho da Mayra... ele é uma pessoa fora da curva... mas também o fato de ser homem né? dá esse upgrade... hoje a Mayra também já está gerenciando a biblioteca... mas ele foi sim... ele fodão... fodão... o Bernardo (Nome da Instituição de Ensino Superior Privada A – suprimido)... o Marco Aurélio lá na (Referência a uma Faculdade – suprimida)... então o homem tem essa autoridade né? melhor..... nesse sentido da sociedade mesmo valoriza mais mesmo assim...*

---

<sup>97</sup> Everton, Mayra e Bernardo são nomes fictícios.

Em contraponto ao afirmado por Laura, de que, por serem o elemento diferente na profissão bibliotecária, os homens possuem vantagem por isso, Dóris considerou que, exatamente pela profissão ser feminilizada, os homens possuem desvantagens no mercado de trabalho. Para a bibliotecária, considerando que há um desconhecimento por parte das empresas empregadoras de que os homens podem exercer a função em determinados espaços, eles acabam sendo prejudicados pelo próprio mercado na hora de conseguirem empregos:

*DÓRIS (37 anos): Eu não acho que seja vantagem né? porque se o mercado tá cobrando bibliotecária... não pode ser vantagem... eles estão à margem aí do mercado porque são homens... assim não é justo também do outro lado nas profissões masculinas as mulheres fiquem de fora... mas o que eu posso dizer? [...] sendo um mercado preconceituoso é uma desvantagem... sem dúvida... se o mercado não entendeu que pode ser ocupado por homens e por mulheres... que uma biblioteca escolar não pode ter um bibliotecário... sem sombra de dúvida os homens estão em desvantagem... tem nem o que discutir né... eh:: assim como a gente tem o oposto em outras profissões né? claramente os bibliotecários estão em vantagem... desvantagem né?...*

Ellen e Branca consideraram que há vantagens e desvantagens em ser homem em uma profissão “de mulheres”. Para a primeira, as vantagens residem na hora das facilidades de contratação, enquanto, para a segunda, os homens possuem vantagens por serem mais escolhidos para os cargos de chefia. Quanto às desvantagens, ambas seguiram a mesma linha de considerar que certos preconceitos são atrelados a eles por estarem em uma profissão feminilizada, sobretudo no que toca na questão da orientação sexual destes homens:

*ELLEN (35 anos): [...] eu acho assim pela minha vivência eu acho que é a mais vantagem... pelo fato do... da sociedade machista que a gente ainda vive... né? então acho que quando... entre um homem com os mesmos gabaritos de uma mulher bibliotecária numa contratação eu acho que o homem ainda tem uma vantagem... em todos os aspectos, né? porque o homem não tem eh :: não tira licença maternidade de seis meses enfim... de seis meses ou de quatro meses né?... e tudo... então acho que ainda tem essa vantagem... agora dentro do curso... hoje em dia eu acho que pode ter... dentro do curso de Biblioteconomia eu acho que ainda pode ter uma desvantagem... pelo preconceito mesmo.... preconceito de como era um curso majoritariamente feminino de sempre vir um preconceito em relação aos homens ou de achar que todos os homens que estão entrando podem ser... ter alguma coisa relacionada a “ah deve ser homossexual por isso que tem entrando” sabe?... eu acho que ainda tem esse preconceito esse pensamento da sociedade ainda... e dos próprios colegas mesmo... de colegas de faculdade... infelizmente pela sociedade preconceituosa que nós vivemos...*

*BRANCA (37 anos): Nossa eu acho que deve ser complicado por essas questões de... de ficar o tempo todo alguém fazendo piadas... fazendo gracinhas... esse trem deve ser muito complicado né?... hoje em dia a nossa sociedade que tudo as pessoas... tudo é brincadeira... tudo te cancela... tudo te... então o tempo ficar fazendo piadinha então eu acho que os homens podem sofrer por isso... mas também... eu não sei se outra coisa assim... eu vejo mais dessa questão mesmo mas como eu vejo que depende muito do profissional né?... independente de ser homem ou mulher o que vai fazer você de ser um bom profissional é você... o que vai levar você a conquistar um bom status... talvez falando isso no inverso... talvez... eu sei que diferenças existem principalmente nas particulares por mais que você se esforce né?... por mais que você tenha um bom trabalho tem muitas questões que influenciam... as vezes você tomar uma chefia... de você ter um aumento... então às vezes eu posso tá falando que depende de muitas pessoas mas sabemos hoje não depende... principalmente essa questão da mulher do negro que por mais que você se esforce um branco vai estar sempre à sua frente... mas são questões né que a sociedade... que passa pela sociedade hoje... as condições e relações... e condições sociais... mas se dependesse... se você também não correr atrás de... de... dessas questões também você não vai ser um profissional... então acho que o homem e a mulher dentro da profissão... dentro da profissão de mulher também acho que vai depender... e também se ele sobressair vai falar que é porque é homem também... tem essa questão... se você tá na chefia por mais que você tenha capacidade técnica igual eu vejo na biblioteca... ninguém quer... ninguém tá nem aí... aí você tem a capacidade e se você for um homem vão falar que você tá lá é porque você é homem... então acho sempre vai ter questões que te abaixam... pessoas que querem te puxar o tapete... não fazem nada para estar lá mas se você está lá alguém vai estar lá te falando né? que você está ali por outros os motivos mas... é... complicado...*

Os dados levantados anteriormente e os relatos feitos pelas pessoas entrevistadas demonstraram que há vantagens, dentro da profissão bibliotecária, para os homens que exercem a profissão, sejam em termos remuneratórios ou em oportunidades de ocuparem cargos de chefia e direção nas bibliotecas. O fenômeno da “escada rolante de vidro” parece ser real dentro da profissão e a desistência dos cargos de chefia por parte das bibliotecárias, por exemplo, demonstra que muitas vezes as concepções ancoradas em relações de gênero e construídas desde a infância creditam aos homens características que lhes associam a tarefas de maior responsabilidade que as desempenhadas pelas mulheres.

## 6.8 Um pouco do olhar para o futuro

Para finalizar a análise das entrevistas realizadas nesta pesquisa, optou-se por trazer um pouco do que as pessoas entrevistadas vislumbram como o que virá para o futuro da profissão, quais os desafios que a/o bibliotecária/o enfrentará no futuro e se elas consideravam que, de modo geral, as/os profissionais estavam preparadas/os para atuar nestas mudanças.

As tecnologias e as áreas ligadas a elas foram os desafios mais citados nas entrevistas e muitas das respostas dadas passaram pelo campo tecnológico em algum ponto. As tecnologias de informação e comunicação revolucionaram o mundo do trabalho e as identidades profissionais, sendo fator importante na construção das identidades e nas rotinas laborais, uma vez que “alteraram de forma substancial o fazer bibliotecário, ampliando e explicitando a quebra de fronteiras” (WALTER, 2004, p. 294) e, apesar de já estarem inseridas no trabalho bibliotecário há algum tempo, as atualizações das rotinas profissionais através delas ainda são consideradas como pontos fundamentais para o futuro da profissão, como nas respostas dadas por Branca, Ellen, Felipe e Raquel:

*BRANCA (37 anos): [...] eu coloco dando continuidade à questão dos trabalhos com gestão de informação digital... que realmente tá... é o que está se colocando... a questão do acesso aberto... essas questão dos repositórios que apesar de tudo tem que ter uma regulamentação muito definida... a lei de proteção de dados que nós não estamos preparados para trabalhar com isso... a LGPD... então isso aqui a gente tem que estar preparados porque a biblioteca não pensa muito nisso... igual essa questão dos dados... nunca pensamos nessa questão de você...[...]*

*ELLEN (35 anos): [...] eu acho que com essa... esse avanço muito né grande assim da área de TI... de inovação... acho que vai ser um grande... vai ser um grande desafio pra área... se a área não modernizar... não acompanhar... eh :: e as bibliotecas virtuais... eu acho que a biblioteca física essa coisa de acabar com a biblioteca acho que isso nunca vai acontecer... mas o grande desafio mesmo é o bibliotecário acompanhar as inovações assim... acompanhar mesmo e estar junto com esses avanços que é... todas as profissões... principalmente nós estamos na era tecnológica eh:: principalmente a área de sistema de informação... área de computação... a gente acompanhar isso de alguma forma...*

*FELIPE (44 anos): Olha... acho que a automatização dos processos né?... isso pode ser um... isso vai gerar um problema né... eh:: em questões de emprego eh :: essa adaptação a essas novas tecnologias*

*né... acho que tudo isso são desafios que o bibliotecário tem pela frente...*

*RAQUEL (41 anos): Eh:: eu acho que esse suporte todo tecnológico né?... aprender melhor... as tecnologias da informação da área de saúde... tão específicas... eu sempre fiz levantamento bibliográfico... mas a pandemia me ensinou fazer revisão sistemática numa profundidade metodológica muito maior... então assim eh:: esses desafios que a gente tinha assim de ausência de capacitação... eles estão sendo superados e os desafios que a gente vai enfrentar é esse... é estar aprendendo constantemente...[...]*

Dóris, infelizmente, conforme já tinha mencionado em outras respostas, acredita que a profissão será extinta em um futuro breve ou se tornar uma disciplina de pós-graduação. Para cumprir o desafio da sobrevivência, a bibliotecária acredita que é necessário que a profissão se reinvente e que a formação dada na universidade mude, buscando a inovação e sair da formação de “bibliotecários dentro da caixinha”:

*DÓRIS (37 anos): Eu tô com a ideia de que ela vai ser extinta... do jeito que ela está hoje sabe? com o CRB que para mim não nos representa... eh :: com uma grade muito ainda tradicional assim... muito focada na biblioteca tal como a gente conhece né? ( ) eu acho que como ela é hoje... ela está extinta... a gente tem uma tendência muito grande assim de virar só uma pós-graduação sabe? como é fora... eu não acredito no futuro da Biblioteconomia e da forma que ela está hoje não... triste né? mas é a verdade... [...] e tem parte assim... primeiro do curso... da grade do curso... ( ) eu vi as discussões que se envolveram na grade... com muitos alunos eles sentem demais pra mudar a grade com um pouco mais... vamos dizer assim mais inovadoras né?... menos tradicional... eu soube das discussões e eu fiquei bem triste porque assim... o curso perde né? porque você continua formando bibliotecários na caixinha... que só enxergam ali dentro das quatro paredes... e o mercado dá a resposta porque a gente tem muito bibliotecário desempregado...*

Se, para a bibliotecária, a profissão está à beira da extinção, Marco Aurélio tem uma visão um pouco diferente. O entrevistado afirmou que considera que a profissão não irá acabar, mas que precisa estar atenta às novas discussões em torno da gestão e do trabalho com dados, além de buscar se fortalecer enquanto classe profissional:

*MARCO AURÉLIO (30 anos): Essa é uma pergunta legal porque eu acho que primeiro a gente eh:: de se entender melhor enquanto classe... os bibliotecários precisam de sentar no divã... aparar suas arestas e se fortalecer enquanto classe... eh:: pensando nas questões gerais eh:: eu acho que tem uma questão importante que a gente não está dando eh:: muito ouvido que é o lance digital dos... mais uma vez dos algoritmos... colonialidade de dados... essa nossa conversa está sendo gravada... o pessoal do Zoom está mediando... eles estão vendo o que que a gente está falando... eu não estou falando só do...*

*do lado negativo disso mas de possibilidades de trabalho eh:: dos bibliotecários nessas plataformas com gestão de dados... inclusive gestão de dados de pesquisa e etc... eu acho que esse é um ponto importante... eu acho que a gente eh:: enquanto classe precisava de se organizar eh:: eu não sou... eu não sou partidário daquela ideia que a profissão vai acabar... o livro digital vai matar o livro físico... porque a gente tem uma visão muito metropolitana da vida... a gente mora em Belo Horizonte... Belo Horizonte é do tamanho da avenida do Contorno e tem gente que acha que isso é o caminho a verdade e a vida né?... mas se você andar vinte quilômetros pra dentro não pega nem internet em alguns lugares direito... eu vou lá pro sítio não tem internet assim... trinta quilômetros de Belo Horizonte eh:: então pra gente não ficar só com essa percepção eh:: da realidade metropolitana eu... eu acho que um dos desafios passa eh:: não... passa por essas questões assim da gente se organizar enquanto classe eh:: pra trabalhar com esses aspectos... não somente parte técnica de curso né? de organização de informação em formato físico... mas trabalhar com eh informação digital de uma forma eh:: mais generalista... Eu acho que uma parte do trabalho dos bibliotecários vai passar disso né? assim... senão a gente vai acabar tendo esses espaços somente como lugar de memória... não que só lugar de memória não seja eh:: importante mas se você pensar uma biblioteca dessa estrutura ser resumida apenas a espaço de estudo... não precisa ter o nome de biblioteca, né? é só botar uma sala... umas cadeiras... que o povo senta lá e estuda né?... então eu vejo o futuro da profissão um pouco disso... um pouco nesse sentido... [...]*

Para Renato, a profissão precisa conciliar o campo tecnológico e social na sua formação e na sua atuação profissional, reforçando o papel da/o bibliotecária/o dentro das bibliotecas e sua expertise em trabalhar nesses ambientes, buscando dialogar mais com a área educacional e não somente com a área das tecnologias de informação, que, para o entrevistado, contratam poucos profissionais:

*RENATO (36 anos): [...] é tentar eh:: conciliar o campo social e cultural com o campo tecnológico dentro da biblioteconomia... e aí nem falo de Ciência da informação... eu falo de biblioteconomia porque Ciência da Informação é outra conversa... então acho no campo da Biblioteconomia juntar eh::... porque a gente aceita muito discurso né? então acaba que o discurso da ciência da informação chegou assim com peso dentro da biblioteconomia e as pessoas aceitaram nó parabéns... e eu não estou falando de ciência da informação... estou falando de biblioteconomia... então eu acho assim... no discurso biblioteconômico tem que se pensar como.. - - que a gente tem que pensar aí a conciliação dessa Biblioteconomia dessa faceta mais cultural... social Biblioteconomia... educacional... com essa faceta mais tecnológica das técnicas... tentar agregar esses dois.. essas duas áreas que tem se deslocado e acho que muito por aceitação desse discurso mais tecnológico... de um discurso que vem de um viés de outras áreas... eu sou a favor... sou super a favor de diálogo de outras áreas... mas se tem diálogo com algumas áreas e se dispensado o diálogo com outras né? a biblioteconomia não dialoga com a educação... ela dialoga com a ciência da computação... mas*

*com a educação ela não dialoga.... então eu acho que o campo que tem que né? [...] porque vamos lembrar que quem contrata é as bibliotecas escolares... as bibliotecas públicas e as universitárias... campo tecnológico contrata um bibliotecário ali... outro ali... aí sempre vem um “ah, mas eu trabalho numa empresa de tecnologia, a gente tem que mudar o currículo”... mas aí quando você vai ver quantos são? não se chega a comparação de quanto são escolares... universitários e de bibliotecas públicas... então acho que o campo... o desafio do campo... é parar de olhar pra esses poucos e olhar para os muitos... enquanto olhar para os poucos a gente vai ter esse debate ( ) eu entrei em dois mil e quatro... a discussão da biblioteconomia parece que permanece até em dois mil e vinte e dois gente... que isso? não... tem que mudar uai....*

Longe de se pretender dar respostas definitivas, esta seção buscou demonstrar de forma mais livre as opiniões das pessoas entrevistadas acerca do que elas esperam da profissão, de como veem que as/os bibliotecárias/os estarão daqui a alguns anos e dos desafios que elas/es enfrentarão nos próximos anos no exercício da profissão. As respostas aqui apresentadas, no fim, demonstram os desejos das pessoas entrevistadas em fortalecimento da área, em valorização profissional e identitária do campo da Biblioteconomia. Mesmo no pessimismo de Dóris, pode-se ver uma esperança de que ela acredita que há um caminho para que a profissão não seja extinta conforme ela prevê e este caminho passa justamente pelo fortalecimento da área e sua atualização aos novos – nem tão novos mais – tempos assim.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades impostas pela realização de uma tese de doutorado durante a pandemia de COVID-19 – coimo as questões relativas ao distanciamento físico, a instabilidade na conexão de internet para a realização das entrevistas, por exemplo – foi possível concluir que, através das entrevistas realizadas e da análise destas, o objetivo geral da tese foi alcançado e foi possível verificar como as relações de gênero atuaram na trajetória das/os bibliotecárias/os entrevistadas/os. O gênero foi entendido, ao longo deste trabalho, como um conceito analítico que permite captar como as diferenças sociais entre as pessoas são calcadas em uma extensão da diferenciação biológica, onde há um processo de valorização e hierarquização de homens e mulheres na sociedade em que as atividades masculinas “valem” mais que as femininas (SCOTT, 1995).

Neste sentido, a construção das identidades é atravessada pelas relações de gênero – entendidas como relações de poder – e pelos discursos que legitimam e atuam para a (con)formação dos corpos. Os ideais de masculinidades e de feminilidades vão atuar no sentido de criar padrões de comportamento e expectativas em torno do que é ser homem e do que é ser mulher, bem como na incorporação da noção de que determinadas atividades são “destinadas” a mulheres e outras “destinadas a homens”. Tais discursos são difundidos e incorporados através das brincadeiras, da escola, dos currículos escolares e da família, por exemplo, que irão ligar as meninas a atividades que são ligadas ao mundo doméstico e ao cuidado da casa e os meninos à ocupação do mundo público.

Dentro das relações de poder, as opressões de raça e classe também irão atuar, articuladas com as de gênero na definição de papéis e na (con)formação das identidades, hierarquizando as pessoas por suas características, valorizando algumas – notadamente masculinas, brancas e heterossexuais – e subalternizando outras. É a articulação deste sistema de opressão gênero-raça-classe que atua na subalternização das pessoas negras e pobres e na destinação destas a empregos precários e informais, ou na hierarquização de salários, onde as mulheres negras são as que menos recebem, por exemplo.

Estes sistemas de opressão se mostraram presentes na vida de algumas das pessoas aqui entrevistadas no momento da escolha do curso que gostariam de cursar na universidade. Para aquelas que vieram das classes trabalhadoras e menos

favorecidas como é o caso de Tereza e Branca, por exemplo, a escolha do curso se deu por motivos racionais, de vislumbrar na profissão bibliotecária uma forma de continuar os seus estudos, de ter uma profissão e de romper com a situação em que viviam. Não houve, conforme uma análise inicial poderia sugerir, uma associação das mulheres optando pelo curso por motivos “emocionais” e os homens por motivos “racionais”, mas as respostas giraram em torno da facilidade de ingresso no curso, do conhecimento prévio da profissão fruto do contato com profissionais já formadas/os e do apreço pela leitura e pelos livros.

O mesmo ocorreu com as áreas de interesse das pessoas durante a graduação, onde não houve necessariamente um direcionamento das mulheres para as áreas técnicas e dos homens para as de gestão ou tecnologia. Por conta da influência em suas trajetórias e do contato desde a infância com bibliotecas escolares e por terem feito Biblioteconomia, alguns entrevistados homens, como Olavo e Renato, por exemplo, demonstraram interesse pelas áreas ligadas à educação, o que demonstra que não há, na trajetória destas pessoas, um preconceito de que as áreas não devem ser ocupadas por homens ou que são destinadas a mulheres, ainda que estes possam ser considerados “guetos” ocupacionais femininos na profissão, assim como os das tecnologias podem ser considerados “guetos” masculinos. Renato demonstrou uma percepção de como as relações de gênero atuavam nestas áreas ao narrar sobre como os professores homens que adentravam os cursos de Biblioteconomia gostavam de se afastar do que já era feito e se aproximar das áreas tecnológicas. A partir dos anos 1990 e 2000, é notória a valorização da área das tecnologias no campo da Biblioteconomia em detrimento das áreas técnicas e humanísticas da profissão, o que coincide também com uma maior entrada de homens no curso, demonstrando que a percepção do entrevistado se mostra calcada na realidade.

As discussões em torno das relações de gênero na profissão bibliotecária não apareceram formalmente nas disciplinas durante a graduação das pessoas entrevistadas, sendo a feminilização da área um assunto conversado somente entre colegas ou em pequenos comentários feitos por professoras/es. Tal falta de discussões demonstra a baixa preocupação histórica da área em entender como as relações de gênero atuaram na posição que a profissão ocupa na sociedade, além das imagens associadas a ela. Nos últimos anos, a intensa discussão de gênero na sociedade adentrou com maior força na profissão bibliotecária e é notório o aumento

do número de publicações que trazem a temática para a discussão da Biblioteconomia.

Tais relações de gênero vão atuar na formação da identidade profissional bibliotecária, construída através da visão que as pessoas têm de si em contato com o outro. A entrada maciça de mulheres em determinadas profissões ou ocupações faz com que estas profissões tenham suas remunerações diminuídas e haja perda de prestígio social da atividade (YANNOULAS, 2011) e as imagens que as pessoas evocam ao pensarem na profissão carregam muitas vezes aspectos generificados e de estereótipos que a sociedade associa a/ao bibliotecária/o. Assim, muitas pessoas entrevistadas responderam que as primeiras imagens que evocam ao pensar em uma bibliotecária se referiam a estereótipos comumente associados à bibliotecária, como uma senhora idosa de óculos e pronta para pedir silêncio.

Estes aspectos generificados também aparecem nas respostas dadas acerca das percepções sobre como as pessoas veem a profissão bibliotecária e se elas já sofreram algum preconceito por exercerem a profissão. De modo geral, as/os bibliotecárias/os responderam que as pessoas geralmente desconhecem o que elas/es fazem e quando o sabem, associam a/o profissional quase sempre à biblioteca tradicional. Este desconhecimento foi o motivo mais levantado pelas/os entrevistadas/os para relatar os preconceitos que sofreram, além das questões ligadas a ser mulher e a esta ser uma profissão feminilizada e às discriminações sobretudo de raça que marcaram a trajetória de entrevistadas/os negras/os.

As relações desiguais de gênero fazem com que aspectos como o baixo prestígio social, os baixos salários e os estereótipos associados a profissões feminizadas interfiram na identidade profissional das profissões e na autoimagem que as pessoas possuem a respeito da profissão que exercem. Para aquelas pessoas que acreditam na existência de uma identidade profissional bibliotecária, ela passa pela diversidade de espaços que a/o profissional pode ocupar, mas também pela afirmação da necessidade de valorização do fazer bibliotecário, uma vez que, assim como ressaltado pela entrevistada Branca, por ser a identidade bibliotecária uma identidade feminina, é necessário que a profissão trabalhe mais para mostrar seu serviço e seu valor.

Quando perguntadas a respeito de como viam as diferenças de gênero existentes na sociedade, a percepção das pessoas entrevistadas é de que, apesar de avanços e diminuição das diferenças, a igualdade não se concretizou, uma vez que

ainda existem preconceitos contra as mulheres no mercado de trabalho, mesmo dentro da profissão bibliotecária. Elas reconhecem que a profissão bibliotecária é feminizada e possuem a percepção de que, nos últimos anos, há uma procura maior dos homens pela profissão por motivos que passam pela pretensão de estabilidade profissional e pela consolidação da profissão, e que há vantagens dentro da profissão bibliotecária para os homens que exercem a profissão, sejam estas vantagens em termos remuneratórios, sejam estas vantagens nas oportunidades de ocuparem cargos de chefia e direção nas bibliotecas.

A lógica da divisão sexual do trabalho atua mesmo em profissões feminizadas e, na percepção das pessoas entrevistadas, há diferenciação nos espaços que mulheres e homens ocupam na profissão, onde locais como as bibliotecas escolares são associados às mulheres e as áreas de tecnologia são associadas aos homens dentro da Biblioteconomia. As diferenças de gênero também permeiam a relação das/os profissionais com o público e, na percepção das/os entrevistadas/os, há diferenças no tratamento dado por parte das/os usuárias/os a mulheres e homens bibliotecárias/os durante o atendimento e quando é necessário resolver a algum problema.

Longe de encerrar a discussão ou de dar respostas definitivas acerca do assunto e da atuação das relações de gênero na trajetória da Biblioteconomia brasileira, esta tese visa colaborar com a compreensão de que, notadamente marcada pelas relações de poder, a constituição da profissão bibliotecária traz consigo questões macrossociais, que perpassam pelas relações de gênero, raça e classe na sociedade. Apesar do enfoque dado no gênero na constituição da profissão, as respostas das pessoas às perguntas trouxeram elementos que remetem à interseccionalidade dos marcadores de opressão que atuam em conjunto na sociedade.

Neste sentido, a tese abre espaço para futuras pesquisas que se aprofundem nas relações raciais e de classe que, assim como as de gênero, atuam na constituição da profissão e no lugar que ela ocupa na sociedade. Também são necessárias pesquisas que aprofundem as diferenças de rendimentos entre homens e mulheres bibliotecárias e que coloquem luz nas vantagens que eles parecem possuir por estarem em uma profissão feminizada, verificando se o fenômeno da “escada rolante de vidro” atua na profissão e, caso atue, se é o mesmo para homens brancos, negros

e de classes sociais mais pobres e como as relações de gênero também atuam na trajetória das pessoas bibliotecárias LGBTQIAP+.

A ACD utilizada para a análise das entrevistas busca, além de desvelar as relações de poder contidas nos discursos e práticas das pessoas na sociedade, ser um instrumento de mudança social. Neste sentido, a confecção desta tese é, por si só, um elemento que colabora na compreensão de como as relações de gênero atuam nas trajetórias das/os profissionais em uma profissão feminilizada, além de permitir que se discuta profundamente as origens e o desenvolvimento da profissão bibliotecária utilizando o gênero como categoria de análise.

A formação de profissionais críticos e a construção de uma identidade profissional crítica passa pela compreensão das condições macrossociais que permeiam a atuação destas/es profissionais. Assim, trazer a discussão acerca das relações de gênero para dentro dos currículos formadores e para a universidade, pode colaborar para esta formação de profissionais e cidadãos críticos, que possam refletir mais profundamente acerca das origens, estigmas e estereótipos que caracterizam suas formações profissionais. As instituições universitárias também são atravessadas por relações de poder e atuam como instrumentos de difusão de discursos. Os currículos universitários, assim como os currículos escolares, também são atravessados pelas mais diferentes modalidades discursivas, advindas de setores como mercado de trabalho, economia, educação, pela disputa entre setores políticos, dentre outros.

Desta forma, a presente pesquisa abre também caminho para um aprofundamento acerca de quais formas a universidade e os currículos universitários também atuaram na constituição da profissão bibliotecária enquanto uma profissão feminilizada, bem como a comparação com outras profissões notadamente marcadas pela feminilização – como a de pedagoga e de enfermeira – pode ajudar na compreensão de como as relações de gênero atuam no mundo do trabalho.

Por fim, é preciso ressaltar que a realização desta pesquisa também provocou em mim uma profunda reflexão sobre como as relações de gênero atravessaram a minha trajetória pessoal e profissional. Realizar as entrevistas também foi realizar um mergulho na minha história, no meu processo de amadurecimento enquanto homem negro, gay, filho de pais da classe trabalhadora e que também viu na Biblioteconomia a oportunidade de ter uma carreira, de estudar em uma universidade pública, de traçar

um caminho que buscasse a melhoria de vida, caminho este que passa também pela busca da realização de um mestrado e doutorado. Foi possível perceber, na realização das entrevistas, como as relações de gênero marcaram a minha trajetória, em como o tratamento dado muitas vezes pelo público era diferente em relação às minhas colegas que atuavam comigo, seja na hora de discutir, seja no simples atendimento cotidiano.

Também me identifiquei com os desânimos apresentados por algumas pessoas entrevistadas em relação à profissão, com a necessidade de afirmação e validação que buscamos o tempo todo enquanto profissionais, mas, sobretudo, com a esperança de que a profissão bibliotecária é uma profissão importantíssima para a sociedade, que possui um futuro que não é o da extinção, mas de contribuição para a construção de uma sociedade mais igualitária e diversa. Para tal, é necessário que conheçamos e reflitamos sobre a nossa história, nossa identidade e nossa função social ou, como disse uma das pessoas entrevistadas nesta pesquisa, é preciso que nos sentemos no divã.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária? *In*: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana. (org.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: SENAC, 2007. p. 22-41.

ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves; CAMPELLO, Bernadete Santos. Graduação em Biblioteconomia: a formação do profissional da informação para o Século XXI. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 93-103, jan./jun. 2000.

AIRES, Luísa. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 129-143, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100007>. Acesso em: 02 set. 2022.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: notas introdutórias. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 48-75, out./dez. 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44463/pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

ALMEIDA, Carlos Cândido de; MANUEL, Rosa San Segundo. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 76-108, out./dez. 2021. Disponível em: [https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44464/pdf\\_1](https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44464/pdf_1). Acesso em: 02 set. 2022.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ALMEIDA, Neilia Barros Ferreira de; BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da informação: imagem, perfil e a necessidade da educação continuada. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 2 No 2, n. 2, p. 1-14, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/87155>. Acesso em: 02 set. 2022.

ALVARENGA, Claudia Faria; VIANNA, Cláudia Pereira. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: desafios para a compreensão do uso do tempo no trabalho docente. **Laboreal**, v. 8, n. 1, 2012. p. 1-26.

ALVES, Ana Paula Meneses; VIGENTIM, Uilian Donizeti. Mediação da informação e acessibilidade: a função social do profissional da informação para a inclusão e reconhecimento político das diferenças. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: FEBAB, 2013, p. 1-15.

ANDRÉ, Maria da Consolação. Psicossociologia e negritude: breve reflexão sobre o “ser negro” no Brasil. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 87-102, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v27n2/v27n2a10.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na Ciência da Informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 27, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/3364/2750> Acesso em: 02 set. 2022.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Regimes de visibilidade das práticas do profissional bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. especial, p. 164-172, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/96131>. Acesso em: 02 set. 2022.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues; CENDÓN, Beatriz. Valadares; CALDEIRA, Paulo da Terra; BAX, Marcelo Peixoto. Novo nome e novo paradigma: da Biblioteconomia à Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 5, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35621>. Acesso em: 02 set. 2022.

BARRETO, Elis. Mulheres sofrem três vezes mais assédio sexual nas empresas do que os homens. **CNN Brasil**, 09 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulheres-sofrem-tres-vezes-mais-assedio-sexual-nas-empresas-do-que-os-homens/#:~:text=O%20perfil%20dos%20autores%20dos,s%C3%A3o%20homens%20e%2038%25%20mulheres>. Acesso em: 02 set. 2022.

BATISTA JUNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. Introdução. *In*: BATISTA JUNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 7-17.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERALDO, Beatriz. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO – COMUNICON, 2014. **Anais [...]**. São Paulo: ESPM, 2014.

BERMÚDEZ, Mónica De Martino. Connel y el concepto de masculinidades hegemónicas: notas críticas desde la obra de Pierre Bourdieu. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 283-300, maio 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100015/24651>. Acesso em: 02 set. 2022.

BEZERRA, Beatriz Dantas Gomes; FERREIRA, Gleyson Henrique Lima. Divisão sexual do trabalho: rebatimentos da lógica patriarcal na vida das mulheres. **Includere**, v.3, n.1, p. 466-474, 2017. Disponível em:



<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7425>. Acesso em: 02 set. 2022.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Carro Biblioteca: acervos e serviços. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://bibliotecapublica.mg.gov.br/pt-br/acervo-e-servicos-carro-biblioteca>. Acesso em: 02 set. 2022.

BLACKBURN, Heidi. Gender stereotypes male librarians face today. **Library Worklife**, v. 12, n. 9, set. 2015. Disponível em: <https://ala-apa.org/newsletter/2015/09/08/gender-stereotypes-male-librarians-face-today/>. Acesso em: 02 set. 2022.

BONINO, Luis. Masculinidad hegemónica e identidad masculina. **Dossiers feministes**, v. 6, p. 7-36, 2003.

BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAGA, Mauro Mendes; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. **Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005**. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências. Brasília: Ministério da Casa Civil, 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/lei/111091.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/lei/111091.htm). Acesso em: 02 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Básica 2019**: resumo técnico. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_da\\_educacao\\_basica\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_basica_2019.pdf). Acesso em: 02 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Básica 2020**: resumo técnico. Brasília, INEP, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2020.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf). Acesso em: 02 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior 2020**. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 02 set. 2022.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Previdência. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS**: ano base 2020. Brasília: MTE, 2021. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/rais>. Acesso em: 02 set. 2022.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, Campinas, v. 37, n. 132, p. 537-572, set./dez. 2007.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. *In*: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (org.). **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003. p. 323-361.

BUFREM, Leilah Santiago; NASCIMENTO, Bruna Silva. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 3, v. 18, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/11473>. Acesso em: 02 set. 2022.

CABRAL, Ana Maria Rezende; DUMONT, Lúgia Maria Moreira. O centro de extensão da escola de Biblioteconomia da UFMG: uma trajetória voltada para o social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 19, n. esp., 1990. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71910>. Acesso em: 02 set. 2022.

CARDOSO, Sílvia Isabel Pinto; NUNES, Manuela Barreto. Auto-imagem e estereótipo do bibliotecário: um estudo centrado nos profissionais de bibliotecas públicas portuguesas. **Cadernos BAD**, n. 1, jan./jun., p. 23-44, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/98431>. Acesso em: 02 set. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 50-57.

CARVALHO, Jonathas. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia**: perspectivas históricas e objeto de estudo. Olinda: Livro Rápido, 2010. 99p.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, biblioteca e cultura. *In*: GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UFMG. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 16-19.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

CASTRO, César. **História da Biblioteconomia Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CASTRO, Mary. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, p. 80-105, 1992.

CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega; VIANNA, Márcia Milton. O curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 19, n. especial, p. 37-67, mar. 1990.

CAVALLINI, Marta. Quase metade das mulheres já sofreu assédio sexual no trabalho; 15% delas pediram demissão, diz pesquisa. **Portal G1**, 08 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/10/08/quase-metade-das-mulheres-ja-sofreu-assedio-sexual-no-trabalho-15percent-delas-pediram-demissao-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 02 set. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2022.

CHIÉS, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 18, n. 2, p. 507-528, maio/ago. 2010. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000200013/13664>. Acesso em: 02 set. 2022.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (org.). **Psicologia: o homem em movimento**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 58-77.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p.185-206.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, abr., 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso) Acesso em: 02 set. 2022.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; KLEIN, Carin, MEYER, Dagmar Estermann. Generificação das práticas curriculares: uma abordagem feminista pós-estruturalista. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 468-487, set./dez. 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Brasil: a inserção das mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: DIEESE, 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html>. Acesso em: 02 set. 2022.

DEWEY, Melvil. Women in libraries: how they are a handicapped. In: WEIBEL, Kathleen; HEIM, Kathleen M. **The role of women in Librarianship 1876-1976: the**

entry, advancement, and struggle for equalization in one profession. Londres: Oryx Press, 1979. p.10-12.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

ECCEL, Cláudia Sirangelo; ALCADIPANI, Rafael. (Re) descobrindo as masculinidades. *In*: FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo (Orgs). **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. p. 51-78

EMERENCIANO, Severino Jordão. O leitor e o bibliotecário. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, 1, 1954, Recife. **Anais [...]**. Recife: [s.n.], 1954.

FAIRCLOUGH, Norman. A dialética do discurso. **Teias**, v. 11, n. 22, p. 225-234, maio/ago. 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FERNANDES, Luis Antonio Bitante. Construindo identidades sociais: feminilidade e masculinidade. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31, 2007, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: Anpocs, 2007.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, n. 2, v. 15, p. 189-201, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115486>. Acesso em: 02 set. 2022.

FERREIRA JUNIOR, Amarilio; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez. 2008.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 510-553.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, v. 24, n.1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMvByhrN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

FORMIGA, Nilton Soares; CAMINO, Leoncio. A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 41-49, ago. 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/KNLgk79frZh9d5SQxB8kHxN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder (1982). *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

FOUCAULT, Michel. Poder e saber. *In*: FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da Motta (Org.). **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003. p. 223-240. (Ditos & Escritos, v. 4).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FREIRE, Isa Maria. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 58-67, ago. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/SG6YxJCGVwGTSckCcHTznDc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2022.

FREITAS, Maria Ester de; DANTAS, Marcelo. **Diversidade sexual e trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GALINDO, Wedna Cristina Marinho. A construção da identidade profissional docente. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 14-23, jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YDL7fhTPbzb9tQvd7YlKGSz/?lang=pt>. Acesso em: 02 set. 2022.

GARCIA, Mattea Anne. **Ask a librarian**: the profession, professional identities, and constitutive rhetoric of librarians. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia da Comunicação) – Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, 2011.

GARDEY, Delphine. Perspectivas históricas. *In*: MARUANI, Margaret.; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003. p. 37-53.

GOMES, Camilla Magalhães de. Gênero como categoria de análise decolonial. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/bRTKvzGxYTtDbtrFyLm5JNj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

GIACOMETTI, Maria Marta; VELLOSO, Maria de Fátima. Bibliotecária: uma profissão feminina. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v.10, n.1, p.15-16, jan./mar. 1987.

GONZALES DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero**, v. 1, n. 6, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4591>. Acesso em: 02 set. 2022.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. *In*: BATISTA JUNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 78-103.

GRIGS, Luciana. Mulheres na administração da Biblioteca Nacional brasileira. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação: celebrando a contribuição intelectual e profissional de mulheres latino-americanas**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 239-258.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro et. al. As mulheres praticando ciência no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1, jan./abr. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HIRATA, Helena. Conhecimento e ação política: divisão sexual do trabalho e teorias da interseccionalidade. *In*: RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; ALKMIN, Gabriela Campos (org.). **Gênero, sexualidade e direitos humanos: perspectivas multidisciplinares**. Belo Horizonte: Initia Via, 2017. p. 97-111.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura em bibliotecas escolares**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/07/apresentac%CC%A7a%CC%83oparapublicar2019.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a edicao Retratos da Leitura- IPL dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a%20edicao%20Retratos%20da%20Leitura%20-%20IPL%20dez2020-%20compactado.pdf). Acesso em: 02 set. 2022.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2.ed. Brasília: Autora, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES%20SOBRE%20IDENTIDADE%20DE%20G%C3%8ANERO%20CONCEITOS%20E%20TERMOS%20-%20Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf?1355331649>. Acesso em: 02 set. 2022.

KREMER, Jeannette Marguerite. Cronologia da Escola de Biblioteconomia da UFMG -1950/2000. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 17 - 23, jan./jun. 2000.

LEMOS, Antônio Agenor Briquet de. Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 1, n. 1, 1973. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/121849>. Acesso em: 02 set. 2022.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia; FRANÇA, Danilo. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). *In*: MARCONDES, Mariana Mazzini et al. (Org.). **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. p. 53-80.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURENÇO, Cíntia de Azevedo; DIAS, Célia da Consolação. 65 anos do curso de Biblioteconomia da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.20, n. especial, p.1-14, out./dez. 2015.

MAGDA, Rosa María Rodríguez. Género. *In*: COBO, Rosa; TRIVIÑO, Beatriz Ranea. **Breve diccionario de feminismo**. Madrid: Los Libros de La Catarata, 2020.

MARCONDES, Mariana Mazzini. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013. p. 251-280.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel; MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de. Teoria crítica, pedagogia crítica e competência crítica em informação: aproximações teóricas à ciência da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 1 – 23, out./dez. 2021.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do Magistério e da Biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225-244, jul./dez. 1996.

MATARAZO, Renata; GONÇALVES, Gabriela. Saiba como o termo 'ideologia de gênero' surgiu e é debatido. **Portal G1**, 03 set. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/03/saiba-como-o-termo-ideologia-de-genero-surgiu-e-e-debatido.ghtml>. Acesso em: 02 set. 2022.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e gênero. *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009. p. 222-231.

MELO, Iran Ferreira de Melo. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. **Letra Magna**, v. 5, n. 11, p. 1-18, 2009.

MELO, Iran Ferreira de. Histórico da análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JUNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 20-34.

MELO FILHO, Edmilson Targino; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. Enegrecendo o ENANCIB: a produção científica nas temáticas étnico-raciais no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Revista Folha de Rosto**, v. 5 n. Especial, p. 49-59, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136571>. Acesso em: 02 set. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MÜLLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade no “anos 1968”. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013. p. 299-334.

MÜLLER, Luciana Kramer Pereira; MARTINS, Carlos Wellington Soares. Uma profissão feminina, mas não feminista? Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, p. 92-111, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/127489>. Acesso em: 02 set. 2022.

NASCIMENTO, Anízia Maria Costa; FIGUEIREDO, Etienny Kellen Pinheiro.; FREITAS, Georgete Lopes. Redimensionamento do profissional da informação no mercado de trabalho. **Infociência**, v. 3, n. 1, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/60766>. Acesso em: 02 set. 2022.

NASCIMENTO, Maria Ivonete Gomes do; OLIVEIRA, Eliane Braga de. Mulher e gênero na produção científica da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20, 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019.

NASCIMENTO, Silvani Magali do; FERREIRA, Maria Mary; BATISTA, Ieda Cutrim. Gênero e universidade: uma abordagem na UFMA. In: PASSOS, Elizete Silva (Org.). **O gênero nas universidades do Norte e do Nordeste**. Salvador: UFBA, 1997.

NUNES, Silvia Alexim. De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea. In: ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE: SEGUNDO ENCONTRO MUNDIAL, 2, 2003. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Estados Gerais da Psicanálise, 2003.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/427/1/GildaO.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares; BUFREM, Leilah Santiago. Visibilidade da mulher como fonte de informação: mapeamento das produções científicas apresentadas no encontro nacional de pesquisa em ciência da informação (2009 – 2018). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA



INFORMAÇÃO, Florianópolis, 20, 2019. **Anais eletrônicos [...]**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123781>. Acesso em: 02 set. 2022.

OLIVEIRA, Jasmária Lima Ribeiro de; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Reconhecimento e estabilidade profissional: estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 14, Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/184656>. Acesso em: 02 set. 2022.

OLIVEIRA, Maria Regina de Carvalho Teixeira de. Construção e reconstrução da identidade profissional do docente universitário em sua trajetória de carreira em instituições públicas. 2013. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. Trabalho e gênero: a construção da diferença. **Mulher e Trabalho**, Porto Alegre, v. 3, p. 111-117, 2003.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 82p.

PAIM, Isis. A ciência da informação na UFMG: a trajetória do programa de pós-graduação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 5, n. especial, p. 105 - 110, jan./jun. 2000.

PARDO ABRIL, Neyla Graciela. Analisis crítico del discurso: conceptualización y desarrollo. **Cuadernos de Lingüística Hispánica**, n. 19, p. 41-62, jan./jun., 2012.

PASSET, Joanne E. Men in a Feminized Profession: The Male Librarian, 1887-1921. **Libraries & Culture**, v. 28, n. 4, p. 385-402, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25542592>. Acesso em: 02 set. 2022.

PASSOS, Mariana Faustino dos; BLATTMANN, Ursula. Pesquisadoras de gênero na Ciência da Informação. *In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis: ACB, 2018. p. 45-70.

PATEMAN, Carole. Críticas feministas à dicotomia público/privado. *In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Org.). Teoria política feminista: textos centrais*. Vinhedo: Horizonte, 2013. p. 55-80.

PEDRA, Caio Benevides. **Cidadania trans: o acesso à cidadania por travestis e transexuais no Brasil**. Curitiba: Appris, 2020.

PEDRA, Caio Benevides; JORGE, Enrico Martins Poletti. Expressão de gênero. *In: RAMOS, Marcelo Maciel; VALENTIN, Márcia Fernanda Ribeiro da C.; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá (org.). Dicionário jurídico do gênero e da sexualidade*. Salvador: Devires, 2022. p. 441-446.

PEDROSA, Cleide Emilia Faye. Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9, 2005, Rio de Janeiro. **Livro de resumo do IX CNLF**, 2005.

PENA, André de Souza; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; NEVES, Jorge Alexandre. O mercado de trabalho do profissional da informação: um estudo com base na RAIS comparando os anos de 1994 e 2004. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7, Marília. **Anais eletrônicos [...]**. Marília: UNESP, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/177001>. Acesso em: 02 set. 2022.

PEREIRA, Ana Maria; CAMARGO, Priscila Câmara.; ZAFALON, Zaira Regina. Estudo sobre o formato MARC21 em bibliotecas das universidades de ensino superior no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 25, n. 3, p. 462-476, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/151809>. Acesso em: 02 set. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres, ou, os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PIOTTO, Débora Cristina; ALVES, Renata Oliveira. O ingresso de estudantes das camadas populares em uma universidade pública: desviando do ocaso quase por acaso. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 21, n. 2, p. 139-147, 2016. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/2896>. Acesso em: 02 set. 2022.

PIPER, Paul; COLLAMER, Barbara. Male librarians: men in a feminized profession. **The Journal of Academic Librarianship**, Ann Arbor, v. 27, n. 5, p. 406-411.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade**: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. As mudanças curriculares da Biblioteconomia brasileira e suas relações com a generificação da profissão bibliotecária. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 20. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8668097>. Acesso em: 02 set. 2022.

PRETTI, Dino *et al* (org.). **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

PROGRAMA CARRO BIBLIOTECA. Serviços prestados. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://carrobib.eci.ufmg.br/servicos-prestados/>. Acesso em: 02 set. 2022.

- QUEIROZ, Tatiana Pereira. **Conhece-te a ti mesmo: a percepção dos egressos sobre a imagem de um curso de graduação em Biblioteconomia**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- RADFORD, Marie L.; RADFORD, Gary P. Power, knowledge, and fear: feminism, Foucault, and the stereotype for the female librarian. **Library Quarterly**, [s.l.], v. 67, n. 3, p. 250-266, jul. 1997.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 578-606.
- REIS, Alcenir Soares dos; XAVIER JUNIOR, Gesner Francisco; PIRES, Hugo Avelar Cardoso. Análise histórica da graduação em Biblioteconomia da ECI/UFMG: a interrelação entre o contexto social e as dimensões de subjetividade. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1, 2011.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, v. 26, p. 145-168, jan./jun., 2006.
- RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; SILVA, Adrienne Oliveira de Andrade da; SANTOS, Agatha Mariana Pinheiro dos; RODRIGUES, Carolina Carvalho; PONTES, Clara Faria de Souza; NASCIMENTO, Raquel Mariana da Silva do. A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. **Biblionline**, v. 9, n. 1, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16429>. Acesso em: 02 set. 2022.
- ROGGAU, Zunilda. Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. **Información, cultura y sociedad**, Buenos Aires, n. 15, dez. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-17402006000200002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402006000200002&lng=es&nrm=iso) Acesso em: 02 set. 2022.
- ROMEIRO, Nathália Lima; DOYLE, Andréa; BRISOLA, Anna. Por uma representatividade feminina nas bibliografias: um ensaio teórico militante *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 185-213.
- RUSSO, Laura. **A Biblioteconomia brasileira 1915 – 1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966, 357 p.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTO, Patrícia Espírito. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, n. 2, v. 14, p. 317-332, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/8968>. Acesso em: 02 set. 2022.

SANTOS, Yumi Garcia dos. Para onde vamos? Divisão sexual do trabalho e interseccionalidade como reveladoras das antigas e novas formas de desigualdade social e discriminação. *In*: RAMOS, Marcelo Maciel; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá; ALKMIN, Gabriela Campos (org.). **Gênero, sexualidade e direitos humanos: perspectivas multidisciplinares**. Belo Horizonte: Initia Via, 2017. p. 112-122.

SANTOS JUNIOR, Edilmar Alcantara dos. Trajetória acadêmica na Biblioteconomia e na Ciência da Informação: onde estão as mulheres pretas?. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Bibliotecári@s negr@s: perspectivas feministas, antirracistas e decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora; Selo Nyota, 2021. p. 119-160.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista? *In*: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador: UFBA, 2002. p. 89-120.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do regime militar. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez 1995.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SCHILLER, Anita R. The disadvantaged majority: women employed in libraries. **American Libraries**, Chicago, v. 1, n.4, p. 345-349, abr. 1970.

SICILIANO, Mell; SOUZA, Cleiton da Mota de; METH, Clara de Mello e Souza. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?. **Informação & Informação**, n. 2, v. 22, p. 144-165, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33868>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Andréia Sousa da; BURIN, Camila Koerich. A importância do letramento político: analisando o protagonismo das bibliotecárias à frente das entidades de classe. *In*: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 215-231.

SILVA, Danielle de Lima. Sistema de classificação documentária: CDD x CDU. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 2, p. 1-14, 2013 Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/81181>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Eduardo Valadares da. A integração da biblioteca escolar ao currículo. *In*: SILVA, Educado Valadares da; ALVES, Ana Paula Meneses; CAMILLO, Everton da

Silva; ZRRUEL, Marcelly Chrisostimo de Souza (org.). **Bonitezas da biblioteca escolar**: um guia para boas práticas. Belo Horizonte: UFMG, 2021. p. 17-36.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; PIZARRO, Daniela Câmara.; SALDANHA, Gustavo da Silva. As temáticas africana e afro-brasileira em Biblioteconomia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 18., 2017. **Anais...[...]**. Marília: UNESP, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104859>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Feminismo Negro e epistemologia social**: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/1166/1/Tese-Doutorado-Leyde-2020-vers%C3%A3o-bdtd%20%281%29.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Magali Lippert da; MORIGI, Valdir José. Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo, SP. **Anais eletrônicos [...]** São Paulo, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3098/2224>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia**: ciência e profissão, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hvgrqfghvbYX4tpGHHYXdWks/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SOTERO, Edilza Correia. Transformações no acesso ao Ensino Superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. *In*: MARCONDES, Mariana Mazzini *et. al.* **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: IPEA, 2013. p. 35-52.

SOUSA, Beatriz Alves de. **O gênero na Biblioteconomia**: percepção de bibliotecárias/os. 2014. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOUSA, Beatriz Alves; PERUCCHI, Valmira. Gênero na produção científica dos grupos de trabalho do ENANCIB: análise dos anais do XIII ENANCIB. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14, Florianópolis, 2013. **Anais eletrônicos [...]**. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/repositorio/2015/12/pdf\\_d84420f247\\_0000013936.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2015/12/pdf_d84420f247_0000013936.pdf). Acesso em: 02 set. 2022.

SOUSA, Luana Passos de. GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 123-139, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 02 set. 2022.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional “bibliotecário” no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX.

**Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. 18, v. 9, p. 90-106, 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39227>.

Acesso em: 02 set. 2022.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: UFSC, 2009. 189p.

SPUDEIT, Daniela Fernanda Assis de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da. O processo de socialização na construção da identidade dos bibliotecários em Santa Catarina. **Em Questão**, n. 3, v. 22, p. 56-83, 2016. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/89025>. Acesso em: 02 set. 2022.

VALENTIN, Márcia Fernanda Ribeiro da C. Mulheres negras e racismo. *In*: RAMOS, Marcelo Maciel; VALENTIN, Márcia Fernanda Ribeiro da C.; NICOLI, Pedro Augusto Gravatá (org.). **Dicionário jurídico do gênero e da sexualidade**. Salvador: Devires, 2022. p. 175-180.

VIEIRA, Josenia Antunes; MACEDO, Denise Silva. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JUNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 48-77.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>.

Acesso em 02 set. 2022.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Identidades, valores e mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação?. **Em Questão**, n. 2, v. 10, p. 287-299, 2004. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9791>. Acesso em: 02 set. 2022.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação, Universidade de Brasília,

Brasília, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5288/1/2008%20Maria%20Tereza%20Machado%20Teles%20Walter.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.17, n.3, p. 27-38, dez. 2007.

WILLIAMS, Christine L. The Glass Escalator: hidden advantages for men in the "female" professions. **Social Problems**, v. 39, n. 3, p. 253-267, ago. 1992.

WINGFIELD, Adia Harvey. Racializing the glass escalator: reconsidering men's experiences with women's work. **Gender & Society**, v. 23, n. 1, p. 5-26, fev. 2009.

XAVIER, Ana Laura Silva. **A presença do feminino na Biblioteconomia brasileira: aspectos históricos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2020.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em toron de uma categoria. **Temporalis**, Brasília (DF), v. 11, n.22, p.271-292, jul./dez. 2011.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Olá, bom dia/tarde/noite. Você está participando da pesquisa de doutorado que desenvolvo junto ao meu orientador Claudio Paixão Anastácio de Paula no programa de pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG. Nossa pesquisa possui como objetivo investigar como as (os) bibliotecárias (os) formadas (os) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) percebem as relações de gênero em suas trajetórias profissionais, além de buscar verificar se estas relações influenciaram a escolha do curso, os espaços que ocuparam e seus contatos com determinadas áreas da Biblioteconomia.

Conforme explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a pesquisa se constitui pela realização de entrevista semi-estruturada, com duração aproximada de 1 hora. As perguntas não visam causar qualquer constrangimento a você, mas caso não se sinta confortável em responder alguma das questões, você pode fazê-lo, sem nenhum prejuízo a pesquisa, bem como pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

Reitero que sua participação é voluntária e as informações prestadas serão utilizadas para fins desta pesquisa científica e de outras atividades estritamente acadêmicas. As entrevistas serão gravadas e transcritas posteriormente sem que haja qualquer tipo de identificação a você nos materiais produzidos a partir da realização desta entrevista.

### Identificação

1. Nome:
2. Idade:
3. Em relação ao gênero, como você se identifica? Caso seja necessário, eu posso te explicar os termos. ( ) Homem cis ( ) Mulher cis ( ) Homem transgênero ( ) Mulher transgênero ( ) Não-binária ( ) Gênero-fluído ( ) Outro
4. Como você se identifica em termos de raça/etnia? ( ) Preta/o ( ) Parda/o ( ) Branca/o ( ) Indígena ( ) Amarelo ( ) Não sei responder ( ) Prefiro não responder.



5. Qual sua orientação sexual? ( ) Heterossexual ( ) Homossexual ( ) bissexual ( ) Pansexual ( ) Assexual ( ) Prefiro não responder
6. Em que tipo de biblioteca você atua agora?
7. Já atuou em outras bibliotecas? Se sim, quais?
8. Você possui pós-graduação? Em caso afirmativo, em que nível? (*stricto sensu* = mestrado ou doutorado ou *lato sensu* = especialização)
9. Qual a sua renda pessoal e familiar? Caso você não se sinta confortável, você não precisa responder a esta questão: ( ) Menos de 1 salário mínimo ( ) Entre 1 e 3 salários-mínimos ( ) Entre 3 e 6 salários-mínimos ( ) Entre 6 e 10 salários -mínimos ( ) Mais de 10 salários-mínimos
10. Estado civil: ( ) Solteiro/a ( ) Casado/a ( ) Viúvo/a ( ) Prefiro não responder
11. Possui filhos? Se sim, quantos?
12. Em que ano você se formou em Biblioteconomia?

Trajetória para escolha do curso

13. Qual foi o seu primeiro contato com um/a bibliotecário/a na vida? Como foi esse contato?
14. Houve outros contatos relevantes?
15. Você gostava de ler? Este era um hábito da sua casa?
16. Qual a escolaridade do seu núcleo familiar (pais, mães, irmãs)? Eles possuem ensino superior?
17. Na sua infância e adolescência, como se dava a questão de brincadeiras? Havia diferenças entre “brincadeiras de meninos e de meninas”?
18. E na realização dos afazeres domésticos? Quem fazia o quê dentro de casa? Havia diferenças?
19. No momento da escolha do curso que você faria na universidade, como foi seu percurso até a escolha da profissão bibliotecária?

20. Houve algumas outras opções ou a Biblioteconomia foi sua primeira opção de curso? O que te chamava atenção em relação a essas outras opções?
21. E por que você optou pela Biblioteconomia? Houve algum motivo específico? (a baixa concorrência no vestibular, a estabilidade da profissão ou outro?)
22. A partir do seu ingresso no curso, como e quando você sentiu pela primeira vez que, de fato, você entrava em contato com a Biblioteconomia, que era aquela que seria sua profissão?

### Trajetória durante a formação

23. Houve alguma experiência, durante a sua formação, com algum professor ou professora que houvesse marcado positivamente o seu processo formativo? Houve outros?
24. E do ponto de vista negativo? Pode se lembrar de outro?
25. Como se deu a sua formação, no contato com as disciplinas. Quais áreas te interessavam mais? O que nelas te chamava a atenção?
26. Houve áreas que lhe eram incômodas ou que você avaliava negativamente? Por quê?
27. Você acredita que durante a sua graduação houve um direcionamento externo seu para determinada área de interesse? O currículo/matriz curricular influenciou nessa decisão? De que forma você acha que isso aconteceu?
28. Durante sua graduação, você sofreu algum tipo de preconceito que fosse relacionado ao gênero?
29. Você se recorda se houve, em algum momento da sua formação, alguma fala de alguma professora ou professor que identificasse ou indicasse que alguma tarefa bibliotecária seria mais indicada para um sexo específico ou caracterizada como de um sexo específico?
30. Você acredita que existam áreas dentro da Biblioteconomia que são mais relacionadas ao sexo feminino e outras ao masculino?

31. Você acredita que direcionou sua formação para áreas consideradas mais “masculinas” (ligadas a gestão, tecnologia etc.) ou “femininas” (biblioteca escolar, catalogação, serviços técnicos etc.)?
32. A questão de a Biblioteconomia ser uma profissão ocupada majoritariamente por mulheres foi um assunto levantado/debatido durante a sua graduação?

Percepção sobre o que é ser bibliotecária/o

33. Se eu te pedisse para evocar, com a sua memória, a imagem de um ou uma bibliotecária, que imagem lhe vem à cabeça? Como ela é? (investigar detalhes, sentimentos e percepções sobre a imagem) Obrigado, e se eu te pedisse para evocar outra imagem **diferente da primeira**, qual te viria à cabeça?
34. O que é ser bibliotecária ou bibliotecário para você? Como assim?
35. O que as pessoas dizem quando você conta que é bibliotecário/a? Elas sabem o que é isso/o que você faz?
36. Você já sofreu algum tipo de preconceito relacionado a ser bibliotecário/a? Você pode contar como ocorreu?
37. O que você entende pela palavra vocação? O que é vocação para você?
38. Você considera que ser bibliotecário/a como uma vocação? Se sim, por quê? Se não, por quê?

Percepções acerca de estereótipos/identidade da profissão bibliotecária

39. O que você entende por identidade? Como você descreveria esse conceito?
40. Você acredita que exista uma identidade da profissão bibliotecária? Como é ela? O que a caracteriza?
41. No seu ponto de vista, como a sociedade vê a profissão bibliotecária? Quais as imagens que a sociedade tem da profissão?
42. É comum que se diga que profissão e a área de atuação vêm passando por mudanças nos últimos tempos. Você tem observado que isso acontece? O que você considera como característico dessas mudanças?

43. Você acredita que o profissional bibliotecário tem se adaptado bem a essas mudanças? Por quê? Ele está preparado para tal? O que seria necessário para que ele estivesse? Ele recebe formação adequada para tal? Por quê?
44. Essas mudanças têm mudado a visão que a sociedade tem da profissão / ou ajudaram a mudar?
45. Quais são os desafios você acredita que virão para a profissão bibliotecária nos próximos anos? A formação em Biblioteconomia está adequada para esses desafios? O que você julga ser necessário para que isso aconteça?
46. O que você acha que existe na profissão que seja um foco ou um ponto de atração para que as pessoas se interessem por ingressar nela?

#### Percepções de gênero na sociedade

47. Você acredita que há, atualmente, uma diminuição das diferenças entre homens e mulheres na sociedade? Em caso afirmativo: Como essa diminuição se dá? Em caso negativo: por que você percebe que isso não acontece?
48. Você percebe que essa situação da pergunta acima é diferente hoje do que era na sua época como estudante?
49. Dentro da universidade, durante a sua graduação, você observa a existência dessas diferenças?
50. E na sua atuação profissional, você acredita que há diminuição das diferenças entre homens e mulheres?

#### Gênero na profissão bibliotecária

51. Falando da proporção entre homens e mulheres no curso e na profissão, como você avalia esse cenário?
52. Você conhece/tem contato com colegas que fizeram especialização, mestrado ou doutorado? Em caso afirmativo, você acredita que estas pessoas possuem vantagens profissionais por possuírem pós-graduação?
53. Em alguns cursos, como na psicologia, existe uma maior concentração de mulheres trabalhando em atividades que exijam apenas o nível de graduação

na área em comparação com os homens. No entanto, a partir da exigência do nível de pós-graduação, começa a acontecer um movimento de mudança e, em alguns casos, até de inversão desse quadro. Você acha que atuações diferentes desse tipo ou de outros aconteçam entre homens e mulheres na profissão bibliotecária?

54. Em outras palavras, homens e mulheres ocupam os mesmos espaços profissionais na profissão bibliotecária ou há diferenças nos locais de atuação? Como?
55. Caso haja atuações diferentes, você acredita que dentro da profissão bibliotecária essas diferenças se traduzem em maior ou menor oferta de oportunidades e em incrementos na remuneração dada para homens e mulheres?
56. Falando do tratamento dado por parte do público a bibliotecários/as, há diferenças no tratamento dado a homens e mulheres dentro do espaço da biblioteca/durante a atuação profissional?
57. Considerando que a profissão bibliotecária se tornou, ao longo do tempo, uma profissão ocupada majoritariamente por mulheres. Por que você acha que isso aconteceu?
58. Há mais vantagens ou desvantagens em ser homem em uma profissão feminilizada? Por quê?
59. Você acredita que a maternidade ou a paternidade possuem influência na ascensão (ou não), no crescimento profissional das pessoas dentro da carreira bibliotecária?
60. Você acredita que este fato possui alguma ligação com a visão que a sociedade tem da profissão? O que você pensa sobre isso?
61. O que você acha da remuneração média dos bibliotecários? Você acredita que há diferenças entre a remuneração dada a homens e mulheres?
62. E em sua trajetória, você acredita que ser homem/mulher lhe trouxe alguma vantagem/desvantagem em termos de oportunidades e/ou remuneração?

Percepção acerca dos currículos e gênero na profissão

63. Você acredita que os currículos dos cursos influenciam para que haja diferenças de atuação entre homens e mulheres dentro da Biblioteconomia? Se sim, como essa influência se daria?
64. Você acredita que a formação dada na universidade colabora para a criação para a manutenção da imagem que a sociedade tem da profissão bibliotecária?
65. Nos últimos anos, é comum ouvirmos que o/a bibliotecário/a pode atuar para além das bibliotecas, trabalhando em empresas, hospitais e demais espaços. Você acredita que isso realmente está acontecendo? Em caso afirmativo, você acredita que o profissional formado sai apto para atuar nesses locais?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezada (o) Senhora (or),

Eu, Hugo Avelar Cardoso Pires, orientado pelo Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula, estou desenvolvendo pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que possui o objetivo de investigar como as (os) bibliotecárias (os) formadas (os) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) percebem as relações de gênero em suas trajetórias profissionais, além de buscar verificar se estas relações influenciaram a escolha do curso, os espaços que ocuparam e seus contatos com determinadas áreas da Biblioteconomia.

Desta forma, gostaria de convidá-la (o) para participar desta pesquisa como voluntária (o), cuja coleta ocorrerá por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas de forma virtual através da plataforma Zoom. A entrevista será agendada previamente, conforme sua disponibilidade, será gravada e transcrita por mim e terá duração aproximada de 1 hora. Sua identidade e participação serão mantidas em sigilo e os dados da pesquisa não trarão dados que permitirão identificá-la (o), sendo seu nome substituído por letras e/ou números, sem quaisquer referências à senhora (or). Os arquivos contendo as gravações, as transcrições da entrevista e as anotações feitas durante a entrevista, não serão acessados por outras pessoas além de mim e do meu orientador e tais registros serão armazenados por um período máximo de 10 anos e serão destruídos, a seguir. Em caso de menção futura a este estudo ou utilização dos dados desta entrevista, sua identidade continuará sendo mantida em sigilo.

Os riscos de participação nesta pesquisa são mínimos e as perguntas realizadas não visam causar qualquer tipo de desconforto à senhora (or), mas caso não se sinta confortável com qualquer uma das questões, a senhora (or) pode não respondê-la e também, caso assim deseje, pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou prejuízo. Para tal, basta entrar em contato comigo ou com meu orientador através de telefone ou e-mail contidos no fim deste Termo. Além disso, diante de eventuais gastos decorrentes da pesquisa, a senhora (or) poderá buscar reembolso nos termos da Res. 466/12

O benefício de sua participação nesta pesquisa será o de colaborar para que se possa perceber como o gênero atua nas escolhas, em espaços de atuação diferentes para mulheres e homens e em suas trajetórias profissionais, mesmo no interior das mesmas profissões, podendo contribuir para compreensão da constituição da profissão bibliotecária e sua visão na sociedade.

Reitero que sua participação é voluntária e as informações prestadas serão utilizadas para fins desta pesquisa científica e de outras atividades estritamente acadêmicas, como dissertações de mestrado, teses de doutorado, palestras, artigos científicos, dentre outros. Todos os procedimentos serão conduzidos por mim e pelo meu orientador, sem nenhum tipo de gasto ou ônus para a senhora (or).

Este termo encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será fornecida a (o) senhora (or) e a outra será arquivada comigo. Em caso de dúvidas a respeito da conduta ética da pesquisa, a (o) senhora (or) poderá entrar em contato com o COEP-UFMG, cujos contatos estão listados abaixo.

Rubrica do Pesquisador: \_\_\_\_\_

Rubrica da (o) Participante: \_\_\_\_\_

Após estes esclarecimentos e caso seja de seu desejo participar da pesquisa, solicito que assine este Termo de Consentimento Livre Esclarecido, em duas vias de igual teor:

Eu \_\_\_\_\_,  
portador(a) do RG.: \_\_\_\_\_, compreendo que minha participação nessa pesquisa é inteiramente voluntária e que, desta forma, tenho toda liberdade de recusar ou retirar meu consentimento em participar desse estudo sem penalidades. Os dados obtidos por meio da minha participação nesse estudo serão documentados, sendo de meu consentimento a divulgação dos mesmos, mantendo a confidencialidade de minha identidade em contextos acadêmicos e publicações científicas.

Registro, também, que ( ) autorizo ou ( ) não autorizo

o registro dos dados para compor um banco de dados para pesquisas futuras.

Data e Local: \_\_\_\_\_

Assinatura da (o) participante: \_\_\_\_\_

Telefone/e-mail: \_\_\_\_\_

Pesquisador:

Hugo Avelar Cardoso Pires

Telefone: (45) 99925-6786

e-mail: hugoavelar.pires@gmail.com

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Orientador:

Prof. Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula

Telefone: (31) 98419-1332

e-mail: claudiopap@eci.ufmg.br

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, a (o) senhora (or) poderá consultar:

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) - Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901



Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)

**APÊNDICE C – LISTA DE DIRETORAS/ES E VICE-DIRETORAS/ES DA ESCOLA  
DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UFMG (ECI/UFMG)**

<b>Ano</b>	<b>Diretoras/es e vice-diretoras/es</b>
1950-1951	<b>Profa. Etelvina Lima</b>
1952-1953	<b>Profa. Cacilda Basílio de Souza Reis (substituta)</b>
1954-1963	<b>Profa. Etelvina Lima</b>
1963-1973	<b>Profa. Maria Martha de Carvalho</b> Vice-diretores: Elton Eugênio Volpini, Maria Romano Schreiber
1973-1976	<b>Profa. Jandira Batista de Assunção</b> Vice-diretoras: Maria Romano Schreiber, Ana Maria Athayde Polke.
1977-1981	<b>Profa. Ana Maria Athayde Polke</b> Vice-diretoras: Ruth Versiani Tavares, Maria Luiza Alphonsus de Guimarães Ferreira Vice-diretora em exercício da Diretoria de 10/10/1978 a 16/07/1982: Profa. Maria Luiza Alphonsus de Guimarães Ferreira
1982-1986	<b>Profa. Maria Luiza Alphonsus de Guimarães Ferreira</b> Vice-Diretor: Paulo da Terra Caldeira
1986-1990	<b>Profa. Marília Júnia de Almeida Gardini</b> Vice-diretora: Maria Augusta da Nóbrega Cesarino
1990-1994	<b>Profa. Maria Augusta da Nóbrega Cesarino</b> Vice-Diretora: Jeannette Marguerite Kremer
1994-1998	<b>Profa. Vera Lúcia Furst Gonçalves de Abreu</b> Vice-Diretora: Bernadete Santos Campello
1998-2002	<b>Prof. Ricardo Rodrigues Barbosa</b> Vice-Diretora: Lídia Alvarenga
2002-2006	<b>Prof. Eduardo José Wense Dias</b> Vice-Diretora: Profa. Lígia Maria Moreira Dumont

2006-2010	<b>Profa. Lígia Maria Moreira Dumont</b> Vice-Diretora: Profa. Beatriz Valadares Cendón
2010-2014	<b>Prof. Ricardo Rodrigues Barbosa</b> Vice-Diretora: Profa. Bernadete Santos Campello
2014-2017	<b>Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo</b> Vice-Diretor: Prof. Adalson de Oliveira Nascimento
2017-2021	<b>Profa. Terezinha de Fátima Carvalho de Souza</b> Vice-Diretoras: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (até 03/12/2018) e Mônica Erichsen Nassif
2021-2025	<b>Prof. Eduardo Valadares da Silva</b> Vice-Diretor: Prof. Jezulino Lúcio Mendes Braga

## ANEXO A – NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

<b>OCORRÊNCIAS</b>	<b>SINAIS</b>	<b>EXEMPLIFICAÇÃO</b>
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s,r)	::podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh :: ... dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-----	...a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as linhas	A.na [ casa da sua irmã B. ] [ sexta-feira? A.fizem [ LÁ... B. ] [ cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... “O cinema fa-lado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra

		entre nós”...
--	--	------------------

### OBSERVAÇÕES

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...(alongamento e pausa)*.
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto- e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Fonte: PRETTI, Dino *et al* (org.). **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

## ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** As relações de gênero na trajetória da pessoa bibliotecária

**Pesquisador:** CLAUDIO PAIXÃO ANASTÁCIO DE PAULA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 52593921.5.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.183.494

#### Apresentação do Projeto:

Com o objetivo de investigar como bibliotecárias/os formadas/os na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) percebem as relações de gênero em suas trajetórias profissionais; quais as percepções das 20 pessoas entrevistadas acerca da existência de uma identidade bibliotecária e como elas percebem as questões de gênero na sociedade, a pesquisa se caracteriza como qualitativa e de caráter exploratório. Ancorada nos aportes teóricos do gênero, da sua ligação com as relações desiguais de poder e como ele atua na constituição das identidades, a coleta de dados se dará por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com bibliotecárias e bibliotecários formadas/os pela UFMG e que estejam atuando ou que já tenham atuado na área. Desta forma, é proposta a realização de entrevistas em profundidade com o objetivo de resgatar trajetórias acadêmicas/profissionais das/os bibliotecárias/os e perceber de quais formas as relações de gênero influenciaram em determinadas escolhas e locais ocupados. A amostra inicial pode ser descrita como intencional e não probabilística, seguindo o modelo “bola de neve”, onde uma pessoa entrevistada indica uma ou mais pessoas que se adequam aos critérios da pesquisa para que estas também sejam entrevistadas e estas indicam mais outras pessoas para serem entrevistadas e assim sucessivamente. De forma a buscar ampliar ao máximo o aspecto etário das pessoas a serem entrevistadas, será solicitado junto ao colegiado do curso de Biblioteconomia da UFMG e o contato de ex-alunas/os formadas/os em diferentes períodos para que estas pessoas sejam as primeiras a serem entrevistadas, buscando, desta forma, apreender as visões de

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 ç 2º. Andar ç Sala 2005 ç Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.183.494

bibliotecárias/os acerca das relações de gênero em diferentes épocas. Em razão da pandemia de COVID- 19, as entrevistas serão realizadas de forma não-presencial via chamadas de vídeo e serão gravadas e transcritas posteriormente. Para análise das entrevistas, será utilizada a metodologia da Análise do Discurso, possibilita realizar uma apreciação em profundidade daquilo que foi dito pelas/os entrevistadas/os, como posições assumidas pelos sujeitos.

Hipótese: A hipótese inicial desta pesquisa é que as escolhas profissionais de bibliotecárias/os durante suas trajetórias – na escolha do curso, nas disciplinas que apreciavam, na definição de espaços de atuação, aptidões e direcionamentos de carreira – foram também atravessadas pelas relações de gênero, ainda que muitas vezes não tenham sido notadas por essas/es profissionais. Desta forma, visa-se verificar como bibliotecárias e bibliotecários graduadas/os pela UFMG percebem as relações de gênero em suas trajetórias e se há diferenças de percepção entre formadas/os em diferentes épocas.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

O objetivo geral da pesquisa é o de investigar como bibliotecárias/os formadas/os na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) percebem as relações de gênero em suas trajetórias profissionais, em suas formações profissionais e nos locais que ocupam na sociedade.

Objetivo Secundário:

- Identificar a visão de bibliotecárias/os quanto ao que é ser bibliotecária/o e quanto a percepção destas/es quanto a existência ou não de uma identidade bibliotecária;
- Recuperar a trajetória pessoal das/os graduados quanto aos motivos que as/os levaram a escolher o curso de Biblioteconomia e se relações de gênero tiveram papel na escolha;
- Identificar como se deu o contato das/os entrevistados com as disciplinas do curso e se houve um direcionamento da trajetória dos homens a disciplinas tradicionalmente ligadas ao masculino como as áreas de gestão, tecnologia, administração e de mulheres às disciplinas técnicas ou ligadas à área educacional, por exemplo;
- Verificar como bibliotecárias/os veem as questões de gênero na sociedade e se há diferenças de percepções entre as/os que se formaram há mais tempo e as/os que se formaram mais recentemente;
- Identificar as visões de bibliotecárias/os acerca dos estereótipos associados à profissão e se estes já atrapalharam de alguma forma suas trajetórias;
- Investigar como as pessoas bibliotecárias veem as questões de gênero dentro da profissão.

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.183.494

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

- **Riscos:**

Os riscos de participação nesta pesquisa são mínimos e as perguntas realizadas não visam causar qualquer tipo de desconforto ao participante, mas caso ele não se sinta confortável, pode recusar-se a responder a quaisquer uma das questões.

- **Benefícios:**

O benefício da participação dos entrevistados nesta pesquisa será o de colaborar para que se possa perceber como o gênero atua nas escolhas, em espaços de atuação diferentes para mulheres e homens e em suas trajetórias profissionais, mesmo no interior das mesmas profissões, podendo contribuir para compreensão da constituição da profissão bibliotecária e sua visão na sociedade.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

- . O projeto não possui coparticipante.
- . Projeto de tese de doutorado apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação
- . O projeto possui financiamento próprio não relevante.
- . Não há pedido de dispensa de TCLE.
- . Projeto aprovado pelo departamento correspondente.
- . O início da coleta de dados só deve ocorrer após a aprovação do projeto pelo COEP.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados: comprovante de recepção; folha de rosto assinada; informações básicas; projeto detalhado; roteiro de entrevista; parecer aprovado pela câmara departamental correspondente; TCLE; TCUD.

#### **Recomendações:**

Em próxima notificação administrativa ou emenda, apresentar Nome legível/assinatura e carimbo do responsável pela anuência da Instituição no TCUD.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Confiante de que a recomendação será atendida, somos, SMJ, favoráveis à aprovação do projeto.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

De acordo com a Norma Operacional 01/2013, de 30 de setembro de 2013, o CEP aguarda a resposta até 30 (trinta) dias a partir da entrega deste parecer via Plataforma Brasil, para que o

<b>Endereço:</b> Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha
<b>Bairro:</b> Unidade Administrativa II <b>CEP:</b> 31.270-901
<b>UF:</b> MG <b>Município:</b> BELO HORIZONTE
<b>Telefone:</b> (31)3409-4592 <b>E-mail:</b> coep@prpq.ufmg.br



Continuação do Parecer: 5.183.494

pesquisador atenda às pendências. Ao final deste prazo o projeto será arquivado. Solicita-se, ainda, que uma carta resposta seja enviada, via Plataforma Brasil, de forma ordenada, conforme os itens das considerações deste parecer, indicando-se também a localização das possíveis alterações no protocolo, inclusive no TCLE.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor
Informações Básicas  do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P  ROJETO_1813108.pdf	02/12/2021  15:37:28	
Outros	Resposta_Parecer_COEP.docx	02/12/2021  15:37:04	HUGO AVELAR  CARDOSO PIRES
TCLE / Termos de  Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	02/12/2021  15:34:51	HUGO AVELAR  CARDOSO PIRES
Outros	Roteiro_Entrevista.docx	02/12/2021  15:34:01	HUGO AVELAR  CARDOSO PIRES
Outros	TCUD.pdf	02/12/2021  15:32:59	HUGO AVELAR  CARDOSO PIRES
Parecer Anterior	Parecer_Diretoria.pdf	13/10/2021	HUGO AVELAR

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha

**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901

**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE

**Telefone:** (31)3409-4592

**E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

		13:41:25	CARDOSO PIRES
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto_Assinada_2.pdf	13/10/2021	HUGO AVELAR
		13:41:01	CARDOSO PIRES
Parecer Anterior	Parecer_Consubstanciado.pdf	21/09/2021	HUGO AVELAR
		08:58:53	CARDOSO PIRES
Projeto Detalhado /	Projeto_Para_Coep.docx	02/09/2021	HUGO AVELAR
Brochura Investigador		20:24:12	CARDOSO PIRES
Parecer Anterior	Parecer_Departamento.pdf	25/08/2021	HUGO AVELAR
		09:38:52	CARDOSO PIRES

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 ç 2º. Andar ç Sala 2005 ç Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.183.494

BELO HORIZONTE, 21 de  
Dezembro de 2021

---

**Assinado por:**  
**Críssia Carem Paiva Fontainha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 ç 2º. Andar ç Sala 2005 ç Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

### ANEXO C – DIRETORAS DA BIBLIOTECA NACIONAL

Nome	Período de atuação	Cargo	Profissão
Marina Rôxo	1959-1959 1960-1960 1971-1979	Diretora interina/substituta	Bibliotecária
Jannice Monte-Mór	1971-1979	Diretora-geral	Bibliotecária
Célia Ribeiro Zaher	1982-1984	Diretora-geral	Bibliotecária
Alice Barros Maia	1982-1984	Diretora interina/substituta	Bibliotecária
Maria Alice Barroso	1984-1989	Diretora-geral	Bibliotecária, Romancista, Cronista, Jornalista
Lia Temporal	1984-1989, 1989-1990	Diretora interina/substituta e diretora geral.	Bibliotecária e Arquivista.
Helena Severo	2016 - 2020	Presidente	Empresária e Gestora Pública

Fonte: XAVIER, 2020.

**ANEXO D - NÚMERO DE INSCRITOS NAS ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA  
(1966)**

Cursos, Escolas e Faculdades de Biblioteconomia	Localização	Números de inscritos			
		1962	1963	1964	1965
Escola de Bibliotecários e Documentalistas	Bahia	—	—	—	10
Escola de Biblioteconomia e Documentação	Bahia	95	123	136	139
Faculdade de Biblioteconomia	Brasília	—	5	11	39
Curso de Biblioteconomia e Documentação	Ceará	—	—	—	20
Curso da Biblioteca Nacional	Guanabara	88	65	98	114
Escola de Biblioteconomia e Documentação Sta. Úrsula	Guanabara	42	34	31	41
Curso de Biblioteconomia	Minas Gerais	40	44	50	75
Curso de Biblioteconomia	Pará	—	—	17	51
Curso de Biblioteconomia e Documentação	Paraná	20	35	37	40
Curso de Biblioteconomia e Documentação	Pernambuco	23	41	57	106
Curso de Biblioteconomia e Documentação	Rio Grande do Sul	99	109	126	119
Escola de Biblioteconomia de São Paulo	São Paulo	67	63	92	118
Faculdade de Biblioteconomia	Campinas	26	29	26	33
Escola de Biblioteconomia e Documentação	São Carlos	12	21	36	38

Fonte: Russo (1966)